



**ANGELA FABIOLA ALVES CHAGAS**

**O VERBO IKPENG:**

**ESTUDO MORFOSSINTÁTICO E SEMÂNTICO-LEXICAL**

**CAMPINAS**

**2013**





**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**ANGELA FABIOLA ALVES CHAGAS**

**O VERBO IKPENG:  
ESTUDO MORFOSSINTÁTICO E SEMÂNTICO-LEXICAL**

**Tese de doutorado apresentada ao Instituto  
de Estudos da Linguagem, da Universidade  
Estadual de Campinas para a obtenção do  
Título de Doutora em Linguística.**

**Orientador: Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori**

**CAMPINAS**

**2013**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Teresinha de Jesus Jacintho - CRB 8/6879

AL87v Alves Chagas, Angela Fabíola, 1982-  
O verbo Ikpeng : estudo morfossintático e semântico-lexical / Angela Fabíola  
Alves Chagas. – Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Angel Humberto Corbera Mori.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos  
da Linguagem.

1. Língua ikpeng. 2. Língua ikpeng - Verbos. 3. Língua ikpeng - Transitividade.  
4. Língua ikpeng - Morfossintaxe. 5. Semântica. I. Corbera Mori, Angel H., 1950-.  
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III.  
Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** The Ikpeng verb : morphosyntactic and lexical-semantic study

**Palavras-chave em inglês:**

Ikpeng language

Ikpeng language - Verb

Ikpeng language - Transitivity

Ikpeng language - Morphosyntax

Semantics

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Doutora em Linguística

**Banca examinadora:**

Angel Humberto Corbera Mori [Orientador]

Charlotte Marie Chambelland Galves

Aroldo Leal de Andrade

Bruna Franchetto

Luciana Raccanello Storto

**Data de defesa:** 16-08-2013

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Angel Humberto Corbera Mori

Angel Corbera Mori

Charlotte Marie Chambelland Galves

Ch Galves

Aroldo Leal de Andrade

Aroldo Leal de Andrade

Bruna Franchetto

Bruna Franchetto

Luciana Raccanello Storto

Luciana R. Storto

Lucy Seki

\_\_\_\_\_

Frantome Bezerra Pacheco

\_\_\_\_\_

Sidney da Silva Facundes

\_\_\_\_\_

IEL/UNICAMP  
2013



## ABSTRACT

CHAGAS, Angela Fabíola Alves. **THE IKPENG VERB: morphosyntactic and lexical-semantic study**. Advisor: Dr. Angel Corbera Mori. Thesis (PhD in Linguistics). Instituto de Estudos da Linguagem – IEL, Universidade Estadual de Campinas, 2013.

This dissertation's main goal is to make a morphosyntactic study of the Ikpeng language verbs (Karib family; Pekodian branch), from a lexical-semantic approach, based mainly on the work of Levin (1993), Levin and Hovav (1995) and Hale and Keyser (2002). In this work, we present the categorization processes (verb formation from non-categorized roots), verb (re)categorization processes (verb derivation from nominal and adjectival roots), as well as the valence change processes (transitivity and intransitivity). We summarise the tense-aspectual morphology, that was previously described by Pachêco (1997, 2001) and Campetela (1997), in order to clarify issues that were pending in the work previously proposed for Ikpeng language. New series of personal prefixes were identified, which contributed mainly to explain the transitive verb agreement system, which is governed by the fact that verbal arguments are or are not speech act participants, allowing us to explain the person marking on the transitive verb as a (direct-) inverse system, alignment attested in several Cariban languages. We also proposed the existence of two types of intransitive verbs in the language: the externally caused, that alternate the valence and are marked with the S<sub>A</sub> prefix; and the internally caused, which are non-alternating and carry the S<sub>P</sub> prefixes. We also make a brief discussion on the existence or not of number agreement in the Ikpeng language. From the observation of the verbal behavior in transitive alternations, we propose that there are two semantic types of verbs, in Ikpeng: the dyadics (transitive and externally caused intransitive) and the monadic ones (internally caused intransitive). Based on the verbal behavior in transitive alternation, and in its formation/derivation process, we make a proposal for analyzing the argument structure of the verbal types identified. This analysis is based on the work of Hale and Keyser (2002), for whom the type of argument structure of each word class is determined from the semantic features of its root. We propose that the transitive and the intransitive verbs that are semantically monadic (internally caused verbs) have a monadic argument structure; and that the intransitive verbs that are semantically dyadic (externally caused verbs) has a dyadic argument structure. Finally, we also make a proposal for a lexical projection for transitive verbs locative.

**Keywords:** Ikpeng; Verb; (Direct-)Inverse Alignment; Transitive Alternation; Argument Structure.



## RESUMO

CHAGAS, Angela Fabíola Alves. **O VERBO IKPENG: estudo morfossintático e semântico-lexical**. Orientador: Prof. Dr. Angel Corbera Mori. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguam – IEL, Universidade Estadual de Campinas, 2013.

Esta tese tem por objetivo principal fazer um estudo morfossintático dos verbos da língua Ikpeng (família Karib; ramo Pekodiano), a partir de uma abordagem léxico-semântica, com base, principalmente, nos trabalhos de Levin (1993), Levin e Hovav (1995) e Hale e Keyser (2002). Neste trabalho, apresentamos os processos de categorização (formação de verbos a partir de raízes não-categorizadas) e recategorização verbal (derivação de verbos a partir de raízes nominais e adjetivas); bem como os processos de mudança de valência (transitivização e intransitivização). Retomamos a morfologia tempo-aspectual, já anteriormente descrita por Pachêco (1997, 2001) e Campetela (1997), com o objetivo de esclarecer problemas que ficaram pendentes nos trabalhos anteriormente propostos para o Ikpeng. Identificamos novas séries de prefixos pessoais, o que contribuiu principalmente para explicar o sistema de concordância verbal transitivo, que é governado pelo fato dos argumentos verbais serem ou não participantes do discurso, o que nos permitiu explicar a marcação de pessoa no verbo transitivo como um sistema (direto-)inverso, alinhamento atestados em várias outras línguas da família Karib. Propusemos ainda a existência de dois tipos de verbos intransitivos na língua: os externamente causados, que alternam a valência e são marcados com os prefixos S<sub>A</sub> e os internamente causados, que são não-alternantes e carregam os prefixos S<sub>P</sub>. Fazemos também uma breve discussão sobre a existência ou não de concordância de número na língua. A partir da observação do comportamento dos verbos nas alternâncias (in)transitivas, propomos que há dois tipos semânticos de verbos em Ikpeng: os diádicos (transitivos e intransitivos externamente causados) e os monádicos (intransitivos internamente causados). Com base no comportamento dos verbos nas alternâncias, e no seu processo de formação/derivação fazemos uma proposta de análise da estrutura argumental dos tipos verbais identificados. Essa análise baseia-se no trabalho de Hale e Keyser (2002), para quem o tipo de estrutura argumental de cada classe de palavra é determinado, a partir dos traços semânticos de sua raiz. Propomos que os verbos transitivos e os intransitivos semanticamente monádicos (internamente causados) possuem também uma estrutura argumental monádica; e que os verbos intransitivos de semântica diádica (externamente causados) possuem também uma estrutura argumental diádica. Fazemos ainda uma proposta de projeção lexical para os verbos transitivos com sentido locativo.

**Palavras-Chave:** Ikpeng; Verbo; Alinhamento (Direto-)Inverso; Alternâncias; Estrutura Argumental.



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO</b>	<b>27</b>
I.1. Informações Gerais sobre o Povo e a Língua	27
I.1.1. Breve Histórico	27
I.1.2. Localização	29
I.1.3. População	30
I.1.4. Aspectos Sócio-Culturais	31
I.1.5. Filiação Genética da Língua Ikpeng: Ramo “Pekodiano”	34
I.1.6. Algumas Informações sobre a Língua Ikpeng	36
I.1.6.1. Aspectos Fonológicos	36
I.1.6.2. Aspectos Gramaticais	39
I.1.6.2.1. Classes de Palavras	39
I.1.6.2.1.1. Classes Abertas	40
I.1.6.2.1.2. Classes Fechadas	42
I.1.6.2.2. Ordem de Palavras	49
I.2. Documentação Linguística Ikpeng	51
I.2.1. Acervo Bibliográfico	52
I.2.2. Informações Sociolinguísticas	55
I.2.2.1. Usos e Atitudes Linguísticos	57
I.2.2.2. Educação Escolar Indígena Ikpeng	58
I.2.3. Atividades Realizadas em Campo	60
I.2.3.1. Treinamento de Pesquisadores Indígenas	60
I.2.3.2. Cursos de Formação para os Professores Indígenas	61
I.2.3.3. Revisão do Sistema Ortográfico	62
I.2.3.4. Coleta de Material	63
I.2.3.4.1. Áudio-Visual	64
I.2.3.4.2. Fotográfico	65
I.2.3.4.3. Linguístico	65
I.2.3.5. Transcrição e Tradução de Textos	66
I.2.4. Produtos Resultantes	68

I.2.4.1. Gramática Descritiva Ikpeng	68
I.2.4.2. Bases de Dados Lexicais e Dicionário Ikpeng-Português	69
I.2.4.3. O Livro de Narrativas Tradicionais Ikpeng	72
I.3. Sobre a Tese	74
I.3.1. Objetivos e Hipóteses	74
I.3.2. Metodologia	76
I.3.2.1. Colaboradores	76
I.3.2.2. Coleta de dados	76
I.3.2.3. Apresentação dos dados e das seções	79
I.3.2.4. Análise dos dados	80
<b>CAPÍTULO II: MORFOLOGIA VERBAL IKPENG</b>	<b>83</b>
II.1. Introdução	83
II.2. Proposta Teórica	83
II.3. Raízes Não-Categorizadas Ikpeng	85
II.4. Formação dos Verbos Ikpeng	88
II.4.1. Formação de Verbos a partir de Raízes Não-Categorizadas	114
II.4.2. Formação de Verbos a partir de Nomes	117
II.4.3. Formação de Verbos a partir de Adjetivos	119
II.4.4. O Tema Verbal	121
II.5. Valência e Causatividade	122
II.5.1. Intransitivização: Reflexivização e Anticausativização	122
II.5.2. Transitivização e Causativização	126
II.6. Tempo, Aspecto e Modo	134
II.6.1. Tempo Não-Passado	135
II.6.2. Tempo Passado	136
II.6.2.1. Passado Imediato	138
II.6.2.2. Passado Não-Imediato	140
II.6.3. Morfema {-tke}: pluralização do objeto ou da ação?	143
II.6.4. Resquícios dos Sistemas *t-V-ce e *t-V-ce-mĩ Karib na Língua Ikpeng: o participio e sua nominalização	144

II.7. Resumo do Capítulo	156
<b>CAPÍTULO III: MARCAÇÃO DE PESSOA NOS VERBOS IKPENG: ALINHAMENTO INVERSO E SISTEMA SPLIT-S</b>	<b>159</b>
III.1. Introdução	159
III.2. Concordância	159
III.2.1. Marcação e Concordância de Pessoa	160
III.2.1.1. Prefixos Pessoais	160
III.2.1.1.1. Postulação de Prefixos Pessoais quanto à Valência Verbal	161
III.2.1.1.2. Postulação de prefixos da Série I para formas verbais C-Iniciais	181
III.2.1.2. Marcação de Pessoa nos Verbos Transitivos: Alinhamento (Direto-)Inverso	192
III.2.1.2.1. Configuração Direta ( <i>SAP</i> A x 3 P) e Configuração Inversa (3 A x <i>SAP</i> P)	194
III.2.1.2.2. Configuração Local (1Ax2P; 2Ax1P)	197
III.2.1.2.3. Configuração 3Ax3P	200
III.2.1.3. Marcação de Pessoa nos Verbos Intransitivos: Cisão	203
III.2.1.4. Algumas Considerações sobre os Prefixos Pessoais Arara	209
III.2.2. Marcação e Concordância de Número	212
III.3. Resumo do Capítulo	219
<b>CAPÍTULO IV: ALTERNÂNCIAS (ANTI)-CAUSATIVAS</b>	<b>221</b>
IV.1. Introdução	221
IV.2. Alternâncias Transitivas	221
IV.2.1. Alternância Causativo/Incoativa	222
IV.2.2. Alternância de Ação Induzida	225
IV.2.3. Outros Exemplos de Alternâncias Causativas	227
IV.3. Análise da Causatividade em Ikpeng	229

IV.3.1. Marcação Inergativa nos Verbos Intransitivos	232
IV.3.2. Causativização Interna versus Causação Externa	238
IV.3.3. Causativização ou Transitivização?	247
IV.4. Classificação dos Verbos Ikpeng	255
IV.5. Resumo do Capítulo	256
<b>CAPÍTULO V: ESTRUTURA ARGUMENTAL DOS VERBOS IKPENG</b>	<b>259</b>
V.1. Introdução	259
V.2. Estruturas Argumentais	259
V.2.1. <i>Conflation</i>	260
V.2.2. Núcleos V <sub>1</sub> e V <sub>2</sub>	263
V.2.3. Tipos de Estruturas Argumentais	265
V.2.3.1. Estrutura Atômica	265
V.2.3.2. Estrutura Monádica	266
V.2.3.3. Estrutura Diádica Básica	268
V.2.3.4. Estrutura Diádica Composta	275
V.3. Estruturas Argumentais dos Verbos Ikpeng	278
V.3.1. Verbos de Estrutura Monádica	280
V.3.1.1. Verbos Transitivos	280
V.3.1.2. Verbos Inergativos	284
V.3.2. Verbos de Estrutura Diádica Básica	289
V.3.3. Verbos de Estrutura Diádica Composta	293
V.4. Resumo do Capítulo	299
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>303</b>
<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA</b>	<b>309</b>
<b>ANEXO A: CADERNO DE IMAGENS</b>	<b>315</b>
<b>ANEXO B: LISTA DE VERBOS TESTADOS</b>	<b>325</b>

Dedico este trabalho a meu marido, Clemilson,  
pelo apoio e amor incondicionais.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao povo Ikpeng, por ter consentido na realização deste trabalho e por ter compartilhado comigo muito de sua sabedoria.

Agradeço aos meus pais, Dulce e Joaci, pela educação que me deram ao longo da vida; e aos meus irmãos, Jessé e Rogério, pela amizade, companheirismo e apoio nas minhas decisões.

A meu marido, Clemilson, por estar sempre ao meu lado, embarcar nas minhas ‘viagens’ e apostar que elas nos levariam a algum lugar.

Às minhas inestimáveis amigas, Dora, Denise, Patrícia, Maria Moura, Elziana e Deborah, pela torcida, e principalmente por terem se tornado minhas irmãs.

Aos meus amigos, Almir(o) por ter sido tão presente e tão dedicado e sobretudo por me contagiar com sua alegria e o seu jeito insuportavelmente leve de viver a vida; Eduardo Vasconcelos pelas discussões, pelas risadas e pelos choros que compartilhamos; à Grazi (Graziela de Jesus) pela companhia e pelas guloseimas; e Ivan e Fernanda pelos cafês.

Ao professor Angel Corbera que orientou este trabalho.

À Bruna (Franchetto), Mara (Santos) e Sérgio (Meira) que enriqueceram este trabalho com seus conhecimentos sobre a família Karib.

Aos membros da banca por terem aceitado avaliar este trabalho e pela contribuição que deram na qualificação e na defesa do mesmo.

Agradeço os PRODOCLIN pelo apoio financeiro para as viagens a campo e à Ingrid Lemos, que foi minha companheira nas viagens.



*A “verdade” não é (...) algo que exista e que devemos encontrar e descobrir – mas algo que é preciso criar.*

Friedrich Nietzsche, (s/data, Vol II, p.245).



### Lista de Imagens

Imagem 01: Transcrição da Narrativa <i>Okoloy Miran</i> (História do Mel)	66
Imagem 02: Tradução da Narrativa <i>Okoloy Miran</i> (História do Mel)	67
Imagem 03: Base de Dados Lexical	70
Imagem 04: Base de Dados Textual	70
Imagem 05: Dicionário Bilingue Ikpeng-Português	71
Imagem 06: Tocadores de Flauta <i>Orengo</i>	315
Imagem 07: Festa Tradicional <i>Moyngo</i>	315
Imagem 08: Criança com Rede de Pesca	316
Imagem 09: Mulher Fazendo Redinha de Buriti	316
Imagem 10: Criança Jogando Futebol na Água	317
Imagem 11: Mulher Preparando Polvilho	317
Imagem 12: Cacique Araka Ikpeng	318
Imagem 13: Oyope Txicão fazendo Cocar	318
Imagem 14: Professor Mate Ikpeng alimentando o banco de dados lexical Ikpeng	319
Imagem 15: Angela Chagas e Professor Maiua Txicão traduzindo as narrativas tradicionais Ikpeng	319
Imagem 16: Angela Chagas junto com Kay Txicão e Amtenu Ikpeng, bolsistas da primeira fase do Projeto de Documentação da Língua Ikpeng	320
Imagem 17: Ayre Ikpeng contado a narrativa <i>Okoloy Miran</i> – História do Mel	320
Imagem 18: Kawaip Ikpeng contando a história <i>Opo Miran</i> – Origem da Borduna	321
Imagem 19: Ilustração de Verbetes para o Dicionário Bilingue Ikpeng-Português	321
Imagem 20: Makawa Ikpeng fazendo pintura corporal tradicional Ikpeng	322
Imagem 21: Capa do Dicionário Bilingue Ikpeng-Português	322
Imagem 22: Contracapa do Dicionário Bilingue Ikpeng-Português	322
Imagem 23: Capa da Gramática Descritiva Ikpeng	323
Imagem 24: Contracapa da Gramática Descritiva Ikpeng	323
Imagem 25: Capa do Livro de Narrativas Tradicionais Ikpeng	323



## Lista de Tabelas

Tabela 01: Fonemas Vocálicos da Língua Ikpeng	37
Tabela 02: Fonemas Consonantais da Língua Ikpeng	37
Tabela 03: Fonemas Consonantais da Língua Arara	38
Tabela 04: Sufixos Genitivos das Línguas Ikpeng e Arara	42
Tabela 05: Pronomes Pessoais	43
Tabela 06: Pronomes Demonstrativos	44
Tabela 07: Posposições Direcionais	45
Tabela 08: Posposições Não-Direcionais	46
Tabela 09: Onomatopeias	47
Tabela 10: Ordem dos Constituintes em Ikpeng	50
Tabela 11: Adjetivos	96
Tabela 12: Morfemas Causativos e Transitivizadores em Arara e Ikpeng	131
Tabela 13: Morfema {-metpo(p)} Arara e uso correspondente em Ikpeng	133
Tabela 14: Tempo Passado	137
Tabela 15: Prefixos Pessoais Propostos por Pachêco (1997, 2001) e Campetela(1997)	160
Tabela 16: Marcação das Funções A e O no verbo Ikpeng	161
Tabela 17: Hierarquia de Pessoa e Marcação de A e O	162
Tabela 18: Prefixos Pessoais da Língua Hixkayana	163
Tabela 19: Prefixos Pessoais da Língua Galibi	164
Tabela 20: Prefixos Pessoais da Língua Apalaí	164
Tabela 21: Prefixos Pessoais da Língua Arara	164
Tabela 22: Prefixos Pessoais da Língua Waiwai	165
Tabela 23: Prefixos Pessoais da Língua Bakairi	165
Tabela 24: Prefixos Pessoais da Língua Tiriyo	165
Tabela 25: Prefixos Pessoais Ikpeng, de acordo com a Valência Verbal	169
Tabela 26: Prefixos Pessoais com o morfema <i>portmanteau</i>	180

Tabela 27: Proposta Final de Prefixos Pessoais para a língua Ikpeng	186
Tabela 28: Distribuição dos Prefixos Pessoais	189
Tabela 29: Esquema de Alinhamento Direto-Inverso	194
Tabela 30: Prefixos Diretos	195
Tabela 31: Prefixos Inversos	195
Tabela 32: Prefixos Locais	198
Tabela 33: Prefixos 3Ax3P	200
Tabela 34: Prefixos Intransitivos	205
Tabela 35: Padrões de Alinhamento Karib	208
Tabela 36: Verbos Intransitivos	241
Tabela 37: Verbos do Tipo <i>Location</i>	273
Tabela 38: Verbos do Tipo <i>Location</i>	274

## Lista de Glosas

1	primeira pessoa singular
1+2	primeira pessoa inclusiva
1+3	primeira pessoa exclusiva
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
A	sujeito transitivo
ADJZ	adjetivizador
AUX	auxiliar
CAUS	causativo
COL	coletivo
CONT	continuativo
CONV	convite
DAT	dativo
DES	desiderativo
DEIT	dêitico
EXCL	primeira pessoa exclusiva
FIN	finito
GEN	genitivo
IMP	imperativo
INC	pessoa inclusiva
INTR	intransitivizador
ITER	iterativo
MOV	movimento
NEG	negação
NMLZ	nominalizador
N.PAS	não passado
OBJ	objeto
ONOM	onomatopeia
P	objeto
PART	partícula
PAS.IM	passado imediato
PAS.REC	passado remoto
PED	pedido
PERM	permissão
PL	plural
POS.GER	posse geral
POSP	posposição
PROGR	progressivo
REL	pronome relativo
RZ	raiz
S	sujeito intransitivo
SAP	Speech Act Participant (Participantes do Ato de Fala)

SING	singular
SUBORD	subordinada
SUJ	sujeito
TRANS	transitivizador
V	verbo
VBLZ	verbalizador

## CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

### I.1. Informações Gerais sobre o Povo e a Língua

A palavra *ikpeng* refere-se a um de inseto, muito bravo, utilizado em rituais de caça e guerra, em que é usado para picar os jovens, afim de que estes possam adquirir novos conhecimentos e capacidades específicas. Segundo Menget (2001, p. 72), é difícil saber exatamente a origem do nome Ikpeng, ou seja, se é de fato o etnônimo ancestral do grupo ou se é uma denominação criada por antigos inimigos, que foi depois adotada por eles. De qualquer forma, sabe-se que essa denominação é mais antiga do que a popular Txikão, como são conhecidos na literatura linguística e antropológica. Esse nome, possivelmente, foi atribuído a eles por outros grupos de inimigos, com quem tiveram contato mais recente.

Outra possibilidade de origem para a designação Ikpeng é que esta seja derivada do nome de um antigo território que eles habitaram em meados do século XIX, ao qual chamam de *Ikpa*. Esse território corresponderia, segundo Menget (op. cit., p. 75), ao rio Iriri<sup>1</sup>.

Neste trabalho, utilizaremos o termo Ikpeng, em detrimento de Txikão, para nos referirmos a esta etnia por ser a maneira pela qual os membros do grupo se referem a si mesmos.

#### I.1.1. Breve Histórico

---

<sup>1</sup> O rio Iriri banha o município de Altamira, no estado do Pará. Nasce na Serra do Cachimbo e desagua na margem esquerda do rio Xingu.

De acordo com Menget (2001, p. 73), não há registros escritos sobre os Ikpeng num período anterior a sua chegada aos formadores do rio Xingu, de modo que a reconstrução da história/intinerário desse povo se baseia apenas em seus relatos orais.

Tais relatos afirmam que seus antepassados viveram em uma região entre o baixo rio Amazonas e o baixo Xingu, local que eles se referem como *Ikpa*, onde fizeram inúmeros inimigos e uma forte aliança com o povo Xipaya. Embora suas relações com este grupo fossem amistosas, eles relatam que aprisionaram e criaram um grupo de pessoas, possivelmente, um casal de irmãos desta tribo (TAFFAREL; JANUÁRIO, 2010, p. 29), com quem aprenderam grande parte do seu artesanato, como cestaria e tecelagem em algodão; além de terem se apropriado de cantos, elementos rituais e culturas agrícolas destes (MENGET, 2001, p. 74-5).

Posteriormente, foram morar numa região identificada como a bacia do Teles Pires-Juruena, onde fazem novos inimigos, como os *Tapaugwo*, os *Abaga* e os *Kumari*, que Menget (op. cit.) suspeita se tratarem dos Kreên-Akore (grupo Jê), dos Apiaká (grupo Tupi) e dos Kayabi (grupo Tupi), respectivamente. Toda essa hostilidade encontrada na região deu origem a uma sucessão de deslocamentos por parte dos Ikpeng.

Pressionados por seus inimigos, que eram também pressionados pelas frentes de colonização ao longo do rio Teles Pires, os Ikpeng foram se instalar, pouco antes do início do século XX, na região do Alto Xingu. É possível também que tenham habitado a região do rio Ronuro por volta de 1915, mas não há registros que comprovem essa hipótese. A partir dos anos de 1930 inicia uma série de ataques a aldeias xinguanas mais meridionais, como Waura, Nahukua e Mehinako, que se atribuem aos Ikpeng. Nesse período, provavelmente, habitavam as margens do rio Batovi, na aldeia *Igaruptali*, que contava com duas casas grandes e uma média, onde moravam cerca de 450 pessoas (TAFFAREL; JANUÁRIO, 2012, p. 28), além das margens do rio Jatobá, local em que ocorreu seu contato com os não indígenas, em 1964.

### I.1.2. Localização

Em 1964, quando se deu o contato com os não-índios, os Ikpeng moravam na região dos rios Jatobá e Batovi, afluentes do rio Xingu. Em 1967, foram trazidos para o Parque Indígena do Xingu (PIX), pelos irmãos Villas-Boas, devido à situação de fragilidade das condições de saúde da comunidade e da ameaça das frentes de colonização na região. Dentro do PIX, os Ikpeng moraram em vários lugares e apenas em 1985 construíram a aldeia *Moygu*, próxima ao posto indígena Pavuru, na região do médio rio Xingu.

O território tradicional, na região do rio Jatobá, vem sendo reivindicado não só pelo elo emocional e histórico da comunidade com o local em que nasceram e cresceram algumas pessoas mais velhas, mas também por se tratar de um lugar único e necessário para a memória, história e identidade cultural Ikpeng, como: sepulturas, aldeias antigas e o complexo de lagoas da região. Outra forte motivação dos Ikpeng em recuperar seu antigo território são os tipos de recursos naturais particulares da região do Jatobá, necessários para várias práticas culturais (artesanato, práticas de pesca, tipo de alimentação). No antigo território do rio Jatobá existem diferentes tipos de frutas que não existem no PIX, assim como alguns tipos de animais (abelhas e peixes). Além disso, os tipos de terra também são diferentes e por isso alguns recursos medicinais que eram plantados naquela região não o são no atual. As práticas de pesca mudaram, assim como a confecção de flechas que necessitam de um tipo específico de taquara que só é possível de ser encontrado na região do Jatobá. O mesmo acontece com um tipo de brinco feito com conchas específicas daquela região.

A reivindicação do território tradicional dos Ikpeng na região do rio Jatobá já consta como um processo na FUNAI, que criou, através da Portaria nº 1231 de 22/09/2006, o Grupo Técnico que está elaborando os estudos de identificação e delimitação da área.

Na década de 1990, um grupo se mudou da aldeia *Moygu* para a região do rio Tupara, fundando lá uma aldeia homônima. Nos últimos quatro anos, mais duas novas

aldeias foram fundadas: Rayo e Arawo. Estas, como a aldeia Moygu, também se situam nas cercanias do Posto Indígena Pavuru, nas margens do rio Xingu. De acordo com relatos pessoais do povo, o motivo da dispersão é a falta de locais para o cultivo de novas roças na região da Aldeia Moygu, o que leva o povo a sofrer constantemente com a escassez de alimento.

### I.1.3. População

Antes do contato com a população nacional, no início da década de 1960, a população Ikpeng era cerca de 125 a 130 pessoas (MENGET, 2001). Nesse período, foram atacados pelos índios Waurá que invadiram a aldeia Ikpeng com armas de fogo e mataram 12 pessoas. O motivo do ataque era o resgate de duas crianças Waurá que haviam sido sequestradas pelos Ikpeng anteriormente. Entre esse episódio e o contato com os não-índios, que aconteceu em 1964, através dos irmãos Cláudio e Orlando Villas-Boas, outras mortes sucederam, em decorrência tanto de outros ataques de etnias inimigas, quanto por epidemias, principalmente de gripe que dizimou quase metade da população da época.

Em 1967, por conta da ameaça de invasão de garimpeiros às suas terras, os Ikpeng foram transferidos para dentro dos limites do Parque Indígena do Xingu. Nessa ocasião, sua população era de apenas 56 pessoas. No ano seguinte, ocorreram seis mortes e apenas um nascimento (MAIA et alli, 2004). Segundo Menget (2001), nos dois anos seguintes ocorreram apenas dois nascimentos. No entanto, à medida que os Ikpeng foram se adaptando ao seu novo lar, essa situação também foi sendo modificada e ano de 1970, a população contava com 67 membros.

De acordo com Maia et alli (2004), num período de 19 anos, a população Ikpeng teve um crescimento de mais de 400%, passando de 67 para 279 indivíduos. Em 2001, a população era de 302 pessoas e em 2006, constava de 342, de acordo com dados da FUNASA.

Após quatro décadas de habitação no Parque Indígena do Xingu, a população Ikpeng consiste aproximadamente 500 pessoas – segundo dados da UNIFESP (2010) – o que significa um aumento populacional de mais de 800%. Esse crescimento é uma consequência do aumento da taxa de natalidade e diminuição da taxa de mortalidade no período. Além desses dois fatores, deve-se considerar também o aumento da longevidade da população. Em 1970, apenas 1,5% da população tinha mais de 50 anos; em 1999, os idosos eram 6,5% da mesma (MAIA et alli, op. cit.); e segundo dados de um questionário aplicado pelo Instituto Socioambiental (ISA), em 2009, para a realização de um diagnóstico sociolinguístico da comunidade, cerca de 7,8% da população possui mais de 50 anos de idade.

#### I.1.4. Aspectos Sócio-Culturais

Para os Ikpeng, *Kantawo* é o criador do universo. Eles acreditam que antes de morarem na superfície da terra, viviam em baixo da água, lugar sujo e escuro, onde havia também animais e plantas. São descendentes de *Arepo* (a mãe de todos os Ikpeng) e das árvores subaquáticas. Do relacionamento dessa mulher com as árvores originaram-se seis crianças (três meninos: *Onongyewi*, *Reagi* e *Makra*; e três meninas: *Enmangru*, *Ringkawo* e *Opogi*), todas com nomes de árvores. Um dia, essas crianças resolveram sair da água para ver o que existia fora dali. Encontraram um mundo limpo e bonito e voltaram para contar a sua mãe, que já conhecia a existência deste, mas que nunca a havia mencionado por medo de ser abandonada pelos filhos. Mesmo triste, *Arepo* consentiu que os filhos fossem viver na terra. Como não havia outras pessoas no mundo, eles se casaram entre si e deram origem ao povo Ikpeng (TAFFAREL; JANUÁRIO, 2010, p. 27-8).

De fato, *Kantawo* faz parte de um diversificado grupo de entidades espirituais, do qual fazem parte outros seres, como: *Imere* (Trovão), entidade relacionada às forças da natureza; à tecnologia e à inteligência humana. É o principal e mais temido ser espiritual

pelos Ikpeng, mora no *Kawo*, que consiste numa unidade espaço-temporal muitas vezes difícil de ser compreendida fora do pensamento Ikpeng, mas que pode, nesse contexto, ser interpretada como “a parte de dentro do céu”. Há também os gêmeos *Pomtanom*, responsáveis pelo nascimento e morte de cada ser humano, moram do “lado de fora do céu” e são identificados por um conjunto de estrelas, que eles chamam de constelação *Pomtanom*. São também as entidades relacionadas ao milho, ou da colheita em geral. Existe também uma figura chamada *Alakana*, que é uma espécie de mensageiro que aparece em sonho ou frente a frente para as pessoas pouco antes de virem a falecer.

Há também *wongkinom*, que são espíritos maléficos, que também podem influenciar (geralmente, de maneira negativa) na vida dos humanos. Na memória do povo Ikpeng reside ainda um vasto número de narrativas que contam feitos de grandes guerreiros antepassados.

Apesar dos quase 50 anos de contato com os não indígenas, os Ikpeng mantêm sua crença tradicional ainda muito forte e praticamente sem nenhuma influência do pensamento cristão. Realizam ainda vários dos seus ritos ancestrais, dentre os quais, o principal é o *Pomeri* que se assemelha muito ao ritual *Ieipari* do povo Arara do Pará (Karib) e ocorre geralmente de dois em dois anos onde são inscritas tatuagens faciais nas crianças.

Essas tatuagens eram traços característicos dos grupos linguísticos Arara, mas apenas os Ikpeng mantêm essa prática até os dias atuais. Os rituais do *Pomeri* são muito marcantes na vida e na memória individual e coletiva da sociedade Ikpeng, pois são marcadores históricos importantes que orientam e explicam, por exemplo, o tempo vivido em uma antiga aldeia, região de caçada de um determinado *Pomeri*, número de pessoas tatuadas, etc.

Outra característica muito interessante dos Ikpeng é o seu processo de nomeação. A maior parte dos Ikpeng possui de seis a quinze nomes, que são lhes atribuídos por um parente próximo (pais, avós ou tios) depois de cinco ou seis semanas de seu nascimento. A essa cadeia de nomes, eles chamam de “*orengo*”.

Os nomes dados remetem a um ancestral da criança, distante dela a pelo menos duas gerações. Geralmente, é dado o nome de um parente morto ou pelo menos bem idoso, como um avô. Tal nomeação é, de acordo com Menget (op. cit, p. 268-9), “bidirecionalmente equilibrada”, ou seja, os filhos de um determinado casal recebem os nomes da família do pai ou da mãe de maneira intercalada. A escolha desses nomes não se dá de forma aleatória, evita-se, por exemplo, dar a uma criança o nome de uma pessoa que tenha sofrido ou cometido uma falta grave, por medo do destino da primeira se repetir com a segunda.

Não há uma relação muito duradoura entre o nomeador e o nomeado, mas há entre a criança que recebe o nome e a pessoa de quem o nome foi herdado. Segundo Menget (op. cit., 272), “a aquisição do nome instaura uma equivalência categórica entre ambos”, de tal forma que é difícil saber se nas narrativas tradicionais todas as façanhas atribuídas a um dado “personagem” histórico foram realizadas pela mesma pessoa, ou por diversas pessoas que herdaram/compartilharam o mesmo nome.

Para Menget (op. cit., 272-3), esse é um recurso que os Ikpeng utilizam para erodir a história ‘real’ e manter sempre uma relação atual e contínua com os heróis fundadores míticos de seu povo, que têm, com isso, garantida a sua conservação eterna.

No início da puberdade, a criança/adolescente ganha o direito de escolher um nome para si, que será o nome que marca sua entrada e atuação no mundo adulto, quando pode se casar e ter filhos. Esse nome será utilizado até que os filhos se tornem adultos e tenham seus próprios filhos. Quando um dos netos nascidos recebe o seu nome, aquele que se tornou avô escolhe um outro nome para si, o qual marca a sua entrada na velhice. À medida em que outros netos nascem e recebem seu nome, o avô passa a usar outros nomes, de maneira que a pessoa muda de nomes várias vezes nessa fase da vida.

Para Menget (op. cit., p. 285), esse processo de nomeação trata-se de uma forma de classificar a sociedade de maneira tripartida, conforme as gerações: criança, adulto e ancião. O fato das crianças receberem os nomes dos velhos indica que ambos não são distintos nessa classificação, tendo em comum o fato de não serem procriadores.

É importante mencionar que os novos nomes são agregados aos anteriores, não substituindo-os; embora os nomes mais antigos deixem de ser usados cotidianamente em detrimento dos mais novos que marcam a fase vivida por uma determinada pessoa.

#### I.1.5. Filiação Genética da Língua Ikpeng: Ramo “Pekodiano”

Segundo Rodrigues (1986) a língua Ikpeng pertence à família linguística Karib. Essa família é uma das mais importantes da América do Sul, tanto pelo seu grande número de línguas (40 a 60), quanto pela sua extensão territorial, que vai desde a Colômbia, passando pelo Brasil, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname (FABRE, 2005).

Grande parte das línguas dessa família já está extinta e dentre as que restam, muitas possuem menos de 500 falantes, o que as deixa expostas também a um grande risco de extinção. Apesar da grande importância da família, pouco se sabe sobre ela (GILDEA, 1998).

Ao longo de décadas, muitas tentativas de classificação interna para essa família foram realizadas, a maioria delas é considerada equivocada. Gildea (1998) critica principalmente as classificações feitas por Girard (1971, *apud* GILDEA, op. cit., p.7) e Durbin (1977, *apud* GILDEA, op. cit., p.8) por terem sido realizadas a partir de dados pouco confiáveis, como os que haviam até o fim da década de 1970.

A falta de conhecimento sobre a família vai desde o problema dos nomes das línguas (pois pesquisadores diferentes deram nomes diferentes para os mesmos grupos étnicos/línguas); até o status linguístico de cada uma delas (em alguns casos não há certeza se se trata de uma língua ou de um dialeto), daí surge a grande variação no número de línguas pertencentes a essa família.

Uma das classificações mais conhecidas é a de Kaufman (1994), na qual o autor apresenta vinte subgrupos para a família, distribuídos em quatro ramos (I. Ramo Guiano; II.

Ramo Norte-Amazônico; III. Ramo Central e IV. Ramo Sulamazônico), organizados de acordo com a localização geográfica e o parentesco genético entre as línguas. Segundo a classificação do autor, o ramo sulamazônico compreende os subgrupos Bakairi (Bakairi, Amonap, Kuikúro-Kalapalo) e Arara (Arara, Apiaká, Juma, Yarumá e Ikpeng)<sup>2</sup>.

Classificação um pouco diferente desta é a proposta por Meira e Franchetto (2005). Nesse estudo, os autores analisam as mudanças de sons ocorridas nas línguas Ikpeng, Bakairi e Kuikuro, a partir da reconstrução da fonologia segmental do Proto-Karib, donde concluem que há mais similaridades entre Bakairi e Ikpeng, do que entre Bakairi e Kuikuro ou Ikpeng e Kuikuro. Com isso, eles propõem a existência de dois sub-ramos independentes dentro do ramo sul das línguas Karib: um que compreende o Kuikuro e seus co-dialetos (Matipu, Kalapalo, Nahukwa) e outro que inclui as línguas Bakairi e Ikpeng (além do Arara, que se relaciona com esta última de maneira ainda não tão clara). A esse último sub-ramo, os autores deram o nome de “Pekodiano”, palavra derivada dos termos para ‘mulher’ nas línguas Bakairi (*pekodo*) e Ikpeng (*petkom*).

Sabe-se que o Ikpeng e o Arara são sistemas muito próximos. Vários autores mencionam a grande similaridade que existe entre eles. Menget (1977) escreveu uma carta ao diretor do Departamento Geral de Operações (DGO), na qual menciona suas suspeitas de o grupo Arara e o grupo “Txikão” (Ikpeng) falarem a mesma língua, com apenas algumas distinções dialetais. Rodrigues (1986) baseado em comparações de itens lexicais, demonstra que o Arara e o Ikpeng são línguas intimamente relacionadas. Pachêco (2001) apresenta, além de semelhanças lexicais, a comparação entre alguns elementos morfológicos e sintáticos entre ambas as línguas, que evidenciam as suas similaridades nos aspectos gramaticais.

Recentemente, contatos breves entre os membros desses dois grupos geraram relatos de inteligibilidade mútua por parte dos membros da comunidade Ikpeng. No entanto, até o presente momento, nenhum estudo foi realizado com o intuito de verificar o grau de semelhança/diferença entre o falar desses dois grupos étnicos, de modo que não se

---

<sup>2</sup> Deste último subgrupo só restam as línguas Arara e Ikpeng.

pode ainda afirmar com segurança se se tratam de duas línguas autônomas ou variação dialetal de um mesmo sistema linguístico. O fato é que há grandes semelhanças entre ambas.

A partir do fim da década de 1980, alguns trabalhos de natureza acadêmico-científica foram desenvolvidos sobre ambas as “línguas” – como os de Souza (1983, 1988), Souza (1993) e Alves (2010), sobre o Arara; e Campetela (1997, 2002) e Pachêco (1997, 2001), sobre o Ikpeng – o que possibilita o início de um estudo comparativo que ajude a esclarecer melhor a relação existente entre elas. Ao longo deste trabalho, faremos algumas comparações entre essas duas “línguas”.

Há pouco tempo, em comunicação pessoal com Meira e Alves, surgiu a proposta da formação de um grupo que desenvolva um estudo comparativo entre as três línguas que formam o ramo Pekodiano na família Karib: Ikpeng, Arara e Bakairi, estudadas por nós, Alves e Meira, respectivamente. Esse estudo possibilitará uma melhor compreensão do grau de relação entre essas línguas, além de contribuir para uma descrição mais detalhada da família linguística Karib e colaborar para o entendimento dos movimentos migratórios dos povos Karib na América.

#### I.1.6. Algumas Informações sobre a Língua Ikpeng

Nesta seção, apresentamos, de maneira sintética, algumas informações relevantes sobre determinados aspectos gramaticais da língua Ikpeng, com o intuito de dar um panorama geral sobre a língua. Quando houver pontos em comum, faremos uma breve comparação com a língua Arara.

##### I.1.6.1. Aspectos Fonológicos

De acordo com Pachêco (2001), a língua Ikpeng apresenta um quadro de 18 fonemas, sendo seis fonemas vocálicos - anteriores /i, e/, centrais /ĩ, a/ e posteriores /u, o/.

Tabela 01: Fonemas Vocálicos da Língua Ikpeng

	Anteriores	Centrais	Posteriores
Altas	i	ĩ	u
Não-Altas	e	a	o

Fonte: Adaptado de Pachêco (2001, p. 34)

e doze fonemas consonantais – os plosivos /p, t, k, g/, o africado /tʃ/, os nasais /m, n, ŋ/, o lateral /l/, o tap /r/ e os glides /w, j/;

Tabela 02: Fonemas Consonantais da Língua Ikpeng

	Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar
Plosiva	p	t		k g
Africada			tʃ	
Nasal	m	n		ŋ
Lateral		l		
Tap		r		
Glide	w		j	

Fonte: Pachêco (2001, p. 36)

Recente trabalho sobre a fonologia da língua Arara mostra que essa possui um sistema vocálico idêntico ao da língua Ikpeng; porém, diverge quanto ao sistema

consonantal, uma vez que o Ikpeng só apresenta oposição quanto à sonorização para a plosiva velar, enquanto que o Arara apresenta tal oposição também para as plosivas bilabiais e alveolares, o que dá para a língua Arara um total de quatorze fonemas consonantais, conforme descrito por Alves (2010).

Tabela 03: Fonemas Consonantais da Língua Arara

	Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar
Plosiva	p b	t d		k g
Africada			tʃ	
Nasal	m	n		ŋ
Lateral		l		
Tap		r		
Glide	w		j	

Fonte: adaptado de Alves (2010, p. 11)

De acordo com a descrição de Pachêco (2001, p. 39), o Ikpeng possui quatro tipos silábicos: CV, V, VC e CVC. Os mesmos padrões silábicos foram atestados por Alves (idem, p. 33) para o Arara.

Em Ikpeng, todos os segmentos consonantais podem ser encontrados na posição de ataque, porém, apenas as plosivas /p, t, k, g/ e as nasais /m, n, ŋ/ podem aparecer na posição de coda (PACHÊCO, idem). Em Arara, todas as consoantes podem ocupar a posição de ataque nas sílabas CV e CVC, mas os segmentos / ŋ, b, d, g/ não ocorrem em posição inicial de palavra. Todas as consoantes podem ser encontradas na coda silábica, mas os segmentos / b, d, g, l, r/ não ocorrem em posição final de palavra (ALVES, op. cit, p. 33).

O acento é de caráter previsível, portanto, não distintivo e ocorre sempre na última sílaba da palavra em ambas as línguas. Apresentaremos abaixo uma lista de correspondências entre os fonemas da língua Ikpeng e os grafemas usados neste trabalho para representá-los. O uso dos grafemas é baseado na ortografia utilizada atualmente pelos Ikpeng.

VOGAIS		CONSOANTES			
IPA	Letras	IPA	Letras	IPA	Letras
a	a	p	p	n	n
e	e	t	t	ŋ	ng
i	i	k	k	l	l
ĩ	ĩ	g	g	r	r
o	o	tʃ	tx	w	w
u	u	m	m	j	y

#### I.1.6.2. Aspectos Gramaticais

Em relação aos aspectos gramaticais, a língua Ikpeng possui classes abertas e fechadas de palavras. Constituindo as classes abertas de palavras da língua encontram-se os nomes, os verbos; e como parte das classes fechadas, os adjetivos, advérbios os pronomes, as posições, e algumas partículas.

##### I.1.6.2.1. Classes de Palavras

#### I.1.6.2.1.1. Classes Abertas

A língua Ikpeng possui quatro classes abertas de palavra: i. a dos nomes; ii. a dos verbos.

De acordo com Pachêco (1997, p. 43), os nomes podem ser derivados de verbos e de outros nomes. Nossos dados mostram que, além disso, o nome pode ser derivado também de adjetivos e de raízes sem categoria gramatical pré-definida, sempre com a adição de morfologia.

Nome Formado a partir de Raiz:

(01.a) \*ewrok

(01.b) ewrok-ru 'flor'

Nome Formado a partir de Adjetivo:

(02.a) karake 'bonito'

(02.b) karake-m 'o (que é) bonito'

Nome Formado a partir de Verbo:

(03.a) ange 'cavar'

(03.b) ange-keni 'cavador'

Nome Formado a partir de Nome:

(04.a) petkom 'mulher'

(04.b) petkom-towo 'mulherada'

Quanto à relação genitiva, podem ser classificados em possuíveis; e não possuíveis (PACHÊCO, 2001). Os nomes não possuíveis são aqueles a quem não pode ser

atribuída a figura de um possuidor e geralmente se referem a elementos e fenômenos naturais

(05.a) yay ‘árvore’

(05.b) txitxi ‘sol’

Os nomes possuíveis dividem-se em duas classes: os obrigatoriamente possuíveis e os opcionalmente possuíveis. Os primeiros são inalienáveis e geralmente se referem a partes do corpo, termos de parentesco e objetos pessoais. Ocorrem com um prefixo pessoal que indica o possuidor e com um sufixo que indica a relação genitiva. Ocasionalmente, podem ser usados sem o possuidor expresso, mas nesses casos serão marcados pelo sufixo {-ngo}, que indica uma posse geral/genérica:

(06.a) gengru

**g-engru-Ø**

1-olho-GEN

‘meu olho’

(06.b) ongrungo

**ongru-ngo**

olho-POS.GER

‘olho (de)’

(07.a) ipoyñ

**ĩ-poy-n**

1-roupa-GEN

‘minha roupa’

(07.b) poyngo

**poy-ngo**

roupa-POS.GER

‘roupa (de)’

Os opcionalmente possuíveis são alienáveis e possuem duas formas: uma possuída (com o prefixo pessoal e a marca do genitivo) e outra sem nenhum afixo:

(08.a) owro ‘casa’

(08.b) gewrĩ

**g-ew-rĩ**

1-casa-GEN

‘minha casa’

(09.a) opo ‘borduna’

(09.b) gapon

g-apo-n

1-borduna-gen

‘minha borduna’

Os sufixos de posse recorrentes em Ikpeng são muito similares, aos encontrados na língua Arara. Apresentamos abaixo uma tabela comparativa que mostra os sufixos que marcam a relação genitiva nos nomes, em ambas as línguas:

Tabela 04: Sufixos Genitivos das Línguas Ikpeng e Arara

Língua Ikpeng		Língua Arara <sup>3</sup>	
Morfema	Exemplo	Morfema	Exemplo
-Ø	o-lu-Ø ‘tua língua’	-Ø	o-lu-Ø ‘tua língua’
-n	ugu-pu-n ‘nosso pé’	-n	ugu-pu-n ‘nosso pé’
-rĩ	i-manga-rĩ ‘seio dela’	-ry <sup>4</sup>	i-maḡa <sup>5</sup> -ry ‘seio dela’
-ru	ugu-txig-ru ‘nossa urina’	-ru	ugu-tigu-ru ‘nossa urina’
-txi	i-mom-txi ‘cabeça dele’	-ti	i-mum-ti ‘cabeça dele’
-put	Ø-eret-put ‘cabelo dele’	-put	i-ret-put ‘cabelo dele’

Outra classe aberta de palavras encontrada nessa língua é o verbo, que, por ser o tema central deste trabalho, receberá atenção especial, sendo discutido nos próximos capítulos.

#### I.1.6.2.1.2. Classes Fechadas

A língua Ikpeng apresenta quatro pronomes pessoais, dentre os quais dois flexionam em número. Esses pronomes referem-se apenas às pessoas envolvidas no discurso (primeira – singular, inclusiva e exclusiva; e segunda pessoa).

<sup>3</sup> Os exemplos referentes à língua Arara foram retirados de Souza (1993).

<sup>4</sup> O grafema <y> representa a vogal alta central /i/ na ortografia da língua Arara.

<sup>5</sup> Na ortografia Arara, <ḡ> representa a consoante nasal velar /ŋ/, que em Ikpeng é representada como <ng>.

Tabela 05: Pronomes Pessoais

Pessoa	Pronomes Pessoais	
	Singular	Plural
Primeira	Uro	-
Segunda	Omro	Omrongmo
Primeira Inclusiva	Ugro	Ugrongmo
Primeira Exclusiva	Tximma	-

Fonte: Pachêco (2001, p. 119)

O que determina a função sintática de cada pronome pessoal é a posição que um ocupa em relação ao outro. Ou seja, funciona como sujeito, o pronome o que ocupar a primeira posição; e como objeto, o que ocupar a segunda:

(10.a)	SUJ	OBJ	(10.b)	SUJ	OBJ
Kwapigeli	uro	omro	Uro	kwapigeli	omro
ko-apige-li	uro	omro	uro	ko-apige-li	omro
1+2-arranhar-PAS.IM	eu	você	eu	1+2-arranhar-PAS.IM	você
‘Eu arranhei você’			‘Eu arranhei você’		

(11.a)	SUJ	OBJ	(11.b)	SUJ	OBJ
Ugwapigeli	omro	uro	Omro	ugwapigeli	uro
ugw-apige-li	omro	uro	omro	ugw-apige-li	uro
1+2-arranhar-PAS.IM	você	eu	você	1+2-arranhar-PAS.IM	eu
‘Você me arranhou’			‘Você me arranhou’		

Como pôde ser observado na tabela acima, a língua Ikpeng não possui formas pronominais correspondentes à não-pessoa do discurso (i.e. terceira pessoa). Para isso, a língua utiliza os pronomes demonstrativos como veremos a seguir. Segundo Schachter

(1992, p. 30), há línguas nas quais os pronomes demonstrativos e a terceira pessoa não se distinguem. Esse parece ser o caso do Ikpeng.

Tabela 06: Pronomes Demonstrativos

Distância do falante	Animacidade	Pronomes Demonstrativos	
		Singular	Plural
Próximo	Animado	Oren	Wam
	Inanimado	Nen	Neyam
Distante	Animado	Ugun	Ugyam
	Inanimado	Mun	Muyam

#### (12) Uso como Pronome Pessoal

Apigeli                                  ugun wam

Ø-apige-li                                ugun wam

3A/3P-arranhar.PAS.IM                aquele estes

‘Ele os arranhou’ (Um homem arranhou os demais)

(Lit.: ‘Aquele arranhou estes’)

Outras duas classes fechadas de palavras existentes em Ikpeng são o Adjetivo e o Advérbio, cuja existência em Ikpeng foi proposta tanto por Campetela (1997), quanto Pachêco (1997, 2001).

Segundo Campetela (op. cit., p 60), os adjetivos se distinguem das demais classes de palavras da língua porque não recebem os afixos pessoais presentes em nomes e verbos; não recebem sufixos; e não podem ser objeto da posposição. No entanto, em testes realizados por nós, pudemos observar que o adjetivo pode ser nominalizado através do morfema {-m}, e quando isso ocorre, ele pode ocupar todas as funções sintáticas dos nomes, como sujeito e objeto (do verbo ou da posposição).

- (13.a) Karake 'bonito/a' (Adjetivo)
- (13.b) Karake petkom  
bonito mulher  
'mulher bonita'
- (14.a) Karakem 'o/a (que é) bonito/a' (Nome)
- (14.b) Karake-m Ø-arep-li  
bonito-NMLZ 3-chegar-PAS.IM  
'a (que é) bonita chegou'
- (15) \*Karake Ø-arep-li  
bonito 3-chegar-PAS.IM

Os advérbios comportam-se sintaticamente como adjuntos e não possuem posição fixa na sentença, podendo ocorrer no início, no meio ou no fim. Foram atestados por Pachêco (1997, 2001) e Campetela (1997) os seguintes tipos de advérbios na língua Ikpeng: locativos, temporais e quantificadores.

O Ikpeng apresenta também um grande número de posposições que podem ter como argumento uma forma livre (SN) ou um prefixo pessoal da série II; e podem ter as seguintes funções: dativa, instrumental, alativa, ilativa, inessiva; e locativa. Geralmente, ocupam a periferia direita da oração, mas a ordem do sintagma posposicional é, relativamente, livre. Pachêco (idem) dividiu as posposições em: (i) direcionais e (ii) não-direcionais:

Tabela 07: Posposições Direcionais

Posposição	Tradução	Função
Txina	'para'	Direção
Notpop	'de'	Origem
Parantup	'de dentro de'	Elativo

Paraktxi	‘para dentro de’	Ilativo
Parako	‘por meio de’; ‘pelo’	Meio
Pokna	‘contra’	Contato
Maponotpop	‘ponto de origem’	Origem

Fonte: Adaptado de Pachêco (2001, p. 128)

Tabela 08: Posposições Não-Direcionais

Posposição	Tradução	Função
Nga	‘para’	Dativo
Ungno	‘medo de’	Experiential
Ke	‘com’	Instrumental
Pak	‘junto com’	Companhia
Ene	‘em companhia de’	
Ara	‘igual a’	Comparativo
Rangwam	‘durante’	Temporal
Alon	‘na presença de’	Presencial
Pok	‘em’; ‘sobre’	Locativo
Engwam	‘sob’; ‘debaixo de’	
Mapo	‘junto de’; ‘com’	
Kwam	‘em o’	
Ganaptako	‘sobre’	
Mwam	‘embaixo’	
Txin	‘ao lado’	
To	‘em’; ‘perto de’	
Parap	‘dentro de’	

Fonte: Adaptado de Pachêco (2001, p. 127-8)

- (16) Wayo wiptakpo wok  
wayo wiptakpo wok  
cuia jirau POSP:sobre  
‘A cuia está sobre o jirau’

- (17) Petkom terulĩ polatxa onгна  
petkom t-eru-lĩ polafja o-ŋna  
mulher 3-dar.PAS.IM bolacha 2-DAT  
‘A mulher deu bolacha para você’

Há também uma classe de partículas que, geralmente, ocupam posições fixas na sentença. Caracterizam-se por não receberem nenhum tipo de flexão. Diferem dos afixos por não serem formas presas. Normalmente, sua função é discursiva.

Outro recurso discursivo e estilístico abundante em Ikpeng são as onomatopeias, frequentemente encontradas nas narrativas e nos diálogos espontâneos e parecem ter, em sua maioria, um uso já lexicalizado. Abaixo apresentamos uma pequena tabela com algumas onomatopeias:

Tabela 09: Onomatopeias

Onomatopeia	Significado
Aĩngna	Som de lembrar
Ba	Som de bater
Brueng	Som de engolir
Bĩn	Som de partir, abrir, rachar
bĩtkĩn	Som de cair na água
Fup	Som de subir
Fuptok	Som de pular
Furik	Som de saber
Īgĩ	Som de nascer
Ko	Som de nadar
Opu	Som de assoprar
palak	Som de líquido caindo
Pu	Som de guardar algo na cuia ou no cesto
putorotoro	Som de muita gente entrando em casa
Rĩk	Som de ver
taktxot	Som de abrir buraco entre as folhas
Teng	Som de pintar
Tĩk	Som de correr
Tok	Som de cair

Tolok	Som de muita gente saindo de casa
Tugut	Som de caminhar na água
Txu	Som de deitar na rede

- (18) Tĩmreyum            gaktape            pupupup.  
tĩ-mreyu-m            gaktape            pupupup  
3R-marido-GEN      atrás.de            ONOM:correr  
‘Ela correu atrás do marido dela’.

(Trad. Lit: ‘Ela *pupupup* atrás do marido dela’)

- (19) Pupupup      ĩgane iwongne      tek tek tek tek      man.  
pupupup      ĩgane i-wongne      tek tek tek tek      man  
ONOM:correr NEG 3-encontrar ONOM:tatear POSP

Erolan            engru wĩnpe imo      engru wĩnpe  
Ø-ero-lan      engru pĩnpe imo      engru pĩnpe  
3-ir-PAS.IM      olho NEG AUX olho NEG

‘Na verdade, ela não correu para encontrar (o marido), ela só tateou. Ela foi assim porque estava sem os olhos’.

(Trad. Lit: ‘Ela não *pupupup* para encontrar, ela *tek tek tek tek*. Ela foi assim sem olho, sem olho’)

(Retirado da Narrativa *Okoloy Miran* – História do Mel)

#### I.1.6.2.2. Ordem de Palavras

Em relação à sintaxe, atestamos, conforme já mencionado por Pachêco (2001, p.240) que o Ikpeng é uma língua V-inicial, cuja ordem básica é VSO para o verbo transitivo e VS para o verbo intransitivo, sendo as ordens OVS, SVO e SV derivadas. Nas orações transitivas, o primeiro argumento que ocorre na cadeia oracional é o sujeito, sendo o segundo o objeto;

De acordo com Pachêco (2001, p. 246), Derbyshire (1981) propôs como ordem básica para o proto-Karib a sequência SOV. Pachêco (idem, p. 248) explica a mudança ocorrida na ordem de palavras ocorrida em Ikpeng passando de uma língua V-final para V-inicial pela seguinte hipótese: partindo da ordem proposta por Derbyshire (1981), SOV, o elemento S opera um deslocamento à direita, resultando na ordem OVS – que Souza (1993) descreve como a ordem básica na língua Arara. Finalmente, o elemento O faz o mesmo percurso, também se deslocando à direita, surgindo, então, a ordem básica do Ikpeng VSO.

Para Pachêco (2001, p. 248), a ordem derivada SVO é o resultado de um rearranjo da ordem básica, a fim de manter V e O adjacentes. Porém, segundo Campetela (1997, p. 93) e relatos orais do Ikpeng, essa ordem se estabeleceu após o contato com a língua portuguesa e é o resultado da influência desta.

A ordem OVS é possível quando o objeto está topicalizado e constitui uma entidade inanimada e/ou sem volição, de modo que não há ambiguidade na interpretação da oração.

#### Ordem Básica

(20)	V	SUJ	OBJ
	Yankulĩ	uro	nabiot
	y-anku-lĩ	uro	nabiot
	1A/3P-esmagar-PAS.IM	eu	batata
	'Eu esmaguei a batata'		

Ordens Derivadas

(21)	SUJ	V		OBJ
	Uro	yankulĩ		nabiot
	uro	y-anku-liĩ		nabiot
	eu	1A/3P-esmagar-PAS.IM		batata
	'Eu esmaguei a batata'			

(22)	OBJ	V		SUJ
	nabiot	yankulĩ		uro
	nabiot	y-anku-liĩ		uro
	batata	1A/3P-esmagar-PAS.IM		eu
	'(Foi) batata (que) eu esmaguei'			

A tabela abaixo, adaptada de Pachêco (2001, p. 249), sumariza as informações acerca da ordem dos constituintes em Ikpeng.

Tabela 10: Ordem dos Constituintes em Ikpeng

Ordem Básica na Oração Independente		Ordens Alternativas	
Transitivo	Intransitivo	Transitivo	Intransitivo
V-S-O	V-S	S-V-O	S-V
		O-V-S	

Fonte: adaptado de Pachêco (2001, p. 249)

## I.2. Documentação Linguística Ikpeng

Dois grandes fatores ameaçam atualmente a sobrevivência de um grande número de línguas pelo mundo: a repressão política dos povos que falam línguas minoritárias e a pressão exercida pelas línguas majoritárias.

O desaparecimento de uma língua constitui uma grande perda para a comunidade nativa, uma vez que a língua é o principal meio de transmissão de cultura e pensamentos tradicionais, além de ser uma parte importante da identidade étnica (MOORE; *et al*, 2008).

No caso específico da língua Ikpeng, o contato crescente da população nativa com a população nacional vem trazendo consequências que podem ser consideradas preocupantes. É visível que o Português vem ocupando cada vez mais espaços sociais dentro da comunidade, de modo que o bilinguismo já atinge 75% da população nativa.

A língua nacional já é bastante ouvida nas conversas cotidianas dos membros mais jovens da comunidade Ikpeng, o que é um fato bastante inquietante, uma vez que, quanto mais as crianças ouvem o Português, mais cedo elas se tornam bilíngues e a tendência é que o Português, em pouco tempo, torne-se a língua mais falada dentro da comunidade. De acordo com Moore *et al* (2008) “o principal fato que determina o futuro de uma língua é a sua transmissão à geração subsequente”. O nível de transmissão da língua Ikpeng ainda é alto, porém, os falantes se tornam bilíngues cada vez mais cedo.

Outro fator que ameaça a sobrevivência dessa língua é o número bastante restrito de falantes (cerca de 500), o que a caracteriza como ameaçada de extinção podendo, dessa forma, não mais existir, em um curto período de tempo, caso nada seja feito para reverter esta situação.

Por todos os motivos acima expostos, o Ikpeng foi alvo do “Projeto de Documentação Linguística: Ikpeng Míran”, realizado no âmbito do Projeto de Documentação de Línguas Indígenas (PRODOCLIN), realizado pelo Museu do Índio – FUNAI, que teve como parceiros a *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) e a Fundação Banco do Brasil. O projeto que teve vigência entre

2009 e 2012, foi (coordenado pela autora desta tese, que atuou com uma equipe multidisciplinar composta por outros quatro pesquisadores não-indígenas (Ingrid Lemos, Ana Souza, Januária Mello e Maria Luisa Freitas) e três pesquisadores indígenas (Kay Txicão, Amtenu Ikpeng e Papru Ikpeng), que receberam treinamentos e bolsa de pesquisa pelo projeto.

Os objetivos desse projeto de documentação foram entre outras coisas: (i) fazer um levantamento das fontes documentais e bibliográficas sobre o povo e a língua Ikpeng, que contribuísse para o conhecimento e a localização do material produzido a cerca dessa língua e cultura; (ii) realizar um levantamento sociolinguístico que descrevesse a condição social dessa língua dentro de sua comunidade de fala; (iii) registrar através de recursos áudio-visuais elementos importantes da língua e cultura Ikpeng, como: narrativas tradicionais, receitas, cantos, festas tradicionais, momentos do cotidiano, etc; e (iv) a produção de materiais (banco de dados lexical, gramática descritiva, livro de narrativas tradicionais monolíngue) que pudessem auxiliar os professores e alunos Ikpeng no processo de ensino-aprendizagem de sua língua materna no ambiente escolar.

Nas subseções abaixo, veremos com mais detalhes o desenvolvimento e os principais resultados das atividades realizadas durante o referido projeto.

### 1.2.1. Acervo Bibliográfico

Nesta seção, apresentaremos de forma resumida parte do acervo bibliográfico encontrado, que trata da língua/etnia Ikpeng. As referências bibliográficas sobre a etnia e a língua Ikpeng (Karib) encontradas estão disponíveis, principalmente, na biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e do Instituto Socioambiental (ISA), embora algumas obras possam também ser encontradas nas bibliotecas do Museu Nacional (UFRJ) e do Museu do Índio/RJ (MdI). Grande parte do material linguístico é de difícil acesso, uma vez que parte dele foi publicada apenas em

anais de eventos acadêmicos com circulação restrita aos participantes de tais eventos. Há também algumas obras publicadas eletronicamente que podem ser acessadas via *web*.

Os principais trabalhos encontrados sobre a língua Ikpeng são os resultados das pesquisas de Charlotte Emmerich; Cilene Campetela Frantomé e Pachêco, realizadas principalmente entre a década de 1990 e a primeira metade da década de 2000.

O primeiro trabalho sobre a língua trata-se da dissertação de mestrado de Emmerich (1972), na qual a autora faz um estudo preliminar do inventário fonológico da língua; dos padrões distribucionais e suas implicações nos processos morfofonêmicos da mesma. Essa autora publicou também dois outros artigos sobre a língua: “*Padrões Distribucionais na Língua Txikão*” (1991) e “*The Txikão Language: fricatives or no fricatives?*” (1994).

A partir da segunda metade dos anos 1990, outros dois autores também iniciaram pesquisas relacionadas à referida língua. Campetela, em sua dissertação de mestrado de 1997, descreve aspectos da fonologia e morfossintaxe relacionados ao sistema de marcação de caso nas orações independentes Ikpeng, nas quais são abordadas algumas de suas características morfossintáticas; e em 2002, defende uma tese de doutorado em que apresenta as características prosódicas que determinam casos de alomorfa e interferem no processo de formação de palavras lexicais Ikpeng.

Pachêco, em uma dissertação de mestrado também em 1997, reanalisa o sistema fonológico da língua Ikpeng e apresenta uma análise distinta da proposta por Emmerich (1972). Ainda nesse trabalho, o autor faz uma descrição preliminar de alguns aspectos gramaticais como: classes de palavras, organização das orações independentes, oração causativizada, estratégias de relativização e marcação do núcleo nominal na oração relativa. Em 2001, Pachêco defende sua tese de doutorado na qual apresenta uma análise da estrutura verbal, a formação do verbo causativo, reflexivo e nominalizado, além de processos de subordinação. Em 2005, o autor publica um artigo onde analisa as consequências do contato linguístico entre o Ikpeng e o português. O autor aborda a história do contato entre essas duas línguas; o *status* de cada uma dentro da comunidade Ikpeng; e

quais influências a língua portuguesa pode ter exercido sobre o sistema gramatical Ikpeng. Outros trabalhos desse autor podem ser encontrados em anais de eventos acadêmico-científicos.

Em relação aos trabalhos de caráter antropológico sobre o povo Ikpeng, o principal trabalho é o de Menget (2001), que consiste num livro que trata das unidades constitutivas da sociedade Ikpeng (como: sistema de parentesco, sistema de nomeação, práticas residenciais, práticas matrimoniais, etc) bem como das relações sociais dos Ikpeng com os demais índio da região do Xingu e com a sociedade não-indígena. No entanto, antes disso, o autor já havia publicado outros trabalhos envolvendo esse povo, por exemplo, um CD, com textos em francês, inglês e alemão sobre os povos do alto Xingu e descrições sobre cada música. Possui 51 minutos de duração incluindo nove músicas, das seguintes etnias: Ikpeng (Txicão), Kamayura, Yawalapiti, Aweti e Trumai (MENGET, 1992).

Além de Menget, outros autores publicaram trabalhos que nos trazem diversos tipos de informação sobre a etnia Ikpeng, como: Simões (1963) que fala da pressão política que algumas etnias de culturas “não-xinguanas”, como Kayapó, Suyá, Yarumá exerceram sobre os povos de cultura “xinguana” no passado. O autor afirma que um dos povos que mais exerceram essa influência política sobre os outros povos foi o então denominado povo “Txicão”; Fagundes et al (2004) que relata a avaliação do estado nutricional e da composição corporal de crianças indígenas das populações alto-xinguanas e da etnia Ikpeng, comparando-as; Maia et al (2004) que trata do processo de mudança dos Ikpeng para o Parque Indígena do Xingu, suas taxas de mortalidade e natalidade e da estrutura de sua população; e finalmente, o trabalho de Korotowĩ Taffarell, membro da etnia Ikpeng, que publicou trabalhos sobre a importância do ritual de tatuagem entre os Ikpeng num livro que fala da origem da festa *Moyngo*, das plantas e dos animais usados no ritual e de cada uma das etapas da festa até a sua finalização, com a reclusão dos meninos tatuados (2010).

Foram também encontrados alguns materiais de caráter didático e afins sobre a língua Ikpeng, como uma pequena cartilha ilustrada (s/d) com algumas frases, pequenos textos e alguns exercícios em Ikpeng, sem tradução para o Português; coletânea de textos

informativos sobre algumas árvores e plantas (na maioria medicinais), a maioria dos textos escritos em Ikpeng, não possui tradução para o português (TAFFAREL, Korotowĩ; IKPENG, Iokoré; IKPENG, Maiuá; 1998); uma cartilha educativa (s/d) sobre a prevenção de algumas doenças, como: cárie, AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis. Os textos (ilustrados) encontram-se em Ikpeng, com tradução para o Português no fim da cartilha; e “*Orempanpot*” (TAFFAREL, Korotowĩ; IKPENG, Iokoré; IKPENG, Maiuá; 2001), que é um livro ilustrado (por membros da comunidade), com pequenos textos na língua Ikpeng, sem tradução para o português.

### I.2.2. Informações Sociolinguísticas

As informações sociolinguísticas aqui apresentadas são resultado da interpretação feita por nós, com base em 216 questionários aplicados aos moradores da Aldeia Moygu, pelo Instituto Socioambiental (ISA), em 2009.

Os dados mostram que a realidade da língua Ikpeng não é diferente de grande parte das línguas indígenas faladas no Brasil, pois, embora, todos os membros da comunidade ainda falem a língua, o número de falantes é bastante restrito (menos de 500), o que coloca a língua Ikpeng em grande risco de extinção.

De acordo com Chagas (2010), quase todos os moradores da aldeia Moygu pertencem à etnia Ikpeng (94,9%) – um décimo destes se identificam como Txikão, nome pelo qual eram designados anteriormente. Os demais moradores são geralmente membros das etnias Waurá, Kaiabi e Kamaiura, tendo ido morar na aldeia Ikpeng por motivos matrimoniais. Cerca de metade da população é casada (45,8%).

Algumas das pessoas não-Ikpeng que vivem na aldeia Moygu devido aos laços maritais, já moram nesta aldeia há décadas e, por isso, aprenderam a falar o Ikpeng; outras, casadas mais recentemente e com pouco tempo de moradia na comunidade, usam o

português como língua de contato para interagir com os membros da comunidade que não falam sua língua materna.

Dentre os Ikpeng que são casados, metade diz só falar em Ikpeng com seu cônjuge e a outra metade diz que usa o Ikpeng e também o Português. Isso mostra que mesmo quando ambos os cônjuges pertencem à etnia Ikpeng, há um grande número de casais que usam a língua portuguesa como meio de interação (CHAGAS, 2010).

Felizmente, pelo fato de que a quase totalidade das pessoas da comunidade ainda falam a língua nativa (94%); e pela situação linguística das mulheres, como veremos a seguir, a língua materna das crianças ainda é o Ikpeng; porém, estas se tornam bilíngues (Ikpeng-Português) muito cedo, fazendo mais uso do Ikpeng no ambiente familiar e do Português no ambiente escolar. De fato, a situação linguística de algumas crianças é bastante rica, pois como há casamentos com membros de outras etnias, além do Ikpeng e do Português, algumas crianças aprendem também a língua da família do progenitor que pertence à outra etnia. É prática entre os Ikpeng que as crianças, fruto de casamentos interétnicos, passem períodos de tempo com a família do pai e com a família da mãe, adquirindo, assim, conhecimento linguístico e cultural de ambas as etnias.

Pachêco (2001) relata que no ambiente escolar, as aulas são ministradas em Ikpeng, por professores da própria comunidade e o português é utilizado exclusivamente quando a aula trata de questões da cultura não-indígena. Atualmente, a situação encontrada não é mais a mesma, a alfabetização se dá em ambas as línguas e os dados mostram que a maior parte das crianças alfabetizadas (59,6%) escreve melhor em Português que em Ikpeng, o que demonstra que a presença da língua portuguesa ganhou bastante espaço na escola nos últimos anos.

A pesquisa feita aponta para um alto grau de bilinguismo dentro da comunidade. Os dados mostram que 75,93% dos Ikpeng são fluentes tanto em Ikpeng, quanto em Português; no entanto, há variação no nível de bilinguismo no que diz respeito ao gênero e à idade dos falantes. Os homens jovens e adultos são mais fluentes em Português que as mulheres da mesma faixa etária. A justificativa para esse fato é que os

homens desse grupo etário têm mais acesso à cidade e conseqüentemente aos falantes nativos de Português que as mulheres. Segundo Pachêco (2001), isso ocorre porque são os homens que viajam para a cidade para fazer compras e vender o artesanato.

Entre os idosos também existe distinção, sendo que os homens mais velhos possuem menos fluência que os homens mais jovens. Dentre as mulheres idosas, a maioria apenas entende o Português, elas usam a língua Ikpeng apenas para a interação com a comunidade.

Essa variação no grau de bilinguismo entre os membros da comunidade Ikpeng se dá por vários fatores, tais como: frequência com que interagem com falantes de português e acesso aos diversos meios de comunicação já presentes na aldeia, como televisão, internet, aparelhos de som e DVD, celular, etc. Nem todas as pessoas da comunidade têm as mesmas condições de acesso à língua portuguesa, esse contato varia de acordo com a condição sociocultural que o indivíduo desfruta dentro da aldeia, como gênero (homem e mulher), faixa etária (crianças, jovens, adultos, idosos) e posição social (cacique, chefe do posto, professor).

#### I.2.2.1. Usos e Atitudes Linguísticas

Segundo Cruz (2003, p. 22), as atitudes dos falantes perante a língua manifestam-se em atos individuais e ganham enorme importância na relação língua e etnicidade. A extensão desse relacionamento se manifesta em tais atitudes, o que significa dizer que as atitudes linguísticas do falante são um reflexo do significado social da língua e marca a posição que ela ocupa na escala de valores étnicos de um determinado grupo.

Os dados permitiram observar os usos e as atitudes que os membros da etnia Ikpeng fazem das línguas em que têm mais fluência (Ikpeng e Português), em diferentes domínios sociais.

No que diz respeito aos usos no cotidiano da comunidade, a prática do Ikpeng supera em muito a do Português. Os falantes fazem uso do Ikpeng, fundamentalmente, para interação entre os membros do grupo; transmissão de sua cultura tradicional, como confecção de artesanato; e de normas sociais, festividades e prática de rituais. De modo genérico, pode-se dizer que o Ikpeng é utilizado na interação entre os membros da comunidade e o Português como língua de contato para falar com membros de outras comunidades e com não-indígenas.

O povo Ikpeng possui uma atitude positiva em relação ao uso de sua língua, pois ela é a preferida nas situações de interação entre os membros da comunidade, inclusive quando estão em ambiente distinto daquele onde residem. Tal atitude nos permite perceber que a língua Ikpeng possui *status* social elevado dentro do grupo, o que é bastante positivo, pois, esse tipo de relação com a língua tende a retardar o processo de substituição da mesma.

Isso mostra o quanto o povo Ikpeng está lutando para manter a sua identidade linguística e cultural, mesmo frente à condição de dominação política e econômica da sociedade nacional.

#### 1.2.2.2. Educação Escolar Indígena Ikpeng

O povo Ikpeng valoriza bastante a educação escolar. Entre os vários professores, há alguns com formação acadêmica e pelo menos um que já concluiu o mestrado, sendo que os demais pretendem seguir o mesmo exemplo. A “Escola Central Ikpeng – Amure” é uma das que possui o maior número de alunos na TIX.

A escrita em língua Ikpeng tornou-se possível depois da elaboração do sistema ortográfico da mesma, realizado por Seki em 1994, durante o primeiro Curso de Formação de Professores do PIX, a partir do estudo fonológico da língua, feito por Emmerich, em

1972. Essa ortografia foi posteriormente reelaborada por Seki e Gildea e é a utilizada por eles atualmente. Em uma viagem de campo, realizada por nós, em julho de 2010, nos foi solicitado por parte dos professores Ikpeng que uma nova revisão da ortografia fosse realizada, pois segundo os mesmos, a língua estava criando novos sons que não eram pronunciados pelos mais velhos.

A última revisão ortográfica da língua Ikpeng, ocorreu em agosto de 2011, sob a forma de oficina, ministrada por nós, que contou com a participação de vinte membros da comunidade, entre professores, alunos e anciões.

No tocante ao ambiente escolar, o diagnóstico mostrou que 48,3% das crianças que frequentam a escola foram alfabetizadas apenas em Ikpeng, enquanto que 41,1% delas foram alfabetizadas apenas em Português. Menos de 10% delas responderam que foram alfabetizadas em ambas as línguas. Interpretando os dados de outra forma, é possível dizer que mais da metade das crianças que frequentam a escola (56,9%) foram alfabetizadas em Ikpeng, havendo, portanto, um maior número de crianças que sabem ler mais na língua Ikpeng que em língua portuguesa. No entanto, o número de crianças que não foram alfabetizadas em sua língua materna é grande e há que se perguntar por que os professores elegem apenas uma língua para a alfabetização dessas crianças, quando o ideal é que elas fossem alfabetizadas em ambas as línguas, dada a realidade de contato intercultural em que estão inseridas.

Dentre as pessoas que responderam ao questionário, 84% declararam ser alfabetizadas. No entanto, apenas 44,4% disseram ser alfabetizadas em Ikpeng, enquanto que 59,6% disseram ser alfabetizadas em Português.

É possível interpretar que um dos motivos que permite um processo de alfabetização mais bem sucedido na língua portuguesa, que na língua Ikpeng é a falta de material didático referente a esta última.

### I.2.3. Atividades Realizadas em Campo

Nesta seção, descreveremos as principais atividades realizadas em campo durante a vigência do “Projeto de Documentação da Língua Ikpeng” (2009-2012), tais como: treinamento para os pesquisadores indígenas; curso de formação para os professores indígenas; reformulação da ortografia; transcrição e tradução de textos orais; e coleta de dados para criação de um banco de dados lexical.

#### I.2.3.1. Treinamento de Pesquisadores Indígenas

Ao início do “Projeto de documentação da Língua Ikpeng”, em 2009, três jovens (Kay Txicão, Amtenu Ikpeng e Papru Ikpeng) foram indicados pela comunidade para serem os pesquisadores indígenas (PI’s) que colaborariam com o andamento do mesmo dentro da comunidade Ikpeng.

A fim de que pudessem contribuir de forma efetiva com as atividades do projeto, os PI’s receberam treinamento referente tanto ao manuseio do equipamento (câmera filmadora, câmera fotográfica e gravador), quanto dos programas computacionais (*Toolbox*, *Transcriber*) utilizados no processo de documentação linguísticas.

Os treinamentos foram realizados em dois momentos específicos: o primeiro ocorreu em 2009, na própria aldeia Moygu, onde os PI’s receberam instruções das pesquisadoras não indígenas que compunham a equipe, que estavam em campo nesse período (Angela Chagas e Ingrid Lemos); e o segundo no mesmo ano, na sede do Museu do Índio, no Rio de Janeiro, ocasião em que os PI’s receberam o treinamento de uma equipe técnica específica, contratada especialmente para esse fim.

Consideramos muito importante a formação de pesquisadores indígenas, pois assim, a comunidade pode dar continuidade ao trabalho de documentação de aspectos

linguísticos e culturais de forma independente de qualquer projeto e/ou intervenção externa, dependendo exclusivamente de sua iniciativa própria.

É importante mencionar que as comunidades contempladas pelo PRODOCLIN receberam não apenas o treinamento adequado para a documentação, mas também o equipamento necessário para a sua realização, como: notebook, filmadora e gravador digital. Permitindo, desse modo, que as mesmas tenham condições de dar continuidade a esse trabalho futuramente.

Com iniciativas desse tipo, as comunidades poderão registrar/documentar todas as atividades linguístico-culturais que julgarem importantes, a partir de seus próprios critérios, que nem sempre são os mesmos que o do pesquisador não indígena.

#### I.2.3.2. Cursos de Formação para os Professores Indígenas

Durante a vigência do projeto, dois cursos de Formação Básica em Linguística foram oferecidos aos professores da “Escola central Ikpeng – Amure”, com o objetivo de ampliar seus conhecimentos técnicos em Linguística, contribuindo assim para uma maior reflexão referente a aspectos de sua língua materna, que pudessem, dentre outras coisas, auxiliá-los no processo de ensino-aprendizagem da mesma, no ambiente escolar.

No primeiro curso, ministrado em agosto de 2011, por Angela Chagas, foram apresentados conceitos básicos de Fonética e Fonologia, a fim de instrumentalizar técnica e teoricamente os professores indígenas para que estes pudessem participar ativamente do processo de revisão ortográfica que ocorreria em sequência.

No segundo curso, ocorrido em outubro de 2012 (ministrado por Maria Luisa Freitas), os participantes receberam noções básicas de morfossintaxe. Em ambos os cursos

foram utilizados dados da própria língua Ikpeng com o intuito de levar os participantes a identificar/reconhecer certos fenômenos linguísticos em sua própria língua materna.

### I.2.3.3. Revisão do Sistema Ortográfico

Por demanda da própria comunidade Ikpeng, foi realizada em agosto de 2011 uma “Oficina de Revisão Ortográfica”, que teve como principal objetivo discutir alguns pontos considerados problemáticos por professores e alunos da Escola Central Ikpeng – Amure, quanto ao ensino-aprendizagem da modalidade escrita de sua língua.

Dentre os principais problemas apontados estava o a percepção dos falantes a respeito do surgimento de um novo som na língua (fricativa bilabial sonora [β]), que estava sendo representado com o grafema <p>, da mesma forma que a consoante oclusiva bilabial surda [p]; ou seja, a letra “p” estava sendo utilizada por professores e alunos para representar tanto a consoante oclusiva bilabial surda [p], em palavras como [pa.ra.'pi] ‘borboleta’, quanto a fricativa bilabial sonora [β] [βu.'ron] ‘sapo’. Ao que pudemos observar, não se trata de um novo fonema, mas sim de uma alofonia de /p/ diante das vogais posteriores /o/ e /u/, que pode se realizar como [p], [β] e [f], conforme em [pu.'ron ~ βu.'ron ~ fu.'ron] ‘sapo’.

Outro problema apontado era relativo à divisão silábica de palavras com <ng> (que representa a consoante nasal velar /ŋ/), e de encontros consonantais do tipo *muta cum liquida*.

Depois de várias discussões com os membros da comunidade Ikpeng, ficou decidido, em relação ao primeiro problema apontado, que a letra <p> não será mais utilizada para representar dois sons, mas apenas o da consoante oclusiva bilabial surda /p/. Para representar a fricativa bilabial sonora [β], que também estava sendo representada

ortograficamente com <p>, agora será utilizada a letra <ɸ>, embora se trate de uma alofonia condicionada.

Quanto ao segundo problema, foi mostrado que sequências como <ng>, na língua representavam um único som [ŋ], constituindo assim um dígrafo, e que por esse motivo, não deveriam ser separados silabicamente.

Em relação aos processos de ressilabificação, como os encontrados nas sequências <pr>, <pl>, ficou decidido entre o participantes que, apesar de serem pronunciados como uma unidade, esses segmentos devem permanecer em sílabas separadas, respeitando os padrões silábicos postulados para essa língua por autores como Emmerich (1972), Pachêco (1997, 2001), e Campetela (1997, 2002).

Essa oficina foi de extrema importância porque pôde auxiliar os professores e os alunos a sanar as principais dúvidas que tinham quanto à ortografia de sua língua que ainda está em processo de consolidação.

#### I.2.3.4. Coleta de Material

Durante os três anos de projeto, foram realizadas quatro viagens (2009, 2010, 2011, 2012) a campo, quando um grande volume de material de caráter áudio-visual, fotográfico e linguístico pode ser coletado, sempre com a participação efetiva da comunidade Ikpeng. Comentaremos nas subseções abaixo a que se refere esse material. Antes disso, é importante dizer que cópias (não editadas) de todo o material coletado e produzido durante o projeto sempre foram entregues à comunidade Ikpeng. Os originais são destinados à sede do Museu do Índio no Rio de Janeiro, onde passam por processos de edição. Uma versão final editada de todo esse material será doada em forma de dossiê pelo PRODOCLIN à Casa de Cultura Mawo da comunidade Ikpeng em encontro que ocorrerá em Brasília brevemente.

#### I.2.3.4.1. Áudio-Visual

A documentação em vídeo abrangeu temáticas variadas (como inúmeras festas, pescarias, entrevistas, relatos de experiência, músicas, monólogos, textos procedurais, contação de narrativas, etc) sempre escolhidas pela comunidade, totalizando aproximadamente 33h de gravação.

As narrativas tradicionais receberam atenção especial dentro do processo de documentação linguística, pois a comunidade considerou sempre muito importante registrar essa parte da memória coletiva do povo, que vem recebendo cada vez menos atenção e importância por parte dos mais jovens, que muito pouco já conhecem desse patrimônio cultural.

Atualmente, dispomos de um acervo de vinte e duas narrativas tradicionais referentes a mitos cosmogônicos, escatológicos, de duração e de transformação, conforme a classificação de Propp (2010).

As narrativas até agora registradas foram indicadas sempre pela comunidade (de acordo com critérios próprios, como nível de importância ou o grau de lembrança/esquecimento que o povo tinha delas). Também foi indicado pela comunidade, o “melhor” contador para cada história. As narrativas até agora registradas foram:

- *Imeré Miran* (História do Imeré/Trovão)
- *Alakana Miran* (História do Alakana)
- *Mawo Miran* (História da Mawo)
- *Omyo Miran* (História do Omyo)
- *Wonkinom Miran 1* (História de Seres Espirituais 1)
- *Wonkinom Miran 2* (História de Seres Espirituais 2)
- *Wonkinom Miran 3* (História de Seres Espirituais 3)
- *Kureko Miran* (História da Origem dos Humanos)
- *Maruri Murangmon* (História de Homens Brancos e Índios)
- *Opo Miran* (História da Origem da Borduna)
- *Patxi Miran* (História da Origem da Rede de Pesca)

- *Pirom Miran* (História da Origem da Flecha)
- *Okoloy Miran* (História do Origem da Mel)
- *Puron Miran* (História do Sapo)
- *Rere Miran* (História do Morcego)
- *Wayman Miran* (História do Jabuti)
- *Tawa Miran* (História do Calango)
- *Weliko Miran* (História do Vaga-Lume)
- *Wago Miran* (História do Macaco-Preguiça)
- *Opo Awitketpot* (Como se faz Borduna)
- *Patxi Awitketpot* (Como se faz Rede de Pesca)

#### I.2.3.4.2. Fotográfico

Durante o projeto foram arquivadas cerca de 8.520 (oito mil, quinhentas e vinte) fotografias, sendo que pouco menos da metade destas seriam cópias dos arquivos com maior qualidade (RAW). Estimamos que ao organizá-las poderemos chegar a cerca de 4 a 5 mil fotos para arquivamento.

As fotografias registram vários momentos diferenciados da vida Ikpeng, como festas, pinturas corporais, retratos de pessoas, animais, paisagens, etc.

No anexo A deste trabalho encontra-se um caderno de imagens onde podem ser visualizadas fotografias que retratam diversos momentos do cotidiano Ikpeng, bem como algumas relacionadas à realização deste trabalho.

#### I.2.3.4.3. Linguístico

O material linguístico coletado durante a vigência do projeto destinou-se à elaboração de uma gramática descritiva sobre a língua Ikpeng e à construção de uma base de dados lexicais.

Os dados para a confecção da gramática foram coletados com base em questionários previamente elaborados por nós, e foram baseados no questionário de Leite e Franchetto (1980)

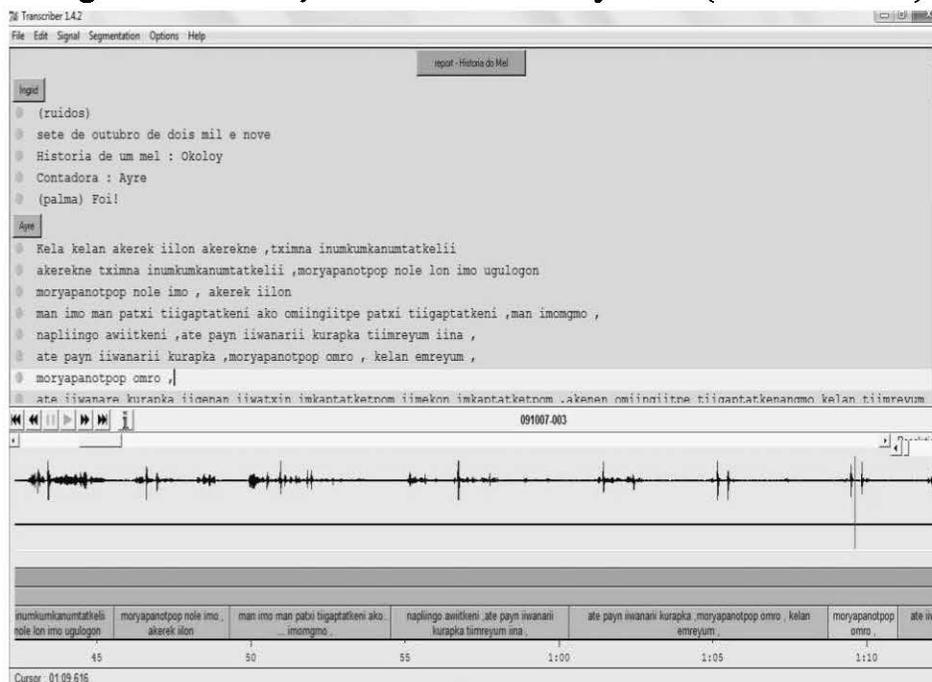
Para a construção do banco de dados lexical foram feitas listas de palavras agrupadas por campos semânticos, relativos a: partes do corpo humano e não-humano (mamíferos, aves, peixes, plantas); termos de parentesco; cores; além de verbos, adjetivos, advérbios, etc. Os produtos resultantes desse material serão descritos na seção II.4.

### I.2.3.5. Transcrição e Tradução de Textos

O material transcrito é fruto da documentação áudio-visual, que diz respeito às narrativas tradicionais de caráter cosmológico/religioso e às lendas gravadas.

Após a gravação, esse material foi transportado para o computador, onde teve início o trabalho de transcrição ortográfica do áudio do mesmo. Essa transcrição foi feita no programa *Transcriber*, pelos PI's do projeto sob nossa supervisão e orientação. Vemos abaixo uma ilustração da transcrição de uma narrativa:

Imagem 01: Transcrição da Narrativa Okoloy Miran (História do Mel)



Após a transcrição das narrativas, as mesmas foram exportadas para o programa *Word*, que é um editor de texto, para serem traduzidas. A escolha deste programa para esse trabalho se deu pelo fato dele possibilitar anotações/comentários sobre o texto em processo de tradução. Grande parte das anotações feitas é de caráter cultural, na maioria das vezes indispensáveis para compreender a tradução de uma dada frase ou item lexical presente na narrativa.

A tradução das narrativas foi feita inicialmente pelos pesquisadores indígenas que traduziam livremente cada uma das frases/trechos da narrativa previamente segmentados no programa *Transcriber*. Posteriormente, nós, com a ajuda dos professores Ikpeng passávamos para outra etapa desse trabalho que consistia em traduzir literalmente cada um dos itens lexicais e finalmente fazer uma tradução mais precisa das frases/trechos da narrativa como um todo. Observemos abaixo um exemplo de uma narrativa traduzida:

#### Imagem 02: Tradução da Narrativa Okoloy Mīran (História do Mel)

HISTÓRIA DO MEL - OKOLOY  
NARRADOR(A): AYRE TXICÃO  
TRANSCRIÇÃO: KAY TXICÃO  
TRADUÇÃO: KAY TXICÃO E ANGELA CHAGAS  
REVISÃO DE TRADUÇÃO E TRANSCRIÇÃO: MAIUA IKPENG E ANGELA CHAGAS  
ARQUIVO: 091007-003

07 de outubro de 2009. História de um mel: Okoloy. Contadora Ayre. Foi!

Kelan... kelan... akerek ñlon akerek ne tximna inukungkanumtatkeli, akerek ne tximna inukungkanumtatkeli, moryapanotpop nole ñlon imo ugulogon moryapanotpop nole imo  
Era uma vez... era uma vez... nós também nos transformávamos, igual como nas outras histórias, como aquela (mulher), que estava menstruada.

Tximna inukungkanumtatkeli, moryapanotpop nole ñlon imo ugulogon moryapanotpop nole imo  
Nós nos transformávamos quando ficávamos menstruadas, ela também estava menstruada.

- "Ate, pain, iwanari kurapka". Kelan timreyum ina. "Ate, pain, iwanari kurapka".

- "Vamos, querido, tirar folha nova de tucunzinho". Ela disse ao seu marido. - "Vamos, querido, tirar folha nova de tucunzinho".

- "Moryapanotpop omro!" Kelan emreyum. "Moryapanotpop omro!"

- "Você já menstruou"! Disse o marido. - "Você já menstruou!"

- "Ate! iwanari kurapka igenang iwaxin inkaptatketpom, imekon inkaptatketpom akeneng omingitpe tigaptatkenangmo". Kelan timreyum ina.

- "Vamos! Marido, eu estou falando para nós irmos tirar o tucunzinho para mim fazer

#### I.2.4. Produtos Resultantes

O referido projeto teve três principais resultados que são: uma gramática descritiva; um dicionário bilíngue Ikpeng-Português (ainda em fase piloto); e um livro de narrativas tradicionais que serão futuramente publicados pelo Museu do Índio - FUNAI. Nenhum desses materiais se encontra finalizado atualmente, sendo necessárias ainda várias revisões, antes que os mesmos sejam enviados para a publicação. Abaixo trataremos mais detalhadamente de cada um desses produtos.

##### I.2.4.1. Gramática Descritiva Ikpeng

Essa gramática traz informações básicas e sistemáticas acerca da língua Ikpeng e, embora não seja exatamente um material de caráter didático, esperamos que ela possa ser amplamente utilizada no ambiente escolar dessa comunidade, uma vez que as informações sistemáticas acerca da língua podem auxiliar os professores no ensino de aspectos gramaticais de sua língua materna. A gramática é constituída de cinco capítulos assim divididos:

**I. Introdução:** que oferece algumas informações básicas sobre o povo Ikpeng e o objetivo do material.

**II. Fonologia:** que apresenta o inventário vocálico e consonantal, além dos principais processos fonológicos dessa língua, conforme estudado previamente por outros autores.

**III. Morfologia:** apresenta as principais características morfossintáticas das classes de palavras existentes na língua (nome, verbo, adjetivos, advérbios, pronomes, posposições, partículas e onomatopeias).

IV. **Sintaxe:** traz informações acerca dos tipos e ordem dos constituintes oracionais.

V. **Discurso:** informa as principais diferenças entre os discursos diretos e indiretos presentes nas conversas e narrativas.

VI. **Léxico:** é constituído de listas de palavras de diversos campos semânticos, como: termos de parentesco; partes do corpo (humano e não-humano); nomes de vegetais e animais; cores; e itens novos na cultura.

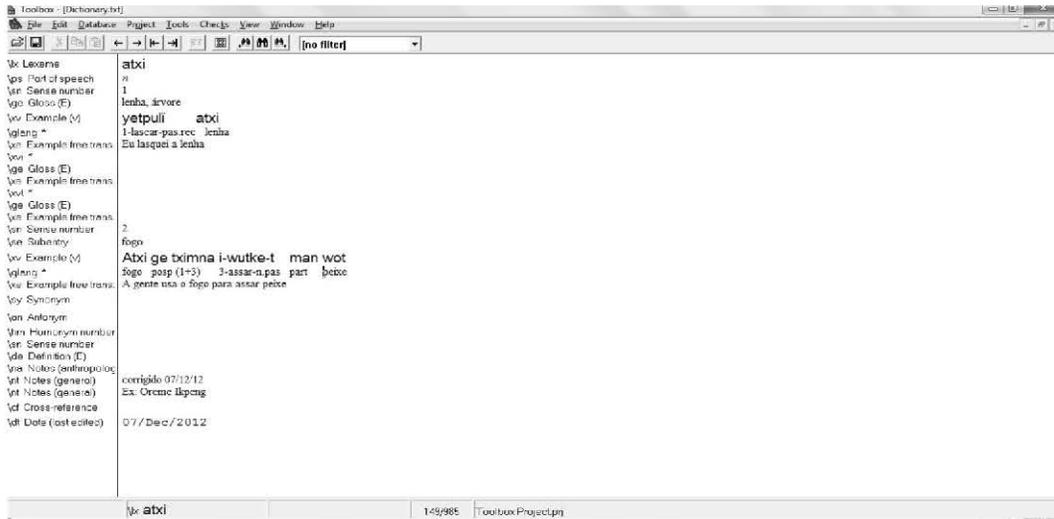
A gramática possui capa e contracapa ilustradas por membros da própria comunidade. Também são ilustradas as páginas que dividem cada um dos capítulos da mesma. Os desenhos referentes à capa e contracapa podem ser vistos no caderno de imagens em anexo.

#### I.2.4.2. Bases de Dados Lexicais e Dicionário Ikpeng-Português

Durante o projeto, foram criadas duas bases de dados: uma lexical e uma de textos interlinearizados, sendo que a primeira alimenta a segunda. Para a construção dessas bases, utilizamos o programa *Toolbox*.

A base de dados lexical foi pensada de maneira a gerar futuramente um dicionário bilíngue Ikpeng-Português, que possa ser utilizado pelos Ikpeng. Uma ilustração dessa base de dados pode ser vista abaixo:

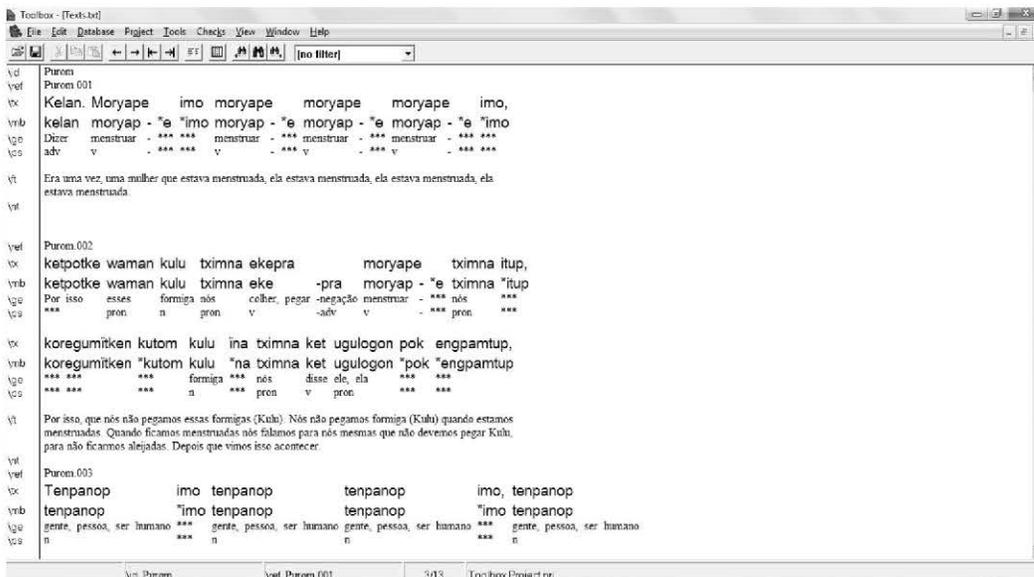
### Imagem 03: Base de Dados Lexical



Essa base de dados foi alimentada manualmente com os dados provenientes de listas de palavras e questionários de campo e conta atualmente com mil e trezentas entradas.

A base de dados de textos serviu para armazenar as narrativas previamente transcritas e traduzidas pelos PI's no programa *Transcriber*. Um exemplo da mesma pode ser encontrado na ilustração abaixo:

### Imagem 04: Base de Dados Textual



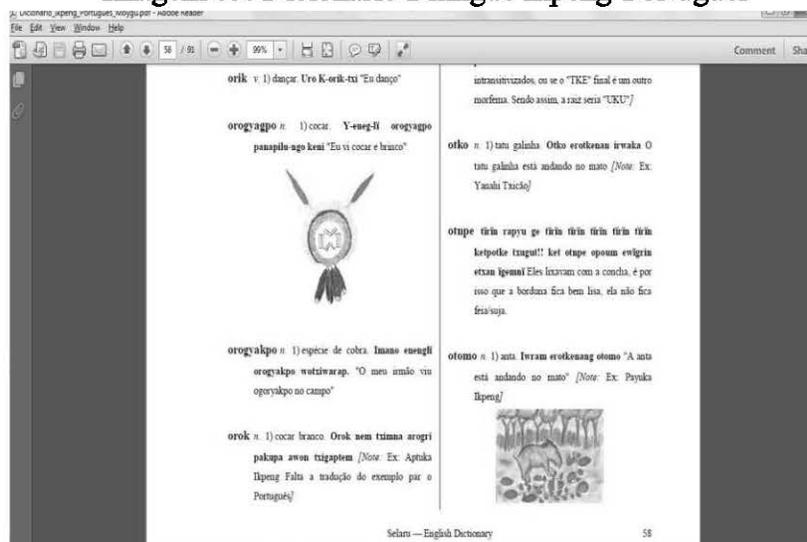
Atualmente, há uma versão piloto de um Dicionário Bilingue Ikpeng-Português, derivado da base de dados lexicais, acima mencionada. Esse trabalho é uma resposta à demanda da comunidade Ikpeng por uma maior produção de material didático que possa contribuir com o ensino/aprendizagem da modalidade escrita de sua língua materna. Trata-se de uma primeira tentativa de organização do léxico da língua Ikpeng que visa contribuir, entre outras coisas, para o processo de consolidação da escrita ortográfica desse povo.

O dicionário possui atualmente mil e trezentas entradas lexicais, que contam com: a categoria gramatical da palavra que encabeça a entrada; tradução da palavra; exemplo de uso na língua Ikpeng; tradução do exemplo para o português; e quando há, os casos de sinônimos e antônimos também são mencionados. Obviamente, esta ainda não é a versão final do dicionário, que ainda necessita passar por inúmeras correções por parte dos Ikpeng, além de precisar ter seu número de entradas largamente ampliado.

Casos de homonímia e polissemia são tratados diferentemente. Quando uma palavra é polissêmica, todos os seus significados são agrupados em uma mesma entrada, com uma numeração que identifica cada um dos sentidos. Em casos de palavras homônimas, cada significado é inserido em uma entrada separada.

O dicionário possui ilustrações, feitas por membros da comunidade Ikpeng, acerca, principalmente, de artefatos relativos ao seu patrimônio cultural, como o artesanato. Observamos abaixo uma figura que mostra parte do dicionário com ilustrações:

Imagem 05: Dicionário Bilingue Ikpeng-Português



#### I.2.4.3. O Livro de Narrativas Tradicionais Ikpeng

Dentre os três produtos resultantes do projeto de documentação da língua Ikpeng, o que se encontra atualmente em fase mais avançada de desenvolvimento é o livro de narrativas tradicionais que, como o nome indica, consiste numa compilação de algumas histórias de tradição oral que são patrimônio cultural e intelectual do povo Ikpeng.

Documentar narrativas tradicionais é importante porque preserva os saberes linguístico-culturais de um povo, ao mesmo tempo em que resgata, legitima e valoriza a diversidade cultural existente num país de realidades tão plurais, como o Brasil.

Atualmente, dispomos de um acervo de vinte e duas narrativas tradicionais (mitos cosmogônicos, escatológicos, de duração e de transformação; lendas)

De posse do material registrado por meios audiovisuais, e frente à demanda dos Ikpeng por materiais que pudessem auxiliar os professores da “Escola Central Ikpeng – Amure” no processo de ensino de leitura e escrita de sua língua materna, foi que surgiu a ideia de se produzir um livro com as narrativas tradicionais Ikpeng.

Decidiu-se, junto com a comunidade, pela elaboração de um livro monolíngue, com registro das narrativas apenas na língua nativa. Tal decisão possui dois principais motivos: um, de caráter ideológico, foi o de por em prática uma política de valorização da língua nativa e do conhecimento nela produzido; outro de caráter mais pragmático, sustentado pelos professores, é que se o livro trouxesse uma tradução para as histórias, os alunos, provavelmente, optariam por fazer a leitura na língua em que possuísem mais fluência, no caso, o português – dada a maior quantidade de material disponível para a alfabetização nesta língua.

Foi também decisão da comunidade Ikpeng que, dentre as vinte e duas narrativas tradicionais registradas até o presente momento, apenas dezesseis fizessem parte do livro. As seis histórias que não constarão são narrativas de caráter mítico-religioso,

como o mito de fundação do mundo: “*Imere*” (Trovão, deus do tempo); e quatro narrativas que falam sobre seres espirituais. Essa decisão da comunidade foi tomada porque, na concepção do povo Ikpeng, essas narrativas fazem parte dos domínios exclusivamente orais, e é dessa maneira que devem permanecer.

Todas as narrativas que compõem o livro, já foram devidamente transcritas (pelos PI's) e arrumadas textualmente (por nós, com a ajuda dos professores Ikpeng), com separação de discurso direto e indireto, que opõem as falas do narrador à dos personagens e a fala dos personagens entre si. As narrativas que compõem o livro estão listadas abaixo:

- *Kureko Miran* (Origem dos Humanos)
- *Maruri Murangmon* (História de Homens Brancos e Índios)
- *Okoloy Miran* (História do Mel)
- *Puron Miran* (História do sapo)
- *Pirom Miran* (História da flecha)
- *Rere Miran* (História do Morcego)
- *Wayman Miran* (História do Jabuti)
- *Patxi Miran* (História da Rede de Pesca)
- *Alakana Miran* (História do Alakana)
- *Tawa Mīran* (História do Calango)
- *Omyo Miran* (História do Omyo)
- *Weliko Miran* (História do Vaga-Lume)
- *Wago Miran* (História do Macaco-Preguiça)
- *Mawo Miran* (História da Mawo)
- *Opo Miran* (História da Borduna)
- *Opo Awitketpot* (Como se faz Borduna)

O livro contará com ilustrações feitas pelos próprios membros da comunidade, que retratam as cenas ou episódios mais importantes de cada narrativa. A ilustração do material por parte dos Ikpeng fez com que a comunidade tivesse um maior envolvimento no processo de confecção do livro, o que os eleva do plano de “expectantes” para o plano de “actantes”. Esse momento contribuiu também para que o povo experienciasse um novo tipo de relação com as narrativas tradicionais, que agora se realizam não apenas por meio da oralidade e da escrita, mas também por meio de imagens.

### I.3. Sobre a Tese

Nesta seção, trataremos, especificamente, dos aspectos referentes à elaboração deste trabalho.

#### I.3.1. Objetivos e Hipóteses

O principal objetivo deste trabalho é fazer um estudo morfossintático do verbo, a partir de uma abordagem léxico-semântica, com base nos trabalhos de Levin (1993), Levin e Hovav (1995) e Hale e Keyser (2002).

Pretendemos mostrar os processos de formação (categorização) e derivação (recategorização) verbal, pois nossa hipótese é de que os verbos podem ser gerados (com o acréscimo de morfologia) tanto a partir de raízes sem categoria gramatical ( $\sqrt{\quad}$ ), quanto derivados de outras categorias, como nomes (N) e adjetivos (A).

Objetivamos também resolver a questão da marcação de tempo/aspecto nessa língua, pois há discordância entre os trabalhos anteriores (PACHÊCO, 2001 e CAMPETELA, 1997) sobre quais são os afixos que marcam o tempo/aspecto em Ikpeng e que noções eles codificam. Além disso, pretendemos também identificar qual o *status* das construções t-V-te e t-V-te-m, resquícios dos sistemas \*t-V-ce e \*t-V-ce-mi do proto-Karib, nessa língua.

Outro objetivo deste trabalho é o de esclarecer a distribuição e a função dos morfemas que Pachêco (2001) chamou de “causativos”. Observando a regularidade dos morfemas encontrados, hipotetizamos que há distinção entre os processos de transitivização e causativização nessa língua, com morfologia distinta para cada um desses processos. Propomos também que um verbo transitivizado pode também ser causativizado, havendo para isso uma combinação de morfemas.

Esperamos também esclarecer como se dá a marcação de pessoa nos verbos transitivos e intransitivos. Pachêco (2001) diz que a marcação de pessoa no verbo transitivo é governada pela hierarquia de pessoa universal  $1 > 2 > 3$ , com uma violação de pessoa quando há a relação  $1Ax3P$ , quando o verbo prefere concordar com a terceira pessoa (objeto), em detrimento da primeira (sujeito). Ao fazermos um novo levantamento dos prefixos pessoais existentes na língua, identificamos três novas séries de prefixos pessoais que não haviam sido atestadas nas pesquisas prévias. Diante dos novos fatos, lançamos as hipóteses de que não só não há violação de pessoa na língua, como também a relação hierárquica que existe entre as pessoas não é  $1 > 2 > 3$ , como afirmou Pachêco (*idem*), mas sim  $1 = 2 > 3$ . Nossa proposta é de que a oposição existente na língua é entre quem é quem não é participante do discurso.

Quanto à marcação de pessoa no verbo intransitivo, partimos da observação do comportamento dos verbos e seus argumentos nos processos de mudança (aumento e diminuição) de valência, donde lançamos a hipótese de que há dois tipos semânticos de verbos intransitivos nessa língua: os externamente causados, que recebem os prefixos pessoais da série I; e os internamente causados, que recebem como marcação um prefixo pessoal da série II.

Finalmente, com base no comportamento morfossintático dos verbos nas alternâncias (in-)transitivas – que permite, dentre outras coisas, identificar a valência básica de cada verbo; e na observação dos tipos dos itens lexicais ( $\sqrt{\quad}$ , N, A) que podem participar da formação dos verbos na língua Ikpeng, pretendemos explicar a formação e a estrutura argumental dos mesmos.

### I.3.2. Metodologia

Nesta seção, apresentaremos a metodologia utilizada para a realização deste trabalho, como: informantes; coleta, análise e apresentação dos dados e apresentação dos capítulos e suas respectivas seções.

#### I.3.2.1. Colaboradores

Para a realização deste trabalho, contamos, principalmente, com a colaboração de treze informantes principais e de inúmeros outros que contribuíram de forma episódica, com correções dos entrevistados e discussões dos temas abordados, de modo que, podemos dizer que, houve grande participação da comunidade Ikpeng na constituição deste trabalho.

A maior parte de nossos colaboradores (oito) está na faixa etária de 15 a 40 anos e são fluentes em Português e em Ikpeng, além de serem alfabetizados em ambas as línguas. Os demais são idosos, com faixa etária acima dos 50 anos, que compreendem o português, mas não possuem a mesma fluência dos mais jovens, além de não serem alfabetizados.

#### I.3.2.2. Coleta de dados

Os dados que permitiram a realização deste trabalho foram coletados em quatro viagens a campo (Aldeia Moygu – PIX, MT), realizadas em: setembro/outubro de 2009;

julho de 2010; agosto de 2011; e setembro/outubro de 2012<sup>6</sup>. Os dados são provenientes tanto de material elicitado, quanto de texto orais, nesse último caso, geralmente, narrativas.

Os dados elicitados foram primariamente coletados com os oito informantes mais jovens, eventualmente na presença de um idoso que acompanhava o trabalho para checar as informações dadas pelos mais jovens; e posteriormente confirmados com os cinco falantes mais idosos, sempre na presença de um jovem que intermediava a seção.

A coleta de textos foi realizada a partir de gravações audiovisuais dos contadores. Atualmente, contamos com pouco mais de quarenta textos, entre narrativas tradicionais, entrevistas e textos procedurais.

Esse material foi transcrito e traduzido pelos pesquisadores indígenas sob nossa supervisão, conforme já comentado anteriormente. A elicitação dos dados para a checagem da concordância de pessoa e número se deu a partir da conjugação dos verbos transitivos, envolvendo as seguintes relações:

#### TESTE PARA CHECAR CONCORDÂNCIA DE PESSOA

1A/2P

1A/3P

2A/1P

2A/3P

1+2A/3P

3A/1P

3A/2P

3A/1+2P

3A/3P

---

<sup>6</sup> Todas as viagens a campo somam um total de 170 dias em área, o que significa um convívio de quase seis meses entre os Ipkeng.

Para a concordância de número, observou-se a oposição entre a realização dos SNs envolvidos, no singular e no plural, como segue abaixo:

A) SUJEITO NO PLURAL E OBJETO NO SINGULAR

B) SUJEITO NO SINGULAR E OBJETO NO PLURAL

A eliciação dos dados para a checagem do comportamento nas alternâncias transitivas se deu a partir de questionários elaborados com base, principalmente, nos trabalhos de Levin (1993); e Franchetto e Santos (2003), a fim de verificar os tipos de alternâncias transitivas possíveis na língua Ikpeng.

As sentenças checadas foram elaboradas em português e oferecidas aos informantes para que estes nos dessem uma tradução das mesmas na língua-alvo (LA). Para a verificação das alternâncias transitivas testamos verbos que imaginávamos ser transitivos (ex: comer, beber, quebrar) e intransitivos de duas naturezas: alguns com sujeitos tipicamente agentes (ex: nadar, pular, correr) e outros com sujeitos tipicamente pacientes (ex: morrer, adoecer, cair), totalizando pouco mais de duzentos e sessenta (260) verbos, que podem ser observados no anexo deste trabalho.

Os testes elaborados procuraram identificar o comportamento morfossintático dos três tipos de verbos acima mencionados (transitivos, intransitivos com sujeito agente e intransitivos com sujeito paciente). Por desconhecermos a valência básica dos verbos na língua-alvo, todos os verbos foram submetidos aos mesmos testes, que podem ser vistos abaixo:

TESTE PARA CHECAR COMPORTAMENTO MORFOSSINTÁTICO DOS VERBOS:

- 1) X comeu/nadou/adoeceu
- 2) Y comeu/nadou/adoeceu X
- 3) Y fez X comer/nadar/morrer (Z)
- 4) X foi comido/nadado/morto (por Y)

Com os exemplos do tipo 1) é possível identificar sentenças intransitivas básicas, e verificar se o verbo transitivo pode ter seu objeto suprimido, tendo um comportamento inergativo; com as sentenças do tipo 2), podemos verificar sentenças transitivas básicas, e verificar se as sentenças intransitivas podem ser transitivizadas; com os exemplos como os em 3), é possível observar se há distinção entre os processos de transitivização e causativização na língua; em 4) pode-se observar se o verbo transitivo pode ter seu sujeito suprimido, apresentando comportamento inacusativo, e testar se há voz passiva na língua. Só a partir dos testes com as alternâncias é que foi possível atribuir aos verbos Ikpeng uma determinada valência básica.

### I.3.2.3. Apresentação dos dados e das seções

Os dados foram numerados neste trabalho de forma contínua, independente do capítulo em que se apresentem. Cada exemplo consta de quatro linhas: a primeira contém a escrita ortográfica do exemplo; na segunda é apresentada a segmentação morfêmica; a terceira registra a glosa de cada morfema ou palavra; e a última apresenta uma tradução livre do exemplo. Eventualmente, será acrescentada uma quinta linha para a tradução literal, quando esta for muito diferente da tradução livre, ou quando for necessário enfatizar alguma nuance de significado. Observe a ilustração abaixo:

Arankulī	nabiot
Ø-ot-anku-lī	nabiot
3-INTR-amassar-PAS.IM	batata
'A batata amassou'	

Os capítulos foram numerados de forma sequencial em algarismos romanos (I, II, III, IV, V). As seções e subseções que os compõem foram enumeradas de forma sequencial e hierárquica, obedecendo sua localização em cada capítulo, ou seja, todas as seções que compõem um dado capítulo iniciam com a numeração que indica o capítulo ao qual pertencem, também em algarismos romanos. O primeiro algarismo arábico indica o número da seção, e os próximos números (quando houver) indicam as subseções a esta subordinadas, como ilustrado abaixo:

<p style="text-align: center;"><b>Capítulo I</b></p> <p>I.1. XXXX</p> <p>I.2. XXXX</p> <p>I.2.1. xxxx</p> <p>I.2.2. xxxx</p> <p style="text-align: center;"><b>Capítulo II</b></p> <p>II.1. XXXX</p> <p>II.1.1. xxxx</p> <p>II.1.1.1. xxxx</p> <p>II.1.1.2. xxxx</p> <p>II.1.2. xxxx</p> <p>II.2. XXXX</p>
--

#### I.3.2.4. Análise dos dados

Epistemologicamente, o conceito de verdade não é dado nas ciências humanas, mas sim construído, a partir de teorias e metodologias – e isso é o que justifica nossa escolha para a epígrafe deste trabalho. Assim, a escolha de determinados autores e

abordagens conduziu este trabalho a construir uma verdade sobre os dados, que pode ser alterada com a modificação da abordagem e dos autores utilizados para elucidar os fatos.

Neste trabalho, os dados foram analisados à luz de abordagens de caráter mais formalistas, como a proposta por Levin (1993), Levin e Hovav (1995) e Hale e Keyser (2002). No entanto, não descartamos possíveis contribuições oferecidas por autores de outras abordagens, que possam nos ajudar a melhor compreender e explicar certos fenômenos encontrados na língua.



## CAPÍTULO II:

### MORFOLOGIA VERBAL IKPENG

#### II.1. Introdução:

Neste capítulo, descreveremos a formação dos verbos na língua Ikpeng. Mostraremos que os verbos podem ser gerados (com o acréscimo de morfologia) tanto a partir de raízes sem categoria gramatical, quando derivados de outras categorias, como nomes e adjetivos. Além de apresentarmos os morfemas verbalizadores, mostraremos também os morfemas envolvidos nos processos de mudança (aumento e diminuição) de valência, bem como no processo de causativização. Faremos também considerações sobre a morfologia flexional de tempo/aspecto, com o objetivo de resolver algumas questões que ficaram em aberto nos trabalhos anteriores sobre a língua. Por fim, mostraremos como se manifestam os sistemas \*t-V-ce e \*t-V-ce-mi do proto-Karib na língua Ikpeng.

#### II.2. Proposta Teórica

De acordo com Beard (2001, p. 2), três principais teorias sobre a derivação surgiram recentemente na literatura linguística: (i) uma que a considera como uma forma de seleção lexical; (ii) outra que a vê como uma operação ou grupo de operações, ou seja, uma morfema derivacional não é considerado um “objeto selecionado”, mas sim um processo de inserção ou reduplicação de afixos; e (iii) outra que a considera como um grupo de relações lexicais paradigmáticas estáticas.

A primeira delas, que adotamos neste trabalho, argumenta em favor de uma “sintaxe da palavra”, afirmando que estas possuem uma estrutura hierárquica interna,

composta por: especificador, núcleo e complemento, semelhante à estrutura das orações. Nesta concepção, os afixos estão em condições de igualdade com os radicais, no que diz respeito ao seu conteúdo fonológico, gramatical e semântico. Por esse motivo, os afixos – assim como os radicais – também podem funcionar como núcleos de uma estrutura.

Nas teorias da sintaxe da palavra, o núcleo (mesmo quando ele é um afixo) é o que determina a categoria gramatical da palavra derivada (LIEBER, 1992; HALE e KEYSER, 2002). Isso é o que será visto no capítulo V, quando falarmos sobre as estruturas argumentais dos verbos Ikpeng, com base no trabalho de Hale e Keyser (2002), que levam em consideração todos os núcleos envolvidos na projeção de um verbo, como: raízes, nomes, adjetivos, verbalizadores, etc.

Neste trabalho, para explicarmos a formação dos verbos Ikpeng, adotaremos a proposta teórica de Hale e Keyser (2002) para quem a formação de um verbo se dá através de relações hierárquicas e estruturais mantidas entre os núcleos e seus argumentos com as estruturas sintáticas projetadas pelos itens nucleares (p.1).

Para esses autores, todos os verbos das línguas naturais são projetados por três estruturas argumentais, a saber: estrutura monádica, estrutura diádica básica e estrutura diádica composta. Cada uma das estruturas mencionadas será retomada no capítulo V, quando fizermos uma proposta de análise para a formação dos tipos verbais presentes na língua Ikpeng. Como já mencionado, o objetivo deste capítulo é o de descrever os itens que podem participar das projeções lexicais verbais Ikpeng, conforme a proposta de Hale e Keyser (2002).

Antes de apresentarmos os dados, é importante mencionar que na proposta de Hale e Keyser (2002) há predição de raízes não categorizadas ( $\sqrt{\quad}$ ), tal como na proposta teórica da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993; Marantz, 1997; Halle, 1997; Harley & Noyer, 1999) que surgiu como proposta alternativa ao lexicalismo de Chomsky (1970). Na proposta lexicalista, a formação das palavras e a formação das sentenças eram vistos como processos distintos. Nesse perspectiva, os vocábulos ficam armazenados no Léxico (de onde saem já com uma categoria gramatical específica) e servem de *input* pra

sintaxe. Esse modelo prevê duas computações distintas: uma para gerar palavras e outra para gerar sentenças.

A proposta da Morfologia Distribuída (MD) é de que a formação das palavras, bem como das sentenças, se dá a partir das mesmas operações sintáticas. Na visão da MD, a sintaxe não opera com palavras extraídas do Léxico e sim com traços abstratos que sofrem operações sintáticas que dão origem a unidades lexicais que, por sua vez, sofrem as mesmas operações para dar origem às sentenças. Ou seja, em princípio, não há entradas lexicais formadas e armazenadas no Léxico.

Nessa proposta teórica, as raízes não são categorizadas, o que acontecerá apenas na derivação, assim, uma dada raiz pode dar origem a palavras de diferentes categorias gramaticais, como: nomes, verbos, adjetivos. Mostraremos na seção seguinte que a proposta da MD referente à existência de raízes não categorizadas pode ser aplicada à língua Ikpeng.

### II.3. Raízes Não-Categorizadas Ikpeng

Grande parte das palavras da língua Ikpeng são formadas a partir de raízes sem categoria gramatical que quando combinadas a uma morfologia específica (verbal, nominal, adjetiva) dá origem a unidades sintáticas. Para exemplificarmos, apresentamos abaixo algumas raízes recebendo diferente morfologia categorizadora que dá origem a palavras de diferentes classes gramaticais na língua aqui estudada:

(25) Formação de Palavras a partir da Raiz  $\sqrt{\text{agin}}$ :

- |              |           |         |
|--------------|-----------|---------|
| a. agin-gem: | ‘doente’  | (nome)  |
| b. agin-te   | ‘adoecer’ | (verbo) |
| c. agin-ke   | ‘curar’   | (verbo) |

(26) Formação de Palavras a partir da Raiz √akp:

- a. akp-o                    ‘água, lagoa’                    (nome)
- b. akp-i                    ‘beber’                    (verbo)
- c. akp-ili                    ‘molhar’                    (verbo)

(27) Formação de Palavras a partir da Raiz √ang:

- a. ang-a                    ‘buraco’                    (nome)
- b. ang-keni                    ‘cavador, fazedor de buraco’ (nome)
- c. ang-e                    ‘cavar, esburacar’                    (verbo)

(28) Formação de Palavras a partir da Raiz √egu:

- a. egu-m                    ‘caldo’                    (nome)
- b. egu-te                    ‘derreter’                    (verbo)

(29) Formação de Palavras a partir da Raiz √emoyn:

- a. emoyn-gpe                    ‘alegre, contente, feliz’                    (adjetivo)
- b. emoyn-i                    ‘alegrar’                    (verbo)

(30) Formação de Palavras a partir da Raiz √eng:

- a. eng-ru                    ‘olho’                    (nome)
- b. en-eng                    ‘ver’                    (verbo)
- c. eng-ki                    ‘dormir’                    (verbo)
- d. eng-ke                    ‘acordar’                    (verbo)
- e. eng-uke                    ‘lembrar’                    (verbo)
- f. eng-po                    ‘cegar, ficar cego’                    (verbo)

(31) Formação de Palavras a partir da Raiz  $\sqrt{\text{epr}}$ :

- a. epr-inu ‘sorriso’ (nome)
- b. epr-um ‘sorrir’ (verbo)

(32) Formação de Palavras a partir da Raiz  $\sqrt{\text{ewrok}}$ :

- a. ewrok-ru ‘flor’ (nome)
- b. ewrok-te ‘florescer’ (verbo)

(33) Formação de Palavras a partir da Raiz  $\sqrt{\text{ming}}$ :

- a. ming-ru ‘sangue’ (nome)
- b. ming-ke ‘sangrar’ (verbo)

(34) Formação de Palavras a partir da Raiz  $\sqrt{\text{myang}}$ :

- a. myang-ru ‘preguiça, indisposição’ (nome)
- b. myang-pop ‘ter/sentir preguiça indisposição’ (verbo)

De acordo com a proposta de Hale e Keyser (2002), as raízes carregam os traços semânticos e fonológicos de um determinado item lexical. Como pode ser observado com os exemplos acima, essa proposta pode ser aplicada às raízes da língua Ikpeng, pois embora não participem de nenhuma categoria gramatical, elas são unidades fonológicas dotadas de traços semânticos, de modo que cada uma delas deriva grupos de palavras com significados relacionados. A categorização dessas raízes (morfemas lexicais), bem como a sua realização fonética, depende da ocorrência de morfemas categorizadores (funcionais) que determinam a sua participação em uma dada classe gramatical.

Proposta semelhante foi apresentada por Santos (2007) para a língua Kuikuro que também pertence ao ramo sul das línguas Karib. Nesse trabalho, Santos descreve, a partir da Morfologia Distribuída, a formação da palavra nominal e verbal em Kuiluro, observando os morfemas lexicais e funcionais que compõem sua estrutura interna, como as Raízes e os categorizadores que formam Nomes e Verbos.

#### II.4. Formação dos Verbos Ikpeng

Os verbos Ikpeng são o resultado da combinação de um categorizador verbal (morfema funcional) com uma raiz sem categoria sintática (morfema lexical - ( $\sqrt{\quad}$ )), ou com um nome (N) ou com um adjetivo (A). Os morfemas usados para formar verbos a partir de raízes sem categoria gramatical são os mesmos encontrados na derivação de verbos a partir de outras categorias gramaticais (como nomes e adjetivos), por isso, os chamaremos genericamente de ‘verbalizadores’ (VBLZ), uma vez que sua função é transformar um item lexical (não-categorizado, nominal, adjetivo) em verbo. Os verbalizadores Ikpeng podem ser fonologicamente realizados ou nulos. Até o presente momento foi possível identificar os seguintes morfemas verbalizadores nessa língua: {-Ø}; {-ge}; {-ke}; {-me}; {-pang}; {-te}; {-tong}; e {-m}.

Ao que pode ser observado não há distribuição desses morfemas quanto à valência verbal, isto é, não há um grupo de morfemas que formem exclusivamente verbos transitivos e outro que forme verbos intransitivos, o que de acordo com a proposta de Hale e Keyser (2002) significa que eles não pertencem a uma única estrutura argumental. Há, porém, morfemas responsáveis pelo aumento ou diminuição da valência de um tema verbal já categorizado, como será visto na seção II.5.

É possível atribuir para alguns verbalizadores alguns traços semânticos, uma vez que alguns deles formam verbos com sentidos relacionados<sup>7</sup>. Por exemplo, o morfema {-pang}, quando agregado a nomes, parece formar verbos que indicam que o argumento (S) intransitivo ou (P) transitivo “ficou com ou adquiriu” o elemento codificado pelo nome. Observe os exemplos abaixo, com suas respectivas paráfrases:

(35.a) *Ekiri-pang*: ‘envelhecer’ (ficar com/ter velhice)  
velho-VBLZ

---

<sup>7</sup> Agradeço ao professor Sérgio Meira que, em comunicação pessoal, chamou minha atenção para esse fato, mostrando-me que análise semelhante era possível para a língua Bakairi também pertencente à família Karib.

- (35.b) Gekeripangli  
 g-ekerī-pang-li  
 1S-velho-VBLZ-PAS.IM  
 ‘Eu envelheci’
- (36.a) *Mreyum-pang*<sup>8</sup>: ‘casar’ (ficar com/ter marido)  
 marido-VBLZ
- (36.b) Kotmreyumpangli  
 k-ot-mreyumpang-li  
 1S-INTR- casar -PAS.IM  
 ‘Eu me casei’
- (37.a) *Ymuyeng-pang*<sup>9</sup>: ‘casar’ (ficar com/ter esposa)  
 esposa-VBLZ
- (37.b) Kotximuyengpangli  
 k-ot-imuyengpang-li  
 1S-INTR-casar-PAS.IM  
 ‘Eu me casei’
- (38.a) *Aray-pang*: ‘emagrecer’ (ficar com/ter magreza)  
 √-VBLZ
- (39.b) g-ar-aypang-li  
 g-ot-aypang-li  
 1S-INTR-emagrecer-PAS.IM  
 ‘Eu emagreci’

---

<sup>8</sup> Fala feminina.

<sup>9</sup> Fala masculina.

(39.a) *Amamin-pang*: ‘ocupar-se, trabalhar’ (ter ocupação/trabalho)  
trabalho-VBLZ

(39.b) Mamamingpangli  
m-amamingpang-li  
2S-trabalhar-PAS.IM  
‘Você trabalhou’

Os exemplos acima são todos de verbos intransitivos, mas como dito antes, os morfemas verbalizadores parecem não formar verbos com uma valência específica. Observe abaixo um verbo transitivo formado a partir de uma raiz não categorizada seguida de {-pang}:

(40.a) *Em-pang*: ‘enfeitar’ (ficar com/ter enfeito)  
√-VBLZ

(40.b) Empangli	petkom	timun
Ø-empang-li	petkom	tĩ-um-n
3A/3P-enfeitar-PAS.IM	mulher	3R-filho-GEN

‘A mulher enfeitou o filho dela’

O morfema {-ke}, que se realiza como {-k} depois de vogal, parece formar verbos que indicam que algo é retirado de alguma coisa ou de alguém, isto é, que algo ou alguém perdeu alguma coisa ou propriedade. Observe os exemplos, com suas respectivas paráfrases.

(41.a) *An-ke*: ‘derramar’ (ficar sem/tirar o que havia dentro)  
√-VBLZ

(41.b) Yankeli ga  
y-anke-li ga  
1A/3P-derramar-PAS.IM água  
‘Eu derramei a água’

(42.a) *At-ke*: ‘defecar’ (ficar sem as fezes)  
fezes-VBLZ

(42.b) Angpi yatkele  
angpi y-atke-li  
criança 3S-defecar-PAS.IM  
‘A criança defecou’

(43.a) *Enan-ke*: ‘vomitar’ (ficar sem o vômito)  
√-VBLZ

(43.b) Korenankeli  
k-ot-enanke-li  
1S-INTR-vomitar-PAS.IM  
‘Eu vomitei’

(44.a) *Engpot-ke*: ‘cegar, ficar cego’ (ficar sem/tirar a visão)  
√-VBLZ

(44.b) Ekeri engru ingpotkeli  
ekeri engru i-engpot-ke-li  
velho olho 3S-cegar-ITER-PAS.IM

‘O velho ficou cego’

Lit.: ‘O olho do homem ficou cego’

- (45.a) *Eret-ke*: ‘nomear, dar nome’ (ficar sem o nome)  
nome-VBLZ
- (45.b) Yeretkelï                      iïwyan  
yeretke-li                              iï-wya-n  
1A/3P-nomear-PAS.IM              1-neta-GEN  
‘Eu nomeei minha neta’              (Retirado da Narrativa *Maruri Murangmong*  
– História de Homens Brancos e Índios)
- (46.a) *Igra-ke*: ‘espremer’              (ficar sem/tirar o caldo, o sumo, o suco)  
√-VBLZ
- (46.b) Yigrakeli                      tariwe  
y-igrake-li                              tariwe  
1A/3P-espremer-pas.im              mandioca  
‘Eu espremi a mandioca’
- (47.a) *Inamïn-ke*: ‘despir’              (ficar sem/tirar a roupa)  
√-VBLZ
- (47.b) Kotxinamïnkeli  
k-ot-inamïnke-li  
1S-INTR-despir-PAS.IM  
‘Eu me despi’
- (48.a) *Ip-ke*: ‘descascar’              (ficar sem/tirar a casca)  
√-VBLZ

- (48.b) Yipkeli            tariwe  
       y-ipke-li        tariwe  
       1A/3P-descascar-PAS.IM    mandioca  
       ‘Eu descasquei a mandioca’
- (49.a) *Ming-ke*: ‘sangrar’                            (ficar sem/tirar o sangue)  
       √-VBLZ
- (49.b) Yemïngkeli                            pow  
       ye-mïngke-li                            pow  
       1A/3P-sangrar-PAS.IM            porco  
       ‘Eu sangrei o porco’
- (50.a) *Mreyum-ke*: ‘separar, divorciar’    (ficar sem marido)  
       marido-VBLZ
- (50.b) Imreyumkeli                            petkom  
       i-mreyumke-li                            petkom  
       3S-separar-pas.im            mulher  
       ‘A mulher se separou’
- (51.a) *Paran-ke*: ‘esvaziar’                            (ficar sem/tirar o que havia dentro)  
       √-VBLZ
- (51.b) Yeparankeli                            taktori  
       ye-paranke-li                            taktori  
       1A/3P-esvaziar-PAS.IM            panela  
       ‘Eu esvaziei a panela’

- (52.a) *Txikte-k*: ‘urinar’ (ficar sem a urina)  
 √-VBLZ
- (52.b) *İ-txitetke-li*  
*ï-txitetke-li*  
 1S-urinar-PAS.IM  
 ‘Eu urinei’
- (53.a) *Alin-ke*: ‘colher’ (ficar sem/tirar o fruto)  
 √-VBLZ
- (53.b) *Yalinkeli petkom tariwe*  
*y-alinke-li petkom tariwe*  
 3A/3P-colher-pas.im mulher mandioca  
 ‘A mulher colheu a mandioca’
- (54.a) *Agin-ke*: ‘curar’ (ficar sem/tirar a doença)  
 √-VBLZ
- (54.b) *Piat aingke-li ugwon agingen*  
*pïat Ø-aingke-li ugwon agingen*  
*pajé 3A/3P-curar-PAS.IM homem doente*  
 ‘O pajé curou o homem doente’

A maioria dos exemplos acima pode ser parafraseada de duas formas. A primeira delas ‘ficar sem X’ seria a leitura possível para a versão intransitiva dos verbos, enquanto que a segunda ‘tirar X’ é a interpretação para a forma transitiva. Alguns casos particulares merecem ser comentados. O exemplo (45) só pode ser entendido a partir do conhecimento de elementos culturais do povo Ikpeng. Como dito no capítulo I, os Ikpeng

passam por um processo de nomeação sucessiva durante a vida. Quando uma criança nasce, ela normalmente recebe o nome de um dos avós que, automaticamente, deixa de ser o dono daquele nome, não podendo mais usá-lo. Nessa lógica, nomear alguém significa, ao mesmo tempo, ficar desprovido do nome que antes lhe pertencia.

O exemplo (49) pode ser usado em duas situações: uma para dizer que uma mulher está menstruada, donde se entende que ela está perdendo sangue (uso intransitivo); e outra quando se mata um animal cortando-lhe o pescoço (uso transitivo).

A palavra em (50), se comparada com a de (36), exemplifica muito bem a nuance de sentido que parece haver com os morfemas verbalizadores em Ikpeng. Ambas são formadas a partir do nome *mreyum* ‘marido’, que quando combinado com um ou outro verbalizador deriva verbos com sentidos bem distintos. Com {-pang} indica a “aquisição” de *mreyum* e com {-ke}, a perda deste. Repetimos abaixo os exemplos (50) e (36) contrastivamente:

(36)	Kotmreyumpangli	uro	(50)	Ïmreyumkeli	uro
	k-ot-mreyum-pang-li	uro		ï-mreyum-ke-li	uro
	1-INTR-marido-VBLZ-PAS.IM	eu		1-marido-VBLZ-PAS.IM	eu
	‘Eu (me) casei’			‘Eu (me) separei’	

Pachêco (1997, p. 64) e Campetela (1997, p. 80) atribuem ao morfema {-ke} a função estativa, isto é, de formar “verbos de estado”. Segundo Pachêco (*idem*), este morfema só forma verbos intransitivos. Mas como dissemos anteriormente, a distribuição dos verbalizadores em Ikpeng parece não levar em conta a valência verbal. Ou seja, todos os verbalizadores encontrados podem formar/derivar verbos transitivos e intransitivos. Os exemplos apresentados em (41, 45, 46, 48, 49, 51, 53 e 54) são transitivos, os demais são intransitivos. Campetela (*idem*) diz que os verbos formados com esse morfema não recebem marcas sufixais. Essa informação não foi confirmada em nossos dados, pois afixos de tempo e número podem ser agregados aos verbos formados com {-ke}, como a qualquer outro verbo. O exemplo (47) mostra o morfema {-li} ‘passado imediato’ ocorrendo após {-

ke}. O exemplo abaixo mostra a ocorrência de sufixos de tempo e número ocorrendo no verbo formado com {-ke}:

- (55) Petkomtowo aragĩngkelĩngmo  
 petkom-towo Ø-ot-agĩngke-li-ngmo  
 mulher-COL 3-INTR-curar-PAS.IM-PL  
 ‘As mulheres se curaram’

É possível que o morfema que os autores estejam se referindo seja um homófono do {-ke} verbalizador, que é um {ke-} formador de adjetivos e não de “verbos de estado”, como sugeriram os autores. A razão para as palavras apresentadas no trabalho de Pachêco (1997) e Campetela (1997) não poderem carregar os morfemas flexionais (prefixos pessoais; os sufixos de tempo, aspecto e modo; e o sufixo de número) é que elas são adjetivas e não verbais. Como os adjetivos não flexionam em pessoa, número ou tempo/aspecto/modo, a palavra adjetiva formada ou não com o morfema {-ke} (adjetivizador) não pode receber essa morfologia flexional, o que ocorre com os verbos.

Tabela 11: Adjetivos

Raiz	ADJZ	Adjetivo	NMLZ	Nome
√o	{-ke}	oke ‘gordo/a’	{-m}	okem ‘o/a gordo/a’
√kara	{-ke}	karake ‘bonito/a’	{-m}	karakem ‘o/a bonito/a’
apre (branco)	{-k}	aprek ‘branco/a’	{-Ø}	apre ‘o/a branco/a’

Voltando aos verbalizadores, outro morfema que parece conter uma informação semântica é {-tong}, que possui o alomorfe {-rong} quando pós-vocálico, forma verbos que descrevem atividades que envolvem as mãos nas suas realizações:

- (56.a) *Ampugup-tong*: ‘pendurar, amarrar’  
 √-VBLZ

(56.b) Awrat yampuguptongli  
 awrat y-ampuguptong-li  
 rede 1A/3P-amarrar-PAS.IM  
 ‘Eu amarrei a rede’

(57.a) *Angkwap-tong*: ‘forrar, proteger a(s) mão(s)’  
 √-VBLZ

(57.b) Angkwaptong txok mïget manumtxi  
 angkwaptong txok m-ïge-t m-anum-txi  
 protejer.mão ONOM 2-fazer-N.PAS 2-carregar-N.PAS

tereng man manungkut wawyan  
 tereng man m-anungku-t w-away-n  
 ? PART 2-arrumar-N.PAS 2-tacho-GEN

‘Proteja/forre sua mão, depois carregue e arrume seu tacho’

(Retirado da narrativa *Puron Miran* ‘História do Sapo’)

(58.a) *Arin-tong*: ‘cozinhar’  
 √-VBLZ

(58.b) Yarintongli wot  
 y-arintong-li wot  
 1A/3P-cozinhar-pas.im peixe  
 ‘Eu cozinhei o peixe’

(59.a) *Enikpo-rong*: ‘tecer’  
 √-VBLZ

(59.b) Yenikporongli      kwapi  
 y-enikporong-li      kwapi  
 1A/3P-tecer-PAS.IM      esteira  
 ‘Eu teci a esteira’

(60.a) *Ep-tong*: ‘semear, plantar’  
 √-VBLZ

(60.b) Yeptongli                      maku              ali  
 y-eptong-li                      maku              ali  
 1A/3P-semear-PAS.IM              algodão              semente  
 ‘Eu plantei as sementes de algodão’

(61.a) *mep-tong*: ‘mirar, apontar a flecha’  
 √-VBLZ

(61.b) Pïrom ge      kometpongli  
 pïrom ge      ko-metpong-li  
 flecha POSP      1A/2P-mirar-PAS.IM  
 ‘Eu mirei com a flecha’

Nos chama a atenção em especial o exemplo (57), pois não se trata de um verbo transitivo (proteger/forrar), cujo objeto pode ser ‘mão’. Mas sim de um verbo intransitivo, cujo sentido parece já conter a noção de ‘mão’ envolvida.

Outro morfema que parece formar verbos com uma semântica específica é o verbalizador {-te} – que se realiza como {-re} depois de vogal. Esse morfema forma verbos que denotam mudança de estado dos argumentos (S) ou (P). Observe os exemplos abaixo:

- (62.a) *Agin-te*: ‘adoecer’ (ficar doente)  
 √-VBLZ
- (62.b) *Aginteli* ugwon  
 Ø-*aginte-li* ugwon  
 3S-adoecer-PAS.IM homem  
 ‘O homem adoeceu’
- (63.a) *Akapak-te*: ‘amarelar, secar’ (ficar amarelo, seco)  
 √-VBLZ
- (63.a) *Akapakteli* aptxim  
 Ø-*akapakte-li* aptxim  
 3S-amarelar-PAS.IM folha  
 ‘A folha amarelou’
- (64.a) *Akolon-te*: ‘afundar’ (ficar afundado)  
 √-VBLZ
- (64.b) *Akolonteli* muy  
 Ø-*akolonte-li* muy  
 3S-afundar-PAS.IM canoa  
 ‘A canoa afundou’
- (65.a) *Ang-te*: ‘cair’ (ficar caído)  
 √-VBLZ
- (65.b) *Gangteli*  
 g-*angte-li*  
 1S-cair-PAS.IM  
 ‘Eu caí’

(66.a) *Apko-re*: ‘rachar, quebrar’ (ficar rachado, quebrado)

√-VBLZ

(66.b) *Yapkoreli wayo*

*y-apkore-li wayo*

1A/3P-quebrar-pas.im cuia

‘Eu quebrei a cuia’

(67.a) *Eginta-re*: ‘estreitar, afinar’ (ficar estreito, fino)

√-VBLZ

(67.b) *Egingtare-li igru*

*Ø-egingtare-li igru*

3S-estreitar-PAS.IM rio

‘O rio estreitou’

(68.a) *Eka-re*: ‘lixar, alisar’ (ficar lixado, fino)

√-VBLZ

(68.b) *Yekareli opo*

*y-ekare-li opo*

1A/3P-lixar-pas.im borduna

‘Eu lixei a borduna’

(69.a) *Elegutku-re*: ‘empalidecer’ (ficar pálido)

√-VBLZ

(69.b) *Elegutkureli angpi*

*Ø-elegutkure-li angpi*

3S-empalidecer-PAS.IM criança

‘A criança empalideceu’

- (70.a) *Ena-re*: ‘entortar’ (ficar torto)  
 $\sqrt{\text{-VBLZ}}$
- (70.b) Yenareli topkak  
y-enare-li topkak  
1A/3P-entortar-pas.im arco  
‘Eu entortei o arco’
- (71.a) *Engoya-re*: ‘entardecer’ (ficar de tarde)  
 $\sqrt{\text{-VBLZ}}$
- (71.b) Engoyareli kawo  
 $\emptyset$ -engoyare-li kawo  
3S-entardecer-PAS.IM dia  
‘O dia entardeceu’
- (72.a) *Enpa-re*: ‘pintar’ (ficar pintado)  
 $\sqrt{\text{-VBLZ}}$
- (72.b) Kinpareli  
ko-enpare-li  
1A/2P-pintar-PAS.IM  
‘Eu pinteí você’
- (73.a) *Eputxik-te*: ‘engrossar’ (ficar grosso)  
 $\sqrt{\text{-VBLZ}}$
- (73.b) Eputxikteli wok  
 $\emptyset$ -eputxikte-li wok  
3S-engrossar-PAS.IM mingau  
‘O mingau engrossou’

- (74.a) *Eranku-re*: ‘suar’ (ficar suado)  
 $\sqrt{\text{-VBLZ}}$
- (74.b) Gerankureli  
g-erankure-li  
1S-suar-PAS.IM  
‘Eu suei’
- (75.a) *Etpo-re*: ‘arrebentar’ (ficar arrebentado)  
 $\sqrt{\text{-VBLZ}}$
- (75.b) Yetporeli maku  
y-etpore-li maku  
1A/3P-arrebentar-pas.im algodão  
‘Eu arrebentei o fio de algodão’
- (76.a) *Ewian-te*: ‘esfriar’ (ficar frio)  
 $\sqrt{\text{-VBLZ}}$
- (76.b) Ewianteli wok  
Ø-ewiante-li wok  
3S-esfriar-PAS.IM mingau  
‘O mingau esfriou’
- (77.a) *Ikĩn-te*: ‘morrer (vegetais)’ (ficar morto)  
 $\sqrt{\text{-VBLZ}}$
- (77.b) Ikĩnteli yay  
Ø-ikĩnte-li yay  
3S-morrer-PAS.IM árvore  
‘A árvore morreu’

(78.a) *Ima-te*: ‘queimar’ (ficar queimado)

√-VBLZ

(78.b) *Yimateli* irwa

y-imate-li irwa

1A/3P-queimar-PAS.IM mato

‘Eu queimei o mato’

(79.a) *Ipalupak-te*: ‘aguar, pôr água em’ (ficar aguado)

√-VBLZ

(79.b) *Yipalupakteli* wok

y-ipalupakteli wok

3S-aguar-PAS.IM mingau

‘O mingau aguou’

(80.a) *Itontipo-re*: ‘enlouquecer’ (ficar louco)

√-VBLZ

(81.b) *Ugwon* itontiporeli

ugwon Ø-itontipore-li

homem 3S-enlouquecer-PAS.IM

‘O homem enlouqueceu’

(82.a) *Mre-re*: ‘engravidar’ (ficar grávida)

√-VBLZ

- (83.b) Īmrereli  
 ĩ-mrere-li  
 1S-engravidar-PAS.IM  
 ‘Eu engravidei’

No exemplo (62), temos a mesma raiz que ocorre em (54) com o verbalizador {-ke}, que forma verbos com a semântica de “retirada” (*aginke* ‘curar’ – ficar sem/tirar a doença de), que agora, associada ao verbalizador {-te} forma um verbo que denota uma mudança de estado do argumento (S) intransitivo ou (P) transitivo. Repetimos abaixo tais exemplos para que fique evidente o contraste entre os verbalizadores:

- (62) Agĩnteli                      ugwon  
 Ø-agĩnte-li                      ugwon  
 3-adoecer-PAS.IM              homem  
 ‘O homem adoeceu’

- (54) Piat    agĩngkelĩ                      ugwon              agĩngen  
 piat    Ø-agĩngke-li                      ugwon              agĩngen  
 pajé    3-curar-PAS.IM                      homem              doente  
 ‘O pajé curou o homem doente’

Pachêco (1997, p. 64) diz que o morfema {-te} “indica processo e forma verbos intransitivos ativos”. Sobre isso, algumas considerações devem ser feitas. Primeiro, os verbos apresentados em (65, 66, 68 e 75) claramente não são verbos com semântica de processo. Segundo, o morfema forma verbos transitivos e intransitivos. Terceiro, o que Pachêco (*idem*) denomina de ‘verbos ativos’ são os intransitivos que carregam os prefixos

da série I; no entanto, como pode ser visto no exemplo abaixo, há verbos formados com {-te} que carregam os prefixos da série II<sup>10</sup>.

- (84) Geramkureli  
g-eramkure-li  
1-suar-PAS.IM  
'Eu suei'

Para os demais morfemas identificados na língua ({-ge}; {-me}; e {-m}) não foi possível atribuir algum significado até o presente momento. Talvez com um maior número de exemplos, consigamos identificar se esses verbalizadores também formam verbos com significado pré-determinado ou não. Exemplificamos abaixo alguns verbos formados com os morfemas mencionados:

VERBOS FORMADOS COM {-ge}:

- (85.a) *Kutpi-ge*: 'embelezar'  
√-VBLZ

- (85.b) Kogutpigeli  
ko-kutpige-li  
1A/2P-embelezar-PAS.IM  
'Eu embelezei você'

- (86.a) *Enpan-ge*: 'vestir'  
√-VBLZ

---

<sup>10</sup> Os prefixos pessoais (transitivos – diretos e inversos – bem como os intransitivos Sa e Sp) serão apresentados no capítulo III desta tese, na seção III.2.1.

- (86.a) Korenpangetkeli  
k-ot-enpange-tke-li  
1S-INTR-vestir-ITER-PAS.IM  
‘Eu me vesti’
- (87.a) *Powu-ge*: ‘enfeitar’  
√-VBLZ
- (87.b) Kopowugeli  
ko-powuge-li  
1A/2P-enfeitar-PAS.IM  
‘Eu enfeitei você’
- (88.a) *Anpi-ge*: ‘acabar, gastar’  
√-VBLZ
- (88.b) Yanpigelī                    aptxim  
y-anpige-li                    aptxim  
1A/3P-gastar-PAS.IM    dinheiro  
‘Eu gastei o dinheiro’
- (89.a) *Ī-ge*: ‘apagar’  
√-VBLZ
- (89.b) Yigelī                    tempano            ukutpot  
y-ige-li                    tempano            ukutpot  
1A/3P-apagar-PAS.IM    pessoa            desenho  
‘Eu apaguei desenho (em forma) de gente’

(90.a) *An-ge*: ‘cavar’

√-VBLZ

(90.b) *Yangelï* yana

*y-ange-li* yana

1A/3P-cavar-PAS.IM buraco

‘Eu cavei o buraco’

(91.a) *Pyepu-ge*: ‘tirar a sobrancelha’

sobrancelha-VBLZ

(91.b) *Kopyepugeli*

*ko-pyepuge-li*

1A/2P-tirar.sobrancelha-PAS.IM

‘Eu tirei a sua sobrancelha’

VERBOS FORMADOS COM {-me}:

(92.a) *Agri-me*: ‘fazer/ter/sentir sede’

√-VBLZ

(93.b) *Eramkum* agrimeli ugwon

*e-ramku-m* Ø-agrime-li ugwon

3-calor-GEN 3A/3P-fazer.sede-PAS.IM homem

‘O calor do homem fez sede nele’

(94.a) *Ano-me*: ‘ajudar’

√-VBLZ

- (94.b) Kwanomeli  
 ko-anome-li  
 1A/2P-ajudar-PAS.IM  
 ‘Eu ajudei você’
- (95.a) *Emuto-me*: ‘esconder’  
 $\sqrt{\text{-VBLZ}}$
- (95.b) Yemutomeli                      aptxim  
 y-emutome-li                      aptxim  
 1A/3P-esconder-PAS.IM          dinheiro  
 ‘Eu escondi o dinheiro’
- (96.a) *Impo-me*: ‘apagar’  
 $\sqrt{\text{-VBLZ}}$
- (96.b) Yimpomeli                      atxi  
 y-impome-li                      atxi  
 1A/3P-apagar-PAS.IM fogo  
 ‘Eu apaguei o fogo’
- (97.a) *İmti-me*: ‘mergulhar’  
 $\sqrt{\text{-VBLZ}}$
- (97.b) Yimtimeli                      angpi  
 y-İmtİme-li                      angpi  
 1A/3P-mergulhar-PAS.IM          criança  
 ‘Eu mergulhei a criança’

(98.a) *Pra-me*: ‘sujar’

√-VBLZ

(98.b) *Yepramelï*                      awrat

*ye-prame-li*                      awrat

1A/3P-sujar-PAS.IM      rede

‘Eu sujei a rede’

(99.a) *Wimtxi-me*: ‘virar, emborcar’

√-VBLZ

(99.b) *Yewimtximelï*                  muy

*ye-wimtxime-li*                  muy

1A/3P-virar-PAS.IM      canoa

‘Eu virei a canoa’

VERBOS FORMADOS COM {-m}:

(100.a) *Aginu-m*: ‘chorar’

choro-VBLZ

(100.b) *Gaginumlï*

*g-aginum-li*

1S-chorar-PAS.IM

‘Eu cjorei’

(101.a) *Lapoytu-m*: ‘bocejar’

bocejo-VBLZ

(101.b)Īlapoytumli

ĭ-lapoytum-li

1S-bocejar-PAS.IM

‘Eu bocejei’

(102.a)Alu-m: ‘pular’

√-VBLZ

(102.b)Galumli

g-alum-li

1S-pular-PAS.IM

‘Eu pulei’

(103.a)Antenu-m: ‘ventar’

vento-VBLZ

(103.b)Antenumli

Ø-antenum-li

3S-ventar-PAS.IM

‘Ventou’

(104.a)Apoylu-m: ‘trabalhar’

√-VBLZ

(104.b)Apoylum-li           ugwon

Ø-apoylum-li           ugwon

3S-trabalhar-PAS.IM   homem

‘O homem trabalhou’

(105.a) *Apronu-m*: ‘tremer’

√-VBLZ

(105.b) *Gapronumli*

g-apronum-li

1S-tremer-PAS.IM

‘Eu tremi’

(106.a) *Emenu-m*: ‘roubar’

√-VBLZ

(106.b) *Aman emenumli*                      aptxim

aman Ø-emenum-li                      aptxim

ladrão 3A/3P-roubar-PAS.IM dinheiro

‘O ladrão roubou o dinheiro’

(107.a) *Epkuytu-m*: ‘doer, arder’

dor-VBLZ

(107.b) *Epkuytumli*                      peri

Ø-epkuytum-li                      peri

3S-doer-PAS.IM                      ferida

‘A ferida doeu’

(108.a) *Epru-m*: ‘sorrir’

√-VBLZ

(108.b) *Geprumli*

g-eprum-li

1S-sorrir-PAS.IM

‘Eu sorri’

(109.a) *Pkonu-m*: ‘gemer’

√-VBLZ

(109.b) *Īpkonumli*

ĭ-pkonum-li

1S-gemer-PAS.IM

‘Eu gemi’

(110.a) *Orem-kanu-m*: ‘cantar’

música-?-VBLZ

(110.b) *Petkom*            *eremkanumli*

petkom            e-eremkanum-li

mulher            3S-cantar-PAS.IM

‘A mulher cantou’

(111.a) *Omo-m*: ‘entrar’

√-VBLZ

(111.b) *Komongli*            *igru*    *gwaktxi*

k-omong-li            igru    gwaktxi

1S-entrar-PAS.IM    rio    POSP

‘Eu entrei no rio’

(112.a) *Ongyeto-m*: ‘sonhar’

√-VBLZ

(112.b) *Gongyetomli*

g-ongyetom-li

1S-sonhar-PAS.IM

‘Eu sonhei’

(113.a) *Mta-ru-m*: ‘falar’

palavra-?-VBLZ

(113.b) *Wimtarumtatkeli*

wĩ-ntarum-lĩ

1+2S-falar-PAS.IM

‘Nós falamos’

Observamos que há uma regularidade na ocorrência da forma fonética /um/. Mas descartamos a possibilidade do morfema ser {-um}, porque os exemplos (100, 101, 103 e 108) nos mostram que o segmento /u/ já estava presente antes da verbalização. Além disso, o exemplo (106, 111 e 112) não contém o fonema vocálico em questão. Por isso, consideramos que o morfema é {-m}.

Os morfemas formadores de verbos são chamados por Hale e Keyser (2002) de ‘verbos leves’ e consistem em um núcleo (V) que, por ser desprovido de carga semântica suficiente para funcionar como um ‘verbo pleno’, necessitam de um complemento que pode ser uma raiz ( $\sqrt{\quad}$ ), um nome (N) ou um adjetivo (A), para a sua projeção lexical.

A seleção de cada tipo de complemento ( $\sqrt{\quad}$ , N, A) traz consequências fundamentais para o tipo de verbo que pode ser formado. Em Ikpeng, quando o núcleo verbalizador ou ‘verbo leve’ seleciona como complemento uma raiz, o resultado pode ser qualquer tipo de verbo já identificado na língua, isto é, um verbo transitivo, um inergativo ou inacusativo; no entanto, quando esse ‘verbo leve’ seleciona um nome como complemento, o resultado é sempre um verbo inergativo; e quando este seleciona um adjetivo, tem-se a formação de um verbo inacusativo. Esse assunto será melhor explorado no capítulo V, quando falarmos da estrutura argumental dos verbos Ikpeng, com base no trabalho de Hale e Keyser (2002). Vejamos abaixo a formação de alguns verbos da língua Ikpeng.

#### II.4.1. Formação de Verbos a partir de Raízes Não-Categorizadas

Conforme mostrado anteriormente, raízes desprovidas de categoria gramatical podem dar origem a palavras de diversas classes na língua Ikpeng, dependendo apenas da morfologia que se agrega a essas raízes. Veremos abaixo exemplos da formação de verbos a partir dessas raízes. Esses verbos possuem a seguinte estrutura: [ $\sqrt{\quad}$  -VBLZ]:

(114.a)  $\sqrt{\text{agu-}\emptyset}$  'comer' TRANSITIVO

(121.b) Agulĩ wot  
     $\emptyset$ -agu-lĩ wot  
    3A/3P-comer-PAS.IM peixe  
    'Ele comeu peixe'

(114.a)  $\sqrt{\text{pra-me}}$  'sujar' TRANSITIVO

(122.b) Yeprmelĩ poyngo  
    Ye-prame-lĩ poyngo  
    1A/3P-sujar-PAS.IM roupa  
    'Eu sujei a roupa'

(115.a)  $\sqrt{\text{atkurin-ke}}$  'girar' TRANSITIVO

(115.b) Yatkuringkelĩ muy  
    y-atkuringkelĩ muy  
    1A/3P-girar-PAS.IM canoa  
    'Eu girei a canoa'

- (116.a)√apko-re ‘quebrar ao meio, rachar’ TRANSITIVO
- (116.b)Yapkoreli taktori  
y-apkore-li taktori  
1A/3P-quebrar-PAS.IM panela  
‘Eu quebrei a panela’
- (117.a)√anpi-ge ‘gastar’ TRANSITIVO
- (117.b)Yanpigeli aptxim  
y-anpige-li aptxim  
1A/3P-gastar-PAS.IM dinheiro  
‘Eu gastei o dinheiro’
- (118.a)√ongyeto-m ‘sonhar’ INERGATIVO
- (118.b)Gongyetomli  
g-ongyetom-li  
1-sonhar-PAS.IM  
‘Eu sonhei’
- (119.a)√txikte-k ‘urinar’ INERGATIVO
- (119.b)İtxikteklİ  
İ-txikteklİ  
1-urinar-PAS.IM  
‘Eu urinei’
- (120.a)√eng-kİ ‘dormir’ INERGATIVO



Os exemplos acima mostram que a combinação de raízes e categorizadores verbais podem dar origem a todos os tipos de verbos atestados na língua Ikpeng: transitivos, inergativos e inacusativos<sup>11</sup>.

#### II.4.2. Formação de Verbos a partir de Nomes

Para Hale e Keyser (2002), os nomes (N) são elementos não predicativos que, exatamente por isso, dão origem a verbos que não participam de alternâncias de aumento de valência, que eles denominam não-alternantes. Este é o caso dos verbos inergativos da língua Ikpeng, como será demonstrado no capítulo V. Veremos abaixo alguns exemplos da derivação de verbos a partir da categoria de nomes. Esses verbos possuem a estrutura: [N-VBLZ].

É importante dizer que aqui estamos diante de um processo de recategorização, uma vez que temos inicialmente raízes não-categorizadas (morfemas lexicais) que recebem uma morfologia categorizadora (morfemas abstratos: funcionais) que pode ser nula ou fonologicamente realizada e que dará origem a nomes que só então receberão novos morfemas abstratos (funcionais) que gerarão verbos a partir das raízes categorizadas como nomes.

(124.a) √aginu-Ø                      ‘choro’  
                 Rz-NMLZ

(124.b) aginu-m                        ‘chorar’  
                 choro-VBLZ

---

<sup>11</sup> Para a distinção entre verbos inergativos e inacusativos ver os capítulos IV e V.

- (124.c) Aginumli  
 Ø-aginum-li  
 ‘Ele chorou’
- (125.a) √muluk-Ø                    ‘catarro’  
 Rz-NMLZ
- (125.b) muluk-te                    ‘tossir’  
 catarro-VBLZ
- (125.c) ĩmulukteli  
 ĩ-mulukte-li  
 1S-tossir-PAS.IM  
 ‘Eu tossi’
- (126.a) √at-Ø                    ‘fezes’  
 Rz-NMLZ
- (126.b) at-ke                    ‘defecar’  
 fezes-VBLZ
- (126.c) Gatketkeli  
 g-atke-tke-li  
 1-defecar-ITER-PAS.IM  
 ‘Eu defequei’
- (127.a) √awi-Ø                    ‘arroto’  
 Rz-NMLZ
- (127.b) awi-ge                    ‘arrotar’  
 arroto-VBLZ

(127.c)Gawigelï

g-awige-li

1S-arrotar-PAS.IM

‘Eu arrotei’

(128.a)√kومتxi-Ø ‘frio’

Rz-NMLZ

(128.b) kومتxi-pang ‘esfriar’

frio-VBLZ

(128.c) Yekومتxipanglï wot

ye-kومتxipang-li wot

3S-esfriar-pas.im mingau

‘O mingau esfriou’

#### II.4.3. Formação de Verbos a partir de Adjetivos

Segundo Hale e Keyser (2002), adjetivos (A) são elementos predicativos que requerem um nome sobre quem predicar. Por essa característica predicativa, dão origem a verbos alternantes, isto é, aqueles que podem sofrer aumento de valência. Isso se aplica aos verbos definidos no capítulo IV, como inacusativos na língua Ikpeng. Veremos abaixo alguns exemplos da derivação de verbos a partir da categoria de adjetivos. Esses verbos possuem a estrutura: [A-VBLZ].

Nesses casos, também nos deparamos com casos de recategorização, pois da mesma forma que os nomes, os adjetivos aqui apresentados, são constituídos de um morfema lexical (raiz) e um morfema abstrato (categorizador), que dão origem a uma

estrutura [ $\sqrt{\text{-ADJTZ}}$ ], que posteriormente receberá a morfologia que os recategorizará como verbos.

(129.a)  $\sqrt{\text{irip-}\emptyset}$  ‘quente’  
Rz-ADJVZ

(129.b)  $\text{irip-}\emptyset$  ‘arder’  
quente-VBLZ

(129.c) Pugu             $\text{iripnopli}$             eperin  
pugu             $\emptyset\text{-irip-nop-li}$             e-peri-n  
remédio            3A/3P-doer-TRAN-PAS.IM            3-ferida-GEN  
‘O remédio fez arder a ferida dele’  
(Lit.: O remédio ardeu a ferida dele)

(130.a)  $\sqrt{\text{araypa-}\emptyset}$  ‘magro’  
Rz-ADJVZ

(130.b)  $\text{araypa-m}$  ‘emagrecer’  
magro-VBLZ

(130.c)  $\text{g-ar-aypang-li}$   
 $\text{g-ot-aypang-li}$   
1S-INTR-emagrecer-PAS.IM  
‘Eu emagreci’

(131.a)  $\sqrt{\text{apre-}\emptyset}$  ‘branco’ (nome)  
branco-ADJVZ

(131.b) apre-k                    ‘branco’ (adjetivo)  
                  branco-ADJVZ

(131.c) aprek-te                ‘embranquecer’  
                  branco-VBLZ

(131.d) Ĩretput                aprekteli  
                  ĩ-retput                aprek-te-li  
                  1-cabelo                branco-VBLZ-PAS.IM  
                  ‘Meu cabelo embranqueceu’

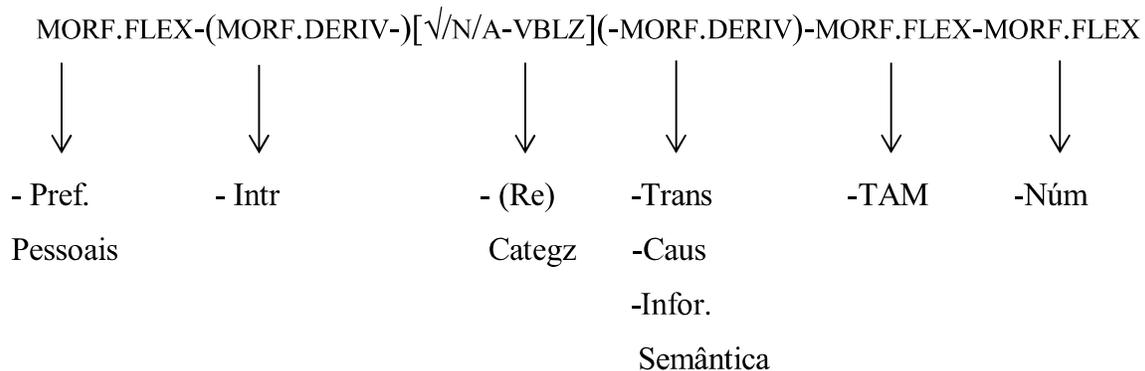
#### II.4.4. O Tema Verbal

A combinação de uma raiz ( $\sqrt{\text{V}}$ ), de um nome (N), ou de um adjetivo (A) aos categorizadores verbais (VBLZ) dá origem a um tema verbal que serve como base para receber outros afixos de caráter derivacional ou flexional.

Os morfemas derivacionais podem adicionar uma informação semântica nova ao verbo; ou mudar a sua valência. Esses morfemas se unem diretamente à base verbal prefixal ou sufixalmente.

Os morfemas flexionais referem-se à pessoa e tempo/aspecto/modo (TAM) e são mais periféricos em relação à base verbal, permitindo a ocorrência de afixos derivacionais entre eles e o verbo.

Os temas verbais [ $\sqrt{\text{V}}$ /N/A+VBLZ] desprovidos de morfologia flexional são ininteligíveis para os falantes nativos da língua Ikpeng. É obrigatória a realização dos prefixos pessoais e/ou dos sufixos TAM. A estrutura morfológica do verbo em Ikpeng pode ser vista abaixo:



## II.5. Valência e Causatividade

No que diz respeito à valência, há em Ikpeng duas categorias de verbos: os transitivos e os intransitivos. Os verbos transitivos são aqueles que exigem a presença de dois argumentos: um em função de sujeito (A) e outro na função de objeto (P); enquanto que os verbos intransitivos exigem a presença de apenas um argumento (S).

Em Ikpeng, um verbo com dois argumentos pode ser naturalmente transitivo, ou transitivizado; da mesma forma que o verbo que expressa apenas um argumento pode ser inerentemente intransitivo, ou intransitivizado. Abaixo, apresentamos os processos de transitivização e intransitivização dos verbos.

### II.5.1. Intransitivização: Reflexivização e Anticausativização

Em Ikpeng, um verbo transitivo pode ser intransitivizado a partir da prefixação do morfema {-ot}<sup>12</sup>, como podemos ver nos exemplos abaixo:

<sup>12</sup> O morfema {-ot-} possui vários alomorfes fonologicamente condicionados que já foram descritos por Pachêco (1997, p. 56; 2001, p. 75-6); e Campetela (1997, p.75). Apresentamos abaixo seus contextos de realização:

/ot/ diante de radicais iniciados por consoantes não seguidas de /a/;

(132.a) Forma Transitiva

Yampukeli            pola  
y-ampuke-li            pola  
1A/3P-estourar-PAS.IM bola  
‘Eu estourei a bola’

(132.b) Forma Intransitivizada

Arampukeli            pola  
Ø-ot-ampuke-li            pola  
3S-INTR-estourar-PAS.IM bola  
‘A bola estourou’

(133.a) Forma Transitiva

Uro yangkuli            panana  
uro y-angku-li            panana  
eu 1A/3P-amassar-PAS.IM banana  
‘Eu amassei a banana’

(133.b) Forma Intransitivizada

Panana arangkuli  
panana Ø-ot-angku-li  
banana 3S-INTR-amassar-PAS.IM  
‘A banana amassou’

(134.a) Forma Transitiva

Angpi    ankelĩ                            ga  
angpi    Ø-anke-li                            ga  
criança 3A/3P-derramar-PAS.IM água  
‘A criança derramou a água’

(134.b) Forma Intransitivizada

Arankeli                            ga  
Ø-ot-anke-li                            ga  
3S-INTR-derramar-PAS.IM água  
‘A água derramou’

É importante mencionar que Pachêco (2001, p. 75), atribui a este morfema o rótulo de *Reflexivo*, porque considera que esse morfema é responsável pelas construções reflexivas na língua, que, segundo ele, podem ser de dois tipos: Ativo-Reflexiva e Médio-Reflexiva. Nas primeiras, o argumento é uma entidade animada, que possui certo grau de volição sobre ação expressa pelo verbo; no segundo caso, a entidade pode ser ou não animada, porém não detém controle sobre o resultado da ação, sendo totalmente afetada por ela, como visto nos exemplos abaixo, retirados de Pachêco (*idem*, p. 173).

---

/at/ diante de radicais iniciados por consoantes seguidas de /a/;

/ar/ diante de radicais iniciados por /a/;

/otf/ diante de radicais iniciados por /i/;

/or/ diante das demais vogais.

(135) Oração Ativo-Reflexiva

Angpi orenengli	em̃it-enenpot	papap
aŋpi Ø-ot-eneŋ-li	em̃it-enenpot	papap
criança 3S- INTR-ver-PAS.IM	espelho	POSP:em

‘A criança **se** viu no espelho’

(136) Oração Médio-Reflexiva

Wayo arapkoreli
wayo Ø-ot-apkore-li
cuia 3S-INTR-quebrar-PAS.IM

‘A cuia **se** quebrou’

Neste trabalho, estamos analisando este morfema simplesmente como um *intransitivizador* uma vez que, em nossa percepção, sua função primeira é retirar uma posição argumental da estrutura do verbo, passando este a ter apenas um argumento sintaticamente realizado.

Acontece que a intransitivização é o recurso que a língua utiliza para a formação de construções com sentido reflexivo (como visto em 135) e anticausativo (Ex: 132, 133, 134, 136), uma vez que o prefixo {-ot} elimina o argumento que corresponde à [Causa Externa] do verbo. A distinção entre as ambas é de caráter puramente semântico.

Entende-se na literatura como orações reflexivas, aquelas em que o elemento envolvido aplica uma ação sobre si mesmo, normalmente sobre o seu próprio corpo. Nesse caso, o argumento (S) do verbo intransitivizado é interpretado como sendo seu sujeito e seu objeto simultaneamente.

As orações anticausativas, são aquelas em que o argumento (S) do verbo intransitivizado só pode ser um elemento afetado por uma causa externa que não está sintaticamente realizada na oração, derivando assim, um verbo com sentido incoativo.

De acordo com essas definições, chamaremos ao que Pachêco (2001) denominou ‘Orações Ativo-Reflexivas’ e ‘Orações Médio-Reflexivas’ de orações Reflexivas e Anticausativas, respectivamente, ambas derivadas pela intransitivização, via morfema {-ot}.

Souza (1993, p. 54-7) apresenta para o Arara dois grupos de morfemas redutores de valência. Segundo a autora, o primeiro grupo, composto pelas formas {od- e ad-} é responsável pela intransitivização de orações afirmativas e aceita a presença de afixos pessoais co-ocorrendo com ele. Observe abaixo os exemplos retirados de Souza (idem, p. 55)

- |   |   |
|---|---|
| <p>(137) n-ad-amburu-tja<br/>3-REF-assar-FUT.IMED<br/>‘Deixa (a carne) se sapear’</p> | <p>(138) kud-od-aãgot-ly<br/>1/2REF-cortar-REC<br/>‘Nós nos cortamos’</p> |
|---|---|

O segundo grupo de morfemas {ond- e and-} ocorre com frases negativas e não aceita a co-ocorrência dos prefixos pessoais no verbo. O argumento do verbo tem que ser realizado por um SN:

- |  |                             |
|--|-----------------------------|
| <p>(139) ond-/and-abot      pyra    ugoro<br/>REF.NEG-segurar      NEG    nós.dois<br/>‘Nós não nos seguramos’</p> | <p>(SOUZA, 1993, p. 56)</p> |
|--|-----------------------------|

Os morfemas intransitivizadores apresentados para a língua Arara podem ser considerados cognatos do intransitivizador Ikpeng {ot-}. Porém, parece que a primeira língua desenvolveu um sistema de oposição entre orações afirmativas e negativas, não existente na língua Ikpeng.

## II.5.2. Transitivização e Causativização

Segundo Levin e Hovav (1995, p. 79), os verbos que participam de alternâncias transitivas – ou seja, que podem ter usos intransitivos e transitivos – quando são transitivizados atribuem uma causa ao verbo intransitivo. Essa transitivização/causativização pode ser ou não marcada morfologicamente, dependendo da língua.

No caso do Ikpeng, observamos que as mudanças de valência são sempre acompanhadas de afixação, tanto para aumentar o número de argumentos expressos pelo verbo, quanto para diminuí-lo, como mostrado na seção anterior.

Pachêco (2001, p. 77) diz ter encontrado na língua Ikpeng os morfemas {-metpo; -mepo;-mpo; -me; nopo; -nop; -op; -po; -tompo}, que indicam causa; porém, o autor diz não conseguir compreender a distribuição dos mesmos, nem se essas formas compreendem mais de um morfema.

De acordo com os testes realizados para checar as alternâncias transitivas na língua Ikpeng, que serão apresentadas no capítulo IV, pudemos identificar as formas {-me(t); -nop; -po}, que podem se combinar e dar origem às seguintes formas fonológicas [nop-po ~ nopo]; e [me(t)-po ~ me(t)po]. As demais formas mencionadas por Pachêco (op. cit.) não foram atestadas em nossos dados.

Observamos que a forma {-nop} é responsável por aumentar a valência dos verbos intransitivos, transitivizando-os, como pode ser observado abaixo:

(140.a)Forma Intransitiva		(140.b)Forma Transitivizada		
Egwamlĩ	muy	Awarepĩ	egwamnopli	muy
egwam-li	muy	Awarepĩ	egwam-nop-li	muy
afundar-PAS.IM	canoa	Awarepĩ	afundar-CAUS-PAS.IM	canoa
‘A canoa afundou’		‘Awarepĩ afundou a canoa’		

(141.a) Forma Intransitiva		(141.b) Forma Transitivizada		
Egıngtare-li	igru	İwı	egıngtarenopli	igru
Ø-egıngtare-li	igru	iwi	Ø-egıngtare- <b>nop</b> -li	igru
3S-estreitair-PAS.IM	rio	pedra	3A/3S-estreitair-CAUS-PAS.IM	rio
‘O rio estreitou’		‘A pedra estreitou o rio’		

Esse morfema transitivizador parece conter o traço semântico [Causa Externa], e por isso, permite, a um verbo prototipicamente intransitivo, a realização de um argumento externo, causativizando-os.

O morfema {-po}, aparentemente, possui a função de introduzir uma semântica causativa, porém sem aumentar a valência dos verbos. Isso se torna muito evidente ao observarmos os verbos transitivos que não podem ter a valência aumentada, mas que podem ser causativizados:

(142a) Forma Transitiva		(142.b) Forma Causativa	
Yankuli	nabiot	Yankupoli	nabiot
y-anku-li	nabiot	y-aku- <b>po</b> -li	nabiot
1A/3P-esmagar-PAS.IM	batata	1A/3P-esmagar-CAUS-PAS.IM	batata
‘Eu esmaguei a batata’		‘Eu fiz/deixei a batata esmagar’	

(143.a) Forma Transitiva		(143.b) Forma Causativa	
Yanpuli	poyngo	Yanpupoli	poyngo
y-anpu-li	poyngo	y-anpu- <b>po</b> -li	poyngo
1A/3P-rasgar-PAS.IM	roupa	1A/3P-rasgar-CAUS-PAS.IM	roupa
‘Eu rasguei a roupa’		‘Eu fiz/deixei a roupa rasgar’	

A forma {po-} também pode ocorrer com verbos intransitivos, como visto abaixo, porém sem aumentar a sua valência. Para compreender melhor a função desse morfema nos verbos intransitivos, ver a discussão sobre transitivização e causativização apresentada no capítulo IV, seção IV.3.3. Ilustramos abaixo alguns exemplos de sua ocorrência com verbos monoargumentais:

(144.a) Variante Intransitiva

Komomli  
K-omom-li  
1Sa-entrar-PAS.IM  
'Eu entrei'

(144.b) Variante Transitiva

Kwomompli  
Kw-omom-po-li  
1A/2P-entrar-caus-PAS.IM  
'Eu fiz/mandei você entrar'

(145.a) Variante Intransitiva

Gaginumli  
g-aginum-li  
1Sp-chorar-PAS.IM  
'Eu chorei'

(145.b) Variante Transitiva

Kwaginumpli  
ko-aginum-po-li  
1A/2P-chorar-CAUS-PAS.IM  
'Eu fiz você chorar'

Até o presente momento, não foi possível compreender o comportamento e distribuição do morfema {-me(t)}. Testes futuros poderão elucidar a sua função nos verbos. Observe abaixo exemplos de sua ocorrência:

(146.a) Variante Intransitiva

Engruli                   muy  
Ø-engru-li               muy  
3Sa-boiar-PAS.IM       canoa  
'A canoa boiou'

(146.b) Variante Transitiva

Yengrumeli               muy  
y-engru-me-li           muy  
1A/3P-boiar-CAUS-PAS.IM   canoa  
'Eu fiz a canoa boiar'  
(Lit.: 'Eu boiei a canoa')

(147.a) Variante Intransitiva

Impoli                      atxi  
i-mpoli                     atxi  
3Sp-apagar-PAS.IM      fogo  
'O fogo apagou'

(147.b) Variante Transitiva

Yimpomeli                      atxi  
yimpo-me-li                     atxi  
1A/3P-apagar-CAUS-PAS.IM      fogo  
'Eu apaguei o fogo'

(148.a) Variante Intransitiva

Yapkoreli                      taktori  
y-apkore-li                     taktori  
3/3-quebrar-PAS.IM          panela  
'Eu quebrei a panela'

(148.b) Variante Transitiva

Mapkometpoli                      taktori  
m-apko-met-po-li                     taktori  
2A/3P-quebrar-CAUS-CAUS-PAS.IM      panela  
'Você me fez quebrar a panela'

(149.a) Variante Intransitiva

Yawmli  
y-awm-li  
3Sp-viajar-PAS.IM  
'Ele viajou'

(149.b) Variante Transitiva

Yawmepoli  
y-awm-me-po-li  
1A/3P-viajar-CAUS-CAUS-PAS.IM  
'Eu o fiz viajar'  
'Eu o levei para viajar'

Os exemplo (146 e 147) mostram a ocorrência de {-me(t)} com verbos intransitivos, onde sua função parece ser transitivizar esses verbos, ou seja, atribuir a eles uma causa externa. No entanto, o exemplo (148) mostra {-me(t)} ocorrendo com um verbo transitivo, isto é, um verbo que já possui uma causa externa, donde se pode deduzir que ele esteja causativizando-o, uma vez que o verbo já é transitivo. Observe que nesse caso, ele co-ocorre com o morfema causativo {-po}, o mesmo que acontece no exemplo (149), mas nesse caso para causativizar um verbo intransitivo.

Embora haja casos em que {-me(t)} e {-po} ocorram de forma independente, como mostrado nos exemplos (144, 145, 146 e 147), há alguns casos em que eles parecem

ter formado uma unidade, não podendo ser analisados separadamente, que é o que parece ocorrer nos exemplos (148 e 149). Em todo caso, como dito anteriormente, não conseguimos ainda compreender a função/distribuição do morfema {-me(t)} sozinho ou conjugado com {-po}, {-me(t)po}. Futuras pesquisas poderão contribuir para esclarecer os usos das duas formas.

Foi proposto também para o Arara – por Souza (1993) – uma distinção entre transitivização e causativização, com algumas semelhanças e diferenças em relação ao que foi proposto neste trabalho para a língua Ikpeng.

Souza (op. cit., p. 50) diz haver três morfemas causativos para a língua Arara: {-nop/-nob}, {-metpop/-metpob} e {-p/-b}. O primeiro ocorre exclusivamente com verbos intransitivos (150); o segundo ocorre com verbos transitivos (151) e com intransitivos depois de terem sido causativizados (152); e o terceiro pode ocorrer com ambos (153 e 154). Observe os exemplos abaixo:

(150) k-Ø-iraḡ-nob-yly  
1-2-assustar-CAUS.REC  
'Eu te assustei' (SOUZA, op. cit, p. 50)

(151) Ø-anme-metpob-yly  
3-jogar-CAUS-REC  
'Eu o fiz jogá-lo' (SOUZA, op. cit, p. 51)

(152) eraḡ-no-metpop-ta  
assustar-CAUS-CAUS-DESL  
'Mande-o espantá-lo (lá)' (SOUZA, op. cit, p. 51)

(153) y-poḡnu-b-yly  
1-chorar-caus-rec  
'Ele me fez chorar' (SOUZA, op. cit, p. 51)

(154) m-Ø-ereḡmy-p-tana

2-3-bater-caus-desl

‘Vou (lá) fazer ele matar’

(SOUZA, op. cit, p. 52)

Observando outros exemplos presentes no trabalho de Souza (op. cit.), verificamos que apesar da autora analisar todos os morfemas acima como causativos, eles parecem ter a mesma distribuição/função dos seus cognatos Ikpeng. Ou seja, o morfema {-nop/-nob} Arara parece ser um transitivizador, tal como postulamos para o morfema {-nop} Ikpeng; o morfema {-p/-b} Arara, que ocorre com verbos transitivos e intransitivos, parece introduzir uma construção causativa, assim como a forma {-po} Ikpeng, ocorrendo inclusive como os mesmos verbos. Quanto à forma {-metpop/-metpob}, preferimos não fazer nenhuma comparação por ora, dado que ainda não possível identificar a distribuição/função do morfema {-met} em Ikpeng, como mencionamos anteriormente. Apresentamos abaixo, um quadro comparativo entre os usos dos morfemas cognatos em Ikpeng e Arara. Não segmentamos os morfemas para que o leitor pudesse observar melhor a semelhança entre ambas as formas nas duas línguas. Mas para diferenciar os temas verbais dos demais afixos e dos morfemas que estamos analisando nesta seção, colocamos os verbos em *itálico* e os morfemas causativos/transitivos em **negrito**:

Tabela 12: Morfemas Causativos e Transitivizadores em Arara e Ikpeng

Arara	Ikpeng
<i>kiraḡ<b>nobyly</b></i> ‘Eu te assustei’	<i>Kirang<b>nopli</b></i> ‘Eu te assustei’
<i>ieguam<b>nobyly</b></i> ‘Eu o fiz sentar’	<i>yegwam<b>nopli</b></i> <sup>13</sup> ‘Eu o afundei’

<sup>13</sup> Observe que a tradução desses verbos difere em ambas as línguas. No entanto, é possível identificar uma nuance de significado comum, pois fazer alguém sentar ou fazer algo afundar sugere uma ideia de um movimento ou a aplicação de uma força para baixo. A palavra sentar em Ikpeng é *imtong*.

É importante mencionar que os usos do morfema {-metpo} quase não coincidem nas duas línguas, a julgar pelos exemplos apresentados por Souza (1993). Isto é, dentre os quatro verbos Arara que aparecem no trabalho de Souza com esse morfema, há apenas uma coincidência de uso desse morfema nas duas línguas que é com o verbo ‘comer’. Nos demais exemplos, quando aparece em Arara o morfema em questão, temos em Ikpeng sempre a realização do morfema {-po}. Hipotetizamos no início desta seção que a forma {-metpo} poderia ser a junção dos morfemas {-met} e {-po}, dado que temos a ocorrência de ambos separadamente. Como não compreendemos ainda a função do primeiro, não conseguimos igualmente fazer uma análise do significado/função do suposto agrupamento desses morfemas.

Embora em muitas situações esses morfemas ainda possam ser segmentáveis, em outras, as formas fonológicas /nopo/ e /metpo/ parecem ter dado origem a uma unidade morfológica que se estabeleceu historicamente em Ikpeng por razões ainda desconhecidas<sup>14</sup>.

Observando atentamente os dados Ikpeng, pudemos perceber que a forma {-metpo} parece concorrer com {-po}, isto é, ele causativiza o verbo. Como dissemos anteriormente, quase todas as vezes em que na língua Arara aparece a forma {-metpo}, tem-se em Ikpeng a forma {-po}, o que significa que elas podem realmente ter sentido/função equivalente. Todavia, não conseguimos explicar a ocorrência de {-met} sozinho em Ikpeng e este fato não é relatado na língua Arara.

Apresentamos abaixo um quadro comparativo dos verbos Arara que aparecem com {-metpo(p)} no trabalho de Souza (1993) e seus correspondentes em Ikpeng.

---

<sup>14</sup> Conversa pessoal com Sérgio Meira.

Tabela 13: Morfema {-metpo(p)} Arara e uso correspondente em Ikpeng

Arara	Ikpeng
<i>ieḡam<b>etpopt</b>ana</i> 'Eu vou (lá) fazer ele comer'	<i>yang<b>metpoli</b> wot</i> 'Eu o fiz comer o peixe'
<i>Eneḡ<b>metpop</b>ko</i> 'Mostre a ele'	<i>eneng<b>pok</b></i> 'Faça-o ver/Mostre a ele'
<i>an<b>metpoby</b>ly</i> 'Eu o fiz derrubá-lo'	<i>an<b>metpoli</b></i> 'Eu o fiz jogá-lo'
<i>inwo<b>metpopt</b>ana Momuru wo</i> 'Eu vou (lá) mandar o Momuro matá-lo'	<i>inwo<b>metpoli</b> otomo</i> 'Eu o fiz matar a anta'

Como já mencionado, Souza (1993) faz distinção entre causativização e transitivização na língua Arara. No entanto, apesar de termos apontado semelhanças entre os usos do morfema transitivo {-nop} Ikpeng com {-nop/-nob} Arara e do causativo {-po} Ikpeng com {-p} Arara, a autora atribui a todos os morfemas Arara (incluindo {-metpop/-metpob}) a função causativa.

De acordo com a autora, o processo de transitivização em Arara é feito através dos prefixos {b-} e {eḡ-}, que segundo ela parecem “ser apenas vestígio de um prefixo antigo, agora lexicalizado” (SOUZA, op. cit. p. 53). A autora diz que tais prefixos ocorrem apenas com três verbos apresentados abaixo, retirados do trabalho da autora:

(155.a) i-abad-yly

1-passar-REC

'Eu passei'

(155.b) in-b-abad-yly

1-TR-passar-REC

'Eu o passei'

(156.a) y-bage-ly	(156.b) y-eẽ-bage-b-yly
1-acordar-REC	1-TR-acordar-CAUS-REC
‘Eu acordei’	‘Eu o acordei’
(157.a) i-gakte-ly	(157.b) eẽ-gakte-ne-k
3-sair-REC	TR-sair-?-IMP
‘Ele saiu’	‘Leve-o para fora’

Nenhum prefixo cognato a essas formas é encontrado em Ikpeng, que só permite dois grupos de morfemas na posição anterior à raiz (prefixos pessoais e intransitivizador). O fato do aumento de valência com esses prefixos ocorrer em apenas três verbos da língua Arara nos deixa em dúvida sobre sua real função, pois como dito anteriormente, o morfema {-nop/-nob} parece possuir a mesma distribuição que o transitivizador Ikpeng {-nop}, o que nos leva a pensar que ele tenha a mesma função na língua Arara. Um ponto a ser observado é que no exemplo (156.b) aparece o morfema causativo {-b} que pode ser o responsável por permitir a realização de uma [CAUSA EXTERNA] com o verbo *bage* ‘acordar’. No exemplo (157.b) há um morfema com uma função não identificada pela autora na mesma posição em que ocorrem os causativos. Os processos de causativização e transitivização na língua Arara precisam ser revisados para esclarecer melhor a sua marcação morfológica e possibilitar um estudo comparativo mais acurado com outras línguas da família linguística Karib.

## II.6. Tempo, Aspecto e Modo

Nesta seção, não pretendemos fazer uma descrição exaustiva dos morfemas que codificam as noções tempo/aspecto/modo, mas sim solucionar alguns problemas que ficaram pendentes nas análises anteriormente propostas para a língua Ikpeng, tais como:

confirmar os morfemas que se relacionam ao tempo na língua e quais nuances semânticas eles codificam; verificar se o morfema {-tke} marca o aspecto iterativo ou a pluralização do objeto; e fazer algumas considerações sobre as construções *t-V-t(e)* e *t-V-t(e)-m*.

A elicitación dos dados confirmam a hipótese de Pachêco (1997, 2001) e Campetela (1997) de que há apenas dois tempos na língua: passado e não-passado. Este último compreende, simultaneamente, as noções de presente e futuro, cuja distinção parece não ser relevante para essa língua. Por outro lado, o tempo passado se subdivide em várias “nuances”, que correspondem a diferentes momentos de realização de uma ação em relação ao ato de fala. Nas seções abaixo mostraremos os usos de cada um dos morfemas encontrados em nossos testes.

#### II.6.1. Tempo Não-Passado

Como mencionado acima, a língua Ikpeng não faz oposição entre as noções de presente (algo que acontece simultaneamente ao momento de fala) e futuro (algo que acontece posteriormente ao ato de fala), mas sim entre os eventos que aconteceram anteriormente ao ato de fala e os demais. Por isso, consideramos apropriadas as nomenclaturas de Passado e Não-Passado atribuídas por Pachêco (1997, 2001) e Campetela (1997).

O morfema que codifica o tempo não-passado apresenta quatro alomorfes: {-**txi**}, que se realiza quando ambos os argumentos do verbo estão no singular, depois de radicais terminados por consoantes; {-**t**} ocorre com os argumentos verbais no singular se o tema verbal terminar em vogal; {-**tīt**}, que ocorre quando um dos argumentos do verbo está no plural e o tema verbal é c-final; realiza-se como {-**rīt**} se o tema verbal terminar em vogal. Os exemplos abaixo ilustram a realização de cada um desses morfemas.

- (158) Ugun aktxi wot  
 ugun Ø-ak-**txi** wot  
 ele 3-comer-N.PAS peixe  
 ‘Ele come(rá) peixe’
- (159) Omro mwot otomo  
 omro m-wo-**t** otomo  
 você 2-matar-N.PAS anta  
 ‘Você mata(rá) anta’
- (160) Ugyam aktit wot  
 ugyam Ø-ak-**tit** wot  
 eles 3-comer-N.PAS peixe  
 ‘Eles comem/comerão peixe’
- (161) Omrongmo mworit otomo  
 Omro-ngmo m-wo-**rit** otomo  
 você-PL 2-matar-N.PAS anta  
 ‘Vocês matam/matarão anta’

## II.6.2. Tempo Passado

Tanto Pachêco (2001), quanto Campetela (1997) dividiram o tempo passado em três subcategorias que correspondem a momentos distintos de realização dos eventos em relação ao ato de fala.

Pachêco (*idem*) dividiu o tempo passado em: Passado Recente, Passado Remoto e Passado Distante. Enquanto que Campetela (*idem*) o dividiu em: Passado Imediato, Passado Recente e Passado Remoto.

A discordância entre os autores não consiste apenas no rótulo que cada um deles atribuiu às nuances de passado encontradas na língua; mas também ao período compreendido por cada uma delas; e também em relação aos afixos utilizados para marcar cada uma dessas subclasses. Campetela (idem) acrescenta ainda que a realização de certos afixos está relacionada também ao fato do evento descrito ter sido ou não presenciado pelo falante.

Apresentamos abaixo uma tabela que resume as percepções de ambos os autores sobre a marcação de tempo passado na língua Ikpeng:

Tabela 14: Tempo Passado

MORFEMAS	CAMPETELA (1997)	PACHÊCO (2001)
-li	PAS. IMEDIATO: refere-se ao momento imediatamente anterior ao ato de fala, <b>presenciado pelo falante.</b>	PAS. RECENTE: refere-se ao momento imediatamente anterior ao ato de fala, <b>indicando aspecto completo.</b>
-lan	PAS. IMEDIATO: refere-se ao momento imediatamente anterior ao ato de fala, <b>não presenciado pelo falante.</b>	PAS. RECENTE: refere-se ao momento imediatamente anterior ao ato de fala, <b>indicando aspecto continuativo.</b>
-tan (~kan)	PAS. RECENTE: refere-se ao momento distante a dois dias ou poucos anos antes do momento de fala.	—
-tangte	PAS. REMOTO: refere-se a eventos feitos pelos antepassados em momentos longínquos sobre os quais se ouviu falar, mas que não foram presenciados.	PAS. REMOTO: refere-se a um momento anterior ao ato de fala, porém não tão distante deste, como propõe Campetela (1997).
-mi	—	PAS. DISTANTE: parece corresponder ao período que Campetela (idem) chama de REMOTO. Porém, o autor não exemplifica o uso deste morfema.

Nos testes que aplicamos, identificamos somente dois grupos de morfemas que se relacionam ao que chamaremos neste trabalho de: Passado Imediato e Passado Não-Imediato. Veremos abaixo os morfemas que marcam essas diferenças temporais.

#### II.6.2.1. Passado Imediato

Estamos chamando neste trabalho de passado imediato a um evento ocorrido imediatamente antes do ato de fala ou no máximo há algumas horas antes deste. Os morfemas usados para marcar esse tempo são {-li} e {-lan}.

Após a aplicação de vários testes e a observação desses morfemas nas narrativas transcritas e traduzidas durante o projeto de documentação da língua Ikpeng, pudemos concluir que a principal distinção entre eles é o seu uso para marcar a distinção entre discurso direto e indireto.

Observamos que nas narrativas, o primeiro é recorrente na fala dos personagens, enquanto que o último aparece exclusivamente na fala do narrador, donde concluímos que o morfema {-li} é usado nos discursos diretos e {-lan} nos indiretos. Observe alguns exemplos abaixo:

(162)

- “Ate! Witimamli. Imomitkek ugyamlogon”. Imomilan.  
 ate Ø-witimam-**li** imomi-tke-k ugyamlogon Ø-imomi-**lan**  
 CONV 3-escurecer-PAS.IM embrulhar-ITER-IMPER eles 3-embrulhar-PAS.IM
- “Vamos! Escureceu. Embrulhe os”. Ela embrulhou.

(Retirado da narrativa: *Puron Miran* – História do Sapo)

(163)

- “Ara, omro eto? Kutke igeli”. Kelan empreyum engna.  
ara omro eto kutke i-ke-li Ø-ke-lan e-mpreyu-m e-ngna  
INTER você PART ??? 1-dizer-PAS.IM 3-dizer-PAS.IM 3-marido-GEN 3-POSP
- “O que houve com você? Eu disse para não fazer isso”. Disse o marido a ela.

(Retirado da narrativa: *Okoloy Miran* – História do Mel)

Observe que em ambos os exemplos os verbos que fazem parte da fala dos personagens (*witimam* ‘escurecer’, no exemplo 173; e *ke* ‘dizer’, no exemplo 174) carregam o sufixo {-li}. Nos verbos que fazem parte da fala do narrador (*imomi* ‘embrulhar’ (em 173) e *ke* ‘dizer’ (em 174)) aparece o sufixo {-lan}. Perceba que no exemplo (174) o mesmo verbo carrega sufixos diferentes quando pertence a frases em discurso direto e indireto. Essa distribuição foi ampla e regularmente encontrada em todas as narrativas consultadas e pôde ser confirmada na elicitación.

Essa oposição é encontrada não apenas nas narrativas tradicionais, mas ao que parece em vários gêneros textuais encontrados na língua Ikpeng (conversas, relatos, avisos, etc). Isso explica o porquê de em frases cuja única distinção é o uso de um ou outro afixo, os falantes responderem que com {-li} “estavam dizendo” e com {-lan} “estavam contando”, como nos pares abaixo:

- (164.a) Gwerem twoli otomo  
gwerem t-wo-li otomo  
cacique 3-matar-PAS.IM anta  
‘O cacique matou anta’ (Julgamento do falante: “Esse eu estou dizendo”)

- (164.b) Gwerem twolan otomo  
 gwerem t-wo-**lan** otomo  
 cacique 3-matar-PAS.IM anta  
 ‘O cacique matou anta’ (Julgamento do falante: “Esse eu estou contando”)

Apesar de essa parecer ser a distinção mais comum para o uso desses morfemas, {-lan} parece ser utilizado também para marcar foco contrastivo, como pode ser observado abaixo:

- (165) Papru aguli itereku. Oreme agulan wot  
 Papru agu-**li** itereku. Oreme agu-**lan** wot  
 Papru comer-PAS.IM galinha Oreme comer-pas.im peixe  
 ‘Papru comeu galinha. (Foi) Oreme (quem) comeu o peixe’

- (166) Kay twolan otomo, Amtenu pepra  
 Kay t-wo-**lan** otomo. Amtenu pepra  
 Kay 3-matar-PAS.IM anta Amtenu NEG  
 ‘Foi Kay que manteve a anta, não Amtenu’

#### II.6.2.2. Passado Não-Imediato

Dois morfemas foram encontrados para codificar noções de tempo referentes a eventos que ocorreram em momentos mais anteriores ao ato de fala do que os descritos na seção anterior. Porém, preferimos não fazer uma distinção tão categórica entre eles porque, ao que percebemos, um deles {-tangte} – que possui um alomorfe {-tangntom} para o plural e foi descrito por Pachêco (1997, 2001) e Campetela (1997) com grande variação em relação ao período a que se refere – aparentemente está caindo em desuso na fala dos mais jovens e encontra-se em variação livre com o morfema {-mi}, identificado apenas por

Pachêco (idem) que relata referir-se a um período de tempo bem distante do ato de fala. Esse morfema possui três alomorfes: {-**mĩ**} que se realiza com temas verbais c-finais; {-**umĩ**}, que ocorre com temas v-finais; e {-**tomĩ**}, que ocorre se o sujeito estiver no plural.

Em nossos testes, verificamos que ambos os morfemas podem ser usados tanto para se referir a um evento que aconteceu há um ou dois dias antes do evento narrado, quanto a um evento que aconteceu há muitos anos antes. Por isso, preferimos não fazer uma oposição entre eles, mas sim entre estes e {-**li/-lan**} que parecem ter usos bem distintos. Os exemplos abaixo ilustram os usos desses morfemas:

(167) Munpok      agumĩ                      wot  
 munpok      Ø-ak-**umĩ**                      wot  
 ontem      3-comer-PAS.N-IM      peixe  
 ‘Ele comeu peixe ontem’

(168) Munpok      aktangte                      wot  
 munpok      Ø-ak-**tangte**                      wot  
 ontem      3-comer-PAS.N-IM      peixe  
 ‘Ele comeu peixe ontem’

(169) Munpok      aktomĩ                      wot  
 munpok      Ø-ak-**tomĩ**                      wot  
 ontem      3-comer-PAS.N-IM      peixe  
 ‘Eles comeram peixe ontem’

(170) Munpok      aktangtom                      wot  
 munpok      Ø-ak-**tangtom**                      wot  
 ontem      3-comer-PAS.N-IM      peixe  
 ‘Eles comeram peixe ontem’

- (171) Txikapnole agumĩ wot  
 txikapnole Ø-ak-**umĩ** wot  
 infância 3-comer-PAS.N-IM peixe  
 ‘Ele comeu peixe na infância’
- (172) Txikapnole aktangte wot  
 txikapnole Ø-ak-**tangte** wot  
 infância 3-comer-PAS.N-IM peixe  
 ‘Ele comeu peixe na infância’
- (173) Txikapnole aktangtom wot  
 txikapnole Ø-ak-**tangtom** wot  
 infância 3-comer-PAS.N-IM peixe  
 ‘Eles comeram peixe na infância’
- (174) Txikapnole aktomĩ wot  
 txikapnole Ø-ak-**tomĩ** wot  
 infância 3-comer-PAS.N-IM peixe  
 ‘Eles comeram peixe na infância’

Os exemplos (167, 168, 169 e 170) mostram o uso dos morfemas {-tangte/tangtom} e {-(u)mĩ/-tomĩ} referindo-se a um tempo não tão distante do ato de fala quanto os apresentados em (171, 172, 173 e 174), que apresentam uma distância maior. Todos os exemplos ilustram os morfemas apresentados variando livremente.

### II.6.3. Morfema {-tke}: pluralização do objeto ou da ação?

O morfema {-tke} já havia sido descrito por Pachêco (1997; 2001) e Campetela (1997); no entanto, há discordância entre os autores quanto à função do mesmo. Pachêco (1997, p. 60; 2001, p. 79) atribuiu a ele a função de iteratividade, enquanto que Campetela (1997, p. 84) o classifica como um morfema que marca a pluralização do objeto.

Na observação de nossos dados, pudemos confirmar a hipótese levantada por Pachêco (idem), de que esse morfema possui a função iterativa, uma vez que ele demonstra a pluralização do evento descrito e não a do objeto, como indicam os exemplos:

(175) Yengutkelingmo

y-engu-**tke**-li-ngmo

1A/3P-brigar-ITER-PAS.IM-PL

‘Eu briguei com eles’

(176) Angpi            amoketkeli            akari

angpi            Ø-amoke-**tke**-li            akari

criança3-bater-ITER-PAS.IM            cachorro

‘O menino bateu no cachorro’

(177) Atyakpumutkeli            ong muk

Ø-ot-yakpumu-**tke**-li            ong muk

3S-INTR-quebrar-ITER-PAS.IM            panela.de.barro

‘A panela de barro quebrou (em vários pedaços)’

- (178) Īnarut amitkeli                      ampirak engru pok                      eptxin pok  
 ĩ-narut Ø-ami-tke-li                      ampirak engru wok                      eptxin pok  
 1-irmã 3-picar-ITER-PAS.IM mosquito olho POSP:em perna POSP:em  
 ‘O mosquito picou minha irmã no olho e na perna’

(Pachêco, 2001)

A hipótese de que esse morfema servia para pluralizar o objeto pode ter se dado, provavelmente, a partir de exemplos onde o objeto encontrava-se no plural (como em 175), e nesses casos, o verbo deve ser marcado com o aspecto iterativo, indicando que se há mais de um objeto, a ação ocorreu mais de uma vez. A prova de que esse morfema pluraliza a ação e não o objeto pode ser vista nos demais exemplos, onde o objeto está no singular. Em (176) a interpretação é de que ‘o menino’ bateu várias vezes no cachorro e não que ele bateu em vários cachorros; enquanto que (177) indica que a panela de barro se quebrou em várias partes, mas não que várias panelas se quebraram. O exemplo (178) deixa muito clara a pluralização da ação, pois para o mosquito picar uma pessoa em dois lugares, ele precisar picar mais de uma vez, além disso, nesse exemplo o objeto do verbo é *īnarut* ‘minha irmã’ e não *engru* ‘olho’ e *eptxin* ‘perna’.

#### II.6.4. Resquícios dos Sistemas \*t-V-ce e \*t-V-ce-mĩ Karib na Língua Ikpeng: o particípio e sua nominalização

Gidea (1998) reconstruiu para o proto-Karib a estrutura \*t-V-ce, que segundo ele é o ponto de partida para vários processos de gramaticalização que culminaram nos modernos sistemas ergativos de algumas línguas Karib.

Para o autor, a construção original era simplesmente um particípio estativo (ex: ‘(a) janela (está) quebrada’), que passou a ser usado para descrever uma mudança de estado, tornando-se um particípio agentivo (ex: ‘a janela foi quebrada’), que foi posteriormente interpretado como uma passiva sem agente (estágio I).

A interpretação de passiva implica um agente nocional, ou seja, semanticamente inferível, o que torna a construção semanticamente transitiva. Uma vez que isso ocorre, um obliquo com a função A(gente) passa a ser uma opção de uso, formando uma passiva com um agente (ex: ‘a janela foi quebrada, pelo João’), que é o estágio II.

Quando o A(gente) passa a ser tão frequente que se torna obrigatório, tem-se o estágio III, que é a voz inversa. No estágio seguinte (IV), há um alinhamento entre a estrutura semântica e a sintática, ou seja, ambas tornam-se transitivas e o oblíquo, que era mais topicalizado, passa a fazer parte da estrutura argumental do verbo ocupando a função do argumento A-ergativo, enquanto S, que era menos topicalizado, passa a desenvolver a função de O-absolutivo.

Foi atestado por Souza (1993), na língua Arara, um sistema t-V-t(e), que é descrito como um “particípio passivo”, que pode ser usado com temas verbais transitivos e intransitivos e possui o “valor semântico de uma nominalização referente ao resultado de uma ação ou acontecimento” (*ibidem*, p. 39). Gildea (1998, p. 220) usa os exemplos dessa língua para ilustrar os estágios I e II da cadeia de gramaticalizações ocorridas em línguas Karib. Observemos abaixo os exemplos retirados de Souza (op. cit. p. 41):

(179) erere            wyna to-mi-t            tjarina  
         morcego        por    3REF-chupar-NOM    galinha  
         ‘A galinha foi chupada pelo morcego’

(180) ogoro wyna t-ak-te  
         onça    por    3REF-comer-NOM  
         ‘(a paca) foi comida pela onça’

- (181) t-apketip-te            Maude            wyna  
           3REF-tampar-nom    Maude            por  
           ‘(a espingarda) foi tampada pelo Maude’

Souza (1993) analisa a construção t-V-t(e) Arara como sendo constituída do prefixo reflexivo {ty-/to-/t-} e um sufixo nominalizador {t(e)-}. A autora chama a atenção para o fato de que o prefixo reflexivo que ocorre nessa construção não ser o mesmo que marca a terceira pessoa reflexiva que é homófona a ele, e aponta como diferenças os fatos de que o último ocorre sozinho e realiza-se com nomes e verbos, enquanto que o primeiro ocorre apenas com verbos e é obrigatória a co-ocorrência do sufixo {-t(e)} com ele. Apesar disso, glosa o primeiro como ‘3REF’.

Na língua Ikpeng, também foi identificada uma construção t-V-t(e), que Campetela (1997, p. 82) diz se comportar como o “particípio”. A autora analisa o {t-} prefixal como um marcador de pessoa que ela chama de invariável, talvez pelo fato de que tal construção pode estar associada a várias pessoas e não apenas a terceira, como indicam os dados da língua Arara. Em todos os exemplos apresentados por Souza (op. cit.) os verbos têm como argumentos uma ou duas terceiras pessoas, de modo que não é possível confirmar se ele se refere mesmo a terceira pessoa, ou possui alguma outra função.

De fato, esse {t-} prefixal recebeu diversas interpretações em várias línguas Karib em que foi identificado. Por exemplo, no Kuikuro ele é interpretado por Santos (2007) como uma ‘pessoa anafórica’; em Waiwai é analisado por Derbyshire (1999) como um parte de um ambifixo ‘ADV(erbilaizador)’.

Em Ikpeng, apesar do prefixo {t-} ocupar a posição em que ocorrem os afixos de pessoa na língua, o que nos possibilitaria fazer tal análise, assim como o fez Campetela (op. cit.), preferimos analisá-lo como sendo parte de um morfema descontínuo {t...-t(e)} que dá origem à construção participial nesta língua por dois motivos: primeiro que {t-} não é mais recuperável/interpretável como sendo uma pessoa nessa construção; e segundo, pelo *status* de dependência entre ambos, pois, com a omissão de um dos dois o dado se torna

agramatical. Observe que Souza (1993) também fala da dependência mútua desses morfemas na língua Arara.

Até o presente momento a construção participial, t-V-t(e) Ikpeng, só foi encontrada com verbos transitivos, diferente da língua Arara, que forma construções participiais também com verbos intransitivos. Apesar disso, trata-se de uma construção monoargumental. Alguns transitivos aparecem com o prefixo intransitivizador {ot-} que aparece entre o prefixo participial {t-} e a raiz do verbo, como mostrado nos exemplos (182, 183, 184 e 187) e outros não (cf. 185 e 186). Essa forma verbal não carrega os afixos de pessoa ou de tempo/aspecto/modo, que quando precisam ser usados aparecem realizados num auxiliar que ocorre exclusivamente para carregá-los, como mostrado em (187). O argumento do verbo é sempre realizado por um SN. Observe abaixo alguns exemplos dessa construção:

(182) Tampate                      awrat  
t-ampa-te                      awrat  
PTP-pintar-PTP                rede  
'Rede pintada/colorida'

(183) Tariwe                      tipituket  
tariwe                          t-ipituke-t  
mandioca                      PTP-descascar-PTP  
'(A) mandioca (está) descascada'

(184) Wot    tarimtungte  
wot    t-arimtung-te  
peixe    PTP-cozinhar-PTP  
'(O) peixe (está) cozido'

(185) Tarapiget                                      uro  
       t-ot-apige-t                                    uro  
       PTP-INTR-arranhar-PTP                    eu  
       ‘Eu estou arranhado’

(186) Tarapkot                                    wayo  
       t-ot-apko-t                                    wayo  
       PTP-INTR-quebrar-PTP porta  
       ‘(A) cuia (está) quebrada’

(187) Tongtomet                                etxili                                    omro  
       t-ongtome-t                                etxi-li                                   omro  
       PTP-esconder-PTP                        AUX-PAS.IM                        você  
       ‘Você estava escondido’

Todos os exemplos acima mostram verbos em sua forma monoargumental. Quando solicitado aos falantes que nos dissessem a versão transitiva (com o agente explícito) de frases como as que constam nos exemplos (183) ‘a mandioca foi descascada pela mulher’, (184) ‘o peixe foi cozido pela minha mãe’ e (186) ‘a cuia foi quebrada por mim’, eles ofereceram espontaneamente versões transitivas ativas como as que seguem abaixo:

(188) Petkom                                    e-pitikuli                                    tariwe  
       petkom                                    e-pitiku-li                                    tariwe  
       mulher                                    3A/3P-descascar-PAS.IM                    mandioca  
       ‘A mulher descascou a mandioca’

(189)	Ïroye arimtongli	wot
	ï-roye Ø-arimtong-li	wot
	1-mãe 3A/3P-cozinhar-PAS.IM	peixe
	‘Minha mãe cozinhou o peixe’	

(190)	Yapkoteli	wayo
	y-apkote-li	wayo
	1A/3P-quebrar-PAS.IM	cuia
	‘Eu quebrei a cuia’	

Outra tentativa foi a de inserirmos um agente nas construções monoargumentais dada previamente pelos falantes de Ikpeng (exemplificados em 191.a, 192.a e 193.a), para que ficassem semelhantes às da língua Arara, para ver o que diziam a respeito. Pouquíssimos falantes aceitaram, mas disseram que seria “mais certo” dizer as construções que aparecem nas versões b. de cada exemplo abaixo. A maioria disse não ser possível tal construção:

(191.a) Versão oferecida por nós<sup>15</sup>

*Tariwe	tipituket	(etxili)	petkom	ina
tariwe	t-ipituke-t	etxi-li	petkom	ina
mandioca	PTP-descascar-PTP	AUX-PAS.IM	mulher	POSP
(A mandioca foi descascada pela mulher)				

(191.b) Versão corrigida pelos falantes

Tariwe	oripitukeli	petkom	ina
tariwe	Ø-ot-ipituke-li	petkom	ina

<sup>15</sup> Nos testes realizados também alteramos a ordem dos constituintes. O agente, com a posposição, foi trazido para o início da sentença, possibilidade encontrada na língua Arara, mas essa ordem também não foi aceita pelos falantes.

mandioca 3-INTR-descascar-PAS.IM mulher POSP

Trad. Livre: ‘A mandioca foi descascada pela mulher’

Trad. Literal: ‘A mandioca (se) descascou pela/através da mulher’

(192.a) Versão oferecida por nós

\*Wot tarimtongte (etxili) iroye ñna  
wot t-arimtong-te etxi-li i-roye ñna  
peixe PTP-cozinhar-PTP AUX-PAS.IM 1-mãe POSP  
(O peixe foi cozido pela minha mãe)

(192.b) Versão corrigida pelos falantes

Wot ararimtongli iroye ñna  
wot Ø-ot-arimtong-li i-roye ñna  
peixe 3-INTR-cozinhar-PAS.IM 1-mãe POSP

Trad. Livre: ‘O peixe foi cozido por minha mãe’

Trad. Literal: ‘O peixe (se) cozinhou pela/através da minha mãe’

(192.a) Versão oferecida por nós

\*Tarapkot wayo (etxili) angpi ñna  
t-ot-apko-t wayo etxi-li angpi ñna  
PTP-INTR-quebrar-PTP cuia AUX-PAS.IM criança POSP  
(A cuia foi quebrada pelo menino)

(193.b) Versão corrigida pelos falantes

Wayo arapkoli angpi ñna  
wayo Ø-arapko-li angpi ñna  
peixe INTR-cozinhar-PAS.IM criança POSP

Trad. Livre: ‘A cuia foi quebrada pela criança’

Trad. Literal: ‘A cuia (se) quebrou pela/através da criança’

Tais fatos indicam que o sistema t-V-t(e) em Ikpeng ainda encontra-se no que Gildea (1998) chamou de estágio inicial, pois ao que parece ele é interpretado apenas como um participio passivo, que descreve um estado (ex: cuia quebrada) e não uma mudança de estado (ex: a cuia foi quebrada) que é a leitura possível no participio eventivo. Portanto, as construções t-V-t(e) em Ikpeng não podem ser interpretadas como uma passiva, o que explica o porquê de não serem aceitas ou muito menos produzidas espontaneamente construções como as que aparecem nos exemplos (202.a, 203.a e 204.a), acima. Nesse aspecto, parece haver diferença entre as línguas Arara e Ikpeng, pois a primeira permite a realização de construções t-V-t(e) com um agente explícito, como mostrado nos exemplos 185, 186 e 187; enquanto que a segunda, não. Pode-se dizer, então, que a língua Arara está no estágio II, como diz Gildea (1998) e que o Ikpeng está no estágio zero de derivação.

Por outro lado, é importante mencionar que o sistema t-V-t(e) Ikpeng pode ser nominalizado como acontece com algumas outras línguas da família Karib. Essa possibilidade não é mencionada por Souza (1993) para o Arara. Gildea (1998, p. 233-6) menciona um sistema \*t-V-ce-mĩ para o proto-Karib, que consiste numa nominalização do participio. Segundo o autor, essa nominalização é o complemento (S) de uma oração copulativa e é correferencial com o sujeito nocional da nominalização, em outras palavras, a estrutura \*t-V-ce, que codifica um participio passivo (ex: comido), através do acréscimo de morfologia nominalizadora, \*t-V-ce-mĩ, dá origem a um nome agentivo (ex: comedor). O autor apresenta exemplos de participio nominalizado nas línguas Akuriyó e Waiwai, que serão repetidos abaixo:

(194) Língua Akuriyó

t-əremwa-e-n	wĩ
AD-sing-PRTCPL-NMLZD	1SG
‘I’m a singer’	

(GILDEA, 1998, p. 234)

(195) Língua Waiwai

Anarĩ            me-n            mĩkro, tĩ-wĩn-so-m  
different       ATTR-NMLZR 3SG    AD-sleep-PRTCPL-NMLZD

‘He is different, he sleeps lots’. (Lit. ‘is a sleeper’)

(R. HAWKINS, 1991, p. 15 *apud* GILDEA, 1998, p. 234)

A nominalização do participio em Ikpeng se dá com o acréscimo do morfema nominalizador {-m} que transforma adjetivos em nomes.

(196) Karake            ‘bonito/a’            (Adjetivo)

(197) Karake-m        ‘o/a (que é) bonito/a’ (Substantivo)

Quando o adjetivo está nominalizado ele pode ocupar funções tipicamente nominais na sentença, como as de sujeito e objeto.

(198) Karake            petkom            ‘mulher bonita’  
         bonito            mulher

(199) Petkom            Ø-arep-li            ‘a mulher chegou’  
         mulher            3-chegar-PAS.IM

(200) Karake-m        Ø-arep-li            ‘a (que é) bonita chegou’  
         bonito-NMLZ 3-chegar-PAS.IM

(201) \*Karake            Ø-arep-li

Pudemos observar nos dados da língua Ikpeng que o particípio nominalizado t-V-te-m pode ter duas interpretações possíveis. Uma é semelhante ao que é descrito por Gildea (op. cit.) e que ocorre nas línguas Akuriyó e Waiwai, como apresentado acima, isto é, a formação de um nome agentivo. Os exemplos abaixo ilustram essa interpretação:

Estrutura t-V-t(e)		Estrutura t-V-t(e)-m	
(202.a) Tĩngkĩte	ugwon	(202.b) Tĩngkĩtem	ugwon
t-ĩngkĩ-te	ugwon	t-ĩngkĩ-te-m	ugwon
PTP-dormir-PTP	homem	PTP-dormir-PTP-NMLZ	homem
‘Homem adormecido’		‘Homem dorminhoco’	
(203.a) Tampate	awrat	(203.b) Torempatem	Kay
t-ampa-te	awrat	t-or-empa-te-m	Kay
PTP-pintar-PTP	awrat	PTP-INTR-pintar-PTP-NMLZ	Kay
‘Rede pintada’		‘Kay é estudante’	
		(Lit: ‘Kay é o que pinta/escreve’)	
(204.a) Toremkanumte	anpĩriketpot	(204.b) Toremkanumtem	uro
t-oremkanum-te	anpĩriketpot	t-oremkanum-te-m	uro
PTP-cantar-PTP	música.da.mandioca	PTP-cantar-PTP-NMLZ	eu
‘A música da mandioca foi cantada’		‘Eu sou cantor’	

Os exemplos (202.a, 203.a e 204.a) ilustram a construção t-V-t(e) com o particípio estativo. Os exemplos (202.b, 203.b e 204.b) ilustram o particípio nominalizado t-V-t(e)-m, dando origem a nomes agentivos na língua Ikpeng.

Outra interpretação possível para a nominalização do particípio em Ikpeng é de que se trata da formação de uma construção relativa. Os exemplos abaixo ilustram esses usos:

(205.a) Tagwamte           muy  
           t-agwam-te         muy  
           PTP-afundar-PTP   canoa  
           ‘Canoa afundada’

(205.b) Tagwamtem           nakan ìmuy  
           t-agwam-te-m         nakan ì-muy  
           PTP-afundar-PTP-NMLZ   ?   1-canoa  
           ‘A canoa a que está afundada é minha’

(206.a) Wot   tarimtonte  
           wot   t-atimton-te  
           peixe PTP-cozinhar-PTP  
           ‘Peixe cozido’

(206.b) Wot tatimtontem           ugum tumok  
           wot t-atimton-te-m         ugum tumok  
           peixe PTP-cozinhar-PTP-NMLZ   ele   gostoso  
           ‘O peixe que está cozido, ele é gostoso’

(207.a) Ewrogru        tarakponte  
           ewrogru       t-ar-akpon-te  
           flor           PTP-INTR-abrir-PTP  
           ‘Flor aberta’

(207.b) Ewrogru      tarakpontem      nem    man    karake  
ewrogru      t-ar-akponte-m      nem    man    karake  
flor      PTP-INTR-abrir-NMLZ    PART    PART    bonito  
‘A flor que está aberta é bonita’

(208.a) Panana      tatangkute  
panana      t-at-angku-te  
banana      PTP-INTR-amassar-PTP  
‘Banana amassada’

(208.b) Panana      tarangkutem      mun    kurena      pĩnpe  
panana      t-ot-angku-te-m      mun    kurena      pĩnpe  
banana      PTP-INTR-amassar-PTP-NMLZ    PART    ?      NEG  
‘A banana que está amassada não presta mais’

Nos exemplos (205.a, 206.a, 207.a e 208.a) tem-se o particípio passivo que denota o estado do argumento S do verbo. Nos exemplos (205.b, 206.b, 207.b e 208.b), a leitura é de que há vários elementos e se está falando de um específico dentre o todo. Por exemplo, em (205.b), a interpretação é de que há várias canoas e uma delas está afundada, que é a do falante; (206.b) seria dita numa situação em que há vários tipos de peixe e apenas um deles está cozido, esse é o peixe gostoso; em (207.b), há várias flores e somente uma está aberta, esta é a flor bonita; e, em (208.b), a ideia é de que há várias bananas e uma delas está amassada, essa é a que não presta mais.

É possível parafrasear os exemplos apresentados em (202.b, 203.b e 204.b) e interpretá-los também como construções relativas e não como nomes agentivos, como propôs Gildea (1998). Observe as possibilidades abaixo:

(202.b) Tĩngkĩtem	ugwon
t-ĩngkĩ-te-m	ugwon
PTP-dormir-PTP-NMLZ	homem
‘Homem que dorme’	

(203.b) Torempatem	Kay
t-or-empa-te-m	Kay
PTP-INTR-pintar-PTP-NMLZ	Kay
‘Kay é o que pinta’	

(204.b) Toremkanumtem	uro
t-oremkanum-te-m	uro
PTP-cantar-PTP-NMLZ	eu
‘Eu sou o que canta’	

Por esse motivo, preferimos considerar o sistema t-V-te-m em Ikpeng, não como uma construção que dá origem a nomes agentivos e sim a construções relativas nessa língua.

## II.7. Resumo do Capítulo

Neste capítulo, fizemos uma apresentação da morfologia verbal Ikpeng, mostrando que o verbo pode ser formado a partir de um morfema lexical, isto é, uma raiz sem categoria gramatical pré-definida ( $\sqrt{\quad}$ ) aliada a um morfema funcional (categorizador verbal); ou ser derivado de uma raiz já categorizada como como nome (N) ou adjetivo (A), através do acréscimo da mesma morfologia verbalizadora. Mostramos também os

verbalizadores envolvidos nos processos de categorização e recategorização verbal, que são os mesmos: {-Ø}, {-ge}; {-ke}; {-me}; {-pang}; {-te}; {-tong}; e {-m}; e que é possível atribuir nuances semânticas para alguns desses morfemas. Mostramos também os morfemas responsáveis pela mudança de valência verbal: aumento {-nop}, e diminuição {-ot}; além do morfema causativo {-po}. Identificamos que a distinção entre os morfemas de passado imediato {-li} e {-lan} é a sua recorrência em discurso direto e indireto, respectivamente. Confirmamos a hipótese de Pachêco (2001) em relação ao morfema {-tke} que marca aspecto iterativo (pluralização do evento) e não a pluralização do objeto. Fizemos também algumas considerações sobre a construção participial t-V-te em Ikpeng que, diferente de outras línguas Karib, não aceita transitivização; porém, pode ser nominalizada, assumindo a forma t-V-te-m, que dá origem a construções relativas na língua Ikpeng.



## **CAPÍTULO III:**

### **MARCAÇÃO DE PESSOA NOS VERBOS IKPENG:**

#### **ALINHAMENTO INVERSO E SISTEMA SPLIT-S**

##### III.1. Introdução

Neste capítulo, apresentaremos a concordância de pessoa e número existente entre o verbo Ikpeng e seus argumentos. Antes disso, reformularemos a proposta de Pachêco (1997, 2001) e Campetela (1997) para o sistema de prefixos pessoais da língua, para em seguida discutir como se dá a relação de concordância de pessoa nos verbos; e, finalmente, observaremos a marcação de número em Ikpeng e se há ou não uma relação de concordância envolvida.

##### III.2. Concordância

A concordância pode ser considerada uma relação simétrica entre dois ou mais elementos, no sentido de que eles compartilham propriedades sensíveis para a relação estabelecida (STUMP; 2001, p. 9). Veremos ao longo deste capítulo que há uma relação de concordância de pessoa no verbo, mas que não pode se falar em concordância de número. É preferível dizer que o morfema empregado é uma marca de coletividade que pode estar associada a quaisquer um dos argumentos verbais.

### III.2.1. Marcação e Concordância de Pessoa

#### III.2.1.1. Prefixos Pessoais

Inicialmente, foi proposto para o Ikpeng, por Campetela (1997) e Pachêco (1997, 2001), duas séries de afixos pronominais: uma “(Série I) indica o sujeito dos verbos transitivos e intransitivos ativos”; e a outra “(Série II) indica o objeto dos verbos transitivos, sujeito dos verbos inativos (inacusativos), o objeto pronominal da posposição e a pessoa do possuidor”. A Série II se divide ainda em duas sub-séries: uma que se afixa a radicais iniciados por vogal; e outra que se afixa a radicais iniciados por consoantes (PACHÊCO, 2001 p. 50). A tabela com os prefixos pessoais proposta pelos autores supracitados pode ser vista abaixo:

Tabela 15: Prefixos Pessoais Propostos  
por Pachêco (1997, 2001) e Campetela(1997)

Pessoa	Série I	Série II	
		Antes de Radical C-inicial	Antes de Radical V-inicial
1	k-	ï-	g-
2	m-	o-	w-
1+2	kut-	wï-	ug(w)
3	Ø-	i-	y-

Fonte: Pachêco (2001, p. 51)

De acordo com o que foi observado em nossos dados, pudemos concluir que a língua Ikpeng apresenta uma diversidade de prefixos marcadores de pessoa maior do que foi proposto inicialmente. A diversidade de prefixos pessoais está relacionada não só à

forma do tema verbal (iniciado por consoante ou vogal, como apontaram Pachêco (*idem*) e Campetela (*idem*)), mas também à valência (transitividade e intransitividade) de cada verbo, muito semelhante ao que ocorre no Bakairi e no Tiriyo, ambas línguas da família Karib. Apresentaremos nas seções abaixo duas novas séries de prefixos pessoais encontradas por nós.

### III.2.1.1.1. Postulação de Prefixos Pessoais quanto à Valência Verbal

A proposta de que há uma marcação diferenciada para os verbos transitivos e intransitivos surgiu para tentar resolver um problema referente à concordância de pessoa no verbo.

Como já mencionado, em Ikpeng, o verbo transitivo pode concordar com o sujeito ou com o objeto e o uso dos prefixos pessoais é determinado “pela hierarquia de pessoa, que indica a topicalidade ou a proeminência das pessoas envolvidas” (PACHÊCO, 2001, p. 68). Para Pachêco (*idem*), a hierarquia de pessoa no verbo transitivo Ikpeng segue o padrão universal  $1 > 2 > 3$ .

Abaixo, vemos uma tabela de acordo com o que propõe Pachêco (*op. cit.*) para a marcação de pessoa no verbo Ikpeng:

Tabela 16: Marcação das Funções A e O no verbo Ikpeng

Relação	Afixos		Exemplo	Tradução
	Série I	Série II		
1A-2P	k(w)-		<b>k-ineng-li</b> <b>uro</b> omro 1-ver- PAS.IM    eu    você	‘Eu te vi’
1A-3P		y- / in-	<b>y-eneng-li</b> <b>uro</b> <b>ugun</b> 3-ver-PAS.IM    eu    ele	‘Eu o vi’
1+2-3P	kut-		<b>kut-eneng-li</b> <b>ugro</b> ugun	‘Nós o vimos’

			1+2-ver-PAS.IM	nós	ele	
2A-1P		ug(w)-	<b>ugw</b> -eneng-l 1+2-ver-PAS.IM	<b>omro</b> você	<b>uro</b> eu	‘Você me viu’
2A-3P	m-		<b>m</b> -eneng-lī 2-ver-PAS.IM	<b>omro</b> você	ugun ele	‘Você viu ele’
3A-1P		g- / i-	<b>g</b> -eneng-lī 1-ver-PAS.IM	ugun ele	<b>uro</b> eu	‘Ele me viu’
3A-1+2P		ug(w)-	<b>ugw</b> -eneng-lī 1+2-ver-PAS.IM	ugun ele	<b>ugro</b> nós:inc	‘Ele nos viu’
3A-2P		o- / w-	<b>w</b> -eneng-lī 2-ver-PAS.IM	ugun ele	<b>omro</b> você	‘Ele viu te’
3A-3P	Ø-	i- / t-	<b>Ø</b> -eneng-lī 3-ver-PAS.IM	<b>ugun</b> ele	orem aquele	‘Ele o viu’

Fonte: adaptado de Pachêco (2001, p. 70)

Apresentando os dados de forma esquemática, pode-se depreender o seguinte resultado:

Tabela 17: Hierarquia de Pessoa e Marcação de A e O

Relação	Hierarquia de Pessoa	Marcação de A	Marcação de P	Morfemas Realizados
2Ax3P	2 > 3	+		m-
1Ax2P	1 > 2	+		k-
1+2Ax3P	1,2 > 3	+		kut-
?3Ax3P	?	+	+	Ø- / i- ~ t-
1Ax3P	1 < 3		+	y- ~ in-
3Ax2P	2 > 3		+	o- ~ w-
3Ax1P	1 > 3		+	g- ~ i-
3Ax1+2P	1,2 > 3		+	ug(w)-
2Ax1P			+	ug(w)-

Fonte: adaptado de Pachêco (2001, p. 72)

Essa proposta de análise apresenta alguns problemas. Primeiro, não fica claro o que governa a concordância do verbo com o sujeito ou com o objeto. Pois, a concordância estabelecida não parece obedecer à hierarquia de pessoa tida como universal na literatura linguística (1 > 2 > 3), tal como foi proposto por Pachêco (*idem*).

Isso fica evidente na relação 1Ax3P, quando o verbo concorda com a terceira pessoa, ao contrário do que é esperado para uma língua em que a concordância é estabelecida a partir da hierarquia de pessoa. Nesse caso, Pachêco (op. cit, p. 72) diz que houve uma violação da hierarquia e que o verbo prefere concordar com a função gramatical e não com a pessoa. Mas, também não é evidente o que motiva essa violação da hierarquia e, conseqüentemente, a razão pela qual o verbo concorda com a função gramatical (objeto).

Para resolver este problema, partimos além da observação de nossos dados, também da análise que outros autores propuseram para outras línguas da família Karib. Para exemplificar, citamos Derbyshire (1979) que apresenta para o Hixkaryana, duas séries distintas de prefixos pessoais, uma para a marcação do verbo transitivo e outra para o verbo intransitivo; Renault-Lescure (1984) que propõe distribuição semelhante para a língua Galibi; Koehn e Koehn (1986) que apontam a mesma distinção também na língua Apalaí; Souza (1993) que faz a mesma distinção para a língua Arara; Hawkins (1998) que propõe o mesmo para a língua Waiwai; Meira (2000) que faz a mesma proposta para a língua Tiriyo; e Meira (2005) que aponta tal distinção também na língua Bakairi. Abaixo, podem ser observadas tabelas com os prefixos pessoais em cada uma das línguas supracitadas:

Tabela 18: Prefixos Pessoais da Língua Hixkaryana

PESSOA	VERBO TRANSITIVO		VERBO INTRANSITIVO
	A	P	
1	ĩ-	r-	k-, w-
2	mĩ-	o-	mĩ-,w-
1+2	tĩ-	kĩ-	tĩ-
1+3	n-	n-	n-
3	n-	n-	n-

Fonte: adaptado de Derbyshire (1979)

Tabela 19: Prefixos Pessoais da Língua Galibi

PESSOA	VERBO TRANSITIVO		VERBO INTRANSITIVO
	A	P	
1	s-	y-,Ø-	y-,Ø-
2	m-	a-	a-
1+2	kīsi-	kī-	kī-
1+3	n-	n-	n-
3	n-	n-	n-

Fonte: adaptado de Renault-Lescure (1984)

Tabela 20: Prefixos Pessoais da Língua Apalaí

PESSOA	VERBO TRANSITIVO		VERBO INTRANSITIVO
	A	P	
1	Ø-	---	Ø-
2	m-	o-	m-
1+2	s-	kī-	s-
1+3	n-	n-	n-
3	n-	n-	n-

Fonte: adaptado de Koehn e Koehn (1986)

Tabela 21: Prefixos Pessoais da Língua Arara

PESSOA	VERBO TRANSITIVO		VERBO INTRANSITIVO
	A	P	Sp
1	in-/k-/i-	i-/i-	i-/i-/w-
2	m(i)-/m(i)-	o-/w-/Ø-	o-/w-/Ø-
1+2	kut-	uk-	uk-
3Real	Ø-	i-/ti-/Ø-/t-	i-/Ø-/t-
3Virtual	w-	n(i)-	n(i)-

Fonte: adaptado de SOUZA (1993, p. 12)

Tabela 22: Prefixos Pessoais da Língua Waiwai

PESSOA	VERBO TRANSITIVO	VERBO INTRANSITIVO
1	w(î)-/Ø-	k(î)-
2	m(î)-	m(î)-
1+2	t(î)-/tît(î)-	t(î)-/tît(î)-
1+3	(amna + n(î)/Ø-)	(amna + n(î)/Ø-)
3	n(î)-	n(î)-

Fonte: adaptado de Hawkins (1998, p. 178)

Tabela 23: Prefixos Pessoais da Língua Bakairi

PESSOA	VERBO TRANSITIVO		VERBO INTRANSITIVO	
	A	P	Sa	Sp
1	s-	ï-	k- (/w-)	ï-
2	m-	ə-	m-	ə-
1+2	kïd-	k-	kïd- (/k-)	k-
3	n-	n-	n-	n-

Fonte: adaptado de Meira (2005)

Tabela 24: Prefixos Pessoais da Língua Tiriyo

PESSOA	VERBO TRANSITIVO		VERBO INTRANSITIVO	
	A	P	Sa	Sp
1	w(î)-/w(ï)-	y(i)-	w(ï)-/s-/t-	y(i)-
2	m(i)-/m(ï)-	ə-/a-/o-	m(i)-/m(ï)-	ə-/a-/o-
1+2	kït-/k(:)-	kï-/k(e> ə)-	k(ï)-/kït-/k(:)-	kï-/k(e> ə)-
3	(n(i)-/ n(ï)-)	(n(i)-/ n(ï)-)	n(i)-/ n(ï)-	n(i)-/ n(ï)-

Fonte: adaptado de Meira (2000, p. 203)

Como é possível ver com os dados apresentados nas tabelas acima, a distinção de prefixos pessoais quanto à valência verbal é um fenômeno recorrente nas línguas da família Karib e é específica para a primeira pessoa (singular). Analisando nossos dados, vemos que é possível oferecer uma proposta semelhante para a língua Ikpeng. Observe os exemplos abaixo:

VERBO TRANSITIVO

(209.a)

Yapigeli            uro ugun  
**y**-apige-li            uro ugun  
 ?-arranhar-PAS.IM    eu    ele  
 ‘Eu o arranhei’

(209.b)

Gapigeli            ugun uro  
**g**-apige-li            ugun uro  
 1-arranhar-PAS.IM    ele    eu  
 ‘Ele me arranhou’

(210.a)

Yewoli            uro    ugun  
**ye**-wo-li            uro    ugun  
 ?-matar-PAS.IM    eu    ele  
 ‘Eu o matei’

(210.b)

İwoli            ugun    uro  
**ï**-wo-li            ugun    uro  
 1-matar-PAS.IM    ele    eu  
 ‘Ele me matou’

VERBO INTRANSITIVO

(211)

Gagnumli            uro  
**g**-agnum-li            uro  
 1-chorar-PAS.IM    eu  
 ‘Eu chorei’

(212)

İmulukteli            uro  
**ï**-mulukte-li            uro  
 1-tossir-PAS.IM    eu  
 ‘Eu tossi’

(213)

Karanmeli            uro  
**k**-ot-anme-li            uro  
 1-INTR-lançar-PAS.IM    eu  
 ‘Eu corri’

Nas análises propostas anteriormente para o Ikpeng, o prefixo {y-/((ye-<sup>16</sup>)} que ocorre no verbo transitivo (exemplificado em 209.a e 210.a) foi interpretado com sendo a marca de terceira pessoa, por ser homófona a esta. Daí a conclusão de que na relação 1Ax3P (que aparece acima) o verbo estava concordando com o objeto.

Neste trabalho, propomos analisar tal morfema como sendo a marca de primeira pessoa A(gente) recorrente nos verbos transitivos e {g-/i-} como as marcas de primeira pessoa P(aciente) nos verbos transitivos e de S(ujeito) dos verbos intransitivos internamente causados (Sp). O morfema {k-} ocorre exclusivamente como S(ujeito) dos verbos intransitivos externamente causados<sup>17</sup> e assume a função (Sa).

Não negamos, contudo, que haja uma forma {y-} que corresponde à terceira pessoa, porém, pode-se dizer que não se trata do mesmo morfema, uma vez que {y-} relacionado à primeira pessoa possui como alomorfe a forma {ye-}, que ocorre diante de raiz C-inicial, como foi mostrado no exemplo (210.a); enquanto que o morfema {y-} referente à terceira pessoa possui como alomorfe para o mesmo ambiente a forma {i-}.

Essa proposta resolve o problema da “suposta” violação da hierarquia de pessoa apontada por Pachêco (2001), pois agora é possível dizer que quando há realização da forma {y(e)-} o verbo está concordando com a primeira pessoa e não com a terceira, não havendo mais a violação.

Tal análise está também de acordo com o julgamento dos falantes nativos de Ikpeng – principalmente dos professores (alguns com formação acadêmica e um em particular, Yakuna Korotowĩ Taffarel, com graduação em Letras) – que sempre afirmaram que o prefixo em questão se tratava da primeira pessoa.

---

<sup>16</sup> A forma {ye-} não havia sido atestada nem por Pachêco (1997, 2001), nem Campetela (1997). Ela será retomada na seção III.2.1.1.2.

<sup>17</sup> Estamos chamando, neste trabalho, de verbos internamente causados aqueles cuja realização do evento depende exclusivamente das propriedades intrínsecas do seu argumento (S), e de verbos externamente causados aqueles cuja realização do evento depende de uma [CAUSA EXTERNA] que desencadeia sua realização, de acordo com a definição de Levin e Hovav (1995). Uma discussão mais detalhada sobre essa distinção será feita no capítulo IV.

Observe que nas línguas Hixkaryana, Waiwai e Bakairi apresentadas anteriormente também há um {k-} que funciona exclusivamente como sujeito intransitivo; enquanto que o transitivo é realizado por outras formas<sup>18</sup>.

Sobre os prefixo {y-} e {i-} que marcam a terceira pessoa na função de objeto (conforme a proposta de Pachêco (2001)), é importante mencionar que não atestamos em nossos dados sua ocorrência com verbos transitivos, mas apenas com os intransitivos, exercendo a função Sp. No entanto, dois motivos nos levaram a mantê-los na tabela de prefixos pessoais da língua Ikpeng: (i) a ocorrência deles nos dados de Pachêco (2001):

(214) MORFEMA {i-} MARCANDO A TERCEIRA PESSOA NA FUNÇÃO DE OBJETO:

Pomri	Ø-i-woŋ-getke-li	itin	tae
rapaz	3A-3O-encontrar-ITER-PAS.REC	muitos	macaco
‘O rapaz encontrou muitos macacos’			(PACHÊCO, 2001, p. 61)

(215) MORFEMA {y-} MARCANDO A TERCEIRA PESSOA NA FUNÇÃO DE OBJETO:

Petkom	y-arup-tompo-li	yay	
mulher	3O-queimar-CAUS-REC	lenha	
‘A mulher queimou a lenha’			(PACHÊCO, 2001, p. 78)

e (ii) a existência de cognatos seus na língua Arara (possível co-dialeto da língua Ikpeng), de acordo com o trabalho de Souza (1993)<sup>19</sup>.

Em nossos dados, encontramos com maior frequência os morfemas {Ø-/e-} que marcam a terceira pessoa na função de sujeito. No entanto, em algumas situações identificamos a ocorrência de um morfema {t-}, que alterna com {tĩ-} diante de radical

---

<sup>18</sup> Ver as tabelas 14, 17 e 18.

<sup>19</sup> Conferir tabela 21.

iniciado por consoante, marcando a terceira pessoa. Propomos que esse par de morfemas façam parte da Série II de prefixos pessoais que marcam a função P nos verbos transitivos por dois motivos: primeiro, porque tais morfemas também podem ser encontrados ocorrendo com os nomes, quando exercem a função genitiva, tal como o fazem os demais prefixos da série em questão; segundo, pelo fato deles não co-ocorrem com o morfema intransitivo {ot-}, o que fazem todos os prefixos da Série I. esses prefixos parecem marcar a relação 3Ax3P e por esse motivo não foram encontrados em verbos intransitivos. O exemplo abaixo ilustra simultaneamente a ocorrência do alomorfe {t-} marcando a terceira pessoa (objeto) no verbo e o alomorfe {tĩ-} marcando a figura do possuidor no nome<sup>20</sup>:

- (216) Tigeli                                      tĩwoyng  
t-ige-li    tĩ-woyng-Ø  
3P-descascar-PAS.IM      3-roupa-GEN  
‘Ele tirou sua própria roupa’

Dadas as considerações acima, propomos, inicialmente, que haja os seguintes grupos de afixos pessoais em Ikpeng:

Tabela 25: Prefixos Pessoais Ikpeng, de acordo com a Valência Verbal

PESSOA	VERBO TRANSITIVO			VERBO INTRANSITIVO		
	Série I (Função A)	Série II (Função P)		Série I (Função Sa)	Série II (Função Sp)	
		C- Inicial	V-Inicial		C- Inicial	V-Inicial
1	y-	ĩ-	g-	k-	ĩ-	g-
2	m-	o-	w-	m-	o-	w-
1+2	kut-	wĩ-	ug(w)-	kut-	wĩ-	ug(w)-
3	Ø-	i-	y-	Ø-	i-	y-
		tĩ-	t-			

<sup>20</sup> Outros exemplos serão apresentados na III.2.1.2.3.

Outro problema encontrado na proposta de Pachêco (2001) é em relação à hierarquia de pessoa quando há dois *Speech Act Participant (SAP)* – Participantes do Ato de Fala – ou seja, uma primeira e uma segunda pessoa envolvidas. Segundo Pachêco (idem), na relação 1Ax2P, o verbo concorda com a primeira pessoa, indicando que esta é mais proeminente no discurso; no entanto na relação 2Ax1P, o verbo carrega um morfema *portmanteau* {ug(w)-/wĩ-}, mesma forma usada para se referir à primeira pessoa inclusiva (1+2), indicando que não há uma pessoa mais proeminente nesse caso. A questão levantada é: há ou não uma hierarquia entre os *SAP* em Ikpeng?

De fato, nesta relação, o verbo apresenta duas formas de marcação: {k-} e {kw-}, sendo que a segunda não é mencionada por Pachêco (2001). Por outro lado, é a única apresentada por Campetela (1997, p. 131), que propõe as seguintes análises para essa marcação:

- a) Considerá-lo como afixo de primeira pessoa {k-}, porém sem evidências que expliquem o segmento /o-/;
- b) Considerá-lo como dois prefixos: **k-** (1ª pessoa do singular); e **o-** (2ª pessoa do singular);
- c) Considerá-lo como um morfema *portmanteau* que assinala simultaneamente as duas posições argumentais (1Ax2P).

Segundo Campetela (op. cit.) a última hipótese encontra respaldo histórico, de acordo com o que atestou Gildea (1992), que reconstruiu os prefixos das relações 1Ax2P, 2Ax1O e 3Ax1+2P, no Proto-Karib como sendo {kĩ-}.

Neste trabalho, tal como Campetela (1997), adotaremos a hipótese de que se trata de um morfema *portmanteau* {ko-}, que assinala ambas as posições argumentais quando se tem dois participantes do discurso envolvidos, isto é, uma primeira e uma segunda pessoa, da mesma forma que o morfema {ug(w)-}. O morfema {ko-} marca a relação 1Ax2P, ou seja, quando a primeira pessoa age sobre a segunda e o morfema

{ug(w)-} marca a relação 2Ax1P, quando se tem uma segunda pessoa agindo sobre uma primeira. O morfema {ko-} possui as seguintes realizações:

/k/ diante de raiz verbal iniciada por /e/<sup>21</sup>

/kw/ diante de raiz verbal iniciada pelas vogais não-altas /a/ e /o/;

/ko/ diante de consoante e das vogais altas /i/, /i/ e /u/

Apresentamos abaixo o morfema {ko-} ocorrendo com verbos que iniciam com consoantes (*moyngi* ‘alegrar’ (221), *wo* ‘flechar’ (222)) e com as vogais /e/ (*eneng* ‘ver’ (217), *emi* ‘machucar’ (218)), /a/ (*apige* ‘arranhar’ (219)), /o/ (*omom* ‘entrar’ (220)), /i/ (*ip* ‘banhar’ (223)), /i/ (*imtime* ‘flechar’ (224)) e /u/ (*uwu* ‘encolher’ (225)) para exemplificar a sua realização alomórfica conforme descrito acima.

---

<sup>21</sup> É importante mencionar que há um processo de mudança vocálica (*ablaut*) amplamente atestado em várias línguas da família Karib. O *ablaut* Karib consiste na mudança da vogal inicial de nomes, verbos ou posições quando estes recebem alguns prefixos pessoais específicos, mas principalmente os relacionados à primeira pessoa (singular ou inclusiva). A mudança padrão na família é a que alterna as vogais médias /e/ e /o/, que é um processo histórico; porém, há padrões menos recorrentes, como as alternâncias entre /a/, /ə/ e /o/, como a que ocorre nas línguas Tiriyó-Wayana, que parecem ser mais inovadoras (cf. MEIRA, GILDEA, HOFF, 2010). Na língua Ikpeng é recorrente a mudança vocálica de /e/ para /i/, quando a primeira vogal está em início de palavra e recebe o prefixo pessoal {ko-} que marca a relação 1A-2P. Na língua Arara, observamos nos dados de Souza (1993) a mesma mudança ocorrendo nesse ambiente e também após o prefixo {o-} de segunda pessoa. Parece haver uma relação entre as vogais /o/ e /e/ em fronteira de morfema, que gera /i/ nas línguas Ikpeng-Arara que ainda não foi devidamente investigada. Talvez seja um *ablaut* inovador nesse grupo de línguas. Futuras pesquisas sobre a fonologia da língua Ikpeng podem nos ajudar a melhor compreender esse fenômeno.

EXEMPLOS DE {KO-} DIANTE DE RAÍZES/e/-INICIAIS

(217) Verbo *eneng* ‘ver’

a) RELAÇÃO 1Ax2P

/kineŋli/  
ko-eneng-li  
‘Eu vi você’

b) RELAÇÃO 2Px1A

/ugweneŋli/  
ugw-eneng-li  
‘Você me viu’

c) RELAÇÃO 1Ax3P

/jeneŋli/  
y-eneng-li  
‘Eu o vi’

d) RELAÇÃO 2Ax3P

/meneŋli/  
m-eneng-li  
‘Você o viu’

e) RELAÇÃO 1+2Ax3P

/kureneŋli/  
kut-eneng-li  
‘Nós o vimos’

(218) Verbo *emi* ‘machucar’

a) RELAÇÃO 1Ax2P

/kimili/  
ko-emi-li  
‘Eu machuquei você’

b) RELAÇÃO 2Px1A

/ugwemili/  
ugw-emi-li  
‘Você me machucou’

c) RELAÇÃO 1Ax3P

/jemili/  
y-emi-li  
‘Eu o machuquei’

d) RELAÇÃO 2Ax3P

/memili/  
m-emi-li  
‘Você o machucou’

e) RELAÇÃO 1+2Ax3P

/kuremili/  
kut-eneng-li  
‘Nós o machucamos’

f) RELAÇÃO 3Ax1P

/geneŋli/  
g-eneng-li  
'Ele me viu'

g) RELAÇÃO 3Ax2P

/weneŋli/  
w-eneng-li  
'Ele viu você'

h) RELAÇÃO 3Ax1+2P

/ugweneŋli/  
ugw-eneng-li  
'Ele nos viu'

i) RELAÇÃO 3Ax3P

/eneŋli/  
Ø-eneng-li  
'Ele o viu'

f) RELAÇÃO 3Ax1P

/gemili/  
g-emī-li  
'Ele me machucou'

g) RELAÇÃO 3Ax2P

/wemīli/  
w-emī-li  
'Ele machucou você'

h) RELAÇÃO 3Ax1+2P

/ugwemīli/  
ugw-emī-li  
'Ele nos machucou'

i) RELAÇÃO 3Ax3P

/emīli/  
Ø-emī-li  
'Ele o machucou'

EXEMPLOS DE {KO-} DIANTE DE RAÍZES /a/ E /o/-INICIAIS:

(219) Verbo *apige* 'arranhar'

a) RELAÇÃO 1Ax2P

/kwapigeli/  
ko-apige-li  
'Eu arranhei você'

(220) Verbo *omom* 'entrar'

a) RELAÇÃO 1Ax2P

/kwomompoli/  
ko-omom-li  
'Eu fiz você entrar'

b) RELAÇÃO 2Px1A

/ugwapigeli/  
ugw-apige-li  
'Você me arranhou'

b) RELAÇÃO 2Px1A

/ugwomompoli/  
ugw-omom-li  
'Você me fez entrar'

c) RELAÇÃO 1Ax3P

/japigeli/  
y-apige-li  
'Eu o arranhei'

c) RELAÇÃO 1Ax3P

/jomompoli/  
y-omom-li  
'Eu fiz o entrar'

d) RELAÇÃO 2Ax3P

/mapigeli/  
m-apige-li  
'Você o arranhou'

d) RELAÇÃO 2Ax3P

/momompoli/  
m-omom-li  
'Você o fez entrar'

e) RELAÇÃO 1+2Ax3P

/kwapigeli/  
kut-apige-li  
'Nós o arranhamos'

e) RELAÇÃO 1+2Ax3P

/kwomompoli/  
kut-omom-li  
'Nós o fizemos entrar'

f) RELAÇÃO 3Ax1P

/gapigeli/  
g-apige-li  
'Ele me arranhou'

f) RELAÇÃO 3Ax1P

/gomompoli/  
g-omom-li  
'Ele me fez entrar'

g) RELAÇÃO 3Ax2P

/wapigeli/  
w-apige-li  
'Ele arranhou você'

g) RELAÇÃO 3Ax2P

/womompoli/  
w-omom-li  
'Ele fez você entrar'

h) RELAÇÃO 3Ax1+2P

/ugwapigeli/  
ugw-apige-li  
'Ele nos arranhou'

h) RELAÇÃO 3Ax1+2P

/ugwomompoli/  
ugw-omom-li  
'Ele nos fez entrar'

i) RELAÇÃO 3Ax3P

/apigeli/  
Ø-apige-li  
'Ele o arranhou'

i) RELAÇÃO 3Ax3P

/omompoli/  
Ø-omom-li  
'Ele o fez entrar'

EXEMPLOS DE {KO-} DIANTE DE RAÍZES /C/-INICIAIS:

(221) Verbo *moyngi* 'alegrar'

(222) Verbo *wo* 'flechar'

a) RELAÇÃO 1Ax2P

/komojñili/  
ko-moyngi-li  
'Eu alegrei você'

a) RELAÇÃO 1Ax2P

/kowoli/  
ko-wo-li  
'Eu flechei você'

b) RELAÇÃO 2Px1A

/wimojñili/  
wi-moyngi-li  
'Você me alegrou'

b) RELAÇÃO 2Px1A

/wiwoli/  
wi-wo-li  
'Você me flechou'

c) RELAÇÃO 1Ax3P

/jemojɲili/  
ye-moyngi-lĩ  
‘Eu o alegrei’

c) RELAÇÃO 1Ax3P

/jewoli/  
wi-wo-lĩ  
‘Você me flechou’

d) RELAÇÃO 2Ax3P

/memojɲili/  
me-moyngi-lĩ  
‘Eu o alegrei’

d) RELAÇÃO 2Ax3P

/mewoli/  
me-wo-lĩ  
‘Você o flechou’

e) RELAÇÃO 1+2Ax3P

/kutmojɲili/  
kut-moyngi-lĩ  
‘Nós o alegramos’

e) RELAÇÃO 1+2Ax3P

/kutwoli/  
kut-wo-lĩ  
‘Nós o flechamos’

f) RELAÇÃO 3Ax1P

/imojɲili/  
i-moyngi-lĩ  
‘Ele me alegrou’

f) RELAÇÃO 3Ax1P

/iwoli/  
i-wo-lĩ  
‘Ele me flechou’

g) RELAÇÃO 3Ax2P

/omojɲili/  
o-moyngi-lĩ  
‘Ele alegrou você’

g) RELAÇÃO 3Ax2P

/owoli/  
o-wo-lĩ  
‘Ele flechou você’

h) RELAÇÃO 3Ax1+2P

/wimojŋili/  
w-moyngi-li  
'Ele nos alegrou'

h) RELAÇÃO 3Ax1+2P

/wiwoli/  
wi-wo-li  
'Ele nos flechou'

i) RELAÇÃO 3Ax3P

/emojŋili/  
e-moyngi-li  
'Ele o alegrou'

i) RELAÇÃO 3Ax3P

/ewoli/  
e-wo-li  
'Ele o flechou'

EXEMPLOS DE {KO-} DIANTE DE RAIZ /i/, /i/ e /u/-INICIAIS:

(223) Verbo *ip* 'banhar'

a) RELAÇÃO 1Ax2P

/kopli/  
ko-ip-li  
'Eu banhei você'

b) RELAÇÃO 2Px1A

/ugwipli/  
ugw-ip-li  
'Você me banhou'

(224) Verbo *ĩmtĩme* 'flechar' (225) Verbo *uwu* 'encolher'

a) RELAÇÃO 1Ax2P

/komtimeli/  
ko-ĩmtĩme-li  
'Eu mergulhei você'

b) RELAÇÃO 2Px1A

/ugwĩmtĩmeli/  
ugw-ĩmtĩme-li  
'Você me mergulhou'

a) RELAÇÃO 1Ax2P

/kowuli/  
ko-uwu-li  
'Eu encolhi você'

b) RELAÇÃO 2Px1A

/ugwuwuli/  
ugw-uwu-li  
'Você me encolheu'

c) RELAÇÃO 1Ax3P

/jipli/  
y-ip-li  
'Eu o banhei'

c) RELAÇÃO 1Ax3P

/jĩmtĩmeli/  
y-ĩmtĩme-li  
'Eu o mergulhei'

c) RELAÇÃO 1Ax3P

/juwuli/  
y-uwu-li  
'Eu o encolhi'

d) RELAÇÃO 2Ax3P

/mipli/  
m-ip-li  
'Você o banhou'

d) RELAÇÃO 2Ax3P

/mĩmtĩme li/  
m-ĩmtĩme-li  
'Você o mergulhou'

d) RELAÇÃO 2Ax3P

/muwuli/  
m-uwu-li  
'Você o encolheu'

e) RELAÇÃO 1+2Ax3P

/kutjipli/  
kut-ip-li  
'Nós o banhamos'

e) RELAÇÃO 1+2Ax3P

/kurĩmtĩme li/  
kut-ĩmtĩme-li  
'Nós o mergulhamos'

e) RELAÇÃO 1+2Ax3P

/kuruwuli/  
kut-uwu-li  
'Nós o encolhemos'

f) RELAÇÃO 3Ax1P

/gipli/  
g-ip-li  
'Ele me banhou'

f) RELAÇÃO 3Ax1P

/gĩmtĩmeli/  
g-ĩmtĩme-li  
'Ele me mergulhou'

f) RELAÇÃO 3Ax1P

/guwuli/  
g-uwu-li  
'Ele me encolheu'

g) RELAÇÃO 3Ax2P

/wipli/  
w-ip-li  
Ele banhou você'

g) RELAÇÃO 3Ax2P

/wĩmtĩmeli/  
w-ĩmtĩme-li  
Ele mergulhou você'

g) RELAÇÃO 3Ax2P

/wuwuli/  
w-uwu-li  
Ele encolheu você'

h) RELAÇÃO 3Ax1+2P	h) RELAÇÃO 3Ax1+2P	h) RELAÇÃO 3Ax1+2P
/ugwipli/ ugw-ip-li 'Ele nos banhou'	/ugwĩntĩmeli/ ugw-ĩntĩme-li 'Ele nos mergulhou'	/ugwuwuli/ ugw-uwu-li 'Ele nos encolheu'
i) RELAÇÃO 3Ax3P	i) RELAÇÃO 3Ax3P	i) RELAÇÃO 3Ax3P
/ipli/ Ø-ip-li 'Ele o banhou'	/ĩntĩmeli/ Ø-ĩntĩme-li 'Ele o mergulhou'	/uwuli/ Ø-uwu-li 'Ele o encolheu'

Todos os exemplos acima ilustram realizações alomórficas de {ko-}. Em (217) e (218) {ko-} aparece como {k-} diante dos verbos *eneng* 'ver' e *emi* 'machucar', que iniciam com a vogal /e/. Mostramos o paradigma completo de pessoa nesses verbos para que ficasse evidente que ambos os temas verbais realmente iniciam com a vogal /e/, que na relação 1Ax2P passa a /i/ com a prefixação do morfema {ko-}. Nos exemplos (219) e (220), vemos o alomorfe {kw-} ocorrendo diante das vogais não-altas /a/ e /o/. Os exemplos (221) e (222) exemplificam o alomorfe {ko-} ocorrendo diante de tema verbal iniciado por consoante e, finalmente, os exemplos (223), (224) e (225) mostram a mesma forma ({ko-}) ocorrendo com verbos iniciados pelas vogais altas /i/, /ĩ/ e /u/, respectivamente. Observe que nesses casos há sempre a queda da vogal inicial do tema verbal, de modo que a forma {ko-} acaba se realizando diante de consoante. Dessa forma, podemos reformular a distribuição dos alomorfes acima da seguinte maneira: {ko-} se realiza diante de consoante; {kw-} diante de vogal (diferente de /e/); e {k-} exclusivamente diante de /e/.

Os paradigmas verbais mostrados acima deixam muito claro que as formas {ko-}, {kw-} e {k-} não podem ser interpretadas como alomorfes do morfema {kut-}, que marca a primeira pessoa inclusiva, pois os mesmos apresentam alomorfias diferentes diante

dos mesmos ambientes, como pode ser observado. Contraste, por exemplo, as realizações desses morfemas marcando as relações 1Ax2P (onde ocorrem as formas /ko/ ~ /kw/ ~ /k/, nos ambientes já determinados) e 1+2Ax3P (que possui a seguinte distribuição: /kut/ diante de consoante; /kw/ diante de /a/ e /o/; /kutj/ diante de /i/; e /kur/ diante das demais vogais). Como pode ser observado, há realização de formas distintas diante das mesmas raízes verbais, por esse motivo, consideraremos que não se trata do mesmo morfema e postulamos, com isso, a existência de um morfema *portmanteau* {ko-}.

Assim, respondendo à questão sobre a existência ou não de uma hierarquia entre os participantes do discurso na língua Ikpeng, concluímos que não há, uma vez que tanto a relação 1Ax2P, como a relação 2Ax1P são marcadas por prefixos *portmanteaux* que não indicam a proeminência de uma pessoa sobre a outra. Repetimos abaixo a tabela de prefixos pessoais proposta anteriormente, agora com a inclusão do morfema *portmanteau* {ko-} que marca a relação 1Ax2P:

Tabela 26: Prefixos Pessoais com o morfema *portmanteau*

PESSOA	VERBO TRANSITIVO			VERBO INTRANSITIVO		
	Série I (Função A)	Série II (Função P)		Série I (Função Sa)	Série II (Função Sp)	
		C- Inicial	V- Inicial		C- Inicial	V- Inicial
1	y-	ï-	g-	k-	ï-	g-
2	m-	o-	w-	m-	o-	w-
1+2	kut-	wï-	ug(w)-	kut-	wï-	ug(w)-
3	Ø-	i- tï-	y- t-	Ø-	i-	y-
Morfemas <i>Portmanteaux</i>	ko- kw- (1Ax2P)	wï-	ug(w)- (2Ax1P) <sup>22</sup>			

<sup>22</sup> Observe que este morfema *portmanteau* já havia sido postulado por Pachêco (1997, 2001) e Campetela (1997).

### III.2.1.1.2. Postulação de prefixos da Série I para formas verbais C-Iniciais

Outra mudança feita por nós na tabela de prefixos pessoais, anteriormente proposta para o Ikpeng, diz respeito à postulação de um sub-conjunto de afixos da Série I, realizado diante de raízes verbais do tipo C-inicial, que não havia sido atestada pelos autores que analisaram o Ikpeng previamente.

A evidência para a existência dessa sub-série de afixos foi a realização de formas como {i-} (primeira pessoa em função P) e {wi-} (primeira pessoa inclusiva em função P), que só se realizam diante de raízes iniciadas por consoantes, ocorrendo em determinados paradigmas verbais, que foram considerados V-iniciais por Pachêco (1997, 2001) e Campetela (1997).

É provável que os autores que estudaram o Ikpeng anteriormente tenham entendido que a vogal fosse o primeiro segmento da raiz verbal e a segmentação “prefixo-raiz” seria como visto abaixo:

(226) PARADIGMAS	PREFIXOS REALIZADOS
a) k-omoyngnĩ-lĩ 1Ax2P-alegrar-PAS.IM 'Eu te alegrei'	{k-}
b) y-emoyngnĩ-lĩ 1Ax3P-alegrar-PAS.IM 'Eu o alegrei'	{y-}

- c) wĩ-moyngñĩ-li {wĩ-}  
 2Ax1P-alegrar-PAS.IM  
 ‘Você me alegrou’
- d) m-emoyngñĩ-li {m-}  
 2Ax3P-alegrar-PAS.IM  
 ‘Você o alegrou’
- e) kut-moyngñĩ-li {kut-}  
 1+2Ax3P-alegrar-PAS.IM  
 ‘Nós o alegramos’
- f) ï-moyngñĩ-li {ï-}  
 3Ax1P-alegrar-PAS.IM  
 ‘Ele me alegrou’
- g) o-moyngñĩ-li {o-}  
 3Ax2P-alegrar-PAS.IM  
 ‘Ele te alegrou’
- h) wĩ-moyngñĩ-li {wĩ-}  
 3Ax1+2P-alegrar-PAS.IM  
 ‘Ele nos alegrou’
- i) Ø-emoyngñĩ-li {Ø-}  
 3Ax3P-alegrar-PAS.IM  
 ‘Ele o alegrou’

Em casos como a marcação das relações 1Ax2P; 1Ax3P; 2Ax3P; e 3Ax3P, não haveria problemas em se considerar que a vogal em questão fizesse parte da raiz verbal, pois os prefixos realizados nessas relações estão de acordo com o que é previsto pelos autores para uma raiz V-inicial.

O primeiro problema seria explicar a mudança que ocorre nessa vogal, uma vez que na relação 1Ax2P, ela se realiza como /o/; nas relações 1Ax3P e 3Ax3P, realiza-se como /e/, nas relações 2Ax1P, 1+2Ax3P e 3Ax1P, desaparece.

Seria necessário explicar também a ocorrência das formas {wĩ-} (nas relações 2Ax1P e 3Ax1+2P); {-ĩ} (3Ax1P); e {o-} (3Ax2P), onde o esperado seria {ug(w)-}; {g-}; e {w-}, respectivamente, uma vez que essas são as formas prefixais que se realizam diante de raízes do tipo V-inicial, as primeiras ocorrem com raízes C-iniciais.

De fato, tomamos a ocorrência desses morfemas como uma evidência de que a raiz verbal é do tipo C-inicial e que, portanto, a vogal em questão faz parte dos afixos, formando assim uma nova sub-série de prefixos pessoais para raízes C-iniciais que não havia sido antes identificada. Nossa proposta de segmentação é apresentada abaixo:

(227) PARADIGMAS	PREFIXOS REALIZADOS
a) ko-moyngnĩ-lĩ 1Ax2P-alegrar-PAS.IM ‘Eu alegrei você’	{ko-}
b) ye-moyngnĩ-lĩ 1Ax3P-alegrar-PAS.IM ‘Eu o alegrei’	{ye-}

- c) wĩ-moyngñĩ-li {wĩ-}  
 2Ax1P-alegrar-PAS.IM  
 ‘Você me alegrou’
- d) me-moyngñĩ-li {me-}  
 2Ax3P-alegrar-PAS.IM  
 ‘Você o alegrou’
- e) kut-moyngñĩ-li {kut-}  
 1+2Ax3P-alegrar-PAS.IM  
 ‘Nós o alegamos’
- f) ã-moyngñĩ-li {ã-}  
 3Ax1P-alegrar-PAS.IM  
 ‘Ele me alegrou’
- g) o-moyngñĩ-li {o-}  
 3Ax2P-alegrar-PAS.IM  
 ‘Ele te alegrou’
- h) wĩ-moyngñĩ-li {wĩ-}  
 3Ax1+2P-alegrar-PAS.IM  
 ‘Ele nos alegrou’
- i) e-moyngñĩ-li {e-}  
 3Ax3P-alegrar-PAS.IM  
 ‘Ele o alegrou’

Uma prova de que este verbo realmente inicia por consoante é a sua forma intransitivizada, que mostra o segmento /t/ ocorrendo contíguo a /m/. Se houvesse uma vogal entre ambos, poderíamos esperar formas como /tV/, /rV/ ou /tʃ/, que são as formas possíveis de realização do segmento /t/ diante de vogal.

- (228) **Kotmoyngĩli**  
 k-ot-moyngi-li  
 1-intr-alegrar-pas.im  
 ‘Eu me alegrei’

De acordo com a segmentação feita acima, propomos incluir uma nova subsérie de afixos pessoais para a Série I, ocorrendo com raízes C-iniciais transitivas.

A Série I usada com verbos intransitivos também possui alomorfia condicionada pelo segmento inicial do tema verbal (C-inicial), como pode ser visto abaixo:

- | (229) PARADIGMAS  | PREFIXOS REALIZADOS |
|---|---------------------|
| a) ko-wiante-li<br>1Sa-esfriar-PAS.IM<br>‘Eu (me) esfriei/aliviei’          | {ko-}               |
| b) me-wiante-li<br>2Sa-esfriar-PAS.IM<br>‘Você (se) esfriou/aliviou’        | {me-}               |
| c) kut-wiante-li<br>1+2Sa-esfriar-PAS.IM<br>‘Nós (nos) aliviamos/esfriamos’ | {kut-}              |

- d) e-wiante-li {e-}
- 3Sa-esfriar-PAS.IM
- ‘Ele (se) esfriou/aliviou’

Com base nos dados apresentados nesta seção, propomos a inclusão de mais duas subséries de prefixos pessoais Ikpeng, referentes à série I transitiva (A) e série I intransitiva (Sa), que podem ser vistas na proposta final de mudança do quadro de afixos pessoais da língua Ikpeng, apresentada na tabela abaixo:

Tabela 27: Proposta Final de Prefixos Pessoais para a língua Ikpeng

PESSOA	VERBO TRANSITIVO				VERBO INTRANSITIVO			
	Série I (Função A)		Série II (Função P)		Série I (Função Sa)		Série II (Função Sp)	
	C- Inicial	V- Inicial	C- Inicial	V- Inicial	C- Inicial	V- Inicial	C- Inicial	V- Inicial
1	ye-	y-	ï-	g-	ko-	k-	ï-	g-
2	me-	m-	o-	w-	me-	m-	o-	w-
1+2	kut-	kut-	wï-	ug(w)-	kut-	kut-	wï-	ug(w)-
3	e-	Ø-	i-	y-	e-	Ø-	i-	y-
			tï-	t-				
Morfemas <i>Portmanteaux</i>	ko-	kw-	wï-	ug(w)-				
	(1Ax2P)		(2Ax1P)					

Com o que foi identificado até o presente momento, podemos observar que a série I transitiva, que funciona como sujeito (A), e a série I intransitiva, embora muito semelhantes, divergem quanto à marcação da primeira pessoa, o que é bastante recorrente nas línguas que pertencem ao “Set I” da família Karib. A série II transitiva que funciona como objeto (P) é idêntica à série II dos verbos intransitivos, a não ser pelo fato de que a primeira comporta os prefixos {t-/tï-} que marcam a terceira pessoa na função de objeto na

relação 3Ax3P. A série II é também a que marca a posse nos nomes e a flexão de pessoa na posposição, como pode ser visto abaixo:

SÉRIE II MARCANDO FUNÇÃO GENITIVA NOS NOMES:

(230) Raiz C-Inicial

- a) Īmomtxi  
i-mom-txi  
1-cabeça-GEN  
'Minha cabeça'

- b) Omomtxi  
o-mom-txi  
2-cabeça-GEN  
'Tua cabeça'

- c) Imomtxi  
i-mom-txi  
3-cabeça-GEN  
'Cabeça dele'

- d) Tīmomtxi  
tī-mom-txi  
3R-cabeça-GEN  
'Cabeça dele (mesmo)'

(231) Raiz V-Inicial

- a) Geremtxi  
g-erem-txi  
1-pescoço-GEN  
'Meu pescoço'

- b) Weremtxi  
w-erem-txi  
2-pescoço-GEN  
'Teu pescoço'

- c) Yeremtxi  
y-erem-txi  
3-pescoço-GEN  
'Pescoço dele'

- d) Teremtxi  
t-erem-txi  
3R-pescoço-GEN  
'Pescoço dele (mesmo)'

e) Wimomtxi  
wĩ-mom-txi  
1+2-cabeça-GEN  
'Nossa cabeça'

e) Gweremptxi  
gw-eremp-txi  
1+2-pescoço-GEN  
'Nosso pescoço'

SÉRIE II MARCANDO PESSOA NA POSPOSIÇÃO:

(232) Raiz C-Inicial

a) İtxin  
ĩ-txin  
1-ao.lado  
'Ao meu lado'

b) Otxin  
o-txin  
2-ao.lado  
'Ao teu lado'

c) Itxin  
i-txin  
3-ao.lado  
'Ao lado dele'

d) Witxin  
wĩ-txin  
1+2-ao.lado  
'Ao nosso lado'

(233) Raiz V-Inicial

a) Gara  
g-ara  
1-igual.a  
'Igual a mim'

b) Wara  
w-ara  
2-igual.a  
'Igual a ti'

b) Yara  
y-ara  
3-igual.a  
'Igual a ele'

d) Ugwara  
ugw-ara  
1+2-igual.a  
'Igual a nós'

Abaixo, mostramos uma tabela na qual se pode observar a combinação de uso de todos os prefixos pessoais propostos, exercendo as funções (A), (P), (Sa) e (Sp) no verbos. Na sequência, apresentamos exemplos de uso de tais morfemas:

Tabela 28: Distribuição dos Prefixos Pessoais

		Transitivos						Intransitivos			
A \ P	1 C-I V-I	2		1+2		3		Sa		Sp	
		C-I	V-I	C-I	V-I	C-I	V-I	C-I	V-I	C-I	V-I
1		ko-	kw-			ye-	y-	ko-	k-	ï-	g-
2	wi- ug(w)-					me-	m-	me-	m-	o-	w-
1+2						kut-	kut-	kut-	kut-	wi-	ug(w)
3	ï- g-	o-	w-	wi- ug(w)-		e- Ø-		e- Ø-		i-	y-
						i- t-					

PREFIXOS PESSOAIS TRANSITIVOS: SÉRIE I

(234) RAIZ C-INICIAL

a) **ye**-tontipore-nop-li

1A/3P-enlouquecer-TRANS-PAS.IM

‘Eu o enlouqueci’

b) **me**-tontipore-nop-li

2A/3P-enlouquecer-TRANS-PAS.IM

‘Você o enlouqueceu’

c) **kut**-tontipore-nop-li

1+2A/3P-enlouquecer-TRANS-PAS.IM

‘Nós o enlouquecemos’

(235) RAIZ V-INICIAL

a) **y**-akpili-li

1A/3P-molhar-PAS.IM

‘Eu o molhei’

b) **m**-akpili-li

2A/3P-molhar-PAS.IM

‘Você o molhou’

c) **kut**-akpili-li

1+2A/3P-molhar-PAS.IM

‘Nós o molhamos’

d) **e**-tontipore-nop-li  
3A/3P-enlouquecer-TRANS-PAS.IM  
'Ele o enlouqueceu'

d) Ø-akpili-li  
3A/3P-molhar-PAS.IM  
'Ele o molhou'

e) **ko**-tontipore-nop-li  
1A/2P-enlouquecer-TRANS-PAS.IM  
'Eu te enlouqueci'

e) **kw**-akpili-li  
1A/2P-molhar-PAS.IM  
'Eu te molhei'

PREFIXOS PESSOAIS TRANSITIVOS: SÉRIE II

(236) RAIZ C-INICIAL

a) **ĩ**-tontipore-nop-li  
3A/1P-enlouquecer-TRANS-PAS.IM  
'Ele me enlouqueceu'

(237) RAIZ V-INICIAL

a) **g**-akpili-li  
1A/3P-molhar-PAS.IM  
'Ele me molhou'

b) **o**-tontipore-nop-li  
3A/2P-enlouquecer-TRANS-PAS.IM  
'Ele te enlouqueceu'

b) **w**-akpili-li  
3A/2P-molhar-PAS.IM  
'Ele te molhou'

c) **wĩ**-tontipore-nop-li  
3A/1+2P-enlouquecer-TRANS-PAS.IM  
'Ele nos enlouqueceu'

c) **ugw**-akpili-li  
3A/1+2P-molhar-PAS.IM  
'Ele nos enlouqueceu'

d) **i**-tontipore-nop-li  
3A/3P-enlouquecer-TRANS-PAS.IM  
'Ele o enlouqueceu'

d) **y**-akpili-li  
3A/3P-molhar-PAS.IM  
'Ele o molhou'

e) **wĩ**-tontipore-nop-li  
2A/1P-enlouquecer-TRANS-PAS.IM  
'Você me enlouqueceu'

e) **ugw**-akpili-li  
2A/1P-molhar-PAS.IM  
'Você me molhou'

PREFIXOS PESSOAIS INTRANSITIVOS: SÉRIE I (SA)

(238) RAIZ C-INICIAL

a) **ko**-wiante-li

1Sa-esfriar-PAS.IM

‘Eu (me) esfriei’

b) **me**-wiante-li

2Sa-esfriar-PAS.IM

‘Você (se) esfriou’

c) **kut**-wiante-li

1+2Sa-esfriar-PAS.IM

‘Nós (nos) esfriamos’

d) **e**-wiante-li

3Sa-esfriar-PAS.IM

‘Ele (se) esfriou’

(239) RAIZ V-INICIAL

a) **k**-omom-li

1Sa-entrarPAS.IM

‘Eu entrei’

b) **m**-omom-li

2Sa-entrarPAS.IM

‘Você entrou’

c) **kut**-omom-li

1+2Sa-entrar-PAS.IM

‘Nós entramos’

d) **Ø**-omom-li

3Sa-entrar-PAS.IM

‘Ele entrou’

PREFIXOS PESSOAIS INTRANSITIVOS: SÉRIE II (SP)

(240) RAIZ C-INICIAL

a) **ĩ**-mulukte-li

1Sp-tossir-PAS.IM

‘Eu tossi’

b) **o**-mulukte-li

2Sp-tossir-PAS.IM

‘Você tossiu’

c) **wĩ**-mulukte-li

1+2Sp-tossir-PAS.IM

‘Nós tossimos’

(241) RAIZ V-INICIAL

a) **g**-agĩnte-li

1Sp-adoecer-PAS.IM

‘Eu adoeci’

b) **w**-agĩnte-li

2Sp-adoecer-PAS.IM

‘Você adoeceu’

c) **ugw**-agĩnte-li

1+2Sp-adoecer-PAS.IM

‘Nós adoecemos’

d) i-mulukte-li

3Sp-tossir-PAS.IM

‘Ele tossiu’

d) y-agĩnte-li

3Sp-adoecer-PAS.IM

‘Ele adoeceu’

### III.2.1.2. Marcação de Pessoa nos Verbos Transitivos: Alinhamento (Direto-)Inverso

Diferentes análises têm sido propostas para explicar a marcação de pessoa no verbo transitivo das línguas Karib pertencentes ao “Set I”. Alguns autores (HOFF, 1968; DERBYSHIRE, 1985; KOEHN e KOEHN, 1986) os consideram como morfemas *portmanteaux* marcando ao mesmo tempo o sujeito e o objeto dos verbos; outros autores (DERBYSHIRE, 1991) falam em hierarquia de pessoa (quando há o ranqueamento 1 > 2 > 3); e outros (GILDEA, 1992, 1994, 1995; TAVARES, 1995; MEIRA, 2004) têm assumido a proposta de um alinhamento (direto-)inverso.

Como já pôde ter sido observado, a língua Ikpeng distingue morfologicamente quatro pessoas em relação ao discurso, três participantes (1, 2, 1+2) e um não-participante (3):

1	+ Falante	- Ouvinte	} Participantes
2	- Falante	+ Ouvinte	
1-2	+ Falante	+ Ouvinte	
3	- Falante	- Ouvinte	} Não-participante

Os morfemas *portmanteaux* que marcam as relações que envolvem duas pessoas do discurso, não nos permite identificar a existência de proeminência de uma pessoa sobre a outra. Assim, não há evidências para dizer que existe hierarquia entre os participantes do discurso em Ikpeng, mas há para dizer que a língua opõe os participantes

aos não-participantes, o que nos leva a considerar que em Ikpeng não existe hierarquia de pessoa de pessoa nos moldes  $1 > 2 > 3$ , mas sim:  $1 = 2 > 3$ . Por esse motivo, analisaremos a marcação de pessoa no verbo transitivo Ikpeng como um sistema (direto-)inverso.

Uma língua possui sistema (direto-)inverso quando a concordância no verbo transitivo se estabelece de maneira hierárquica com a pessoa que possui maior proeminência, topicalidade ou animacidade. Nessa hierarquia, os *Speech Act Participants (SAP)*, primeira e segunda pessoa, são mais proeminentes que a terceira.

Nessas línguas, duas coisas são importantes de serem observadas no verbo: (i) se a marcação de concordância se refere a apenas um dos dois participantes da oração transitiva; e (ii) se a pessoa que ocupa a maior posição na hierarquia é o sujeito ou o objeto do verbo. Quatro configurações diferentes podem ser propostas para essas línguas:

	SUJEITO	OBJETO
1) Direta	( <i>SAP</i>	: 3)
2) Inversa	(3	: <i>SAP</i> )
3) Local	( <i>SAP</i>	: <i>SAP</i> )
4) 3:3	(3	: 3)

De acordo com Gildea (1994), a nomenclatura “(direto-)inverso” veio originalmente das análises das línguas da família Algonquiana que apresentam esse tipo de sistema. Ainda segundo este autor, Thomas Payne foi a primeira pessoa a propor que o sistema de concordância verbal nas línguas da família Karib fosse tratado como um alinhamento inverso (GILDEA, op. cit., p. 226).

### III.2.1.2.1. Configuração Direta (*SAP A x 3 P*) e Configuração Inversa (*3 A x SAP P*)

Tem-se uma configuração direta quando o sujeito do verbo é um participante do discurso e o objeto é uma terceira pessoa (i.e. um não-participante). A outra possibilidade é o sujeito ser uma terceira pessoa e o objeto um *SAP*. A esse alinhamento morfológico dá-se o nome de inverso (GILDEA, 1994, p. 188).

Tabela 29: Esquema de Alinhamento Direto-Inverso

ALINHAMENTO	SAP	3
Direto	Sujeito	Objeto
Inverso	Objeto	Sujeito

Como mostrado na seção III.2.1.1., a língua Ikpeng possui duas séries de prefixos pessoais recorrentes nos verbos transitivos: Série I, que codifica o sujeito e Série II, que marca o objeto desses verbos. Ambas as séries ocorrem de maneira mutuamente excludente, o que significa que o verbo marca apenas uma das pessoas envolvidas na sua estrutura argumental; além disso, a língua parece privilegiar as pessoas diferentes de 3, ou seja, os participantes do discurso.

Dessa forma, pode-se dizer que a língua Ikpeng apresenta as propriedades correspondentes a um sistema (direto-)inverso, uma vez que os prefixos da Série I se realizam no verbo quando o sujeito configura um *SAP* e o objeto é uma terceira pessoa, havendo assim marcação morfológica direta; enquanto que os prefixos da Série II são realizados quando o sujeito é uma terceira pessoa e o objeto é um *SAP*, havendo neste caso marcação morfológica inversa. Apresentamos abaixo a tabela com os prefixos diretos e inversos em Ikpeng e em seguida alguns exemplos com os mesmos:

Tabela 30: Prefixos Diretos

Pessoa	Série I (Função A)	
	C- Inicial	V-Inicial
1	ye-	y-
2	me-	m-
1+2	kut-	kut-

Tabela 31: Prefixos Inversos

Pessoa	Série II (Função P)	
	C- Inicial	V- Inicial
1	ï-	g-
2	o-	w-
1+2	wï-	ug(w)-

ALINHAMENTO DIRETO: SAP x 3

(242) RELAÇÃO: 1A x 3P

a) Yewopraptonlĩ  
**ye-**woprapton-lĩ  
 1-entristecer-PAS.IM  
 ‘Eu o entristeci’

b) Yapigeli  
**y-**apige-lĩ  
 1-arranhar-PAS.IM  
 ‘Eu o arranhei’

(243) RELAÇÃO: 2A x 3P

a) Mewopraptonlĩ  
**me-**woprapton-lĩ  
 2-entristecer-PAS.IM  
 ‘Você o entristeceu’

b) Mapigeli  
**m-**apige-lĩ  
 2-arranhar-PAS.IM  
 ‘Você o arranhou’

(244) RELAÇÃO: 1+2A x 3P

a) Kutwopraptionli  
**kut**-wopraption-li  
1+2-entristecer-PAS.IM  
'Nós o entristecemos'

b) Kwapigeli  
**kut**-apige-li  
1+2-arranhar-PAS.IM  
'Nós o arranhamos'

ALINHAMENTO INVERSO: 3 x SAP

(245) RELAÇÃO: 3A x 1P

a) İwopraptionli  
**ï**-wopraption-li  
1-entristecer-PAS.IM  
'Ele me entristeceu'

b) Gapigeli  
**g**-apige-li  
1-arranhar-PAS.IM  
'Ele me arranhou'

(246) RELAÇÃO: 3A x 2P

a) Owopraptionli  
**o**-wopraption-li  
2-entristecer-PAS.IM  
'Ele entristeceu você'

b) Wapigeli  
**w**-apige-li  
2-arranhar-PAS.IM  
'Ele arranhou você'

(247) RELAÇÃO: 3A x 1+2P

a) Wiwopraptionli  
**wi**-wopraption-li  
1+2-entristecer-PAS.IM  
'Ele nos entristeceu'

b) Ugwapigeli  
**ugw**-apige-li  
1+2-arranhar-PAS.IM  
'Ele nos arranhou'

### III.2.1.2.2. Configuração Local (1Ax2P; 2Ax1P)

O terceiro tipo de configuração ocorre quando tanto o sujeito, quanto o objeto são *SAPs*. Nesse caso, as línguas podem fazer o alinhamento das relações 1Ax2P e 2Ax1P de duas formas distintas: a) tratar a marcação dessas relações como um subsistema independente, que não é nem direto, nem inverso; ou b) tratá-las como se fossem diretas ou inversas.

As línguas dos primeiro tipo podem ainda:

- (a.1) apresentar uma morfologia individual para cada uma das relações;  
ou
- (a.2) apresentar uma morfologia que evidencia que ambas as relações juntas formam um subsistema, isto é, marcar ambas as relações de forma idêntica.

As línguas do segundo tipo apresentam as seguintes possibilidades:

- (b.1) ambas as relações são tratadas como configurações diretas;
- (b.2) ambas as relações são tratadas como configurações inversas;
- (b.3) a relação 1Ax2P é tratada como configuração direta e 2Ax1P, como inversa; e
- (b.4) 1Ax2P é tratada como configuração inversa e 2Ax1P como direta.

A língua Ikpeng parece fazer parte do primeiro tipo (a), pois apresenta prefixos independentes do sistema de afixos pessoais para marcar essas relações, da mesma forma que a língua Carib (GILDEA, 1994, p. 193) – embora esta seja do subtipo (a.2), isto é, realiza o mesmo morfema {k(i)-} para marcar ambas as relações. Ikpeng é uma língua do subtipo (a.1), pois realiza morfemas distintos para cada uma das relações: {ko-/kw-/k-} para marcar a relação 1Ax2P; e {wĩ-/ug(w)-} para codificar a relação 2Ax1P.

Tabela 32: Prefixos Locais

Pessoa	C-Inicial	V-Inicial
1A+2P	ko-	kw-/k-
2A+1P	wĩ-	ug(w)-

(248) RELAÇÃO: 1A x 2P

a) Kowopraptionli  
**ko**-wopraption-li  
 1/2-entristecer-PAS.IM  
 ‘Eu entristeci você’

b) Kwapigeli  
**kw**-apige-li  
 1/2-arranhar-PAS.IM  
 ‘Eu arranhei você’

(249) RELAÇÃO: 2A x 1P

a) Wiwopraptionli  
**wĩ**-wopraption-li  
 1/2-entristecer-PAS.IM  
 ‘Você me entristeceu’

b) Ugwapigeli  
**ugw**-apige-li  
 1/2-arranhar-PAS.IM  
 ‘Você me arranhou’

Observe que o morfema *portmanteau* que marca a relação 2Ax1P é homófono ao morfema inverso correspondente à primeira pessoa inclusiva (1+2), que também marca a relação 3Ax1+2P, de modo que os exemplos em (249.a e 249.b) também podem ser interpretados como “Ele nos entristeceu” e “Ele nos arranhou”, respectivamente. Fato semelhante ocorre em Carib, onde o morfema *portmanteau* {k(i)-}, que marca ambas as relações envolvendo duas SAP (1Ax2P e 2Ax1P), também é homófono ao prefixo inverso que marca a primeira pessoa inclusiva, de tal forma que seu uso pode ter três interpretações possíveis:

(250) kī-kuupi-ya  
 1/2-bathe-TNS  
 ‘I bathe you’  
 ‘You bathe me’  
 ‘S/he bathes us’

(251) k-aroo-ya  
 1/2-take-TNS  
 ‘I take you’  
 ‘You take me’  
 ‘S/he takes us’

(GILDEA, 1994, p. 193)

Em Ikpeng, assim como em Carib, essa ambiguidade pode ser desfeita ou pelo contexto discursivo ou pelo uso de pronomes pessoais. Repetimos abaixo os exemplos em (249), agora com o uso dos pronomes pessoais para mostrar a possibilidade de desambiguação por meio desse recurso:

(252.a) Wiwopraptonlī omro uro  
**wī-woprapton-lī omro uro**  
 1/2-entristecer-PAS.IM você eu  
 ‘Você me entristeceu’

(253.a) Ugwapigeli omro uro  
**ugw-apige-lī omro uro**  
 1/2-arranhar-PAS.IM você eu  
 ‘Você me arranhou’

(252.b) Wiwopraptonlī ugun ugro  
**wī-woprapton-lī ugun ugro**  
 1/2-entristecer-PAS.IM ele nós  
 ‘Ele nos entristeceu’

(253.b) Ugwapigeli ugun ugro  
**ugw-apige-lī ugun ugro**  
 1/2-arranhar-PAS.IM ele nós  
 ‘Ele nos arranhou’

### III.2.1.2.3. Configuração 3Ax3P

Quando ambos os argumentos envolvidos são terceiras pessoas, o uso de morfologia direta ou inversa não causa distinção na relação dos entes envolvidos:

Tabela 33: Prefixos 3Ax3P

Pessoa	C-Inicial	V-Inicial
3A	e-	Ø-
3P	i- tĩ-	y- t-

Como dito anteriormente, não encontramos em nossos dados nenhuma ocorrência dos prefixos inversos {i-} e {y-} marcando a relação 3Ax3P; embora existam alguns casos mencionados por Pachêco (2001), que já foram apresentados neste trabalho (Cf. exemplos (214) e (215)). Em nossos registros, encontramos apenas a ocorrência dos pares {e-/Ø-} e {tĩ-/t-} marcando tal relação.

Usando mais uma vez a terminologia adotada para as línguas da família Algonquiana, chama-se *proximate* à terceira pessoa que recebe morfologia direta, ou seja, aquela que é marcada com afixos correspondentes ao sujeito transitivo; e *obviative* à terceira pessoa, quando esta recebe morfologia inversa, ou seja, é marcada como objeto (GILDEA, 1994). Apresentamos abaixo algumas ocorrências de cada um dos morfemas encontrados:

(254) RELAÇÃO 3Ax3P: *Proximate*

- a) Impomeli            atxi  
    Ø-impome-li        atxi  
    3A-apagar-PAS.IM fogo  
    ‘Ele apagou o fogo’

b) Okpeli                      pïrom  
 Ø-okpe-li                    pïrom  
 3A-guardar-PAS.IM flecha  
 ‘Ele guardou a flecha’

c) Ewiantenopli                wot  
 e-wiante-nop-li              wot  
 3-esfriar-CAUS-PAS.IM      mingau  
 ‘Ele esfriou o mingau’

(255) RELAÇÃO 3Ax3P: *Obviative*

a) Ugun            twoli                              tupi    pïrom    ge  
 ugun            t-wo-li                            tupi    pïrom    ge  
 ele              3P-matar-PAS.IM            branco flecha    POSP:com  
 ‘Ele matou o branco com flecha’

b) Teruli                      ye    wikgwĩ                      engna  
 t-eru-li                      ye    wikgwĩ                      e-ngna  
 3P-dar-PAS.IM            mãe    bebida                      3-POSP:para  
 ‘A mãe deu bebida para ele’

c) Wot                      timli  
 wot                      t-ïm-li  
 peixe                      3P-matar-PAS.IM  
 ‘Ele matou peixe’

Segundo Givón (1994), na relação 3Ax3P, o uso de morfologia direta ou inversa pode depender de fatores pragmáticos, como a topicalidade. Arnold (1994, p. 28) diz que as línguas podem usar morfologia inversa para introduzir um participante novo no discurso. Assim, o uso de morfologia direta ou inversa nesses casos, serviria para indicar a relação “dado *versus* novo”; ‘tema *versus* rema’; “tópico *versus* comentário”; “anáfora *versus* catáfora”. Até o presente momento, não foi possível compreender quando é feito o uso dos prefixos *proximate* ou *obviative* na língua Ikpeng. Encontramos dois casos em que temos {t-} alternando com {Ø-}, isto é, a morfologia *proximate* alternando com a *obviative*.

(256) Marcação *Proximate*

a) Iplī

Ø-ip-li

3A/3P-banhar-PAS.IM

‘Ele o banhou’

b) Amlī

Ø-amli

3A/3P-empalhar-PAS.IM

‘Ele empalhou a casa’

owro

owro

casa

(257) Marcação *Obviative*

a) Tiplī

t-ip-li

3P-banhar-PAS.IM

‘Ele o banhou’

b) Tamli

t-amli

3P-empalhar-PAS.IM

‘Ele empalhou a casa’

owro

owro

casa

De fato, o uso dos prefixos de terceira pessoa no verbo transitivo ainda necessita de uma maior investigação. Análises de textos podem ajudar a compreender se o uso da morfologia direta ou inversa na relação 3Ax3P possuem funções discursivo-pragmáticas em Ikpeng, ou se tem alguma outra motivação.

### III.2.1.3. Marcação de Pessoa nos Verbos Intransitivos: Cisão

De acordo com Payne (1997, p. 144), algumas línguas expressam o argumento dos verbos intransitivos (S) de duas maneiras distintas, ora como A (Sa), ora como P (Sp). Tais línguas podem ser de dois tipos: S-Cindido e S-Fluido<sup>23</sup>.

Os verbos intransitivos Ikpeng parecem ser do tipo S-Cindido, uma vez que cada tema verbal só pode ocorrer exclusivamente com uma série de prefixos, ou seja, determinados verbos só ocorrem com prefixos a da Série I, e outros apenas com prefixos da Série II; diferente do sistema S-Fluido, quando uma mesma raiz verbal pode carregar ora um argumento Sa, ora Sp, dependendo da semântica do verbo, numa determinada situação de uso, o que não se observa no caso do Ikpeng.

De acordo com Dixon (1994, p. 78-9), a principal diferença entre os sistemas S-Cindido e S-Fluido é que no primeiro caso:

“as marcas tipo-A e tipo-O são alocadas para S sintaticamente; a divisão Sa/So tem base semântica, é claro (...) mas não há escolha envolvida para um verbo em particular. Em uma língua do tipo S-Fluido as marcas tipo-A e tipo-O são alocados para as cláusulas intransitivas semanticamente, com cada verbo intransitivo tendo a possibilidade de duas escolhas, dependendo da semântica de cada contexto particular de uso” (DIXON: 1994, p. 78-9)<sup>24</sup>.

Algumas línguas Karib apresentam dois padrões de marcação para os prefixos pessoais intransitivos: um (Sa) similar à série transitiva direta (com distinção para a

---

<sup>23</sup> Cf. Dixon (1994, p. 71).

<sup>24</sup> Minha tradução para: “the A-type and O-type markings are allocated to S syntactically; the Sa/So division has a semantic basis, of course (...) but there is no choice involved for an individual verb. In a Fluid-S language the A-type and O-type markings are allocated to intransitive clauses semantically, with each intransitive verb having the possibility of either choice, depending on the semantics of each particular context of use”.

primeira pessoa); e outra (Sp) idêntica à série transitiva inversa. Embora Dixon (op. cit) afirme que a cisão tenha sempre uma base semântica, Gildea (1998) argumenta que, no caso das línguas Karib, pode haver mais que apenas motivações semânticas envolvidas e que a cisão poder ter razões morfossintáticas.

Em Ikpeng, três fatores distinguem duas classes de verbos intransitivos. Um semântico, que tem a ver com o fato de cada verbo ser interna ou externamente causado, ou seja, se a realização do evento descrito pelo verbo depende apenas das características internas do seu argumento (S) (como, ficar grávida, sorrir, falar, envelhecer, chorar, urinar, etc); ou se depende de alguma motivação externa que desencadeia o evento (como, apagar, boiar, engrossar, afundar, clarear, etc).

Há também um fator morfossintático, que é consequência do semântico, e consiste no fato desses verbos poderem ou não participar de alternâncias transitivas. Os verbos externamente causados alternam porque possuem uma estrutura semântica diádica, com duas posições argumentais disponíveis para serem preenchidas, tal como os transitivos e exatamente por isso podem ser transitivizados. Quando isso ocorre, o argumento (S) torna-se o objeto transitivo (P). Os verbos internamente causados não alternam porque possuem uma estrutura semântica monádica, o que impede sua transitivização. Porém, podem ser causativizados, mantendo o seu argumento (S)<sup>25</sup>.

O último fator é puramente morfológico e é resultado dos dois primeiros, pois os verbos externamente causados, alternantes, selecionam os prefixos Sa; enquanto que os verbos internamente causados, não-alternantes, são marcados com os prefixos Sp. Repetimos abaixo a tabela com os prefixos pessoais intransitivos e em seguida apresentamos um verbo externamente causado carregando o paradigma Sa (238, 239) e um verbo internamente causado, sendo marcado com o paradigma Sp (240, 241):

---

<sup>25</sup> Os aspectos semânticos e morfossintáticos dos verbos intransitivos serão melhor explorados na seção IV.3.2., quando falarmos das motivações da cisão na marcação de pessoa desses verbos, que tem a ver com fatores que só serão discutidos no capítulo IV

Tabela 34: Prefixos Intransitivos

Pessoa	As		Sp	
	C-Inicial	V-Inicial	C-Inicial	V-Inicial
1	ko-	k-	ĩ-	g-
2	me-	m-	o-	w-
1+2	kut-	kut-	wĩ-	ug(w)-
3	e-	Ø-	i-	y-

VERBOS EXTERNAMENTE CAUSADOS: PREFIXOS DA SÉRIE I

(258.a) Karepli

k-arep-li

1-chegar-PAS.IM

‘Eu cheguei’

(259.a) Kowianteli

ko-wiante<sup>26</sup>-li

1-esfriar-PAS.IM

‘Eu (me) esfriei/aliviei’

(258.b) Marepli

m-arep-li

2-chegar-PAS.IM

‘Você chegou’

(259.b) Mewianteli

me-wiante-li

2-esfriar-PAS.IM

‘Você (se) esfriou/aliviou’

(258.c) Kutarepli

kut-arep-li

1+2-chegar-PAS.IM

‘Nós chegamos’

(259.c) Kutwianteli

kut-wiante-li

1+2-esfriar-PAS.IM

‘Nós (nos) aliviamos/esfriamos’

<sup>26</sup> Esse verbo pode ter duas interpretações: uma é de que ventou e (S) ficou com frio, e outra que (S) tem uma dor ou ardência que está melhorou após medicação. Nesse caso, pode ser traduzido como ‘Eu me aliviei’ ou mais livremente como ‘Minha dor aliviou’.

(258.d) Arep-li  
Ø-arep-li  
3-chegar-PAS.IM  
'Ele chegou'

(259.d) Ewianteli  
e-wiante-li  
3-esfriar-PAS.IM  
'Ele (se) esfriou/aliviou'

VERBOS INTERNAMENTE CAUSADOS: PREFIXOS DA SÉRIE II

(260.a) Gaginumli  
g-aginum-li  
1-chorar-PAS.IM  
'Eu chorei'

(261.a) İtxiktekli  
ï-txiktek-li  
1-urinar-PAS.IM  
'Eu urinei'

(260.b) Waginumli  
w-aginum-li  
2-chorar-PAS.IM  
'Você chorou'

(261.b) Otxiktekli  
o-txiktek-li  
2-urinar-PAS.IM  
'Você urinou'

(260.c) Ugaginumli  
ug-aginum-li  
1+2-chorar-PAS.IM  
'Nós choramos'

(261.c) Witxiktekli  
wi-txiktek-li  
1+2-urinar-PAS.IM  
'Nós urinamos'

(260.d) Yaginumli  
y-aginum-li  
3-chorar-PAS.IM  
'Ele chorou'

(261.d) Itxiktekli  
i-txiktek-li  
3-urinar-PAS.IM  
'Ele urinou'

De acordo com Meira (2000), historicamente na família Karib, os verbos intransitivizados, ou seja, derivados de transitivos a partir do morfema {ot-}, são sempre marcados com os prefixos da Série I<sup>27</sup>. Mostramos abaixo exemplos de verbos transitivos detransitivizados, ocorrendo com a série de prefixos intransitivos Sa.

VERBOS INTRANSITIVIZADOS: PREFIXOS DA SÉRIE I

(262.a) Korengkororeli	(263.a) Kotxiarili	
k-ot-engkorore-li	k-ot-iari-li	
1-INTR-atravesar-PAS.IM	1-INTR-balançar-PAS.IM	
‘Eu atravessei (o rio)/Eu nadei’	‘Eu (me) balancei’	
(262.b) Morengkororeli	(263.b) Motxiarili	
m-ot-engkorore-li	m-ot-iari-li	
2-INTR-atravesar-PAS.IM	2-INTR-balançar-PAS.IM	
‘Você atravessou (o rio)/Você nadou’	‘Você (se) balançou’	
(262.c) Kurengkororeli	(263.c) Kurotxiarili	
kut-ot-engkorore-li	kut-ot-iari-li	
1+2-INTR-atravesar-PAS.IM	1+2-INTR-balançar-PAS.IM	
‘Nós atravessamos (o rio)/Nós nadamos’	‘Nós (nos) balançamos’	
(262.d) Orengkororeli	(263.d) Otxiarili	awrat
Ø-ot-engkorore-li	Ø-ot-balançar-li	awrat
3-INTR-atravesar-PAS.IM	3-INTR-balançar-PAS.IM	rede
‘Ele atravessou (o rio)/Ele nadou’	‘A rede balançou’	

<sup>27</sup> Esse assunto será retomado na seção IV.3.1., quando falarmos da marcação ergativa nos verbos intransitivos.

É importante dizer que Souza (1993) não menciona nenhuma cisão existente na língua Arara. Segundo a autora, todos os verbos intransitivos são marcados com os mesmos prefixos que marcam o objeto no verbo transitivo. No entanto, os intransitivizados são marcados com os prefixos que marcam os sujeitos transitivos, seguindo o padrão Karib.

Se, de fato, não houver cisão na marcação intransitiva, esse é outro aspecto em que as línguas Arara e Ikpeng diferem, pois a última apresenta verbos inerentemente intransitivos carregando os prefixos pessoais da série I e da série II. Uma hipótese que explica a cisão intransitiva em Ikpeng será discutida na seção IV.3.2.

Gildea (1998) apresenta uma tabela com todos os alinhamentos já atestados em línguas Karib, que repetimos abaixo:

Tabela 35: Padrões de Alinhamento Karib

	1 Nominative- Accusative	2 Ergative- Absolutive	3 Tripartite	4 Split- S	5 Unique A/As	6 Unique O/So	7 All Unique
A	X	X	X	X	X	X	W
Sa	X	Y	Y	X	Y	X	X
Sp	X	Y	Y	Y	Z	Y	Y
P	Y	Y	Z	Y	Z	Z	Z

Fonte: Gildea (1998, p. 93)

De acordo com o que foi descrito para as línguas Arara e Ikpeng, vemos que ambas possuem alinhamentos distintos, uma vez que a primeira não possui cisão na marcação intransitiva e alinha (S) com (P); a segunda língua alinha os prefixos (Sp) com (P), mas difere quanto ao alinhamento de (Sa) e (A), na marcação de primeira pessoa. Assim, pode-se concluir que a língua Arara possui uma marcação morfológica ergativo-absolutiva e pertence ao grupo 2 da tabela, enquanto que a língua Ikpeng pertence ao grupo 5 (Unique A/Sa), por ter grupos de prefixos exclusivos para marcar o sujeito transitivo e o sujeito intransitivo.

### III.2.1.4. Algumas Considerações sobre os Prefixos Pessoais Arara

Souza (1993, p. 11) diz que há duas séries de prefixos pessoais para a língua Arara: uma, que denomina de ergativa, marca os sujeitos transitivos; e outra, denominada absoluta, que marca os sujeitos intransitivos, os objetos transitivos e o possuidor nos nomes. Os prefixos possuem alomorfa determinada pelo segmento inicial (consoante ou vogal) do tema a que se juntam. Apresentamos abaixo novamente a Tabela 21 “Prefixos Pessoais Arara”, agora de acordo com a classificação de Souza (op. cit.):

Tabela 21: Prefixos Pessoais Arara

Pessoa	Série Ergativa		Série Absolutiva			
	Sujeito Trans		Objeto Trans		Sujeito Intrans	
	C-inicial	V-inicial	C-inicial	V-inicial	C-inicial	V-inicial
1	in-	k- i-	y-	i-	y-	i- w-
2	mi-/my-	m-	o-	w- Ø-	o-	w- Ø-
1+2	kut-	kut-	uk-	uk-	uk-	uk-
3real	Ø-	Ø-	i- ty-	Ø- t-	i-	Ø- t-
3virtual	---	w-	ny-	n-	ny-	n-

Adaptado de Souza (op. cit., p. 12)

Algumas coisas nos chamaram a atenção nos prefixos pessoais propostos para a língua Arara por serem distintos dos que ocorrem em Ikpeng, tais como: a) uma primeira pessoa nasal, série ergativa; b) uma primeira pessoa {w-}, na série absoluta; c) um morfema zero para a segunda pessoa – série absoluta; d) uma primeira pessoa transitiva {k-}, e e) não haver cisão na marcação dos verbos intransitivos.

Sobre a primeira pessoa nasal {in-}, Souza (op. cit., p. 21) diz que se realiza diante de consoante, mas há poucos exemplos de uso desse morfema ao longo do trabalho e na maioria deles esse morfema está ocorrendo diante de consoante nasal. Por outro lado, encontramos também no trabalho exemplos desse morfema ocorrendo diante de vogais, que é o ambiente que não se esperaria que ocorresse, de acordo com descrição de Souza. A

realização/distribuição desse morfema necessita ser melhor investigada nessa língua. Abaixo, apresentamos alguns exemplos do que dissemos:

- |                         |                         |
|-------------------------|-------------------------|
| (264) in-moku-ly        | (265) in-Ø-idaḡ-yry     |
| 1-cheirar-REC           | 1-3-ouvir-REC           |
| ‘Eu o cheirei’          | ‘Eu o ouvi’             |
| (SOUZA, op. cit., p.21) | (SOUZA, op. cit., p.37) |

Quanto à primeira pessoa intransitiva recorrente diante de radical V-inicial, em Ikpeng tem-se a realização de {k-} e em Arara de {w-}. As duas formas são recorrentes em outras línguas Karib para marcar essa mesma função. Por exemplo, as línguas Hixkaryana e Bakairi apresentam ambas as formas {k-} e {w-} para marcar a primeira pessoa intransitiva. Tiriyo apresenta a forma {w(i)-} e Waiwai, a forma {k(i)-}.

Sobre a segunda pessoa {Ø-}, Souza (1993, p. 14) diz que é encontrada apenas “com temas iniciados por [-Consonantal, -Alto, -Posterior] a qual é elevada para [-Consonantal, +Alto, -Posterior]”. Em outras palavras, o que se tem aqui é a vogal /e/ passando a /i/ em início de palavra, quando a essa palavra é adicionado o morfema {o-} de segunda pessoa, semelhante ao que ocorre em Ikpeng com o morfema *portmanteau* {ko-} diante de tema iniciado com /e/, como mencionado anteriormente. Observe os exemplos da língua Arara abaixo, retirados do trabalho de Souza (idem):

- |                |                   |
|----------------|-------------------|
| (266) Ø-itit-Ø | (267) Ø-iremne-ly |
| 2-casa-POSS    | 2-descansar-REC   |
| ‘Tua casa’     | ‘Você descansou’  |

Segundo a descrição da autora, as palavras ‘casa’ e ‘descansar’ iniciam com /e/ e, portanto, seriam *etit* e *eremne*, respectivamente. Nossa hipótese é de que nos exemplos acima, temos a junção de /o/ do prefixo pessoal de segunda pessoa com o /e/ das palavras exemplificadas, que causa o possível *ablaut* nas línguas Ikpeng e Arara, como já havíamos

mencionado anteriormente. Assim, não teríamos uma segunda pessoa {Ø-} em Arara, mas sim a ocorrência de um processo morfofonológico que ainda precisa ser melhor investigado em ambas as línguas.

Em relação ao prefixo transitivo {k-}, a autora menciona que ele ocorre sempre com o prefixo marcador de segunda pessoa {o- ou Ø-}. Observe os exemplos abaixo:

(268) k-o-moku-ly  
1-2-cheirar-REC  
'Eu te cheirei'  
(SOUZA, op. cit., p.22)

(269) k-Ø-ireḡmy-ly  
1-2-matar-REC  
'Eu matei você'  
(SOUZA, op. cit., p.34)

A autora justifica a existência do morfema {k-} analisando a forma fonológica /ko/ do exemplo (268), como dois segmentos morfológicos. Diferente do que propusemos para o Ikpeng, pois consideramos essa sequência sonora como uma unidade morfológica que marca a relação 1Ax2P, como já foi dito anteriormente. Se considerarmos a sequência /ko/ Arara da mesma forma que consideramos em Ikpeng – como o morfema *portmanteau* {ko-} – é possível dizer que ocorre no exemplo (269) a mesma alternância vocálica (*ablaut*) que apontamos no Ikpeng, pois o tema verbal 'matar' de fato, inicia com a vogal /e/ (*ereḡmy*), após outros prefixos pessoais, conforme apresentado por Souza (*idem*, p. 34).

É difícil aceitar que /e/ torna-se /i/ após /k/, uma vez que há a sequência /ke/ tanto em Arara, quanto em Ikpeng, além disso, há outros casos em que o encontro de /o/ com /e/ gera um /i/ em Arara, como mencionado anteriormente para a segunda pessoa {o-} diante de palavra iniciada por /e/. Por isso, consideramos ser possível propor para o Arara, no lugar de um {k-} que marca a primeira pessoa na função de A, um morfema *portmanteau* {ko-} que marca a relação 1Ax2P, tal como em Ikpeng.

### III.2.2. Marcação e Concordância de Número

Em relação ao número, observamos que o verbo aparece morfologicamente marcado sempre que um dos seus argumentos sugere a participação de mais de uma pessoa envolvida. O morfema utilizado para marcar o plural nos verbos, em orações declarativas, é o sufixo {-kom} (que pode também se realizar na forma {-ngmo}, por um processo de metátese<sup>28</sup>).

Segundo Pachêco (2001, p. 84), “além de indicar pluralidade, a categoria de número estabelece concordância entre as funções S/A/O e o verbo”. De fato, quando o verbo é monoargumental, obviamente, o argumento (S), se realizado sintaticamente, receberá a marca de pluralidade estabelecendo concordância com o verbo, como pode ser visto abaixo:

(270)

a) Waginumlingmo (omrongmo)  
w-aginum-li-**ngmo** omro-**ngmo**  
2-chorar-PAS.IM-PL você-PL  
'Vocês choraram'

b) Yaginumlingmo (ugyam)  
y-aginum-li-**ngmo** ug-**yam**  
3-chorar-PAS.IM-PL DEM-PL  
'Eles choraram'

(271)

a) Maragrawonlingmo (omrongmo)  
m-ot-agrawon-li-**ngmo** omro-**ngmo**  
2-INTR-cansar-PAS.IM-PL você-PL  
'Vocês (se) cansaram'

b) Aragrawonlingmo (ugyam)  
Ø-ot-agrawon-li-**ngmo** ug-**yam**  
3-INTR-cansar-PAS.IM-PL DEM-PL  
'Eles (se) cansaram'

---

<sup>28</sup> Para mais informações sobre os processos fonológicos possíveis na língua Ikpeng, ver os trabalhos de Emmerich, (1980); Pachêco, 2001; Campetela (1997).

c) Ugwginumlingmo	(ugrongmo)	c) Kwaragrawonlingmo	(ugrongmo)
ugw-aginum-li- <b>ngmo</b>	ugro- <b>ngmo</b>	kw-ot-agrawon-li- <b>ngmo</b>	ugro- <b>ngmo</b>
1+2-chorar-PAS.IM-PL	1+2-PL	1+2-INTR-cansar-PAS.IM-PL	1+2-PL
‘(Todos) nós choramos’		‘(Todos) nós nos cansamos’	

Os exemplos acima mostram que quando o argumento dos verbos intransitivos (S) é sintaticamente realizado e encontra-se no plural, ele obrigatoriamente recebe a marca de número, o que parece indicar sua concordância com o verbo. No entanto, observamos que, quando o verbo é biargumental, a marcação de pluralidade parece não ser sensível nem à hierarquia de pessoa atestada na língua (1 = 2 + 3), nem às funções gramaticais desempenhadas pelos argumentos verbais (sujeito ou objeto). Ou seja, parece que não há o que determine a “concordância” do verbo transitivo com um ou outro argumento.

Por esse motivo, preferimos dizer que não há concordância de número em Ikpeng, mas sim que o morfema responsável pela oposição entre as noções de “UM” e “MAIS DE UM” pode ser entendido como uma marca de coletividade que indica que (qualquer) um dos argumentos verbais inclui mais de uma pessoa. Isso fica evidente nos exemplos abaixo, em que a não realização dos argumentos verbais sintaticamente realizados permite três interpretações possíveis:

(272) Menenglingmo

m-eneng-li-ngmo

2A-3P-ver-PAS.IM.PL

‘Você os viu’/ ‘Vocês o viram/Vocês os viram’

(273) Oenenglingmo

o-eneng-li-ngmo

3A-2P-ver-PAS.IM.PL

‘Ele viu vocês’/ ‘Eles viram você/Eles viram vocês’

(274) Enenglingmo

Ø-eneng-lĩ-ngmo

3A-3P-ver-PAS.IM.PL

‘Ele os viu’/‘Eles o viram/Eles os viram’

Observe que sem a realização dos argumentos sintáticos, as frases em (272), (273) e (274) tornam-se ambíguas, uma vez que é possível interpretar que qualquer um dos argumentos do verbo (sujeito ou objeto) está pluralizado. Obviamente, tais frases não seriam ambíguas se usadas dentro de um contexto discursivo no qual houvesse uma situação específica que levaria o ouvinte a uma ou outra interpretação. Mas, de maneira descontextualizada, a desambiguação dessas orações pode ser feita a partir da realização dos argumentos sintáticos dos verbos, que indicarão a quem a noção de pluralidade/coletividade está associada. Repetimos abaixo os exemplos (272), (273) e (274) com a realização de seus argumentos sintáticos de modo a desfazer a ambiguidade de cada uma:

(275.a)

Menenglingmo      omro ugyam  
m-eneng-lĩ-**ngmo**      omro ugy-**am**  
2A-3P-ver-PAS.IM.PL      você ele-PL  
‘Você os viu’

(275.b)

Menenglingmo      omrongmo ugun  
m-eneng-lĩ-**ngmo**      omro-**ngmo** ugun  
2A-3P-ver-PAS.IM.PL      você-PL ele  
‘Vocês o viram’

(276.a)

Oenenglingmo      ugun omrongmo  
o-eneng-lĩ-**ngmo**      ugun omro-**ngmo**  
3A-2P-ver-PAS.IM.PL      ele      você-PL  
‘Ele viu vocês’

(276.b)

Oenenglingmo      ugyam      omro  
o-eneng-lĩ-**ngmo**      ugy-**am**      omro  
3A-2P-ver-PAS.IM.PL      ele-PL      você  
‘Eles viram você’

(277.a)

Enenglĩngmo orem ugyam  
 Ø-eneng-lĩ-**ngmo** orem ugy-**am**  
 3A-3P-ver-PAS.IM.PL ele ele-PL  
 ‘Ele os viu’

(277.b)

Enenglĩngmo wam ugun  
 Ø-eneng-lĩ-**ngmo** w-**am** ugun  
 3A-3P-ver-PAS.IM.PL ele-PL ele  
 ‘Eles o viram’

Assim, dizemos que a marca de coletividade ocorrendo com um dos argumentos verbais é um recurso que a língua utiliza para desfazer ambiguidades como as apresentadas nos exemplos (272), (273) e (274). Preferimos não falar em concordância porque parece não haver uma regra que preveja quando a pluralização se refere ao sujeito ou ao objeto, diferente do que temos em relação à marcação de pessoa no verbo, pois como já foi dito, o verbo concorda em pessoa com o sujeito se este for um participante do discurso e o objeto um não-participante e concorda com o objeto quando se dá a relação inversa.

Os exemplos apresentados acima, que marcam as relações envolvendo uma segunda e uma terceira pessoa (2Ax3P; 3Ax2P), são os mais contrastivos para mostrar que não parece haver concordância na marcação de plural na língua. Apresentamos abaixo, a título de ilustração, como seria a marcação de coletividade nas demais relações possíveis em Ikpeng:

(278) Marcação Direta

a) 1Ax3P

Yenenglĩngmo (uro) (ugyam)  
 y-eneng-lĩ-**ngmo** uro ugy-**am**  
 1A-3P-ver-PAS.IM-PL eu ele-PL  
 ‘Eu os vi’

b) 1Ax3P

Kurenenglĩngmo (ugro) (ugyam)  
 kut-eneng-lĩ-**ngmo** ugro ugy-**am**  
 1+2A-3P-ver-PAS.IM-PL nós(incl) ele-PL  
 ‘Nós os vimos’

(279) Marcação Inversa

a) 3Ax1P

Genenglingmo (ugyam) (uro)

g-eneng-li-**ngmo** ugy-**am** uro

3A-1P-ver-PAS.IM-PL ele-PL eu

‘Eles me viram’

b) 3Ax1+2P

Ugwenenglingmo (ugyam) (ugro)

ugw-eneng-li-**ngmo** ugy-**am** ugro

3A-1+2P-ver-PAS.IM-PL ele-PL nós(incl)

‘Eles nos viram’

Os exemplos apresentados acima, que mostram as relações entre uma primeira<sup>29</sup> e uma terceira pessoa (1Ax3P; 1+2Ax3P; 3Ax1P; 3Ax1+2P) não são ambíguos por causa dos prefixos pessoais diretos ({y(e)-; kut-} e inversos {g-; ugw-} empregados no verbo, que possuem formas exclusivas para indicar a primeira pessoa singular e a primeira pessoa inclusiva, não sendo possível interpretar que em (278.a) o sujeito é quem inclui mais de uma pessoa, porque para essa noção, temos a forma apresentada em (278.b), com o prefixo {kut-}. Nos exemplos (279.a e 279b) temos a mesma situação, neste caso para a codificação do objeto. O uso dos pronomes livres é possível em todas as situações.

A respeito das relações que envolvem dois participantes do discurso (1Ax2P; 2Ax1P) é possível o uso dos morfemas *portmanteaux* ocorrendo com o sufixo de plural.

(280.a)

Kinenglingmo (uro) (omrongmo)

ko-eneng-li-**ngmo** uro omro-**ngmo**

1Ax2P-ver-PAS.IM-PL eu você-PL

‘Eu vi vocês’

(280.b)

Ugwenenglingmo (omrongmo) (uro)

ugw-eneng-li-**ngmo** omro-**ngmo** uro

2Ax1P-ver-PAS.IM-PL você-PL eu

‘Vocês me viram’

<sup>29</sup> Primeira pessoa singular ou inclusiva.

Observe que ambos os exemplos acima sugerem a pluralização/coletividade da segunda pessoa. Para indicar a pluralização/coletividade da primeira pessoa, usam-se as construções apresentadas abaixo com o pronome pessoal *tximna* (1+3), que codifica a primeira pessoa exclusiva (1+3):

(281.a)

Oenengli	tximna	(omro)
o-eneng-li	tximna	omro
3Ax2P-ver-PAS.IM	1+3	você

‘Você nos viu’

(281.b)

Oenenglingmo	tximna	(omrongmo)
o-eneng-li- <b>ngmo</b>	tximna	omro- <b>ngmo</b>
3Ax2P-ver-PAS.IM-PL	1+3	você-PL

‘Nós vimos vocês’

(282.a)

Menengli	(omro)	tximna
m-eneng-li	omro	tximna
2Ax3P-ver-PAS.IM	você	1+3

‘Nós vimos você’

(282.b)

Menenglingmo	(omrongmo)	tximna
m-eneng-li- <b>ngmo</b>	omro- <b>ngmo</b>	tximna
2Ax3P-ver-PAS.IM-PL	você-PL	1+3

‘Vocês nos viram’

É importante mencionar que o pronome *tximna* (1+3) comporta-se de maneira muito similar ao pronome ‘a gente’ no português, ou seja, embora codifique a primeira pessoa (exclusiva nessa língua), a relação de concordância do verbo com essa forma se estabelece envolvendo os afixos de terceira pessoa. Por esse motivo, é que nos exemplos (281) e (2782), o verbo recebe marcação de concordância de segunda pessoa, já que na hierarquia o verbo prefere concordar com quem é participante do discurso, como mencionado anteriormente. Então, embora as relações nesses exemplos sejam 1A+3Px2P e 2Ax1+3P, o verbo está estabelecendo a concordância das seguintes formas: 3Ax2P e 2Ax3P, respectivamente. Outra questão interessante é que apesar de *tximna* se referir semanticamente a mais de uma pessoa (1+3), morfologicamente ela é singular e, por isso, não há marcação de pluralidade/coletividade morfologicamente realizada no verbo. Quando ela ocorre, relaciona-se ao outro argumento verbal, como pode ser visto em (281.b) e (282.b).

Para marcar a pluralidade/coletividade nas orações interrogativas, emprega-se mais frequentemente o morfema {-tom}, que já havia sido descrito por Pachêco (2001), no entanto, encontramos também ocorrências do morfema {-kom} em perguntas, ocorrendo depois do sufixo de tempo. Observe os exemplos abaixo:

(283) Kutarakpitkepomtom?

kut-ot-akpi-tke-pom-**tom**

1+2-INTR-beber-INTER-PERM-PL

‘Nós podemos beber?’

(284) Onok pak marinmtonglïngmo?

onok pak m-ot-inmtong-lï-**ngmo**

quem POSP 2-INTR-cozinhar-PAS.IM-PL

‘Com quem vocês cozinham?’

### III.3. Resumo do Capítulo

Neste capítulo, apresentamos algumas novas séries de prefixos pessoais para a língua Ikpeng . Com base na observação dos dados e na comparação com outras línguas da família Karib, propusemos que os prefixos pessoais são sensíveis à valência verbal. O verbo transitivo marca, morfologicamente, apenas uma das pessoas envolvidas em sua projeção argumental, que pode ser o sujeito ou o objeto. A escolha do argumento marcado tem a ver com o fato dele ser ou não uma pessoa do discurso. Por isso, propusemos que o sistema de marcação no verbo transitivo é do tipo (direto-)inverso, pois, o verbo concorda com o sujeito se este for um participante do ato de fala e o objeto não, havendo marcação morfológica direta; e concorda com o objeto se este for um participante do discurso sendo afetado por um sujeito que seja uma terceira pessoa, quando há marcação morfológica inversa. Uma vez que ambos os argumentos verbais sejam participantes do ato de fala, faz-se uso de prefixos *portamnteaux* que não indicam a proeminência de uma pessoa sobre a outra. Observamos também a marcação de pesso nos verbos intransitivos e vimos que há dois tipo de verbos monoargumentais na língua: os externamente causados, que carregam os prefixos  $S_A$ , assim como os transitivos em sua forma detransitivizada; e os internamente causados, que são marcado pelos prefixos  $S_P$ . Discutimos também a existência ou não de concordância de número nos verbos Ikpeng. Observamos que sempre que um dos argumentos verbais está no plural, o verbo também é morfologicamente marcado para número, porém, parece não haver nenhuma regra que governe a concordância do verbo com o sujeito ou com o objeto. Por esse motivo, concluímos que o uso do morfema de número, nos verbos, indica simplesmente um ideia de pluralização/coletividade de (pelo menos) um dos argumentos, mas que não há uma relação de concordância de número entre o verbo e seus argumentos em Ikpeng.



## **CAPÍTULO IV: ALTERNÂNCIAS (ANTI-)CAUSATIVAS**

### **IV.1. Introdução**

Este capítulo é uma tentativa preliminar de sistematizar as classes de alternância transitiva possíveis de ocorrer na língua Ikpeng. Para a investigação desses fatos, nos baseamos, principalmente, nos trabalhos de Levin e Hovav (1995) e Levin (1993), que diz que “o comportamento de um verbo, particularmente com relação à expressão e interpretação de seus argumentos, é em grande parte determinado pelo seu significado” (p. 1). Essa ideia sugere que o significado dos verbos serve para investigar aspectos linguisticamente relevantes sobre sua realização morfológica e seu comportamento sintático. Fato que comprovamos ao fim deste capítulo, quando observado que a cisão existente no sistema de caso da língua Ikpeng pode ser explicada quando se leva em consideração os aspectos semânticos dos verbos.

### **IV.2. Alternâncias Transitivas**

Embora existam vários tipos de alternância verbal, neste trabalho, apresentaremos para a língua Ikpeng apenas aquelas que envolvem mudança de transitividade, importantes para a compreensão da estrutura argumental dos verbos, assunto que será tratado no capítulo V. Os testes realizados para a verificação das alternâncias foram inspirados no trabalho de Levin (1993).

A autora apresenta três tipos de alternâncias transitivas: alternância media; alternância de origem/substância; e alternância causativa. Das três, a última é a que mais nos interessa aqui.

Aparentemente, todos os verbos Ikpeng participam de alternâncias causativas, independente de seu significado. Neste tipo de alternância, o papel semântico do sujeito intransitivo (S) é o mesmo do objeto transitivo (P). Esse padrão sugere que esses verbos são semanticamente inacusativos em sua forma intransitiva, ou seja, aquilo que parece ser um sujeito no uso intransitivo é de fato um objeto subjacente.

Levin (1993) apresenta várias subclasses para esse tipo de alternância nos verbos em Inglês. Apresentamos abaixo as alternâncias causativas possíveis de se realizarem na língua Ikpeng.

#### IV.2.1. Alternância Causativo/Incoativa

Segundo Levin (1993, p. 27), esta alternância é também conhecida como anticausativa ou ergativa. Os verbos que participam desse tipo de alternância são, geralmente, verbos que codificam uma semântica de mudança (de estado ou de posição).

Chierchia (2003) distingue dois tipos de causativização: direta e indireta. Segundo o autor, a primeira se realiza quando a forma básica do verbo é a transitiva e a intransitiva é derivada, ou seja, quando há diminuição de valência. A segunda ocorre quando a forma básica é a intransitiva e a transitiva é derivada, isto é, quando há aumento e valência. O autor considera que a diminuição de valência é um processo que envolve causativização porque em, sua concepção os verbos transitivos são inerentemente causativos, que podem ser anti-causativizados, quando intransitivizados. Por conta dessa definição, chamaremos neste trabalho de “causativização” e “anti-causativização”, o que o autor chama de “causativização indireta” e “causativização direta”, respectivamente. Vejamos abaixo alguns exemplos de causativização direta e indireta, que ocorrem na língua Ikpeng:

#### **EXEMPLOS DE ANTI-CAUSATIVIZAÇÃO**

MUDANÇA DE POSIÇÃO

(285) **Iari:** balançar

a) Variante Transitiva

Yiarĩli	awrat
Y-iarĩ-li	awrat
1A/3P-balançar-PAS.IM	rede
‘Eu balancei a rede’	

b) Variante Intransitiva

Otxarĩli	awrat
Ø-ot-iarĩ-li	awrat
3Sa-INTR-balançar-PAS.IM	rede
‘A rede balançou’	

(286) **Atxikuringke:** girar (no próprio eixo)

a) Variante Transitiva

Yatkuringketkeli	muy
y-atkuringke-tke-li	muy
1A/3P-girar-ITER-PAS.IM	canoa
‘Eu girei a canoa’	

b) Variante Intransitiva

Muy aratkuringkeli	
muy Ø-ot-atkuringke-li	
canoa 3Sa-INTR-girar-PAS.IM	
‘A canoa girou’	

(287) **Anmet:** Deslizar/Rolar

a) Variante Transitiva

Yanmetli	pola
y-anmet-li	pola
1A/3P-rolar-PAS.IM	bola
‘Eu rolei a bola’	

b) Variante Intransitiva

Aranmetli	pola
Ø-ot-anmet-li	pola
3Sa-INTR-deslizar-PAS.IM	bola
‘A bola rolou’	

MUDANÇA DE ESTADO

(288) **Akpumu:** quebrar

a) Variante Transitiva

Yakpumutkeli	ongmuk
y-akpumu-tke-li	ongmuk
1A/3P-quebrar-ITER-PAS.IM	panela.
Eu quebrei a panela(de barro)	

b) Variante Intransitiva

Arakpumutkeli	ongmuk
Ø-ot-akpumu-tke-li	ongmuk
3Sa-INTR-quebrar-ITER-PAS.IM	panela
A panela (de barro) quebrou	

(289) **Apkore:** rachar

a: Variante Transitiva

Yapkoreli wayo

y-apkore-li wayo

1A/3P-rachar-PAS.IM cuia

‘Eu rachei a cuia’

b: Variante Intransitiva

Arapkoreli wayo

Ø-ot-apkore-li wayo

3Sa-INTR-rachar-PAS.IM cuia

‘A cuia rachou’

(290) **Anku:** esmagar

a: Variante Transitiva

Yankuli nabiot

y-anku-li nabiot

1A/3P-esmagar-PAS.IM batata

‘Eu esmaguei a batata’

b: Variante Intransitiva

Arankuli nabiot

Ø-ot-anku-li nabiot

3Sa-INTR-esmagar-PAS.IM batata

‘A batata esmagou’

## EXEMPLOS DE CAUSATIVIZAÇÃO

### MUDANÇA DE POSIÇÃO

(291) **Engru:** boiar

a) Variante Intransitiva

Engruli muy

Ø-engru-li muy

3Sa-boiar-PAS.IM canoa

‘A canoa boiou’

b) Variante Transitiva

Yengrumeli muy

y-engru-me-li muy

1A/3P-boiar-CAUS-PAS.IM canoa

‘Eu fiz a canoa boiar’

(Lit.: ‘Eu boiei a canoa’)

(292) **Onku:** subir

a) Variante Intransitiva

onkuli yumtxigru

Ø-onku-li yumtxigru

3Sa-subir-PAS.IM fumaça

‘A fumaça subiu’

b) Variante Transitiva

amtenu onkupoli yumtxigru

amtenu Ø-onku-po-li yumtxigru

vento 3A/3P-subir-CAUS-PAS.IM fumaça

‘O vento fez a fumaça subir’

#### MUDANÇA DE ESTADO

(293) **Ewiangte**: esfriar um pouco, amornar, refrescar

a) Variante Intransitiva

Ewiangteli wok  
Ø-ewiangte-li wok  
3Sa-esfriar-PAS.IM mingau  
'O mingau esfriou'

b) Variante Transitiva

Yewiangtenopli wok  
y-ewiangte-nop-li wok  
1A/3P-amornar-CAUS-PAS.IM mingau  
'Eu esfriei o mingau'

(294) **Egıngtare**: estreitar/afinar/secar

a: Variante Intransitiva

Egıngtare-li igru  
Ø-egıngtare-li igru  
3Sa-estreitar/afinar-PAS.IM rio  
'O rio afinou/estreitou'

b: Variante Transitiva

İwi egıngtare-nop-li igru  
iwı Ø-egıngtare-nop-li igru  
pedra 3A/3P-estreitar-CAUS-PAS.IM rio  
'A pedra estreitou/afinou o rio'

(Retirado da narrativa: *Maruringmo Miran* –  
História de Homens Brancos e Índios)

(295) **Igune**: esquentar

a) Variante Intransitiva

Iguneli taktori  
Ø-igune-li taktori  
3Sa-esquentar-PAS.IM panela  
'A panela esquentou'

b) Variante Transitiva

Atxi igunenopli taktori  
atxi Ø-igune-nop-li taktori  
fogo 3A/3O-esquentar-CAUS-PAS.IM panela  
'O fogo esquentou a panela'

#### IV.2.2. Alternância de Ação Induzida

De acordo com Levin (1993, p. 31), este tipo de alternância difere da Causativo/Incoativa porque o elemento codificado como [causee] é tipicamente uma

entidade animada e com volição, que é induzida a agir através do [causer], como em (298). Em algumas situações, é possível interpretar que, na variante transitiva, o [causer] não apenas induz a ação do [causee], mas o acompanha nela (Ex. 296, 297, 299). Essa alternância pode ser (ou não) acompanhada por um oblíquo com o sentido direcional (Ex: 300)

#### EXEMPLOS DE ANTI-CAUSATIVIZAÇÃO

(296) **Engkororet:** atravessar (o rio)

a) Variante Transitiva

Kingkororeli

ko-engkorore-li

1A/2P-atravesar-PAS.IM

‘Eu fiz você atravessar (o rio)’

‘Eu atravessei você (pelo rio)’

b) Variante Intransitiva

Korengkororeli

k-ot-engkorore-li

1Sa-INTR-atravesar-PAS.IM

‘Eu atravessei (o rio)’

(297) **An:** ir (embora)

a) Variante Transitiva

Kwanli

ko-an-li

1A/2P-ir-PAS.IM

‘Eu fiz você ir (embora)’

‘Eu levei você’

b) Variante Intransitiva

Karanli

k-ot-an-li

1Sa-INTR-ir-PAS.IM

‘Eu fui (embora)’

#### EXEMPLOS DE CAUSATIVIZAÇÃO

(298) **Omom:** entrar

a) Variante Intransitiva

Komomli

k-omom-li

1Sa-entrar-PAS.IM

‘Eu entrei’

b) Variante Transitiva

Kwomompoli

kw-omom-po-li

1A/2P-entrar-CAUS-PAS.IM

‘Eu fiz/mandei você entrar’

(299) **Awm: viajar**

a) Variante Intransitiva

Yawmli

y-awm-li

3Sp-viajar-PAS.IM

‘Ele viajou’

b) Variante Transitiva

Yawmepoli

y-awm-me-po-li

1A/3P-viajar-?-CAUS-PAS.IM

‘Eu o fiz viajar’

‘Eu o levei para viajar’

(300) **Npare: passar, atravessar**

a) Variante Intransitiva

Tuyay inpareli

yaptaput

parako

tuyay i-npare-li

yaptaput

parako

rato 3Sp-passar-PAS.IM

buraco

POSP[por.meio.de]

‘O rato passou [pelo buraco]’

b) Variante Transitiva

Yenpametpoli

tuyay yaptaput

parako

Ye-npa-met-po-li

tuyay yaptaput

parako

1A/3P-atravesar-?-CAUS-PAS.IM

rato

buraco

POSP [por.meio.de]

‘Eu fiz o rato passar [pelo buraco]’

#### IV.2.3. Outros Exemplos de Alternâncias Causativas

Nesta seção, serão exemplificados os demais casos de alternâncias causativas que não se enquadram nas duas anteriores, o que não significa que esses verbos não tenham algo em comum. Tais verbos são em sua maioria intransitivos básicos, que codificam ações

internamente controladas, que podem ser, eventualmente, externamente controladas<sup>30</sup>, isto é, causadas, dando origem à variante transitiva desses verbos (LEVIN, 1993, p. 32).

(301) **Aginum**: chorar

a) Variante Intransitiva

Gaginumli

g-aginum-li

1Sp-chorar-PAS.IM

‘Eu chorei’

b) Variante Transitiva

Kwaginumpoli

ko-aginum-po-li

1A/2P-chorar-CAUS-PAS.IM

‘Eu fiz você chorar’

(302) **Kinte**: morrer (vegetais)

a) Variante Intransitiva

Ikinteli                    yay

i-kinteli                    yay

3Sp-morrer-PAS.IM    árvore

‘A árvore morreu’

b) Variante Transitiva

Yekintenopli                    yay

Ye-kinte-nop-li                    yay

1A/3P-morrer-CAUS-PAS.IM    árvore

‘Eu fiz/deixei a árvore morrer’

(303) **Aramapkep**: ter/sentir fome

a) Variante Intransitiva

Garamapkepli

g-aramapkep-li

1Sp-ter.fome-PAS.IM

‘Eu tenho fome’

b) Variante Transitiva

Imamin                    garamapkepnopli

ï-mami-n                    g-aramapkep-nop-li

1-trabalho-GEN    3A/IP-ter.fome-CAUS-PAS.IM

‘Meu trabalho me deu fome’

---

<sup>30</sup> Sobre evento interna e externamente controlados ver capítulo IV, seção IV.3.2.

(304) **Txikte:** urinar

a) Variante Intransitiva

İtxiktetkeli

İ-txikte-tke-lİ

1Sp-urinar-ITER-PAS.IM

‘Eu urinei’

b) Variante Transitiva

Megu İtxiktenopot

megu İ-txikte-nop-po-t

melancia 3A/1P-urinar-CAUS-CAUS-N.PAS

‘Melancia me faz urinar’

Como dito no início desta seção, estamos considerando aqui apenas as alternâncias transitivas que envolvem mudança na valência verbal, no entanto, é importante mencionar que os verbos transitivos também podem ser causativizados, como visto na seção III.2., do capítulo III.

#### IV.3. Análise da Causatividade em Ikpeng

O objetivo desta seção é classificar os verbos Ikpeng, a partir do comportamento sintático-semântico de seus argumentos nas alternâncias transitivas apresentadas na seção anterior.

Como dito no início do capítulo, todos os verbos Ikpeng participam de alternâncias causativas, seja pelo aumento ou diminuição de sua valência. A principal característica dessas alternâncias é que nelas o sujeito intransitivo (S) torna-se o objeto (P) da variante transitiva, ou o contrário: o objeto transitivo (P) é promovido a sujeito (S) na versão intransitivizada. Esquematizando o que foi dito teríamos o seguinte: S = P ou P = S.

Uma análise para a causativização no Ikpeng foi proposta por Pachêco (2001). Reproduzimos abaixo o que ele diz a respeito da causativização que envolve mudança de valência.

Ao que chamamos neste trabalho de “Anti-Causativização”, Pachêco (op. cit.) chama em seu trabalho de “Orações Reflexivas Intransitivas”. Segundo ele, tratam-se de

verbos intransitivos derivados de transitivos, via morfema {ot-}, cujo sujeito Sa, recebe os prefixos pronominais da Série I (idem, p. 171).

Quanto ao que chamamos de “Causativização” e que Pachêco (op. cit.) chama de “Orações Causativas”, o autor diz que “o argumento adicionado ocupa a função A na oração derivada” (p. 180); enquanto que “o argumento que ocupava a função S, originalmente, passa a ocupar a função O na oração causativa” (p. 181).

O autor, citando Comrie (1989, p. 176), afirma que a codificação gramatical do *causee* ocorre de forma que ele assume a posição mais alta ainda não preenchida na hierarquia. Como nas transitivas o *causer* preenche a primeira posição (sujeito), resta a posição de objeto direto para ser preenchida pelo *causee* (PACHÊCO, op. cit., p. 182). O que foi dito pode ser observado de forma esquemática no quadro abaixo:

Função do SN na oração não causativa (Intransitiva)	Função do SN na oração causativa (Transitiva derivada)
S	<div style="text-align: center;"> <math>A_{\text{causer}}</math>  <math>O_{\text{causee}}</math>  (OBL) </div>

Fonte: adaptado de Pachêco (2001, p. 183)

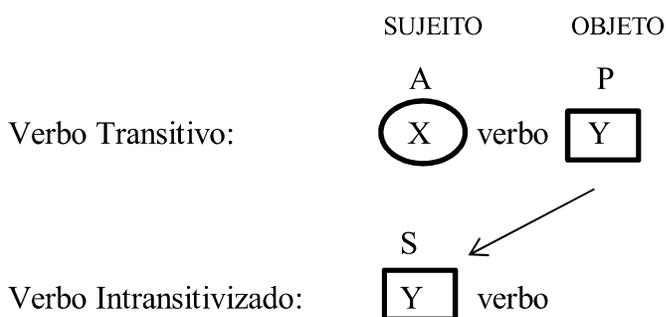
Essa análise está de acordo como o que é proposto por Levin (1993) para as alternâncias causativas, que foram anteriormente apresentadas para os verbos Ikpeng.

Para autores como Burzio (1986) e Rosen (1981), as alternâncias causativas podem ser usadas como diagnóstico para verificar a inacusatividade/ineratividade dos verbos intransitivos, com base no compartilhamento de seus papéis semânticos com os argumentos dos verbos transitivos. Em outras palavras, se o argumento dos verbos monoargumentais compartilha o mesmo papel semântico que o sujeito transitivo, este é

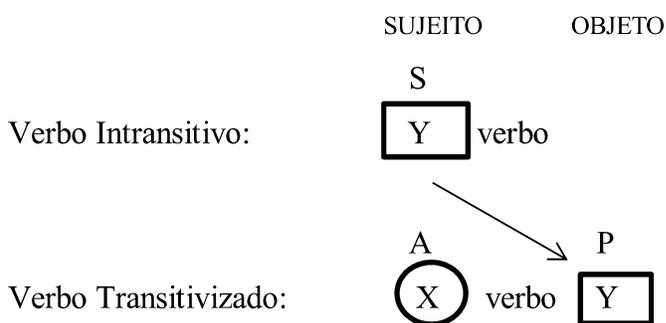
inergativo; do contrário, se compartilha o mesmo papel semântico que o objeto da variante transitiva, ele será inacusativo.

Assim, observando o comportamento sintático e o compartilhamento de papéis semânticos dos argumentos verbais nesta língua, pode-se concluir que o Ikpeng apresenta um alinhamento que obedece ao padrão Ergativo-Absolutivo, uma vez que todo argumento de verbo intransitivo torna-se o objeto da variante transitiva e o objeto do verbo transitivo torna-se o sujeito intransitivo. O esquema abaixo ilustra o deslocamento dos argumentos dos verbos transitivos e intransitivos:

**ANTI-CAUSATIVIZAÇÃO:**



**CAUSATIVIZAÇÃO:**



Como mostram os esquemas acima, tanto na transitivização, quanto na intransitivização há identidade entre o argumento S e o argumento P (o que torna S semanticamente inacusativo); enquanto que o argumento A, fica de fora dessa relação em ambos os casos, ou seja, é semanticamente ergativo. Isso nos permite dizer que a

causativização e a intransitivização introduzem um alinhamento semântico do tipo Ergativo-Absolutivo na língua Ikpeng.

Apesar disso, como pode ter sido observado nos dados presentes nas alternâncias e ao longo deste trabalho, morfológicamente, a língua apresenta um padrão de marcação cindido, ou seja, há verbos intransitivos que carregam afixos pronominais da Série II, inacusativa, marcando S como P (Sp), o que está de acordo com o alinhamento semântico; e verbos intransitivos que carregam afixos pronominais da Série I, inergativa. Dessa forma, resta-nos responder por que verbos que são semanticamente inacusativos carregam afixos inergativos.

#### IV.3.1. Marcação Inergativa nos Verbos Intransitivos

De acordo com Meira (2000, p. 201), para a maioria das línguas Karib que receberam alguma descrição, um sistema verbal *Split-S* foi proposto. Para o autor, a semântica das duas classes de verbos intransitivos (inergativos e inacusativos) não parece se correlacionar com nenhum dos fatores que têm sido afirmados como relevantes na literatura.

A única correlação clara é aquela entre o S<sub>A</sub> (ativa) e a intransitivização: ou seja, quase todos os verbos na classe S<sub>A</sub> são formas intransitivizadas de verbos transitivos, tanto sincrônica (com origens transitivas ainda existentes), quanto diacronicamente (com origens reconstruíveis, mas não mais existentes).

A flexão morfológica associada à classe verbal S<sub>A</sub> parece estar historicamente conectada à morfologia reflexiva, de uma forma que ainda não está completamente clara.

As anomalias semânticas da classe S<sub>A</sub> tornam-se mais compreensíveis se vistas como o resultado da evolução da semântica reflexiva original em novas áreas (ex. voz média, passiva, antipassiva, etc.) que são bem atestadas fora da família Karib, por exemplo, o reflexivo em línguas românicas e eslavas.

Isso leva o autor à conclusão de que o moderno padrão de concordância verbal *split-S* das línguas Karib é totalmente epifenomenal, ou seja, derivado. O que quer dizer que ele é uma consequência casual do desenvolvimento histórico da morfologia “intransitivizadora” na família.

Esta afirmação está de acordo com a maior parte dos dados que temos da língua Ikpeng, pois a maioria maciça de verbos que carregam os afixos pessoais da Série I são formas intransitivizadas, por isso, foram, neste trabalho, considerados como verbos tipicamente transitivos, todas as vezes em que foi encontrada a sua contraparte causativa sem nenhuma morfologia de aumento de valência. Esses casos são considerados intransitivizações sincrônicas.

Há também um número menor de formas que carregam os afixos pessoais da Série I, para os quais não se encontrou nenhuma variante transitiva básica, porém, apresentam também o morfema intransitivizador agregado a sua raiz. Esses casos são considerados intransitivizações diacrônicas. Pachêco (2001) afirma que nesses casos, o prefixo intransitivo {ot-} perdeu sua função original e é atualmente interpretando como sendo parte da raiz verbal. Isso parece ser verdade, uma vez que para causativizar tais verbos é necessário o uso dos afixos responsáveis pelo aumento de valência na língua.

Nesses casos, os verbos foram considerados por nós como intransitivos, porém, derivados historicamente de outros verbos transitivos não mais existentes na língua. Esse é o motivo para tais verbos carregarem os prefixos pessoais da Série I. Abaixo exemplificamos alguns desses verbos:

(305) Variante Intransitiva

Aramireli

Ø-[ot-amire]-li

3Sa-fumar-PAS.IM

‘Ele fumou’

(306) Variante Transitiva/Causativa

Yaramirenopli

Y-otamire-nop-li

1A/3P-fumar-CAUS-PAS.IM

‘Eu fiz/mandei ele fumar’

(307) Variante Intransitiva  
 Korenankeli  
 k-[ot-enanke]-li  
 1Sa-vomitar-PAS.IM  
 ‘Eu vomitei’

(308) Variante Transitiva/Causativa  
 Korenankepoli  
 ko-otenanke-po-li  
 1A/2P-vomitar-CAUS-PAS.IM  
 ‘Eu fiz você vomitar’

Por causa de exemplos como os vistos acima, discordamos de Pachêco em um ponto de sua análise sobre a causativização em Ikpeng. O autor diz que há dois tipos de verbos que não aceitam a causativização morfológica: a) os intransitivos ativos/Sa, derivados via reflexivo {ot-}, e b) os transitivos com dativo. São os primeiros que nos interessam aqui.

Segundo o autor,

“quando a causativização envolve um verbo intransitivo ativo derivado, diacronicamente, via {ot-}, o argumento **Sa** não pode assumir uma função diferente da de **A**, como ocorre com o argumento **So** nas inativas. Como o *causer* não pode ser codificado em outra função que não seja **A**, a língua bloqueia as estruturas causativas morfológicas. Para contornar essa impossibilidade, a língua emprega o causativo lexicalizado (analítico) para expressar causatividade” (PACHÊCO, 2001, p. 189).

Vejamos abaixo os exemplos apresentados pelo autor:

(309.a) Angpi	aranmeli	
aŋpi	Ø-ot-anme-li	
menino	3Sa-INTR-correr-PAS.IM	
‘O menino correu’		(PACHÊCO, idem, p. 189)

	<b>CAUSER</b>		<b>CAUSEE</b>
(309.b)	Txileni	anongli	angpi
	Txileni	Ø-anoŋ-li	anpi
	Cilene	3Sa-mandou-PAS.IM	menino
	‘Cilene fez o menino correr’		3Sa-INTR-correr-NMLZ
			(PACHÊCO, idem, p. 189)

De acordo com o que afirma Pachêco, seria agramatical a seguinte estrutura:

(309.c) * Txileni	aranmetpoli	angpi
Txileni	Ø-ot-anmet-po-li	angpi
Cilene	3Sa-INTR-correr-CAUS-NLMZ	menino
(Cilene fez o menino correr)		(PACHÊCO, idem, p. 189)

De fato, essa construção **com esse verbo** não existe na língua, porque, ao contrário do que diz Pachêco (op. cit.), esta não é uma forma diacronicamente intransitivizada. Existe em nosso banco de dados a forma *anme*, cujo sentido não encontra correspondente exato em português e, por isso, sua tradução depende dos argumentos que se realizam com este verbo. Vejamos alguns exemplos.

(310)	Yanmeli	muy
	y-anme-li	muy
	1A/3S-deslizar-PAS.IM	canoa
	‘Eu deslizei/empurrei a canoa’	
(311)	Yanmeli	pola
	y-anme-li	pola
	1A/3S-chutar/arremessa/rolarr.PAS.IM	bola
	‘Eu chutei/arremessei/rolei a bola’	
(312)	Yanmeli	karta
	y-anme-li	carta
	1A/3S-enviar-PAS.IM	carta
	‘Eu enviei a carta’	



Esse verbo também pode ter uma entidade animada na função de objeto da variante transitiva:

- (317) Gammeli                      akari              uro  
g-anme-li                      akari              uro  
1A/3S-enviar-PAS.IM              onça              eu  
'A onça me fez correr'  
(Trad. Livre: 'Eu corri com medo da onça'/'A onça me botou pra correr')

A impossibilidade da construção [\*CAUSER ot-anme-po CAUSEE] se dá pelo fato de que a língua não permite causativizar e intransitivizar um verbo simultaneamente/sincronicamente, que é o que acontece neste caso. Por outro lado, como já foi dito acima, tais construções são possíveis com verbos que são historicamente intransitivizados, em que o morfema {ot-} já foi incorporado à raiz do verbo e perdeu o seu sentido e função originais, como foi mostrado nos exemplos (305, 306, 307 e 308).

Portanto, é possível a construção [CAUSER INTR-VT-CAUS CAUSEE], desde que interpretada da seguinte maneira: [CAUSER VI-CAUS CAUSEE], mesma estrutura dos verbos inerentemente intransitivos, quando causativizados.

Como tem sido mostrado até aqui, a maioria dos verbos intransitivos que carregam os afixos pessoais da Série I são ou sincrônica ou diacronicamente derivados de formas transitivas, fato recorrente em outras línguas da família Karib.

No entanto, o que nos chama a atenção são os verbos que carregam os afixos da Série I que aparentemente não são derivados de transitivos nem sincrônica, nem diacronicamente. Em nosso *corpus* composto por cerca de 260 verbos, sendo 90 intransitivos, 30 deles, ou seja, um terço dos intransitivos se enquadra nesse perfil, não podendo ser ignorados. Reproduzimos abaixo a título de ilustração alguns desses verbos com seus respectivos significados:

(318) Exemplos de Verbos Intransitivos não-derivados que carregam a Série I

- a) Aluku ‘desaparecer’
- b) Ewiante ‘esfriar’
- c) Akapakte ‘amarelar’
- d) Eputxikte ‘engrossar’
- e) Emrï ‘amadurecer’
- f) Egwam ‘afundar’

Para entender o porquê desses verbos carregarem a série de prefixos inergativos, lançamos mão do conceito de verbos interna e externamente causados, apresentado por Levin e Hovav (1995), que será discutido na seção abaixo.

#### IV.3.2. Causativização Interna versus Causação Externa

O objetivo de Levin e Hovav (1995) é caracterizar semanticamente verbos como *break* (quebrar) e *open*<sup>31</sup> (abrir), que frequentemente participam de alternâncias causativas, em oposição a verbos como *laugh* (rir) e *speak* (falar), que raramente participam desse tipo de alternâncias.

Para explicar a razão disso, as autoras tomam como ponto de partida as ideias de Smith (1970) que caracteriza a distinção entre os verbos intransitivos que podem ou não ter usos transitivos a partir da noção de CONTROLE.

Segundo Smith (op. cit.), verbos como *break* e *open* descrevem eventos que estão sob o controle de alguma causa externa. Tais verbos possuem versões transitivas quando essa causa externa é realizada como sujeito. Verbos como *laugh* e *speak* não possuem essa propriedade, ou seja, os eventos que cada um descreve não podem ser

---

<sup>31</sup> Depois de longa discussão sobre as alternâncias causativas dos verbos em inglês, Levin e Hovav (1995) concluem que os verbos *break* e *open* são intransitivos nessa língua, podendo ter uma realização transitiva, quando causativizados. É dessa forma que devem ser compreendidos neste trabalho.

externamente controlados, eles são controlados apenas pelas pessoas envolvidas no evento. Levin e Hovav (1995) derivam dessa ideia para outra sutilmente diferente, que é a noção de evento INTERNA e EXTERNAMENTE CAUSADO.

Nos verbos intransitivos internamente causados, alguma propriedade inerente ao seu argumento é a total responsável pela realização do evento. As autoras dizem que a maioria dos verbos internamente causados codifica eventos cuja realização não depende da vontade do sujeito, não podendo ser controlados por ele. Por isso, consideram que a noção de controle proposta por Smith (op. cit.) não é satisfatória. Tais verbos podem ter sujeitos animados (O sapo pula) ou inanimados (O diamante brilha), agentivos (Eu nadei) ou não agentivos (Eu caí), o que mostra que as noções de animacidade e agentividade não são o que distinguem os verbos interna e externamente causados. O que é fundamental nesses verbos é que a realização dos eventos descritos por eles são resultado das características inerentes de seus argumentos.

Diferente destes são os verbos externamente causados, cuja natureza implica a existência de uma CAUSA EXTERNA que desencadeia o evento descrito pelo verbo, que pode ser um agente, um instrumento, uma força natural, ou uma circunstância. Tomemos como exemplo o verbo *break* (quebrar) na concepção de Levin e Hovav (1995), como basicamente intransitivo. Alguma coisa quebra por causa da existência de uma causa externa, não apenas por causa de suas características inerentes. Ou seja, embora seja indispensável que para quebrar, a entidade deve possuir certas características específicas que a tornem “quebrável”, é difícil pensar que alguma coisa se quebre espontaneamente. Então, embora verbos externamente causados como *break* (quebrar), possam ser usados intransitivamente em sua forma básica, ou seja, sem a realização sintática da causa externa, esta é semanticamente inferível.

Outra distinção que pode ser apontada entre os verbos interna e externamente causados é que estes últimos normalmente codificam uma semântica de mudança de estado ou posição na entidade envolvida; enquanto que os primeiros codificam geralmente eventos relacionados ao corpo, que podem ser fisiológicos ou psicológicos.

Outra diferença que é fundamental nesta distinção reside no fato de que nos verbos internamente causados, o evento inicia e permanece no CAUSEE; enquanto que nos verbos externamente causados, há um deslocamento no evento, que vai do CAUSER para o CAUSEE. Com base nessas distinções, as autoras apresentam as seguintes estruturas semânticas lexicais para os verbos interna e externamente causados, respectivamente em a) e b):

- a) [X PREDICATE]
- b) [[X DO-SOMETHING] CAUSE [Y BECOME STATE]]

Como pode ser visto, os verbos internamente causados possuem uma estrutura semântica monádica, projetando apenas um argumento, ao contrário dos externamente causados, que possuem uma estrutura diádica, que é a mesma dos verbos transitivos, segundo as autoras.

Assim, Levin e Hovav (1995) concluem que a possibilidade de mudança de valência de um verbo é um reflexo direto de suas propriedades semânticas lexicais, ou seja, do número de posições abertas na representação semântica lexical.

É importante dizer que [causa interna] e [causa externa] na concepção de Levin e Hovav (op. cit) são noções semânticas que podem ou não coincidir com as noções de argumento interno e externo. Dessa forma, se um verbo internamente causado possui um argumento (S) com traço [+ agentivo] (ex: pular) este será inergativo e do contrário, se possui um argumento (S) com traço [-agentivo] (ex: envelhecer) ele será inacusativo.

Observando os dados da língua Ikpeng foi possível verificar que os verbos que carregam os prefixos pessoais da Série I são externamente causados; enquanto que os que carregam os prefixos da Série II são internamente causados. Exemplos podem ser vistos na tabela a baixo:

Tabela 36: Verbos Intransitivos

VERBOS INTRANSITIVOS SÉRIE I	VERBO INTRANSITIVOS SÉRIE II
1. <i>Inpome</i> ‘apagar’	1. <i>Mrere</i> ‘ficar grávida’
2. <i>Engru</i> ‘boiar’	2. <i>Etpang</i> ‘parir’
3. <i>Epiante</i> ‘esfriar’	3. <i>Eprum</i> ‘sorrir’
4. <i>Alukut</i> ‘desaparecer’	4. <i>Mtarum</i> ‘falar’
5. <i>Eputxikte</i> ‘engrossar’	5. <i>Ekiripang</i> ‘envelhecer’
6. <i>Epkuytum</i> ‘doer’	6. <i>Aginum</i> ‘chorar’
7. <i>Aginte</i> ‘adoecer’	7. <i>Ongyetom</i> ‘sonhar’
8. <i>Egwam</i> ‘afundar’	8. <i>Aramare</i> ‘crescer’
9. <i>Egingtare</i> ‘estreitar, afinar’	9. <i>Awm</i> ‘voar, viajar’
10. <i>Elegutkure</i> ‘empalidecer’	10. <i>Irompo</i> ‘morrer’
11. <i>Enmep</i> ‘clarear’	11. <i>Mulukte</i> ‘tossir’
12. <i>Akapakte</i> ‘amarelar’	12. <i>Alum</i> ‘pular’
13. <i>Akpinte</i> ‘avermelhar’	13. <i>Txiktek</i> ‘urinar’
14. <i>Omom</i> ‘entrar’	14. <i>Engki</i> ‘dormir’
15. <i>Onku</i> ‘subir’	15. <i>Pkare</i> ‘peidar’
16. <i>Awrenump</i> ‘ventar’	16. <i>Ipkonum</i> ‘gemer’
17. <i>Ewrokti</i> ‘florescer’	17. <i>Atke</i> ‘defecar’
18. <i>Emri</i> ‘amadurecer’	18. <i>Kontxike</i> ‘sentir frio’
19. <i>Engmep</i> ‘amanhecer’	19. <i>Aramapkep</i> ‘sentir fome’
20. <i>Engoyare</i> ‘entardecer/anoitecer’	20. <i>Erunke</i> ‘sentir sono’

Como pode ser observado, os verbos inerentemente intransitivos em Ikpeng estão de acordo com o que preveem as autoras, pois os que carregam a Série I, são verbos que codificam em sua maioria mudança de estado (de 1 a 13) ou de posição (14 e 15), por isso, os classificaremos como EXTERNAMENTE CAUSADOS. Recebem também a marcação morfológica da Série I os verbos que codificam forças naturais.

Os verbos que carregam a Série II referem-se a eventos relacionados ao corpo, que independem da vontade/controla do sujeito e, por esse motivo, consideraremos que são INTERNAMENTE CAUSADOS, de acordo com a proposta das autoras.

A existência de verbos intransitivos externamente causados em Ikpeng pode ser o que justifica o uso da Série I de afixos pessoais. Pois, como dito anteriormente, tais verbos possuem uma estrutura semântica diádica, idêntica a dos verbos transitivos, que

também são externamente causados e carregam os prefixos da Série I, quando estão em sua versão monoargumental (intransitivizada).

Nossa hipótese é que pelo fato de terem as mesmas propriedades semânticas (isto é, estrutura lexical diádica e sentido incoativo) que os verbos transitivos é que os intransitivos externamente causados estejam se comportando também morfologicamente da mesma maneira. Ou seja, eles selecionam os prefixos da Série I, por analogia ao que fazem os verbos transitivos quando estão na versão intransitiva, quando ficam com sentido incoativo.

Dito de outra maneira, embora se trate de verbos sintaticamente intransitivos, semanticamente possuem duas posições argumentais (tal como os transitivos) e quando preenchem apenas uma delas, selecionam a mesma série de afixos que os verbos transitivos quando estes também preenchem apenas uma posição argumental, ou seja, quando são intransitivizados. Isto está de acordo com a proposta de Levin e Hovav (1995, p. 01) para quem o comportamento morfossintático dos verbos é em grande parte determinado pelo seu significado.

Dessa forma, podemos concluir que a cisão intransitiva em Ikpeng, que provavelmente, teve origens gramaticais (de acordo com o que propõem Meira (2000) para a família Karib), parece agora estar se realizando com base em critérios semânticos que levam em consideração a oposição entre eventos interna e externamente causados. As estruturas abaixo ilustram o que foi dito de forma esquemática:

(319) Verbo Transitivo

Yenli	uro	tariwe
y-en-li	uro	tariwe
1A/3P- torrar-PAS.IM	eu	beiju

‘Eu torrei o beiju’

(320) Representação Semântica Lexical:

[[X DO-SOMETHING]	CAUSE	[Y	BECOME	STATE]]
[[URO DO-SOMETHING]	CAUSE	[TARIËWE	BECOME	T-EN-TE]]
[[EU FIZ-ALGO]	CAUSA	[BEIJU	FICAR	TORRADO]]

(Eu fiz o beiju ficar torrado)

(321) Verbo Transitivo na versão monoargumental:

Orenli tariwe

Ø-ot-en-li tariwe

**3Sa**-INTR-torrar-PAS.IM beiju

‘O beiju torrou’

(322) Representação Semântica Lexical:

[[X DO-SOMETHING]	CAUSE	[Y	BECOME	STATE]]
		[TARIËWE	BECOME	T-EN-TE]
		[BEIJU	FICAR	TORRADO]

(O beiju ficou torrado)

(323) Verbo Intransitivo Externamente Causado:

Egwamli muy

Ø-egwami-li muy

**3Sa**-afundar-PAS.IM canoa

‘A canoa afundou’

(324) Representação semântica lexical:

[[X DO-SOMETHING]	CAUSE	[Y	BECOME	STATE]]
		[MUY	BECOME	T-ENGWAM-TE]
		[CANOA	FICAR	AFUNDADA]

(A canoa ficou afundada)

(325) Verbo Intransitivo Internamente Causado:

Ugwon        imulukteli  
ugwon        i-mulukte-li  
homem        3Sp-tossir-PAS.IM  
'O homem tossiu'

(326) Representação semântica lexical:

[X            PREDICATE]  
[UGWON    MULUKTE]  
[HOMEM    TOSSIR]  
(O homem tossiu)

O que tentamos mostrar com as representações acima é que os verbos que possuem a mesma estrutura semântica lexical selecionam a mesma série de afixos pessoais e os verbos que possuem estrutura semântica lexical diferente carregam série afixal diferente. Ou seja, os verbos que possuem estrutura diádica (transitivos e intransitivos externamente causados) selecionam os afixos da Série I, enquanto que os verbos que possuem estrutura monádica selecionam os prefixos pessoais da Série II.

Em outras palavras, parece que só os prefixos pessoais da Série I podem indexar/concordar com o argumento (S) do verbo monoargumental (intransitivo ou intransitivizado) que ocupa a posição de Y na estrutura semântica diádica. Enquanto que apenas os prefixos da Série II podem concordar com o elemento que preenche a posição de X na estrutura semântica monádica.

Para comprovar, repetimos abaixo a tabela 34, de prefixos intransitivos, e em seguida alguns dos verbos apresentados na tabela 36, ocorrendo com os seus respectivos afixos:

Tabela 34: Prefixos Pessoais Intransitivos

VERBO INTRANSITIVO			
Série I (Função Sa)		Série II (Função Sp)	
C- Inicial	V- Inicial	C- Inicial	V- Inicial
ko-	k-	i-	g-
me-	m-	o-	w-
kut-	kut-	wi-	ug(w)-
e-	Ø-	i-	y-

EXEMPLOS DE VERBOS EXTERNAMENTE CAUSADOS

PREFIXOS S<sub>A</sub>

(327.a) **Wiante**: ‘boiar’

Kowianteli

**ko-wiante-li**

**1Sa**-esfriar-PAS.IM

‘Eu (me) esfriei/aliviei’

PREFIXOS S<sub>P</sub>

(327.b) **Wiante**: ‘boiar’

\*İwianteli

**i-wiante-li**

**1Sp**-esfriar-PAS.IM

(328.a) **Aluku**: ‘desaparecer’

Malukuli

**m-aluku-li**

**2Sa**-desaparecer-PAS.IM

‘Você desapareceu’

(328.b) **Aluku**: ‘desaparecer’

\*Walukuli

**w-aluku-li**

**2Sp**-desaparecer-PAS.IM

(329.a) **Engru**: ‘boiar’

Kurengruli

**kut-engru-li**

**1+2Sa**-boiar-PAS.IM

‘Nós boiamos’

(329.b) **Engru**: ‘boiar’

\*Ugwengruli

**ugw-engru-li**

**1+2Sp**-boiar-PAS.IM

(330.a) **Inpo**: ‘apagar’

Inpoli atxi

Ø-inpo-li atxi

**3Sa**-apagar-PAS.IM fogo

‘O fogo apagou’

(330.a) **Inpo**: ‘apagar’

\*Yinpoli atxi

y-inpo-li atxi

**3Sp**-apagar-PAS.IM fogo

#### EXEMPLOS DE VERBOS INTERNAMENTE CAUSADOS

##### PREFIXOS SP

(331.a) **Mrere**: ‘ficar grávida’

İmrereli

İ-mrere-li

**1Sp**-ficar.grávida-PAS.IM

‘Eu fiquei grávida’

##### PREFIXOS S<sub>A</sub>

(331.b) **Mrere**: ‘ficar grávida’

\*Komrereli

ko-mrer-eli

**1Sa**-esfriar-PAS.IM

(332.a) **Ekiripang**: ‘envelhecer’

Wekiripangli

w-ekiripang-li

**2Sp**-envelhecerr-PAS.IM

‘Você envelheceu’

(332.b) **Ekiripang**: ‘envelhecer’

\*mekiripangli

m-ekiripang-li

**2Sa**-envelhecer-PAS.IM

(333.a) **Mulukte**: ‘tossir’

Wimulukteli

wi-mulukte-li

**1+2Sp**-tossir-PAS.IM

‘Nós tossimos’

(333.b) **Mulukte**: ‘tossir’

\*Kutmulukteli

kut-mulukte-li

**1+2Sa**-tossir-PAS.IM

(334.a) **Alum**: ‘pular’

Yalumli

y-alum-li

**3Sp**-apagar-PAS.IM

‘Ele pulou’

(334.a) **Alum**: ‘pular’

\*Alumli

Ø-alum-li

**3Sa**-pular-PAS.IM fogo

Os exemplos (327.a, 328.a, 329.a e 330.a) mostram verbos externamente causados sendo marcados com os prefixos  $S_A$  e seus correspondentes nos exemplos (327.b, 328.b, 329.b e 330.b), com o uso dos prefixos da série  $S_P$  que mostra que a ocorrência desses verbos com tais prefixos é agramatical. Nos exemplos (331.a, 332.a, 333.a e 334.a) tem-se o oposto, ou seja, verbos internamente causados ocorrendo com prefixos pessoais  $S_P$  e nos exemplos (331.b, 332.b, 333.b e 334.b), temos os seus respectivos usos com os prefixos  $S_A$ , que os deixa agramaticais.

#### IV.3.3. Causativização ou Transitivização?

Nesta seção, discutiremos o que já havia sido mencionado no capítulo II (seção II.4.2.) sobre a possibilidade de haver distinção entre transitivização e causativização na língua Ikpeng.

Segundo Levin e Hovav (1995), pelo fato dos verbos intransitivos externamente causados possuírem uma semântica diádica, eles são facilmente causativizados; enquanto que os intransitivos internamente causados, que possuem uma estrutura semanticamente monádica são mais estáveis quanto a sua causativização. No entanto, ainda assim, tais verbos podem ser encontrados em versões causativas (o que pode ser atestado em Ikpeng, como foi apresentado na seção IV.2., deste capítulo, quando apresentamos as alternâncias de valência).

Sobre isso, as autoras argumentam que se trata de fenômenos distintos, pois a relação entre a variante transitiva e a intransitiva não é a mesma nas alternâncias com verbos interna e externamente causados.

Uma das evidências de que são fenômenos distintos é a possibilidade dos elementos que podem ocorrer como a CAUSA em cada um. A CAUSA dos verbos

externamente causados pode ser representada por várias entidades semânticas, como um agente, uma circunstância, um instrumento, ou uma força natural; enquanto que nos verbos internamente causados, ela obrigatoriamente tem que ser um “agente”, ou seja, um alguém que faça ou induza a ação.

Outra evidência de que a transitivização e a causativização são distintas é o fato do argumento dos verbos internamente causados não se tornar um objeto semanticamente igual ao encontrado na versão causativa dos verbos externamente causados ou nos transitivos em geral, de forma que a estrutura de ambos pode ser esquematizada da seguinte forma:

Verbos Externamente Causados:

Variante Intransitiva:	X	VI
Variante Transitivizada:	Y	VT X

Verbos Internamente Causados:

Variante Intransitiva:	X	VI
Variante Transitivizada:	Y	causar X VI

O que os esquemas acima nos mostram é que na versão derivada dos verbos externamente causados, o sujeito do verbo é também o sujeito da causativização, ou seja, o CAUSER, enquanto que o CAUSEE codifica o objeto. Na versão derivada dos verbos internamente causados há dois sujeitos: um que é o sujeito da causativização (CAUSER) e outro que é o sujeito do verbo intransitivo (CAUSEE).

Em outras palavras, na versão derivada, os verbos externamente causados possuem dois argumentos: um interno (CAUSEE) e um externo (CAUSER), tal como os verbos transitivos; já os verbos internamente causados continuam com apenas um argumento, o CAUSEE; enquanto que o CAUSER é interpretado como o argumento da construção causativa:

a) Verbos Externamente Causados:

(S) VI  
O rio estreitou

(A) VT (P)  
A barragem estreitou o rio  
CAUSER CAUSEE

b) Verbos Internamente Causados:

(S) VI  
Você sorriu

(S) VI  
Eu fiz você sorrir  
CAUSER CAUSEE

Adaptando esses esquemas para orações da língua Ikpeng, teríamos:

(335) Verbos Externamente Causados:

a) CAUSEE  
VI (S)  
Egĩngtare-li igru  
Ø-egĩngtare-li igru  
3S-estrear-PAS.IM rio  
'O rio estreitou'

b)	CAUSER	CAUSEE
VT	(A)	(P)
egingtarenopli	iwi	igru
Ø-egingtare-nop-li	iwi	igru
3A/3S-estreitair-CAUS-PAS.IM	pedra	rio
‘A pedra estreitou o rio’		

(336) Verbos Internamente Causados:

a)	VI	(S)
Weprumli	omro	
w-eprum-li	omro	
2S-sorrir-PAS.IM	você	
‘Você sorriu’		

b)	CAUSER	CAUSEE
VI		(S)
Kiprupoli	uro	omro
Ko-epru-po-li	uro	omro
1A/2P-sorrir-CAUS-PAS.IM	eu	você
‘Eu fiz você sorrir’		

Segundo Levin e Hovav (1995), nas línguas em que há morfologia envolvida na causativização, a formação de verbos causativos derivados de intransitivos interna e externamente causados é diferente.

As autoras citam como exemplo o Hebreu moderno, língua em que sempre há morfologia envolvida na construção de variantes causativas, seja na derivação de verbos

interna ou externamente causados. Porém, a morfologia envolvida na causativização de um e de outro tipo de verbo é diferente.

Isso é o que pode também ser observado em Ikpeng, pois de acordo com os dados elicitados foi possível identificar como mais recorrentes nas construções causativas os morfemas {nop-} e {po-}<sup>32</sup>, que parecem possuir funções distintas na causativização.

A distribuição desses morfemas nos permite concluir que a forma {nop-} deriva verbos com estrutura semântica diádica (X VI > Y VT X), ou seja, trata-se de um formador de verbos transitivos, um morfema de aumento de valência. Este é o morfema que se realiza nos verbos externamente causados em Ikpeng.

A forma {po-}, por outro lado, parece ter a função de introduzir uma semântica causativa, porém sem modificar a estrutura semântica lexical dos verbos. Essa forma é geralmente encontrada com: (i) verbos internamente causados (que possuem estrutura semântica monoargumental e, de acordo com o que está sendo proposto nesse trabalho, a partir das ideias de Levin e Hovav (1995), continuam sendo monoargumentais após a derivação: X VI > Y CAUSE X VI); (ii) verbos transitivos (que possuem uma estrutura semântica biargumental: (Y VT X)); e (iii) verbos externamente causados depois de já terem sido derivados pelo morfema {nop-}. Ou seja, parece que a função de {po-} não é exatamente a de aumentar a valência dos verbos, mas sim de introduzir uma construção causativa. Vejamos abaixo exemplos que comprovam nossa hipótese:

VERBO INTRANSITIVO EXTERNAMENTE CAUSADO:

(337.a) Variante Básica		(337.b) Variante Derivada	
Egwamli	muy	Awarepi egwamnopli	muy
Ø-egwam-li	muy	Awarepi Ø-egwam-nop-li	muy
3Sa-afundar-PAS.IM	canoa	Awarepi 3A/3P-afundar-CAUS-PAS.IM	canoa
‘A canoa afundou’		‘Awarepi afundou a canoa’	

<sup>32</sup> Lembramos que no capítulo II, mencionamos também o uso da forma {me(t)-} como morfema causativo. Porém, não foi possível compreender a sua distribuição.

VERBO INTRANSITIVO INTERNAMENTE CAUSADO:

(338.a) Variante Básica

Gaginumli

g-aginum-li

1Sp-chorar-PAS.IM

‘Eu chorei’

(338.b) Variante Derivada

Ugwaginumpoli

ugw-aginum-**po**-li

2A/1P-chorar-CAUS-PAS.IM

‘Você me fez chorar’

VERBO TRANSITIVO:

(339.a) Variante Básica

Yangkuli                      nabiot

y-angku-li                      nabiot

1A/3P-amassar-PAS.IM      batata

‘Eu amassei a batata’

(339.b) Variante Derivada

Yangkupoli                      nabiot

y-angku-**po**-li                      nabiot

1A/3P-amassar-CAUS-PAS.IM      batata

‘Eu fiz/deixei a batata esmagar’

VERBO INTRANSITIVO INTERNAMENTE CAUSADO DERIVADO POR {NOP-}:

(340.a) Variante Básica

Awarepi egwamnoli                      muy

Awarepi Ø-egwam-**nop**-li                      muy

Awarepi 3A/3P-afundar-CAUS-PAS.IM      canoa

‘Awarepi afundou a canoa’

(340.b) Variante Derivada

Awarepi egwamnoli                      muy

Awarepi Ø-egwam-**nop-po**-li                      muy

Awarepi 3A/3P-afundar-CAUS-CAUS-PAS.IM      canoa

‘Awarepi fez/deixou a canoa afundar’

Os exemplos acima nos mostram as diferentes ocorrências dos morfemas {nop-} e {po-}. Observe, principalmente, a diferença entre os exemplos (337) e (338). Veja que em (337), o morfema {nop-} causativiza aumentando a valência do verbo em questão. Observe que o argumento (S) de VI torna-se o objeto (P) do VT. O CAUSER (Awarepĩ) assume a função de sujeito que realiza diretamente a ação do verbo sobre o CAUSEE. Em (338), o CAUSER não é o elemento que realiza a ação do verbo, mas sim quem induz o CAUSEE a realizá-la, ele é o elemento que CAUSA a sua realização.

Nos exemplos (339) e (340), com verbo transitivo e transitivizado (via {nop-}), respectivamente, que já possuem os elementos CAUSER e CAUSEE, a função do morfema {po-} é introduzir uma construção causativa, cuja oposição de sentido com a variante não derivada via {po-} pode ser entendida da seguinte maneira: em (339.a) e (340.a) a interpretação é de que o CAUSER realizou a ação direta e propositalmente; enquanto que nas versões causativizadas com {po-} ((339.b) e (340.b)) a interpretação é de que ou a ação foi realizada acidentalmente pelo CAUSER, ou que este permitiu ou ordenou que alguém (que não é mencionado no discurso) realizasse essa ação em seu lugar, podendo também ser traduzidas livremente como: ‘Eu deixei/mandei (X) esmagar a batata/Eu deixei que esmagassem a batata’ e ‘Awarepĩ deixou/mandou (X) afundar a canoa/Awarepĩ deixou que afundassem a canoa’, respectivamente. Quando o nome da pessoa é mencionado, temos a seguinte realização:

- |       |   |        |     |      |
|-------|---|--------|-----|------|
| (341) | Yangkupoli                                    | nabiot | Kay | ina  |
|       | y-angku- <b>po</b> -li                        | nabiot | Kay | ina  |
|       | 1A/3P-amassar-CAUS-PAS.IM                     | batata | Kay | POSP |
|       | ‘Eu fiz/deixei/mandei Kay esmagar a batata’   |        |     |      |
|       | (Lit.: ‘Eu esmaguei a batata através do Kay’) |        |     |      |

(342)	Awarepĩ egwamnopoli	muy	Kapiuka	ina
	Awarepĩ Ø-egwam- <b>nop-po</b> -li	muy	Kapiuka	ina
	Awarepĩ 3A/3P-afundar-CAUS-CAUS-PAS.IM	canoa	Kapiuka	POSP
	‘Awarepĩ fez/deixou/mandou Kapiuka afundar a canoa’			
	(Lit.: ‘Awarepĩ afundou a canoa através de Kapiuka’)			

Em outras palavras, o morfema {nop-} introduz uma causativização direta, ou seja, o CAUSER, que passa a ser o sujeito transitivo, realiza a ação do verbo e afeta diretamente o CAUSEE, que passa a ser o objeto. Nas construções com {po-}, o argumento (S) não se torna o objeto, porque não é afetado pela ação do verbo (o que ocorre nas construções com {nop-}). O morfema {po-} parece introduzir uma causativização indireta, isto é, o CAUSER não se torna o sujeito do verbo e, por tanto, não realiza diretamente a ação, mas é indiretamente o responsável por ela.

De acordo com as diferenças apontadas entre os morfemas acima, consideramos {nop-} como um morfema transitivizador (que exatamente por isso tem sido glosado como ‘TRANS’ ao longo do trabalho) e {po-} como um causativizador (recebendo a glosagem ‘CAUS’). No entanto, é importante afirmar que há algumas exceções encontradas para ambos os casos. Porém, o cenário que descrevemos mostra uma realização bastante regular para ambos. Assim, concluímos que a transitivização e a causativização são processos distintos em Ikpeng, pois envolvem morfologia e estruturas semânticas distintas. Isso está de acordo com o que propõe Jackendoff (1990), para quem a noção de causatividade não está obrigatoriamente vinculada à noção de mudança de valência.

A partir dessa postulação, faz-se necessário rever a classificação semântica dos verbos Ikpeng feita na seção IV.3., quando dissemos que todos os verbos intransitivos eram inacusativos a partir do seu comportamento nas alternâncias transitivas, onde o argumento (S) é promovido a (P) da variante transitiva.

De fato esta informação não é incorreta, o que modifica agora é que, de acordo com a proposta de análise para os verbos intransitivos com base na teoria de Levin e Hovav

(1995) adotada neste trabalho, os verbos intransitivos internamente causados participam de alternância causativa, mas de um tipo de alternância que não envolve mudança de valência. Por esse motivo, não é mais correto afirmar que o argumento (S) dos verbos internamente causados assume a função (P) na variante transitiva, uma vez que postulamos que estes não possuem variante transitiva. Assim, os verbos internamente causados continuam a possuir um argumento (S) na versão causativizada.

Um argumento contra a hipótese de que os verbos internamente causados continuam monoargumentais é o fato de que eles carregam as séries transitivas (direta e inversa) de prefixos pessoais. Como contra-argumento, podemos dizer que os prefixos pessoais transitivos Ikpeng não marcam os argumentos sintáticos (sujeito e objeto), mas sim os argumentos semânticos: CAUSER e CAUSEE. Isso explicaria a ocorrência dos prefixos transitivos ocorrendo com os verbos internamente causados quando causativizados.

Como dito anteriormente, os verbos internamente causados podem ser inergativos ou inacusativos, dependendo do papel temático do seu argumento (S), no capítulo V, ao analisarmos o processo de formação dos verbos, com base na proposta de Hale e Keyser (2002), veremos a que tipo (inergativo ou inacusativo) pertencem os verbos internamente causados da língua Ikpeng.

#### IV.4. Classificação dos Verbos Ikpeng

Com base no que tem sido discutido até o presente momento, propomos as seguintes classificações para os verbos em Ikpeng:

#### CLASSIFICAÇÃO MORFOSSINTÁTICA:

- a) Transitivo: apresenta dois argumentos: interno e externo, sem nenhuma morfologia envolvida.
- b) Intransitivo: apresenta apenas um argumento: interno ou externo, sem nenhuma morfologia envolvida.

- a') Transitivizado: apresenta dois argumentos: interno e externo, porém mediante adição de morfologia de aumento de valência.
- b') Intransitivizado: apresenta apenas um argumento: interno, com marcação SI, derivado através de morfologia redutora de valência.

#### CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA:

- Diádico: 

{	Transitivos
}	Intransitivos Externamente Causados

- Monádico: Intransitivos Internamente Causados

#### IV.5. Resumo do Capítulo

Neste capítulo, apresentamos os tipos de alternâncias transitivas possíveis de ocorrer na língua Ikpeng. Observando o comportamento dos verbos nas alternâncias transitivas, vimos que o argumento (S) dos intransitivos torna-se (P) na versão transitiva, e que o argumento (P) transitivo, torna-se (S) na versão monoargumental desses verbos, donde é possível concluir que a língua Ikpeng possui um alinhamento semântico nominativo-acusativo. No entanto, como vimos no capítulo anterior, há verbos intransitivos que recebem os prefixos  $S_A$ , inergativos. Para compreender porque isso ocorre, verificamos a estrutura semântica dos verbos intransitivos na língua e observamos que os verbos

monoargumentais marcados com os prefixos  $S_P$  são internamente causados, ou seja, possuem uma estrutura semântica monádica; enquanto que os verbos que são marcados com os prefixos  $S_A$  são externamente causados, ou seja, possuem uma estrutura semântica diádica, tal como os transitivos, que também recebem os prefixos  $S_A$  quando estão em sua versão monoargumental. Com base nesses fatos, propusemos que o que determina a classe de prefixos a ocorrer com cada tipo de verbo (monoargumental) é a sua estrutura semântica. Assim, os verbos de estrutura semântica diádica (transitivos e intransitivos externamente causados) são marcados com  $S_A$  e os de estrutura semântica monádica (internamente causados) são marcado com  $S_P$ .



**CAPÍTULO V:**  
**ESTRUTURA ARGUMENTAL**  
**DOS VERBOS IKPENG**

V.1. Introdução

Neste capítulo, propomos explicar a formação dos verbos existentes na língua Ikpeng. Para isso, nos basearemos nas ideias de Hale e Keyser (2002), que propõem quatro estruturas argumentais responsáveis pela formação dos verbos nas línguas do mundo. A projeção dos verbos em uma ou outra estrutura leva em consideração alguns critérios, como: o item lexical que dá origem a esses verbos (raízes nominais (N), raízes adjetivas (A), raízes não-categorizadas ( $\sqrt{\quad}$ ) e a preposição(P)), que tem como consequência o segundo critério que é a participação ou não desses verbos em alternâncias transitivas. Inicialmente, apresentaremos a proposta teórica dos autores e, em seguida, veremos em quais das estruturas propostas cada tipo de verbo Ikpeng é projetada.

V.2. Estruturas Argumentais

Hale e Keyser (2002) utilizam o termo Estrutura Argumental para se referir à “configuração sintática projetada por um item lexical” (p. 01). Em outros termos, a Estrutura Argumental (doravante EA), como definida por estes autores, consiste em um “sistema de relações estruturais existentes entre um núcleo e seus argumentos” (ibidem). Paraphraseando a ideia dos autores, pode-se dizer que a EA consiste em uma sintaxe da palavra verbal, ou seja, diz respeito à seleção argumental dos verbos em um nível pré-sintático.

Em resumo, a teoria da EA como pensado por Hale e Keyser (op. cit.) diz respeito à formação dos verbos e à relação que estes mantêm com seus argumentos internos. Para esses autores, os argumentos externos não fazem parte da projeção lexical dos verbos e, por isso, são inseridos apenas na sintaxe sentencial, ficando de fora da EA.

Dependendo do tipo de núcleo e da relação que este mantém com seus argumentos (complemento e especificador), os autores propõem, inicialmente, quatro tipos de projeções universais para a formação dos verbos nas línguas do mundo, a saber: a) projeção lexical atômica; b) projeção lexical monádica; c) projeção lexical diádica básica; e d) projeção lexical diádica composta. Para os autores as EA, isto é, “as configurações sintáticas (...) são neutras com relação à categoria morfossintática do núcleo (V, N, etc)<sup>33</sup>” (p. 13). Assim, os autores assumem que as categorias morfossintáticas e os tipos estruturais são variáveis independentes na gramática da projeção lexical (p. 14).

Antes de falarmos de cada um dos tipos de estruturas argumentais propostos pelos autores, é relevante inserir algumas outras noções que serão importantes para compreender alguns processos de formação dos verbos, como a noção de *conflation* e os núcleos  $V_1$  e  $V_2$ .

### V.2.1. *Conflation*

De acordo com Hale e Keyser (2002), a operação chamada *conflation* consiste na fusão do núcleo com seu complemento quando o primeiro for vazio ou fonologicamente defectivo, ou seja, um morfema zero ou um afixo, respectivamente. Nas palavras dos autores trata-se de “um importante processo que dá conta de várias formas disponíveis, através da chamada derivação-zero, que inclui verbos denominais e deadjetivais” (p. 12). É

---

<sup>33</sup> Nossa tradução para: “The structural configurations (...) are neutral with respect to the morphosyntactic category (V, N, etc) of head” (HALE e KEYSER, 2002, p. 13).

importante ressaltar que para Hale e Keyser (op. cit.) *conflation* não é um movimento e, portanto, não deixa vestígios.

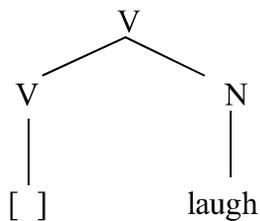
A definição que os autores dão para a operação *conflation* é que esta é:

“um tipo específico de incorporação, conforme uma versão especial da Restrição de Movimento de Núcleo, de acordo com a qual a matriz fonológica de um complemento substitui a matriz vazia do núcleo regente” (HALE e KEYSER, op. cit., p. 11).

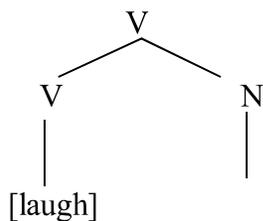
Mostramos abaixo dois exemplos de *conflation* na formação de verbos do inglês: *laugh* (rir), derivado do nome *laugh* (riso); e *redden* (avermelhar), derivado do adjetivo *red* (vermelho):

(343) FORMAÇÃO DO VERBO *LAUGH*

a) Fase Inicial: (nome laugh)



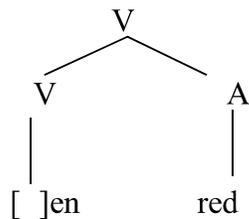
b) Fase Final: (verbo laugh)



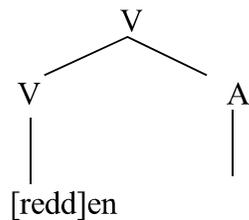
No exemplo acima, o nome *laugh* (riso) se funde com a matriz verbal fonologicamente vazia, formando o verbo *laugh* (rir). Nesse caso, não há morfologia envolvida na verbalização do nome.

(344) FORMAÇÃO DO VERBO *REDDEN*

a) Fase Inicial: (adjetivo *red*)



b) Fase Final: (verbo *redden*)



Nesse caso, a raiz adjetiva *red* (vermelho) preenche a raiz vazia do núcleo verbal e se funde com o morfema {-en} para formar o verbo *redden* (avermelhar).

## V.2.2. Núcleos $V_1$ e $V_2$

Como dissemos há pouco, para Hale e Keyser (2002), a possibilidade de um verbo participar ou não de alternância transitiva (aumento de valência) tem a ver com a possibilidade da raiz poder relacionar-se a dois núcleos verbais, que são:  $V_1$  e  $V_2$ .

Tomemos como exemplo o verbo alternante *red* (avermelhar), que foi exemplificado acima no processo de *conflation*.

- a) *The leaves reddened.*
- b) *The cold reddened the leaves.*

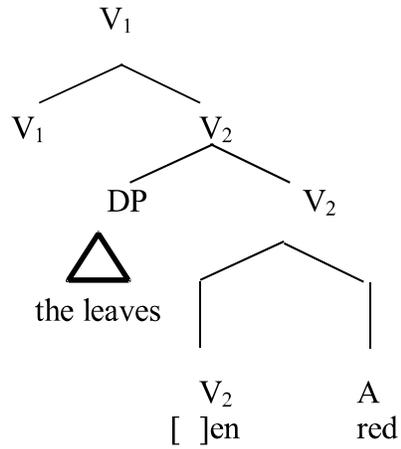
Como vimos acima, o verbo *red* é derivado de uma raiz adjetiva *red* (vermelho), projetada na posição de complemento do núcleo (V). Por ser adjetiva, trata-se de uma raiz predicativa, que exatamente por isso requer um especificador, que será o elemento sobre o qual predica. O especificador é considerado pelos autores como interno à essa estrutura argumental porque na sintaxe sentencial ele é o objeto da variante transitiva, isto é, o argumento interno do verbo.

Quando essa raiz relaciona-se ao primeiro núcleo da projeção verbal ( $V_2$ ), tem-se a formação de um verbo intransitivo incoativo, como o que aparece em a). Para uma versão transitiva do mesmo, como aparece em b), as propriedades dessa raiz devem também estar associadas ao núcleo  $V_1$ , que é uma projeção monádica, que toma  $V_2$  como seu complemento. Em inglês,  $V_1$  é um núcleo, cuja matriz fonológica é vazia e, que será preenchido via *conflation* pelo núcleo de  $V_2$ . Ilustramos essas operações (processos de formação das variantes intransitivas e transitivas do verbo *red* (avermelhar)) nos diagramas abaixo:

(345) FORMAÇÃO DE VERBOS ALTERNANTES

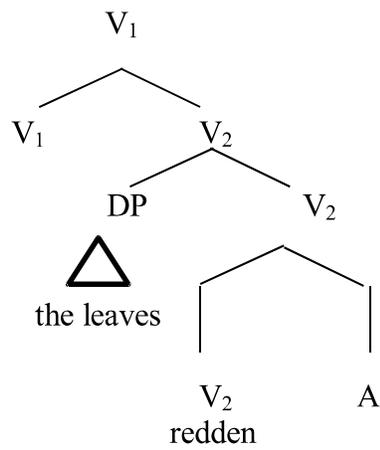
FASE INICIAL:

Primeira operação de *conflation*: (A + V<sub>2</sub> = **red**)



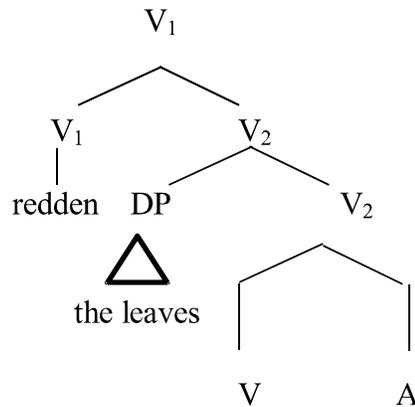
RESULTADO:

Formação da Variante Intransitiva: *The leaves reddened*



FASE FINAL:

Segunda operação de *conflation*: ( $V_2 + V_1$ )



RESULTADO:

Formação da Variante Transitiva: *The cold reddened the leaves.*

Como já mencionado, o argumento externo não é considerado por Hale e Keyser (2002) como parte da projeção lexical do verbo, sendo, por isso, projetado apenas na sintaxe sentencial. Explicitadas essas noções (*conflation* e núcleos  $V_1$  e  $V_2$ ), voltaremos agora a falar das estruturas argumentais.

### V.2.3. Tipos de Estruturas Argumentais

#### V.2.3.1. Estrutura Atômica

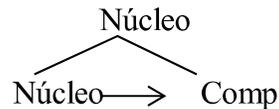
A estrutura atômica é o tipo mais simples e consiste de um núcleo que não projeta nem especificador nem complemento. Trata-se, de fato, de uma estrutura de

projeção de nomes e que, por isso, não será levada em conta neste trabalho. A estrutura Atômica possui a seguinte representação:

Núcleo

### V.2.3.2. Estrutura Monádica

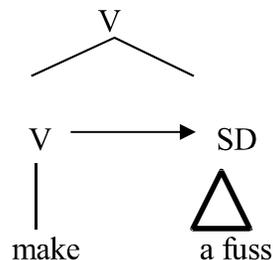
A estrutura monádica é aquela em que o núcleo projeta apenas um argumento, que é o seu complemento.



Nessa estrutura, o núcleo toma um complemento, que pode ser a) um sintagma determinante ou nominal; ou b) outro núcleo, mas não um especificador. Ou seja, esta projeção lexical contém apenas um argumento (complemento) que consiste no único irmão do núcleo (p. 5-6).

Na situação a), tem-se a formação de verbos transitivos. Nesse caso, o núcleo que, é um verbo, projeta um complemento que é o seu argumento interno. Repetimos abaixo o exemplo citado pelos autores, o verbo ‘*make*’ (fazer), numa construção como “*He made a fuss*”:

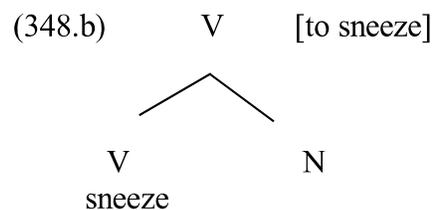
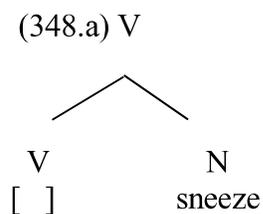
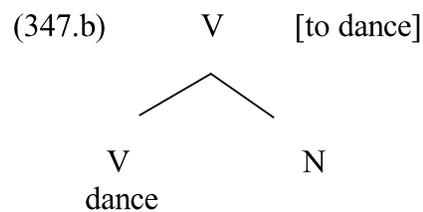
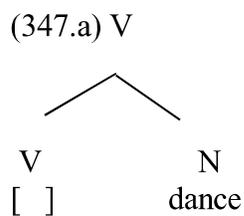
(346)



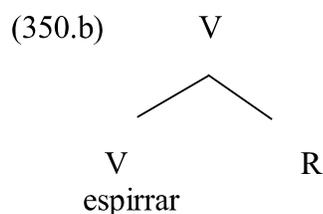
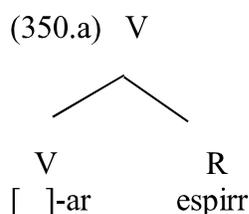
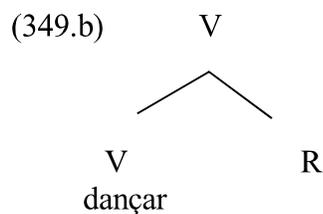
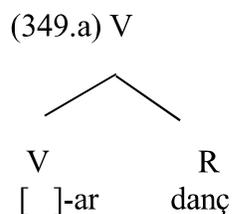
Na situação b), tem-se a formação de verbos inergativos. Nesse caso, o elemento que ocupa a posição de complemento se funde com o núcleo da projeção, que o verbaliza. Nesse caso, diferente do que temos na formação dos verbos transitivos, o núcleo não é um verbo e sim um morfema verbalizador. Usando as palavras de Hale e Keyser (op. cit.), na formação dos verbos transitivos, em inglês, tem-se um ‘verbo pleno’ como núcleo e geralmente um sintagma nominal como complemento; enquanto que na formação dos verbos inergativos o que se encontra é um ‘verbo leve’ na posição de núcleo e uma raiz nominal na posição do complemento.

Os autores citam como exemplos de inergativos os verbos ‘*dance*’ (dançar) e ‘*sneeze*’ (espirrar). Esses verbos possuem como complemento nomes, como ‘*dance*’ (dança) e ‘*sneeze*’ (espirro), respectivamente, que se fundem ao núcleo, que os verbaliza.

Em inglês não há morfologia envolvida na formação de verbos a partir de nomes, de modo que, nessa língua, considera-se que o núcleo é uma matriz fonologicamente vazia, que será preenchida pela operação de *conflation*. Assim, temos as seguintes representações para os verbos *dance* e *sneeze*:



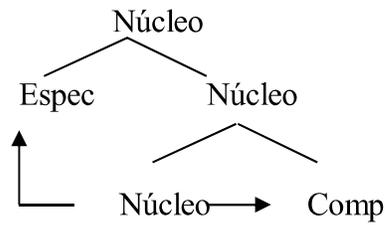
Em línguas em que a derivação de verbos envolve alguma morfologia, pode-se considerar que o núcleo hospede, além da matriz vazia que será preenchida via *conflation*, também os morfemas verbalizadores. Assim, para uma língua como o português teríamos, por exemplo, as seguintes representações:



### V.2.3.3. Estrutura Diádica Básica

O que diferencia a estrutura monádica das estruturas diádicas é que as últimas possuem em suas estruturas elementos capazes de projetar um especificador, característica que carece às primeiras.

Na estrutura diádica básica, o núcleo é um elemento que projeta duas posições argumentais internas: o complemento e o especificador (HALE e KEYSER, 2002, p. 7). Tal projeção lexical pode ser vista abaixo:



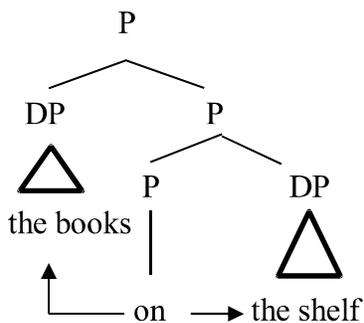
Nessa projeção, o complemento é o único irmão do núcleo e o especificador é o único irmão da projeção inicial do núcleo (*ibidem*, p. 6).

O núcleo forma com seu complemento uma subestrutura, que pode ser interpretada como uma relação de predicação e todo predicado requer um sujeito que, nesse caso, é suprido pelo especificador.

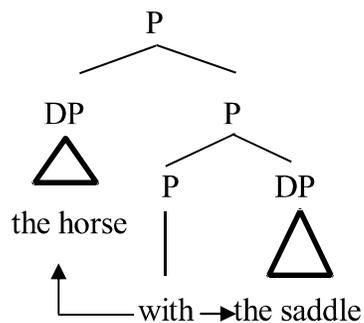
Em inglês, o núcleo que possui a capacidade de gerar dois argumentos é a preposição (P), uma vez que ela é “birrelacional”, ou seja, ela intermedia uma relação (espacial, temporal, etc) entre duas entidades (ou dois eventos, circunstâncias, etc)” (p. 08).

Citamos como exemplos dois verbos que os autores utilizam para ilustrar essa projeção ‘*shelf*’ (emprateleirar) e ‘*saddle*’ (selar), que podem ser vistos em suas respectivas estruturas abaixo:

(351) to shelf



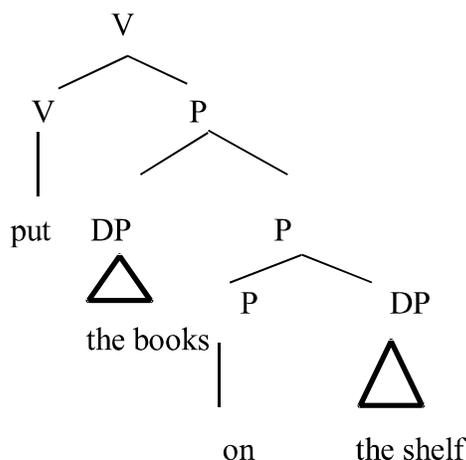
(352) to saddle



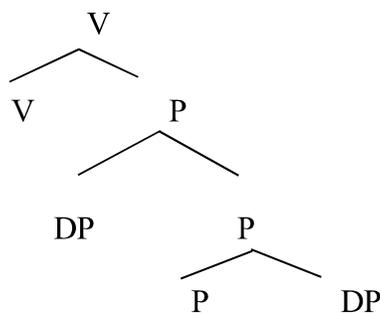
Para que esses elementos se tornem verbos é necessário que as estruturas acima sejam tomadas como complemento por um núcleo verbal. Essa é a condição para a formação de verbos transitivos considerados depreposicionais.

Segundo Hale e Keyser (2002), todos os verbos depreposicionais são paráfrases do verbo *put* (pôr), que seria o núcleo verbal que toma a estrutura diádica básica como complemento, como observado abaixo:

(353)

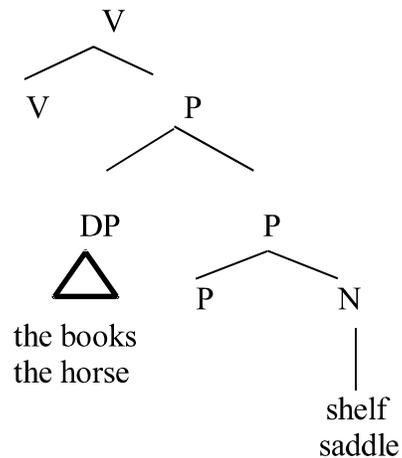


A partir dessa noção, tem-se como estrutura para os verbos depreposicionais, o seguinte diagrama:

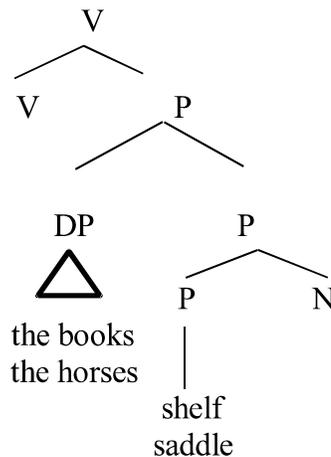


Esse diagrama projeta os verbos depreposicionais como apresentado a seguir (as etapas apresentadas abaixo foram reproduzidas do trabalho de Silva (2011, p. 147-8)):

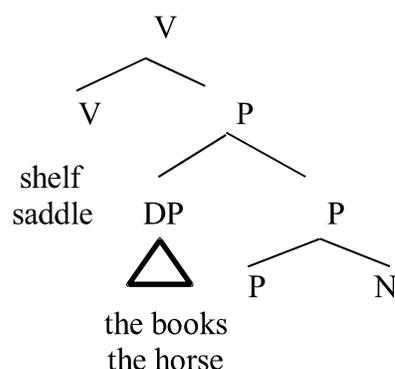
(354) FASE INICIAL: antes da primeira operação de *conflation*



(355) FASE INTERMEDIÁRIA: fim da primeira operação de *conflation*, formando “the books shelf” e “the horses saddle”



(356) FASE FINAL: fim da segunda operação de *conflation*, formando “shelved the books” e “saddled the horse”



De acordo com Hale e Keyser (2002, p. 18), tal estrutura é responsável pela formação de verbos transitivos locativos de dois tipos que eles classificam como *location* e *locatum*. Segundo os autores, a distinção entre esses dois tipos de verbos não é estrutural, mas semântica, pois, os primeiros são verbos que possuem núcleos preposicionais com sentido locativo, como “*at, in, on*” em inglês, ou “*em*” em português. Os segundos, por outro lado, possuem núcleos preposicionais relacionados à posse, como “*with*” em inglês e “*com*” em português. Assim, o sentido dos verbos depreposicionais dos tipos *location* e *locatum*, podem ser parafraseados da seguinte maneira:

- a) *Location*: fazer “X” ficar em “Y”.
- b) *Locatum*: fazer “X” ficar com “Y”.

Adaptando os exemplos acima aos esquemas a) e b), teríamos:

- a’) fazer “O LIVRO” ficar em “PRATELEIRA”
- b’) fazer “O CAVALO” ficar com “SELA”

Apresentamos abaixo duas tabelas com os verbos transitivos locativos do tipo *locatum* e *location*, adaptadas por Rocha da Silva (2011, p. 148-150) do trabalho de Hale e Keyser (2002, p. 18):

Tabela 37: Verbos do Tipo *Location*

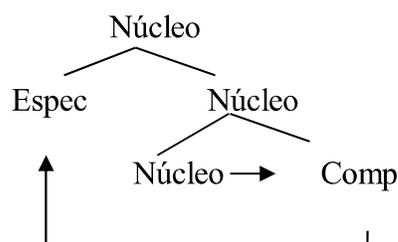
Verbo	Tradução/Paráfrase
Bag	‘pôr coisas na sacola (empacotar)’
Bank	‘pôr dinheiro em banco (depositar)’
Bootle	‘engarrafar’
Box	‘encaixotar’
Cage	‘engaiolar’
Can	‘pôr alimentos dentro de um container de metal para preservar’
Corral	‘meter/prender animais no curral (encurralar)’
Crate	‘pôr garrafas ou frutas em caixote (encaixotar)’
Floor (opponent)	‘sem tradução’
Garage	‘pôr veículo na garagem’
Jail	‘encarcerar, enjaular’
Kennel	‘pôr cachorros em ‘casinha de cachorro’’
Package	‘embalar, empacotar’
Pasture	‘pôr animais no pasto para comer capim (pastar)’
Pen	‘rabiscar com caneta’
Photograph	‘fotografar’
Pocket	‘embolsar’
Pot	‘pôr uma planta em um pote preenchido com terra (plantar em pote ou vaso)’
Shelve	‘emprateleirar’
Ship (the oars)	‘pôr algo no navio para transportar (embarcar)’
Shoulder	‘enfrentar, peitar’ (por exemplo, peitar o inimigo)
Tree	(cultivar árvore, arborizar)

Tabela 38: Verbos Tipo *Locatum*

Verbos	Tradução/paráfrase
Bandage	‘cobrir parte do corpo com faixa, gaze ou atadura (enfaixar)’
Bar	‘barrar, bloquear’
Bell	‘tocar campainha’
Blindfold	‘vendar os olhos’
Bread	‘cobrir com farinha de pão (empanar)’
Butter	‘amanteigar’
Clothe	‘vestir’
Curtain	‘pôr cortina em (cortinar, acortinar)’
Dress	‘vestir, trajar, fantasiar’
Fund	‘prover com fundos (dinheiro)’
Gas	‘envenenar, matar (alguém) ou poluir com gás’
Grease	‘engraixar, engorsurar, untar’
Haress	‘arear’
Hook	‘enganchar’
House	‘prover alguém com um lugar para viver’
Ink	‘pôr tinta em algo’
Oil	‘lubrificar’
Paint	‘pintar’
Paper	‘revestir (com papel de parede)’
Saddle	‘selar’
Salt	‘temperar com sal’
Seed	‘semear’
Shoe	‘ferrar (um cavalo)’
Spice	‘pôr tempero/condimento na comida (temperar/condimentar)’
Water	‘aguar, regar’
Word	‘redigir’

#### V.2.3.4. Estrutura Diádica Composta

A estrutura diádica composta caracteriza-se também por possuir um complemento e um especificador, no entanto, difere da básica porque nessa projeção não é o núcleo e sim as exigências semânticas do complemento que irão demandar o especificador (HALE e KEYSER, 2002, p. 9).



Nessa estrutura, o núcleo toma como complemento uma raiz predicativa, que exatamente por isso requer a presença de um especificador, que é o elemento sobre o qual incide a predicação. Dadas as características dos componentes dessa projeção verbal, ela é responsável por derivar verbos incoativos, que podem participar de alternâncias transitivas.

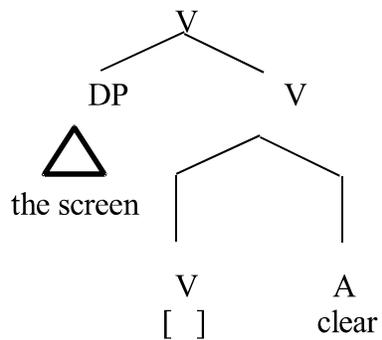
Como já adiantamos quando falamos dos núcleos V<sub>1</sub> e V<sub>2</sub>, os autores consideram que o especificador é interno à essa estrutura argumental, porque na sintaxe sentencial ele torna-se o objeto transitivo dos verbos formados nessa projeção.

Vejamos abaixo, como se formam os verbos alternantes, segundo a proposta de Hale e Keyser (2002). Para isso, tomamos o exemplo, citado pelos autores (p. 16-7), o verbo ‘*clear*’ (clarear) formado a partir do adjetivo ‘*clear*’ (claro), que pode se realizar em sentenças intransitivas e transitivas, como:

- a) *The screen cleared.*
- b) *I cleared the screen.*

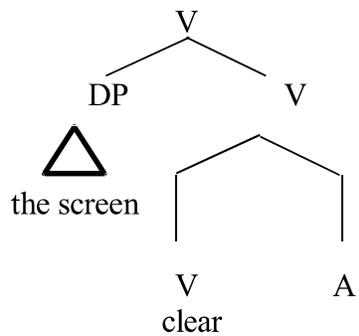
(357) FASE INICIAL:

Primeira operação de *conflation*: (A + V)



(358) RESULTADO:

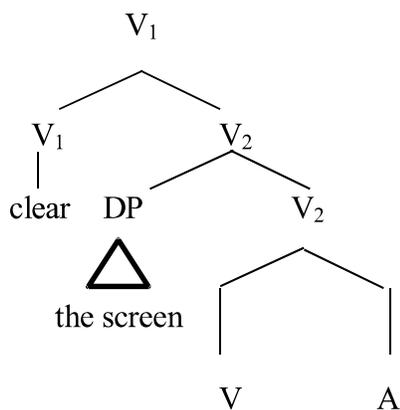
Formação da Variante Intransitiva do Verbo *Clear*: *The screen **cleared***



A transitivização dos verbos formados nessa estrutura é possível porque ela pode ser tomada como o complemento de uma estrutura monádica, cujo núcleo é  $V_1$ .

(359) FASE FINAL:

Segunda operação de *conflation*: ( $V_2 + V_1$ )



RESULTADO:

Formação da Variante Transitiva do Verbo *Clear*: *I **cleared** the screen*

De acordo com Hale e Keyser (2002, p. 17), a transitivização acima é bem sucedida porque quando a raiz predicativa do complemento requer um especificador, ela acaba por oferecer um ‘candidato’ a objeto da variante transitiva. O verbo final (transitivo) é resultado de duas operações de *conflation*: primeiro de A com o que seria  $V_2$ ; e depois de  $V_2$  com  $V_1$ .

Lembramos que, embora Hale e Keyser (op.cit) tenham relacionado as categorias nome (N), verbo (V), preposição (P) e adjetivo (A) às estruturas atômica, monádica, diádica básica e diádica composta, respectivamente, na língua inglesa, eles afirmam que não há uma relação rígida entre as estruturas apresentadas e as categorias gramaticais, podendo haver variação de quais categorias ocorrem com cada estrutura, a depender da língua. Vejamos na próxima seção quais estruturas projetam cada tipo de verbo da língua Ikpeng.

### V.3. Estruturas Argumentais dos Verbos Ikpeng

No capítulo IV sugerimos uma classificação semântica para os verbos Ikpeng, com base em seu comportamento nas alternâncias transitivas propostas por Levin (1993). Tal classificação fundamentou-se nas análises que Levin e Hovav (1995) fazem dos verbos, a partir de sua valência básica e do papel temático dos seus argumentos nas alternâncias transitivas, ou seja, aquelas que envolvem mudança de valência. Com base nos critérios sugeridos pelas autoras, propusemos que haja os seguintes tipos (semânticos) de verbos na língua Ikpeng:

- Diádicos:
  - Transitivos
  - Intransitivos Externamente Causados

- Monádicos: Intransitivos Internamente Causados

Fazendo uma breve recapitulação, lembramos que os verbos semanticamente diádicos são aqueles que possuem duas posições argumentais abertas: uma para o CAUSER e outra para o CAUSEE; e, por isso, fazem parte dela os verbos transitivos e os intransitivos externamente causados, que são aqueles que podem participar de alternâncias transitivas. Os verbos monádicos possuem apenas uma posição aberta, que é ocupada pelo CAUSEE, e como visto, anteriormente, isso impossibilita que esses verbos tenham sua valência aumentada quando são causativizados.

Lembramos aqui que postulamos que há distinção entre os processos de transitivização e causativização na língua Ikpeng. Essa diferença pode ser percebida quando observamos a distribuição dos morfemas {nop-} e {po-}, pois o primeiro é responsável por

augmentar a valência dos verbos e, por isso, só ocorre com verbos intransitivos externamente causados, tornando-os biargumentais; e o segundo é responsável por introduzir uma construção causativa, podendo se realizar: i. com verbos transitivos, que já são biargumentais; ii. com verbos transitivizados via {nop-}; e iii. com verbos intransitivos internamente causados, ou seja, aqueles que, de acordo com a proposta de Levin e Hovav (1995) não alternam a valência.

Apresentamos, no capítulo II desta tese (seção II.3), os morfemas verbalizadores responsáveis pela categorização (formação de verbos a partir de raízes não-categorizadas) e recategorização (formação de verbos a partir de outras classes de palavras) de verbos na língua Ikpeng, que são: {-Ø}; {-ge}; {-ke}; {-me}; {-pang}; {-te}; {-tong}; e {-m}.

Mostramos também que, nessa língua, os verbalizadores não são responsáveis pela atribuição da valência verbal, podendo formar verbos transitivos e intransitivos, o que significa que não ocorrem em uma única estrutura argumental, conforme a proposta de Hale e Keyser (2002). De fato, a valência verbal, bem como a possibilidade de participação nas alternâncias transitivas, é uma consequência das características semânticas das raízes (não-categorizadas, nominais ou adjetivas) que podem dar origem aos verbos em Ikpeng. Ou seja, a função dos morfemas verbalizadores é simplesmente a de determinar que uma dada raiz ( $\sqrt{\quad}$ , N, A) passou a pertencer à categoria V(erbo) nessa língua.

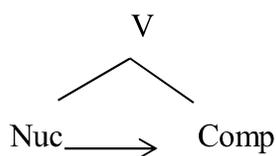
No capítulo IV, mostramos que a participação dos verbos nas alternâncias (in)transitivas pode ser usado como um diagnóstico para identificar a valência básica de cada verbo.

Para Hale e Keyser (2002), os verbos podem ser decompostos em bases semântico-fonológicas e verbalizadores. Assim, levando em consideração alguns fatores como: (i) a existência de morfemas verbalizadores; (ii) a valência básica dos verbos (transitivo *versus* intransitivo); (iii) os tipos de raízes que podem dar origem aos verbos (não-categorizadas ( $\sqrt{\quad}$ ), nominais (N), adjetivas (A)); e (iv) a classificação semântica dos verbos (interna *versus* externamente causados), que leva em consideração sua participação

(ou não) em alternâncias transitivas, passamos à discussão de como se configuram/formam os itens verbais da língua Ikpeng.

### V.3.1. Verbos de Estrutura Monádica:

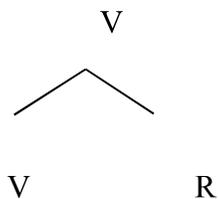
Como já mencionado, a estrutura monádica possui um núcleo que projeta apenas um argumento, que será o seu complemento.



Essa estrutura é responsável pela projeção de verbos transitivos e inergativos, ou seja, intransitivos que não participam de alternâncias de aumento de valência. Discutiremos inicialmente a formação e a EA dos verbos transitivos e em seguida a projeção dos verbos inergativos na língua Ikpeng.

#### V.3.1.1. Verbos Transitivos:

Para Hale e Keyser (2002, p. 2) um verbo transitivo consiste de dois elementos estruturais: uma raiz ( $\sqrt{\quad}$ ), que contém traços semânticos e fonológicos associados a um item lexical; e um núcleo verbal (V). O componente verbal toma a raiz como seu complemento:



Os verbos transitivos Ikpeng, assim como os demais, são morfologicamente complexos, ou seja, são formados a partir da fusão de um morfema funcional, ou seja, um núcleo verbal (VBLZ), que pode ser fonologicamente realizado ( $\{-ge\}$ ;  $\{-ke\}$ ;  $\{-me\}$ ;  $\{-pang\}$ ;  $\{-te\}$ ;  $\{-tong\}$ ;  $\{-m\}$ ) ou não ( $\{-\emptyset\}$ ), com um morfema lexical, isto é, uma raiz não categorizada ( $\sqrt{\quad}$ ), como foi mostrado no capítulo II, seção II.4.1 e pode ser visto novamente abaixo:

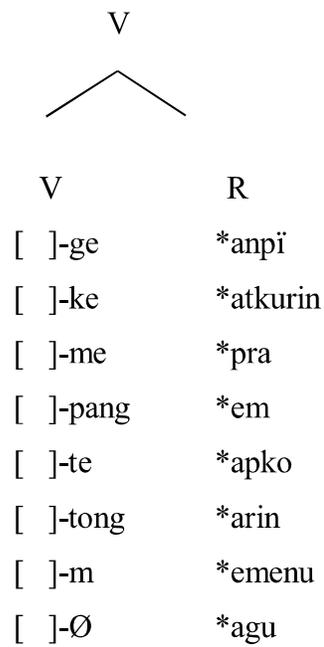
(360)	$\sqrt{anp\ddot{i}}-ge$	‘gastar’	TRANSITIVO
(361)	$\sqrt{atkurin}-ke$	‘girar’	TRANSITIVO
(362)	$\sqrt{pra}-me$	‘sujar’	TRANSITIVO
(363)	$\sqrt{em}-pang$	‘enfeitar’	TRANSITIVO
(364)	$\sqrt{apko}-te$	‘quebrar ao meio, rachar’	TRANSITIVO
(365)	$\sqrt{arin}-tong$	‘cozinhar’	TRANSITIVO
(366)	$\sqrt{emenu}-m$	‘roubar’	TRANSITIVO
(367)	$\sqrt{agu}-\emptyset$	‘comer’	TRANSITIVO

De acordo com a proposta de Hale e Keyser (2002), pode-se considerar que os verbos transitivos Ikpeng são formados via *conflation* do núcleo (V), que sempre será um ‘verbo leve’, com seu complemento, que é uma raiz sem categoria gramatical ( $\sqrt{\quad}$ ):

(368) PROPOSTA DE FORMAÇÃO DO VERBO TRANSITIVO:

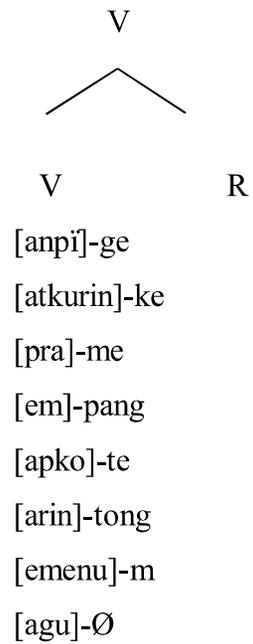
FASE INICIAL:

Operação de *conflation*: (V + R)



RESULTADO:

Formação do Verbo Transitivo



Como já mencionado, para Hale e Keyser (op. cit.) o argumento externo dos verbos não faz parte de sua Estrutura Argumental, sendo projetado somente na sintaxe sentencial. Dessa forma, o único argumento requerido por um verbo transitivo (já categorizado) é o seu argumento interno, que será projetado na posição do complemento (Comp) do núcleo verbal (V). Por esse motivo, consideramos que os verbos transitivos Ikpeng possuem uma EA Monádica.

Vimos que na projeção de um verbo transitivo o complemento pode ser um sintagma determinante (SD) ou um sintagma nominal (SN). Na língua Ikpeng não há determinantes, de modo que o complemento de um verbo transitivo sempre será um SN.

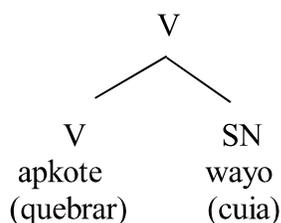
(369) EXEMPLO DE VERBOS TRANSITIVOS:

‘*agu*’ (comer), ‘*anpiġe*’ (gastar), ‘*engri*’ (beber), ‘*apkore*’ (quebrar ao meio, rachar), ‘*akpumu*’ (quebrar em pedaços, estilhaçar), ‘*etpore*’ (arrebentar), ‘*anme*’ (jogar, lançar, enviar), ‘*anku*’ (amassar), ‘*prame*’ (sujar), ‘*okpe*’ (consertar objetos), ‘*ipru*’ (assar, moquear), ‘*arintong*’ (cozinhar), ‘*atkurinke*’ (girar), ‘*en*’ (torrar), ‘*apkixi*’ (fechar), etc.

Para exemplificar a projeção dos verbos transitivos usaremos o verbo *apkote* ‘quebrar’ como representante dessa classe:

(370) PROPOSTA DE PROJEÇÃO DO VERBO TRANSITIVO:

Yapkoreli	wayo
y-apkote-li	wayo
1Ax3P-quebrar-PAS.IM	cuia
‘Eu quebrei a cuia’	



### V.3.1.2. Verbos Inergativos

Segundo Hale e Keyser (2002) os verbos não alternantes também possuem uma projeção monádica, uma vez que seu núcleo (V) projeta apenas um argumento (*Comp*).

No capítulo anterior, vimos que há verbos não alternantes na língua Ikpeng – aos quais chamamos de internamente causados (conforme a classificação semântica de Levin e Hovav, 1995) – porém, não os classificamos como inergativos ou inacusativos, por não termos visto ainda seu processo de formação, o que será feito ao longo desta seção.

Observando a composição desses verbos, foi possível perceber que eles podem ser formados a partir de raízes não-categorizadas ( $\sqrt{\quad}$ ) ou de raízes nominais (N), sempre com o acréscimo de morfologia envolvida no seu processo de (re)categorização, como já apresentado no capítulo II.

Tipicamente, os nomes denotam entidades e, por isso, são elementos não predicadores, que, exatamente por esse motivo, não requerem um item sobre o qual predicar, o que os impossibilita de projetar um *Spec*, e como consequência disso, eles derivam apenas verbos não-alternantes. Pelo fato dos verbos denominais Ikpeng não participarem de alternâncias de aumento de valência, é que propomos que eles também possuem uma EA Monádica. Observe alguns exemplos de verbos denominais em Ikpeng:

(371) EXEMPLO DE VERBOS INTERNAMENTE CAUSADOS DERIVADOS DE NOMES:

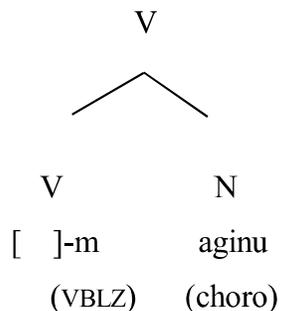
‘*ekiripang*’ (envelhecer - derivado de ‘*ekiri*’ velho, ancião); ‘*aginum*’ (chorar - derivado de ‘*aginu*’, choro); ‘*mulukte*’ (tossir – derivado de ‘*muluk*’, catarro); ‘*lapoytum*’ (bocejar – derivado de ‘*lapoytu*’, bocejo); ‘*atke*’ (defecar – derivado de ‘*wat*’, fezes); ‘*awige*’ (arrotar – derivado de ‘*aw*’, arrotto); ‘*mtarum*’ (falar – derivado de ‘*amta*’, palavra/voz); ‘*komtxipang*’ (esfriar – derivado de ‘*komtxi*’, frio); ‘*lakte*’ (cuspir – derivado de ‘*lak*’, saliva); etc.

Para mostrar a projeção dos verbos intransitivos internamente causados derivados de nomes, tomaremos o verbo *aginum* ‘chorar’, como exemplo:

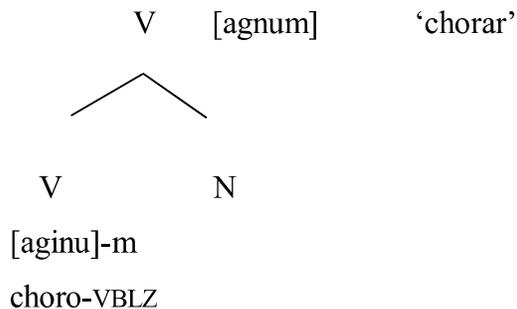
(372) PROPOSTA DE PROJEÇÃO DE VERBOS INTERNAMENTE CAUSADOS DERIVADOS DE NOMES:

Gaginu	Gaginumli
g-aginu	g-aginum-li
1-choro	1(S)-chorar-PAS.IM
‘Meu choro’	‘Eu chorei’

PRIMEIRA FASE:



SEGUNDA FASE:



O que vemos acima é uma raiz nominal (N) sendo recategorizada como verbo a partir da operação *conflation* que acontece no núcleo (V), quando esta passa a carregar o morfema verbalizador e a ter um comportamento verbal no léxico da língua. Isso é o que se supõe que ocorra com todos os verbos denominais em Ikpeng.

Além dos verbos internamente causados derivados de nomes, há também aqueles que são formados a partir de uma raiz sem categoria gramatical pré-definida, mas que ao receberem os morfemas verbalizadores comportam-se da mesma forma que os verbos denominais, ou seja, não participam de alternâncias de aumento de valência. Por apresentarem o mesmo comportamento que os verbos denominais, propomos que os verbos não alternantes formados a partir de raízes não-categorizadas também possuem uma projeção monádica:

(373) EXEMPLO DE VERBOS INTERNAMENTE CAUSADOS DERIVADOS DE RAÍZES NÃO-CATEGORIZADAS:

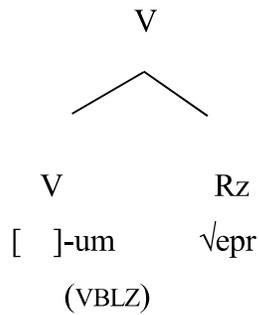
'ongyetom' (sonhar – derivado de \*ongyeto); 'mrere' (engravadar – derivado de \*mre); 'etpam' (parir – derivado de \*etpa); 'ipkonum' (gemer – derivado de \*ipkonu); 'pkare' (peidar – derivado de \*pka); 'engki' (dormir – derivado de \*eng); 'eprum' (sorrir – derivado de \*epr); 'txiktek' (urinar – derivado de \*txik); 'npare' (passar/atraversar – derivado de \*npa);etc.

Para exemplificar a projeção dos verbos intransitivos internamente causados derivados de raízes não-categorizadas, usaremos o verbo *eprum* ‘sorrir’, como representante desta classe:

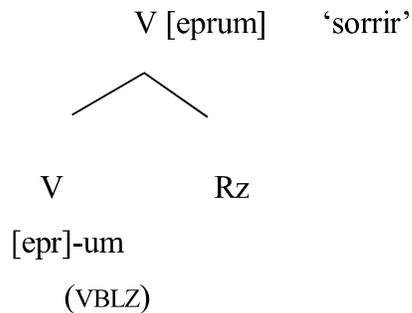
(374) PROPOSTA DE PROJEÇÃO DE VERBOS INTERNAMENTE CAUSADOS DERIVADOS DE RAÍZES NÃO-CATEGORIZADAS:

*epr	Geprumli	uro
	G-eprum-li	uro
	1S-sorrir-PAS.IM	eu
	‘Eu sorri’	

PRIMEIRA FASE:



SEGUNDA FASE:



No exemplo (374), temos como complemento uma raiz não-categorizada, ou seja, sem classificação, que precisa de alguma morfologia para se realizar fonologicamente na língua e participar de alguma categoria gramatical, como foi discutido no capítulo II. A categorização dessas raízes acontece também via *conflation* do núcleo com o complemento, como pode ser visto na projeção acima. O fato de essas raízes darem origem a verbos que não participam de alternâncias transitivas nos faz pensar que elas não são predicativas.

Os exemplos (372) e (374) nos mostram que os verbos intransitivos internamente causados possuem como núcleo uma matriz fonológica vazia que é preenchida pela raiz do complemento (que pode ser um nome ou uma raiz não-categorizada) via *conflation*. O núcleo serve também para hospedar o que Hale e Keyser (2002) chamam de ‘verbo leve’, ou seja, um morfema verbalizador, que possui a característica de transformar raízes não-categorizadas e nominais em verbos.

Como vimos, os verbos internamente causados são formados a partir de raízes não predicativas (nominais e não-categorizadas), o que os impossibilita de projetar um especificador, que será seu argumento (S), uma vez que são intransitivos, o qual será projetado apenas na sintaxe.

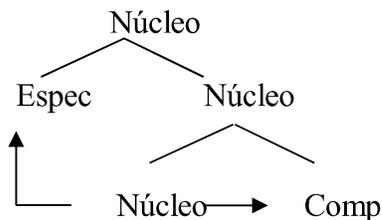
O fato desses verbos não projetarem um especificador impede que eles alternem a valência, pois sem Espec os verbos não tem um candidato a argumento interno na sintaxe sentencial. Isso justifica em termos estruturais o que já havíamos proposto no capítulo IV, usando critérios semânticos: a impossibilidade dos verbos internamente causados participarem de alternâncias transitivas.

Dissemos que, de acordo com a proposta de Levin e Hovav (1995), os verbos internamente causados (não alternantes) podem ser inergativos ou inacusativo, dependendo da relação que o argumento (S) mantém com o verbo. Analisando a projeção lexical dos verbos internamente causados em Ikpeng, foi possível perceber que o seu argumento (S) é projetado apenas na sintaxe sentencial, ou seja, que ele é um argumento externo, o que nos permite classificar tais verbos como INERGATIVOS.

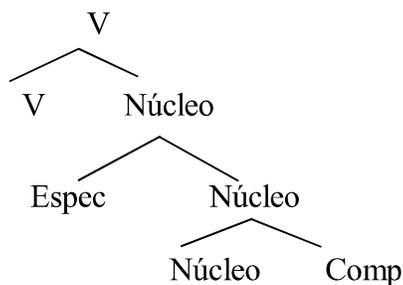
Assim, dizemos que possuem Estrutura Argumental Monádica na língua Ikpeng, os verbos transitivos e os que foram definidos como intransitivos internamente causados, no capítulo IV, que agora podemos também chamar de inergativos.

### V.3.2. Verbos de Estrutura Diádica Básica:

Como já fora mencionado, a estrutura diádica básica consiste de um núcleo predador que projeta tanto o complemento, quanto o especificador, como pode ser visto abaixo:



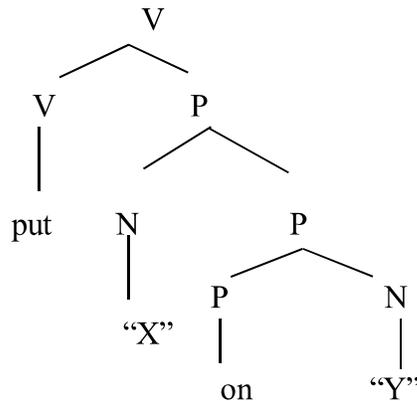
Para verbalizar os itens, essa estrutura precisa ser tomada como o complemento de uma estrutura monádica, de núcleo (V), de modo que a projeção máxima desses verbos seria:



Essa projeção é responsável por formar verbos com sentido locativo, dos tipos *locatum* e *location*, que podem ser parafraseados como [fazer “X” ficar com “Y”]; e [fazer “X” ficar em “Y”], respectivamente.

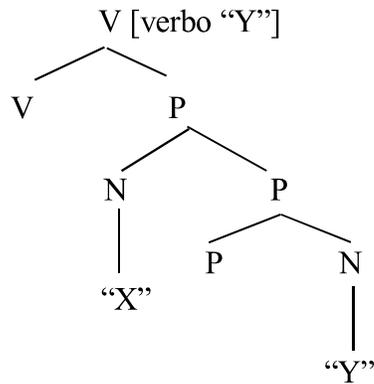
Para Hale e Keyser (2002) o núcleo que possui a propriedade de gerar um complemento e um especificador (que seriam dois elementos não predicativos), simultaneamente, é a preposição, uma vez que ela intermedia uma relação entre duas entidades. No entanto, essa preposição não precisa ser fonologicamente realizada na estrutura e, portanto, não se torna parte do verbo derivado, como ocorre com os outros núcleos nas outras estruturas. A preposição em questão é apenas inferida semanticamente, dado o sentido locativo dos verbos.

Os autores dizem também que todos os verbos derivados nesse tipo de estrutura são considerados paráfrases do verbo ‘*put*’ (pôr). De modo que, pode-se dizer que o diagrama, abaixo é a estrutura do sentido e não da forma do verbo.



A estrutura de formação dos verbos seria a que é vista abaixo, onde ocorrem os seguintes processos: *conflation* de P e seu complemento ‘Y’; e *conflation* de V e seu complemento P<sup>34</sup>.

<sup>34</sup> Lembramos que *conflation* é uma operação estritamente local que relaciona um núcleo com o seu complemento (HALE e KEYSER, 2002, p. 22). Assim, o especificador não faz parte dessa operação.



É importante mencionar que esses verbos possuem a forma da matriz fonológica do nome que lhes servem de complemento.

Com base em todos esses critérios que foram expostos acima (sentido locativo e forma fonológica igual ou derivada do nome que lhe deu origem), podemos dizer que a língua Ikpeng apresenta alguns verbos que se enquadram nessa estrutura, que podem ser observado abaixo:

(375) EXEMPLO DE VERBOS LOCATIVOS – LOCATUM: [fazer “X” ficar com “Y”]

‘*opowuku*’ (tatuar/enfeitar – derivado de ‘*powuk*’, tatuagem)

[fazer “X” ficar com “*POWUK*”]

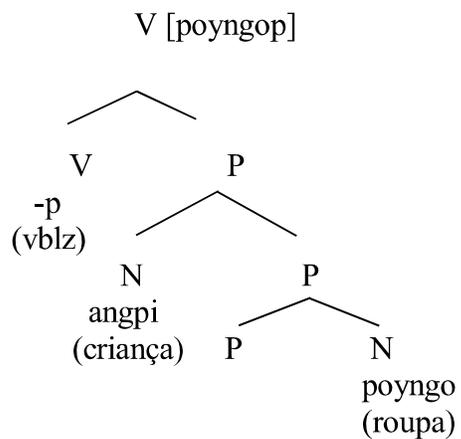
‘*poyngopli*’ (vestir – derivado de ‘*poyngo*’, roupa)

[fazer “X” ficar com “*POYNGO*”]

(376) EXEMPLO DE PROJEÇÃO DE VERBO LOCATIVO – LOCATUM:

Petkom	epoyngopli	angpi
petkom	e-poyngo-p-li	angpi
mulher	3A/3P-roupa-VBLZ-PAS.IM	criança

‘A mulher vestiu o menino’



(377) EXEMPLO DE VERBOS LOCATIVOS – LOCATUM: [fazer “X” ficar em “Y”]

‘*eretpang*’ (deitar na rede - derivado de ‘*eret*’, rede)

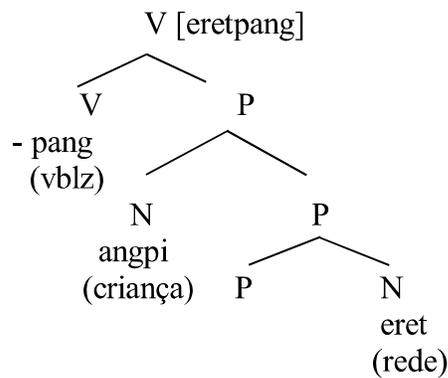
[fazer “X” ficar em “REDE”]

‘*mayaku*’ (encestar/pôr no cesto – derivado de ‘*mayaku*’, cesto de palha)

[fazer “X” ficar em “CESTO”]

(378) EXEMPLO DE PROJEÇÃO DE VERBO LOCATIVO – LOCATION:

Yeretpangli	angpi
Y-eret-pang-li	angpi
1A/3P-rede-vblz-pas.im	criança
‘Eu deitei a criança (na rede)’	



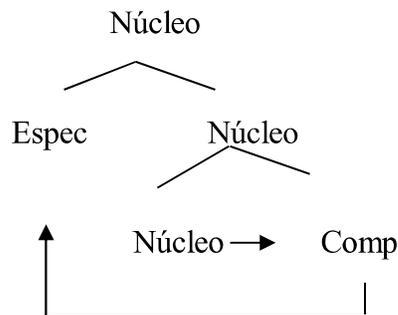
Segundo Hale e Keyser (2002), os itens lexicais projetado na estrutura diádica básica só se tornam verbos, quando esta é tomada como complemento de uma projeção monádica de núcleo (V). Por esse motivo, consideramos que é aí que residem os morfemas verbalizadores que formam os verbos locativos da língua Ikpeng.

Até o presente momento, apenas esses quatro verbos atendem todos os requisitos que pedem tal estrutura argumental: sentido locativo e matriz fonológica igual ou derivado do nome que lhes dão origem.

Outros verbos com sentido locativo podem ser encontrados em abundância na língua, no entanto, estes não se relacionam a raízes nominais e, por isso, não foram considerados como pertencentes a essa estrutura. Porém, acreditamos que possam existir na língua Ikpeng outros verbos que tenham a mesma EA dos aqui apresentados, mas que ainda não foram identificados.

### V.3.3. Verbos de Estrutura Diádica Composta:

Segundo a proposta de Hale e Keyser (2002), os verbos que participam de alternâncias de aumento de valência possuem uma projeção lexical diádica composta que é aquela formada por um núcleo verbal (V) que toma como complemento um núcleo capaz de projetar um especificador para satisfazer a sua predicação, como pode ser visto abaixo:



Dadas as características desse complemento, essa estrutura forma verbos com sentido incoativo, que participam de alternâncias transitivas pelo fato desse núcleo poder se relacionar a dois núcleos verbais:  $V_2$  e  $V_1$ .

O especificador projetado pelo complemento é o argumento (S) desses verbos na versão intransitiva, que se torna o argumento interno (P) na variante transitiva.

No capítulo IV vimos que há verbos alternantes na língua Ikpeng, aos quais denominamos externamente causados, de acordo com critérios semânticos propostos por Levin e Hovav (1995). Observamos a composição de tais verbos, vimos que alguns deles são derivados de adjetivos, que são raízes predicativas; embora a maioria deles seja derivada de raízes não-categorizadas, mas que também formam verbos com sentido incoativo, motivo pelo qual consideraremos que eles são semelhantes aos verbos deadjetivais, ou seja, que sua raiz ( $\sqrt{\quad}$ ), embora não contenha informações sintáticas suficientes para participar de uma dada categoria lexical na língua, possuem traços semânticos predicativos, fato que permite que elas se relacionem aos núcleos  $V_1$  e  $V_2$ , proporcionando aos verbos projetados nessa estrutura a possibilidade de aumentarem sua valência.

Levando em consideração o sentido incoativo e possibilidade desses verbos participarem de alternâncias transitivas, propomos que os verbos externamente causados da

língua Ikpeng – sejam eles derivados de raízes (A)djetivas ou formados a partir de raízes sem categoria gramatical ( $\sqrt{\quad}$ ) – possuem uma projeção diádica composta. Vejamos abaixo alguns exemplos desses verbos, seguidos de sua proposta de projeção:

(379) EXEMPLO DE VERBOS EXTERNAMENTE CAUSADOS DERIVADOS DE ADJETIVOS:

‘*irip*’ (arder, doer – derivado de ‘*irip*’, quente); ‘*araypam*’ (emagrecer – derivado de ‘*araye*’, magro); ‘*aprekte*’ (embranquecer – derivado de ‘*aprek*’, branco).

(380) EXEMPLO DE VERBOS EXTERNAMENTE CAUSADOS DERIVADOS DE RAÍZES ACATEGORIAIS:

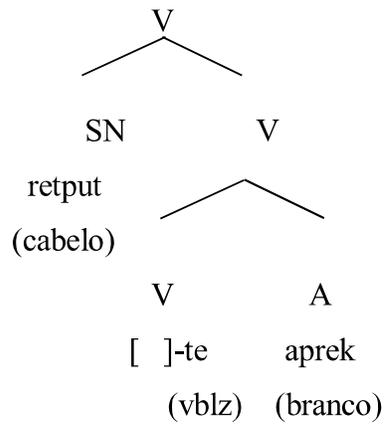
‘*wiangte*’ (esfriar – derivado de \**wiang*); ‘*eputxikte*’ (engrossar – derivado de \**eputxik*); ‘*aginte*’ (adoecer – derivado de \**agin*); ‘*egintare*’ (estreitar/afinar – derivado de \**eginta*); ‘*elegutkure*’ (empalidecer – derivado de \**elegutku*); etc.

Para exemplificar a projeção dos verbos externamente causados tomaremos os verbos *aprekte* ‘embranquecer’ e *ewiante* ‘esfriar’, como representante dos externamente causados formados a partir de adjetivos e de raízes não-categorizadas, respectivamente:

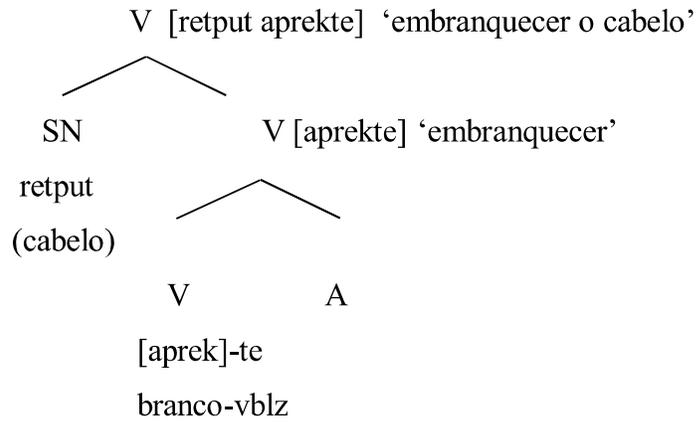
(381) PROPOSTA DE PROJEÇÃO DO VERBO EXTERNAMENTE CAUSADO FORMADO A PARTIR DE ADJETIVOS:

Yay-ewrogru aprek	İretput	aprekteli
Yay-ewrogru aprek	İ-retput	aprek-te-li
flor-árvore branco	1-cabelo	branco-VBLZ-PAS.IM
‘A flor é branca’		‘Meu cabelo embranqueceu’

PRIMEIRA FASE:



SEGUNDA FASE:

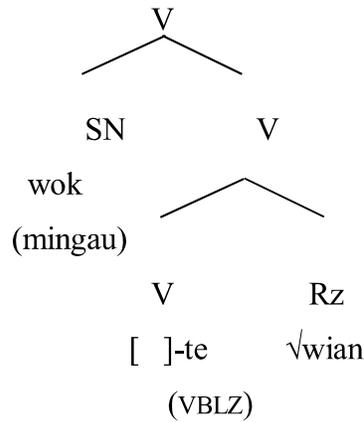


(382) PROPOSTA DE PROJEÇÃO DO VERBO EXTERNAMENTE CAUSADO FORMADO A PARTIR DE RAÍZES NÃO-CATEGORIZADAS:

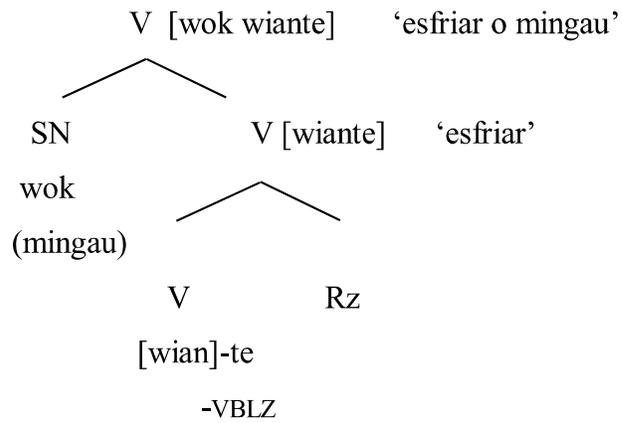
\*wian

Ewianteli	wok
e-wiangte-li	wok
3Sa-esfriar-PAS.IM	mingau
'O mingau esfriou'	

PRIMEIRA FASE:



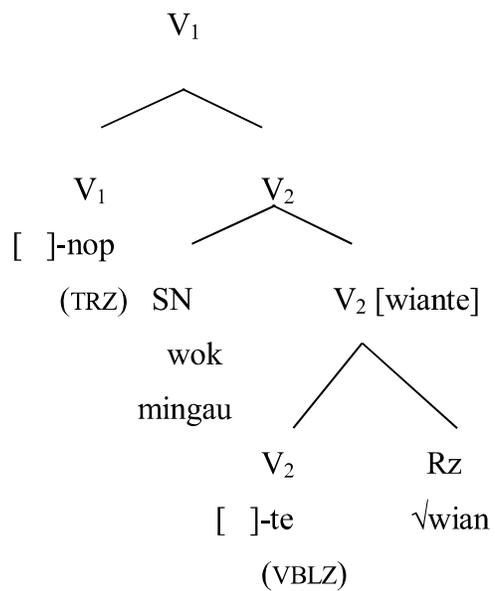
SEGUNDA FASE:



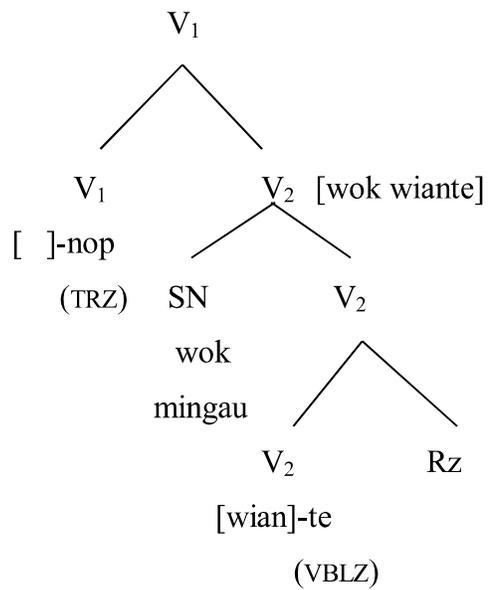
Como dito, anteriormente, para que esses verbos possam alternar, o complemento precisa relacionar-se aos núcleos  $V_1$  e  $V_2$ . Utilizaremos o verbo *wiante* 'esfriar' para exemplificar a projeção de todos os verbos externamente causados na língua Ikpeng:

- (383) Yewiangtenopli wok  
 ye-wiangte-nop-li wok  
 1A/3P-amornar-CAUS-PAS.IM mingau  
 'Eu esfriei o mingau'

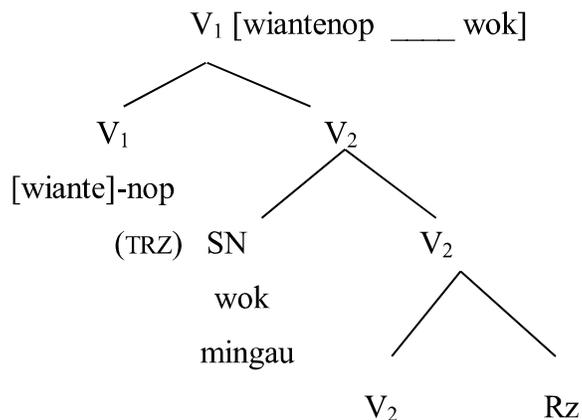
PRIMEIRA FASE:



SEGUNDA FASE:



TERCEIRA FASE:



No capítulo IV, dissemos que a função do morfema {nop-} era aumentar a valência dos verbos intransitivos. Por esse motivo, consideramos que ele reside no núcleo  $V_1$ , que é onde os verbos se tornam transitivos, segundo a proposta de Hale e Keyser (2002). Então, na formação dos verbos externamente causados da língua Ikpeng, tem-se as seguintes etapas: i. *conflation* do núcleo, que é um ‘verbo leve’ (morfema verbalizador), com seu complemento, que é uma raiz predicativa, dando origem à versão intransitiva incoativa; e ii. *conflation* do verbo intransitivo que nucleia  $V_2$ , com o morfema transitivizador {-nop}, que é o núcleo de  $V_1$ . O espaço inserido no núcleo  $V_1$  indica o *slot* que será preenchido pelo argumento externo do verbo na sintaxe sentencial. O espaço foi inserido entre o verbo e o seu objeto porque essa é a posição ocupada pelo sujeito transitivo, dada a ordem básica da língua Ikpeng que é VSO.

#### V.4. Resumo do Capítulo

Neste capítulo fizemos uma proposta de análise para a formação dos verbos da língua, com base no trabalho de Hale e Keyser (2002), para quem a possibilidade dos verbos participarem ou não de alternâncias transitivas tem a ver com os elementos

envolvidos em sua projeção lexical. Os autores propõem três estruturas argumentais (monádica, diádica básica e diádica composta) que explicam a formação dos verbos nas línguas do mundo.

Com base nos tipos de raízes (não categorizadas ( $\sqrt{\quad}$ ), nominais (N) e adjetivas (A)) que podem dar que origem aos verbos Ikpeng, quando aliadas aos morfemas verbalizadores; e na classificação semântica feita para os verbos no capítulo IV, que levou em consideração o comportamento desses verbos nas alternâncias transitivas, propusemos que os verbos transitivos e os intransitivos internamente causados (aqueles que não participam de alternâncias de aumento de valência) possuem uma estrutura argumental monádica.

Os verbos transitivos possuem como núcleo de sua projeção (V) um ‘verbo pleno’ que projeta apenas uma posição argumental que é a do complemento que será preenchido por um SN que hospederá o argumento interno (OBJ) desses verbos, sendo que na proposta de Hale e Keyser (2002) o argumento externo só é projetado na sintaxe sentencial. Os verbos internamente causados possuem como núcleo de sua projeção (V) um ‘verbo leve’ (verbalizador) que projeta um complemento que será preenchido por uma raiz não categorizada, que não possui a propriedade de gerar um especificador que hospede o argumento interno desses verbo, o que impossibilita sua participação nas alternâncias transitivas, pois sem Espec esses verbos não tem um candidato a objeto na variante transitiva. Assim, o argumento (S) desses verbos é projetado apenas na sintaxe sentencial, o que nos fez classificá-los como inergativos.

Fizemos também uma proposta para os verbos locativos, que também são derivados de nomes, porém, por possuírem essa semântica locativa, considera-se que haja igualmente uma preposição envolvida em sua formação. A preposição que também é um elemento predicativo demanda um especificador, o que faz com que esses verbos sejam alternantes. Por possuírem um núcleo, um complemento e um especificador são projetados em uma estrutura diádica básica, que para serem verbalizados, precisam servir de completo para uma estrutura monádica de núcleo (V).

Finalmente, propusemos que os verbos externamente causados (aqueles que participam de alternâncias de aumento de valência), possuem uma estrutura argumental diádica composta, pois seu núcleo (V) demanda um complemento que é uma raiz que projeta um Espec que será o seu argumento interno na sintaxe sentencial, dando origem assim aos verbos inacusativos da língua Ikpeng. Essa raiz possui a propriedade de se relacionar aos núcleos verbais  $V_1$  e  $V_2$ , o que permite que os verbos projetados nessa estrutura participem de alternâncias transitivas.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos esclarecer alguns aspectos fundamentais para a compreensão do comportamento dos verbos na língua Ikpeng. Inicialmente, apresentamos a morfologia verbal, mostrando que a palavra verbal pode ser formada a partir de uma raiz sem categoria gramatical pré-definida ( $\sqrt{\quad}$ ) aliada um morfema verbalizador; ou ser derivada de outras categorias gramaticais, como nomes (N) e adjetivos (A), através do acréscimo da mesma morfologia.

A língua apresenta verbalizadores que podem ser fonologicamente realizados ( $\{-ge\}$ ;  $\{-ke\}$ ;  $\{-me\}$ ;  $\{-pang\}$ ;  $\{-te\}$ ;  $\{-tong\}$ ; e  $\{-m\}$ ) ou nulos ( $\{-\emptyset\}$ ). Vimos que é possível atribuir nuances semânticas para alguns desses morfemas, como:  $\{-pang\}$ , que quando adicionado a nomes, forma verbos que indicam que seu argumento interno adquiriu o elemento codificado pelo nome;  $\{-ke\}$ , que forma verbos que indicam que algo foi retirado do seu argumento afetado;  $\{-tong\}$ , forma verbos que sugerem atividades manuais;  $\{-te\}$ , forma verbos de mudança de estado;  $\{-p(e)\}$  que forma verbos estativos. Apesar dos morfemas verbalizadores serem os responsáveis pela (re)categorização verbal, é indispensável a morfologia flexional referente a pessoa e tempo-aspecto-modo para que essas palavras sejam compreendidas como verbos pelos falantes nativos.

Ainda sobre a morfologia verbal, mostramos que há morfemas responsáveis tanto pelo aumento  $\{-nop\}$ , quanto pela diminuição  $\{-ot\}$  da valência verbal; e que há diferença entre os processos de transitivização e causativização na língua, esta última realizada por meio do morfema  $\{-po\}$ .

Retomamos parte da morfologia de tempo-aspecto-modo, com o objetivo de elucidar alguns fatos que ainda permaneciam obscuros, apesar de terem sido abordados anteriormente por outros autores. Por exemplo, identificamos que a distinção entre os morfemas de passado imediato  $\{-li\}$  e  $\{-lan\}$  não reside no fato de descrever um evento presenciado ou não pelo falante, como sugeriu Campetela (1997), ou que o primeiro indica aspecto completivo e o segundo continuativo, como pensou Pachêco (2001); mas sim que a oposição entre eles é referente aos usos no discurso direto e indireto, respectivamente.

Confirmamos a hipótese de Pachêco (2001) em relação ao morfema {-tke} que marca aspecto iterativo e não a pluralização do objeto, como supôs Campetela (1997). Fizemos também algumas considerações sobre a construção participial t-V-te em Ikpeng que, diferente de outras línguas Karib, não aceita transitivização; porém, pode ser nominalizada, assumindo a forma t-V-te-m, que dá origem a construções relativas. Ambas as construções são resquícios dos sistemas \*t-V-ce e \*t-V-ce-mĩ do proto-Karib.

Posteriormente, apresentamos algumas novas séries de prefixos pessoais nesta língua, que não haviam sido identificadas anteriormente, o que dificultava a compreensão do sistema de concordância de pessoa. Com base na observação dos dados e na comparação com outras línguas da família Karib (Hixkaryana, Galibi, Apalaí, Arara, Waiwai, Tiriyó e Bakairi), propusemos que os prefixos pessoais são sensíveis à valência verbal, isto é, que há um grupo de morfemas de pessoa de uso exclusivamente transitivo e outro com uso exclusivamente intransitivo, o que nos permitiu explicar a marcação de pessoa no verbo transitivo.

Este verbo marca, morfologicamente, apenas uma das pessoas envolvidas em sua projeção argumental, que pode ser o sujeito ou o objeto. A escolha do argumento marcado tem a ver com o fato dos argumentos serem ou não pessoas do discurso. Isto é, o verbo concorda com o sujeito se este for um participante do ato de fala e o objeto não, ou seja, se for uma terceira pessoa; e do contrário, concordará com o objeto se este for um participante do discurso em oposição a um sujeito que seja uma terceira pessoa. Quando ambos os argumentos verbais são participantes do ato de fala, isto é uma primeira e uma segunda pessoa, usam-se morfemas *portamnteaux* que não indicam a proeminência de uma pessoa sobre a outra, o que indica que a hierarquia de pessoa nessa língua não segue o padrão universal  $1 > 2 > 3$ , mas sim que ela é determinada pelo fato de seus argumentos nucleares serem ou não participantes do discurso, fazendo a seguinte oposição:  $1 = 2 > 3$ . Este tipo de marcação é conhecido na literatura linguística como alinhamento (direto-)inverso e essa proposta de análise tem sido cada vez mais frequentemente adotada para as línguas Karib. Quando nenhum dos argumentos é um participante do ato de fala, ou seja, duas terceiras pessoa, o uso de morfologia direta ou inversa não causa distinção na relação dos entes envolvidos.

Após feita esta proposta de análise (alinhamento inverso) para a marcação de pessoa no verbo transitivo, discutimos também a existência ou não de concordância de número nos verbos Ikpeng. Observamos que sempre que um dos argumentos verbais está no plural, o verbo também é morfologicamente marcado para número, porém, parece não haver nenhuma regra que governe a concordância do verbo com o sujeito ou com o objeto. A realização do morfema de plural {-kom} parece não ser sensível ao alinhamento (direto-)inverso que governa a concordância de pessoa na língua. Assim, concluímos que o uso do morfema de número, nos verbos, indica simplesmente um ideia de pluralização/coletividade de um dos argumentos, mas que não há uma relação de concordância de número entre o verbo e seus argumentos em Ikpeng.

Sobre a marcação de pessoa no verbo intransitivo, propusemos que a distribuição dos prefixos pessoais que marca um sistema Split-S em Ikpeng possui motivações semânticas, e que isso é uma consequência de fatores gramaticais que se deram historicamente na língua. Meira (2000) propôs que a cisão na marcação intransitiva está diretamente associada à morfologia detransitivizadora na família Karib.

Os verbos de valência básica intransitiva eram inicialmente marcados apenas com os prefixos pessoais  $S_P$ , enquanto que os verbos detransitivizados eram marcados com os prefixos  $S_A$ . No entanto, em Ikpeng, há um grupo de verbos inerentemente intransitivos, isto é, não derivados de transitivos nem sincrônica, nem diacronicamente, que recebe os prefixos  $S_A$ . Para explicar o porquê desses verbos estarem carregando tal série de prefixos tivemos que observar o comportamento dos verbos nas alternâncias transitivas e verificamos que os verbos não-alternantes, ou seja, aqueles que não tem sua valência aumentada no processo de causativização são internamente causados, enquanto que aqueles que permitem o aumento de valência, isto é, a transitivização, são externamente causados, de acordo com a definição de Levin e Hovav (1995), segundo quem, os primeiros são verbos que não necessitam de uma causa externa que desencadeie do evento codificado por eles, ou seja, a realização da “ação” depende exclusivamente das características intrínsecas dos seus argumentos; enquanto que os segundos, para terem a sua “ação” realizada precisam que alguma “entidade”, que será a sua causa externa, que motive o acontecimento.

Segundo as autoras, a impossibilidade dos verbos internamente causados participarem de alternâncias de valência é uma consequência de sua estrutura semântica que é monádica ([X PREDICATE]), ou seja, esses verbos só possuem uma posição argumental aberta e por isso, não podem receber um argumento externo, o que faz com que continuem monoargumentais, mesmo após a causativização. Os verbos externamente causados possuem uma estrutura semântica diádica ([[X DO-SOMETHING] CAUSE [Y BECOME STATE]]), idêntica a dos verbos transitivos, o que quer dizer que eles possuem duas posições argumentais abertas, uma para o seu argumento (S) e outra que pode hospedar a causa externa, que será também o seu argumento externo. Quando a causa externa é sintaticamente realizada o verbo externamente causado assume uma versão biargumental, transitiva.

Observamos que os verbos intransitivos internamente causados, que possuem estrutura semântica monádica e por isso são não-alternantes, carregam os prefixos  $S_P$ ; e que os intransitivos externamente causados, que são os que podem transitivizar, por possuírem estrutura semântica diádica, carregam os prefixos  $S_A$ , da mesma forma que os transitivos (que também são diádicos), quando estão em sua versão monoargumental. Nossa proposta de análise é que os verbos que possuem o mesmo tipo de estrutura semântica recebem o mesmo tipo de morfologia e os que possuem estrutura semântica distinta recebem marcação morfológica distinta. Em resumo, os verbos de estrutura semântica diádica (transitivos e intransitivos externamente causados) recebem marcação  $S_A$  em sua versão monoargumental; e os verbos semanticamente monádicos (intransitivos internamente causados) recebem os prefixo  $S_P$ . Isso está de acordo com a proposta de Levin e Hovav (1995), para quem o comportamento morfossintático dos verbos é uma consequência de seus aspectos semânticos.

Finalmente, com base na classificação semântica feita para os verbos da língua que levou em consideração o seu comportamento nas alternâncias transitivas, e nos elementos envolvidos na configuração dos verbos em Ikpeng (raízes não-categorizadas, raízes nominais, raízes adjetivas e morfemas verbalizadores) propusemos uma análise para a formação dos mesmos, que se baseou no trabalho de Hale e Keyser (2002).

Vimos que os verbos Ikpeng podem ser formados a partir da combinação de uma raiz sem categoria gramatical ( $\sqrt{\quad}$ ), ou de um nome (N), ou de um adjetivo (A) com um morfema verbalizador (VBLZ). Para Hale e Keyser (2002), a participação dos verbos em alternâncias transitivas está diretamente ligada aos tipos de elementos que fazem parte da configuração interna do verbo. Assim, os autores propõem que os verbos não alternantes são formados a partir de uma raiz que não possui a propriedade de projetar um especificador, por exemplo (N), o que dá a eles uma configuração monádica, uma vez que o núcleo da projeção (V) só projeta um argumento que é o seu complemento. Por outro lado, os verbos alternantes são formados a partir de uma raiz que possui a propriedade de projetar um especificador, por exemplo (A), que será o candidato a argumento interno (P) do verbo em sua versão transitiva, por esse motivo, esses verbos possuem uma configuração diádica.

Em Ikpeng, não consideramos que haja raízes inerentemente verbais, mesmo quando não há morfologia aparente no processo de formação/derivação verbal, nesses casos postulamos a existência de um morfema verbalizador  $\{-\emptyset\}$ .

Quanto à formação dos verbos transitivos consideramos que estes são formados via *conflation* de uma raiz sem categoria gramatical ( $\sqrt{\quad}$ ) com um núcleo (V), que em Ikpeng consiste de um morfema verbalizador, ou o que Hale e Keyser (2002) chamam de ‘verbo leve’. O verbo transitivo, que em Ikpeng é morfologicamente complexo, possuindo a estrutura [Rz-VBLZ], projeta apenas uma posição argumental que é a do seu argumento interno (uma vez que segundo a teoria dos autores supracitados o argumento externo não faz parte da projeção lexical dos verbos), o qual será sediado na posição do complemento.

Em relação à formação dos verbos intransitivos, consideramos que há dois tipos de verbos monoargumentais nesta língua, de acordo com o seu comportamento nas alternâncias transitivas (os alternantes e os não-alternantes). Observando sua composição, vimos que ambos os tipos de verbos são formados a partir de um núcleo verbal (‘verbo leve’) que toma uma raiz como seu complemento.

Quando os ‘verbos leves’ Ikpeng tomam como complemento uma raiz não predicativa, que pode ser um nome (N) ou uma raiz não-categorizada ( $\sqrt{\quad}$ ), que dá origem a

um verbo não-alternante, consideramos que esses verbos possuem uma estrutura argumental monádica. Os verbos não-alternantes em Ikpeng são os que foram definidos como internamente causados que também possuem uma estrutura semântica monádica, de acordo com a definição de Levin e Hovav (1995). Como esses complementos não-predicativos não projetam especificador, o seu argumento (S) é projetado apenas na sintaxe sentencial, donde concluímos que os verbos internamente causados em Ikpeng são inergativos.

Quando os ‘verbos leves’ Ikpeng tomam como complemento uma raiz predicativa, que pode ser um adjetivo (A) ou uma raiz não-categorizada ( $\sqrt{\quad}$ ) – desde que esta, quando fundida via *conflation* com o núcleo (V), dê origem a um verbo que demande um especificador que será o argumento interno na sintaxe sentencial – consideramos que tais verbos possuem uma estrutura argumental diádica. Observamos que os verbos que obedecem a esses critérios na língua Ikpeng são os intransitivos externamente causados (inacusativos), que segundo a proposta de Levin e Hovav (1995) possuem também uma estrutura semântica diádica. Consideramos também a existência de verbos locativos (dos tipos *locatum* e *location*) na língua Ikpeng, que, segundo Hale e Keyser (2002), fazem parte da estrutura diádica básica.

Assim, concluímos que, a possibilidade de participação ou não dos verbos Ikpeng em alternâncias transitivas é uma consequência da estrutura semântica desses verbos, que por sua vez é um reflexo de sua estrutura argumental, que finalmente, é o resultado dos elementos envolvidos em sua configuração em um nível de projeção pré-sintático.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ALVES, Ana Carolina F. **Phonological Aspects of Arara (Carib, Brazil)**. (Dissertação de Mestrado). Radboud Universiteit Nijmegen: 2010

AMORIM, Paulo M. **Índios da floresta tropical**. Revista Geográfica Universal, Rio de Janeiro, v. 2, n. 5, p. 1-31, 1975.

ARNOLD, Jennifer. **Voice Marking in Mapudungum**. Twentieth Annual Meeting of Berkley Linguistics Society, 1994 (pág. 28-41).

BEARD, Robert. Derivation: In: SPENCER, A; ZWICKY, A. M. (eds.). **The Handbook of Morphology**. Blackwell Publishing, 2001.

BURZIO, L. **Italian Syntax: a government-binding approach**. Reidel, Dordrecht, 1986.

CAMARGO, Eliane. Classes verbais e semântica dos argumentos em um sistema sintático cindido: o exemplo do Wayana (Caribe). In: QUEIXALÓS, F (ed.). **Ergatividade na Amazônia II**. Paris: CNRS~CELIA, 2003 (pág. 83-100).

CAMPETELA, Campetela. **Aspectos prosódicos da língua Ikpeng**. Tese de Doutorado Campinas: Unicamp, 2002.

\_\_\_\_\_. **Análise do sistema de marcação de caso nas orações independentes da língua Ikpeng**. Dissertação de mestrado. Campinas: UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. **A Aquisição da Escrita pelo Povo Ikpeng**. In: X Congresso de Leitura do Brasil, 1995, Campinas/SP. Caderno de Resumos, 1995.

CHAGAS, Angela. F. A. **Diagnóstico Sociolinguístico Ikpeng**, (2010) (Ms).

CHIERCHIA, Gennaro. **Semântica**. (Tradução: PAGANI, Luiz A; NEGRI, Lígia; ILARI, Rodolfo). Campinas: Editora da UNICAMP; Londrina: EDUEL, 2003.

\_\_\_\_\_. Individual-level predicates as inherent generics. In: CARLSON, G. N; PELLETIER, F. J. (eds). **The generic book**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995 (p. 176-223)

CRUZ, Héctor R. **Diagnóstico Sociolinguístico de Cumaribo, zona de contato indígena – Colono, Vichada**. Série Encuentros. Tesis Laureadas. Bogotá: Universidade Nacional de Colombia. Faculdade de Ciências Humanas, 2003.

CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS DO PIX (5º:1996). **Textos na língua Ikpeng**. São Paulo-SP : ISA, 1996-out. 101 p.

DERBYSHIRE, D. S. Carib. In: DIXON, R. M. W; AIKHENVAL, A. Y (Orgs.) **The Amazonian Languages**. Cambridge. Cambridge University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. **Are Cariban Languages moving away from or towards ergative systems?** Work Papers of the Summer Institute of Linguistics, University of North Dakota Session, vol, 35. Robert Dooley and J. Stephen Quackenbush (eds), 1-30. Dallas: SIL, 1991.

\_\_\_\_\_. **Hixkaryana and Linguistic Typology.** Arlington: Summer Institute of Linguistics and the university of Texas at Arlington, 1985.

\_\_\_\_\_. **A Diachronic Explanation for the Origin of OVS in some Carib Languages.** Journal of Linguistics, vol, 17, 1981 (p. 209-217)

DERBYSHIRE, Desmond C. **Hixkaryâna.** Lingua Descriptive Series I. Amsterdam: North Holland, 1979.

DIXON, R. M. W. **Ergativity.** Cambridge University Press: Cambridge, 1994.

EMMERICH, C. **The Txikão language: fricatives or no fricatives?** Revista Latinoamericana de Estudos Etnolinguísticos 8: Linguística Tupi-Guarani/Carib, p. 65-72, 1994.

\_\_\_\_\_. **Padrões Distribucionais na Língua Txikão.** Museu Nacional, UFRJ, 1991

\_\_\_\_\_. **A fonologia segmental da língua Txikão.** (Dissertação de Mestrado).Rio de Janeiro: UFRJ, 1972.

FABRE, Alain. **Diccionario etnolingüístico y guía bibliográfica de los pueblos indígenas sudamericanos. Caribe.** 2005. Disponível em: <<http://butler.cc.tut.fi/~fabre/BookInternetVersio/Dic=Caribe.pdf>>

FAGUNDES, Ulysses et al. **Avaliação do Estado Nutricional e da Composição Corporal das Crianças Índias do Alto Xingu e da Etnia Ikpeng.** Jornal de Pediatria. Sociedade Brasileira de Pediatria, 2004.

FRANCHETTO, Bruna; SANTOS, Gélsama. **Natureza dos Argumentos e Mudança de Valência a partir de uma Classificação Semântica dos ‘Verbos’ Kuikuro.** Ergatividade na Amazônia (2003)

GILDEA, Spike. **On Reconstructing Grammar: comparative Cariban Morphosyntax.** New York/Oxford: Oxford University Press, 1998.

\_\_\_\_\_. Semantic and pragmatic inverse: ‘inverse alignment’ and ‘inverse voice’ in Carib of Suriname. In: GIVÓN, T (ed). **Voice and Inversion.** (Typological Studies in Language). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1994 (pág. 187-230).

\_\_\_\_\_. **Comparative Cariban Morphosyntax: on the genesis of ergativity in independent clauses.** Ph.D. diss., University of Oregon, Eugene, 1992.

\_\_\_\_\_. **Comparative Cariban Syllable Reduction.** International Journal of American Linguistics, vol 61, 1995 (p. 62-102).

GIVÓN, Talmy. The pragmatics of de-transitive voice: functional and typological aspects of inversion. In: GIVÓN, T (ed). **Voice and Inversion**. (Typological Studies in Language). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1994 (pág. 3-45).

HALE, K; KEYSER, S. J. **Prolegomenon to a Theory of Argument Structure**. MIT: Massachusetts, 2002.

HALLE, M. Distributed Morphology: Impoverishment and Fission. In: **MIT Working Papers in Linguistics 30**, 1997 (p. 425-439).

HALLE, M; MARANTZ, A. Distributed Morphology and Pieces of Inflection. In: HALE, K; KEYSER, S (eds). **The view from building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvian Bromberger**. MIT Press, Cambridge: 1993 (pág. 111-176).

MARANTZ, Alec. No Escape from Syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRIADIS, A; SIEGEL, L; SUREK-CLARCK, C; WILLIAMS, A (eds). Proceeding of the 21<sup>st</sup> Penn Linguistics Colloquium. In: **Working Papers in Linguistics**, Philadelphia, 1997 (pág. 201-225).

HAWKINS, Robert E. Waiwai. In: DERBYSHIRE, D; PULLUM, G. (ed). **Handbook of Amazonian Languages**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986 (p. 26-224).

HOFF, Berend J. **The Carib Language**. The Hague: Martinus Nijhof, 168.

IKPENG, Korotowî; IKPENG, Iokoré; IKPENG, Maiuá. Ikpeng. **Orempanpot**. São Paulo : Instituto Socioambiental, 2001-mar. 90 p.

\_\_\_\_\_. **Vegetação Ikpeng**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1998-set. 35 p.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Ikpeng**. São Paulo: Instituto Socioambiental, s.d. 37 p.

JACKENDOFF, Ray S. **Semantic Structures**. The MIT Press: Cambridge, Massachusetts, London, England, 1990.

LEITE, Yonne; FRANCHETTO, Bruna. **QUESTIONÁRIO PARA ELICITAÇÃO DE DADOS LINGÜÍSTICOS**. Museu Nacional-UFRJ, 1980

KAUFMAN, Terrence. **The Native Languages of South America**. Atlas of the World's Languages. MOSELY, C; ASHER, R. E (Ed.). New York, Routledge, 1994.

KOEHN, Edward; KOEHN, Sally. Apalaí. In: DERBYSHIRE, D; PULLUM, G. (ed). **Handbook of Amazonian Languages**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986 (p. 33-127).

KRATZER, Angelika. Stage-level and individual-level predicates. In: CARLSON, Gregory; PELLETIER, Francis Jeffrey (eds). **The generic book**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995. (pp. 125-175)

LEVIN, Beth. **English Verb Classes and Alternations: a preliminary investigation**. The University of Chicago Press: Chicago and London, 1993.

LEVIN, Beth; HOVAV, Malka R. **Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface**. Cambridge: MIT Press, 1995.

MAIA, Samantha Filev; et ali. **A recuperação populacional dos Txicão (Ikpeng)**. Parque Indígena do Xingu, MT, Brasil. In: Anais do XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, Caxambu: ABEP, 2004.

MENGET, Patrick. **Em nome dos outros: classificação das relações sociais entre os Txicão do Alto Xingu**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.

\_\_\_\_\_. **Musique du Haut Xingu**. Paris: Harmonia Mundi, 1992.

\_\_\_\_\_. **Nota de informação sobre o grupo Arara** (Frente de Atração Arara-Altamira). Brasília-DF: s.ed., 1977-21 jul. 5 p.

MEIRA, Sérgio. **A Marcação de Pessoa nos Verbos em Bakairi (Karíb)**. Disponível em: <<http://celia.cnrs.fr/FichExt/Documents%20de%20travail/Ergativite/2jMeira.htm>>, 2005.

\_\_\_\_\_. **Morfologia vs. Semântica ou Intransitividade Cindida em Tiriyo (Karib)**. Anais do II Encontro Nacional do GELCO: Integração Linguística, Étnica e Social: Brasília, 2004.

\_\_\_\_\_. The accidental intransitive split in the Cariban family. In: GILDEA, S. (Ed). **Reconstructing Grammar: comparative linguistics and grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2000. (pág. 201 a 230).

MEIRA, Sérgio; FRANCHETTO, Bruna. **The Southern Carib Languages and the Cariban Family**. International Journal of American Linguistics, vol 7, n. 2. Chicago: Chicago University Press, 2005 (p. 127-190).

MOORE et al. **O desafio de documentar e preservar línguas**. Scientific American Brasil (Edição Especial), V. 3, p.36-43, 2008.

PACHECO, Frantomé. **Palavra escrita e produção de textos em Ikpeng (Karíb): uma reflexão sobre a origem e o estatuto da escrita em uma sociedade de tradição oral**. Estudos Lingüísticos (São Paulo), v. XXXV, p. 818-827, 2006.

\_\_\_\_\_. **O Ikpeng em contato com o português: empréstimo lexical e adaptação lingüística**. Pápia (Brasília), v. 1, p. 121-133, 2005.

\_\_\_\_\_. **Elipse e reiteração em textos Ikpeng (Karíb)**. LIAMES (UNICAMP), Campinas, SP, v. 3, n. 1, p. 53-74, 2003.

\_\_\_\_\_. **Morfossintaxe do verbo Ikpeng (Karib)**. Tese de Doutorado Campinas: UNICAMP, 2001.

\_\_\_\_\_. **Aspectos da gramática Ikpeng (Karib)**. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1997.

PAYNE, Thomas. **Describing Morphosyntax: a guide for fielding linguistics**. Cambridge University Press: Cambridge, 1997.

PRANCE, Ghilleen T. **Etnobotânica de algumas tribos amazônicas**. In: Suma Etnológica Brasileira. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 119-133.

PROPP, V. I. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. 2ª ed. (tradução de SARHAN, J. P.). Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2010.

RENAULT-LESCURE, O. **Évolution Lexicale du Galibí, langue Carib de Guyane Française**. Paris: Ed. Orstom, 1984.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. D. **Línguas Brasileiras: Para O Conhecimento das Línguas Indígenas**. Ed. Loyola, São Paulo, 1986.

ROCHA DA SILVA, Ivan. **A Estrutura Argumental da Língua Karitiana: desafios descritivos e teóricos**. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, 2011.

Rosen, C. **The Relational Structure of Reflexive Clauses: evidence from Italian**. PhD Thesis. Harvard University: Cambridge, 1981.

SANTOS, Gélsama M. F. **Morfologia Kuikuro: gerando nomes e verbos**. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

SCHACHTER, P. **Parts-of-Speech Systems**. In: SHOPEN, Timothy (ed.). **Language Typology And Syntactic Description**. Vol. I. Clause Structure, 1992. (pág. 03-61).

SIMÕES, Mario E. **Os "Txikão" e outras tribos marginais do alto Xingu**. Revista do Museu Paulista, São Paulo-SP: Museu Paulista, n. 14, p. 76-105, 1963.

SMITH, C. S. "Jespersen's" 'Move and Change' Class and Causative Verbs in English. In: JAZEYERY, E. C., et alli (eds.) **Linguistics and Literary Studies in Honor of Archibald A. Hill**, vol 2. Descriptive Linguistics, 1970 (pág. 101-109).

SOUZA, Shirley D. C. de. **Alguns Aspectos Morfológicos da Língua Arara (Karib)**. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, 1993.

SOUZA, Dilermando A. **Catálogo da coleção etnográfica IPHAN/UnB**. Brasília: Minc/IPHAN, 1995. 64 p. il. color. 20 cm.

SOUZA, Isaac Costa de. **Contribuição para a Fonologia da Língua Arara (Karib)**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, 1988.

\_\_\_\_\_. **Tipologia e universais da linguagem**. Campinas-SP: UNICAMP/SIL, 1983.

STUMP; Gregory T. Inflection. In: SPNECER, A; ZWICKY, A. M. (eds.). **The Handbook of Morphology**. Blackwell Publishing, 2001.

TAFFAREL; Korotowĩ, **As terras indígenas conservam a biodiversidade**. *Jornal da Maloquinha*, Brasília, v. Ed. esp., n. 2, p. 2, 2004.

TAFFAREL; Korotowĩ, JANUÁRIO, Elias. **Ritual de tatuagem entre os Ikpeng**. Editora da UNEMAT, Barra do Bugres, 2010.

TAVARES, Petronila. **Causative in Wayana**. Presented at Summer Meeting of the Society for the Study of Indigenous Languages of the Americas, Albuquerque, New Mexico, 1995.

**ANEXO A**

**CADERNO DE IMAGENS:**

Imagem 06: Tocadores de Flauta *Orengo*



Imagem 07: Festa Tradicional *Moyngo*



Imagem 08: Criança com Rede de Pesca



Imagem 09: Mulher Fazendo Redinha de Buriti



Imagem 10: Criança Jogando Futebol na Água



Imagem 11: Mulher Preparando Polvilho



Imagem 12: Cacique Araka Ikpeng



Imagem 13: Oyope Txicão fazendo Cocar



Image 14: Professor Mate Ikpeng alimentando o banco de dados lexical Ikpeng



Imagem 15: Angela Chagas e Professor Maiua Txicão traduzindo as narrativas tradicionais Ikpeng



Imagem 16: Angela Chagas junto com Kay Txicão e Amtenu Ikpeng, bolsistas da primeira fase do Projeto de Documentação da Língua Ikpeng



Imagem 17: Ayre Ikpeng contando a narrativa *Okoloy Miran*- História do Mel



Imagem 18: Kawaip Ikpeng contando a história *Opo Miran* – Origem da Borduna



Imagem 19: Ilustração de Verbetes para o Dicionário Bilingue Ikpeng-Português



Imagem 20: Makawa Ikpeg fazendo pintura corporal tradicional Ikpeng

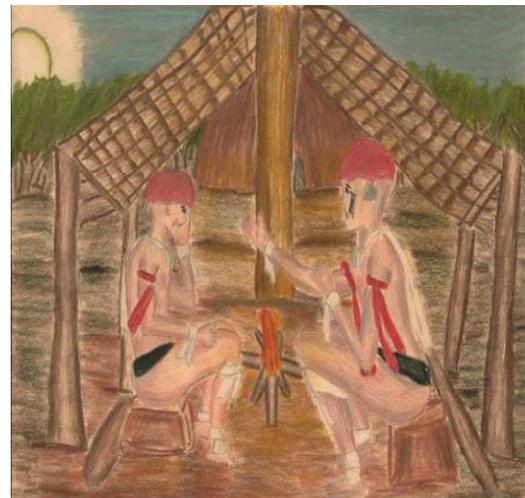


Imagem 21: Capa do Dicionário Bilíngue Ikpeng-Português



Autor: Kawire Ikpeng

Imagem 22: Contracapa do Dicionário Bilíngue Ikpeng-Português



Autor: Yanahi Ikpeng

Imagem 23: Capa do Livro de Narrativas Tradicionais Ikpeng



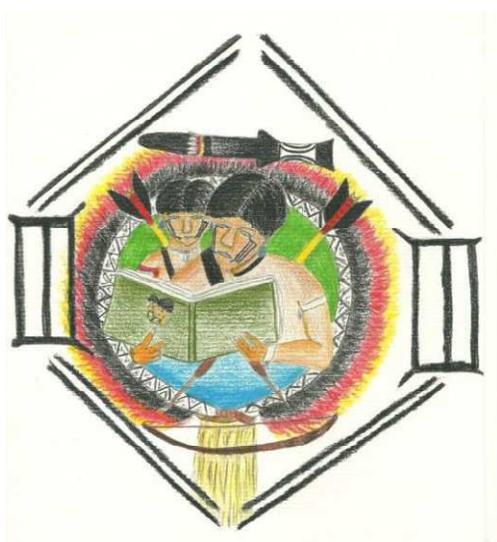
Autor: Antenu Ikpeng

Imagem 24: Contracapa do Livro de Narrativas Tradicionais Ikpeng



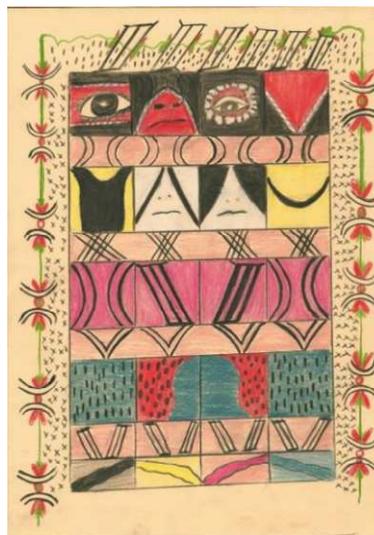
Autor: Mate Ikpeng

Imagem 25: Capa do Gramática Descritiva Ikpeng



Autor: Yakawi Ikpeng

Imagem 26: Contracapa da Gramática Descritiva Ikpeng



Autor: Tanpanpo Ikeng



## ANEXO B

### LISTA DE VERBOS TESTADOS

VERBO	TRADUÇÃO
1. Agingke	‘curar’
2. Agingte	‘adoecer’
3. Aginum	‘chorar’
4. Agrawon	‘cansar’
5. Agrime	‘ter/sentir sede’
6. Agu	‘comer (beiju. e frutas de massa)’
7. Aingkupo	‘acender’
8. Akapakte	‘amarelar, secar’
9. Akawam	‘Emagrecer’
10. Akolonte	‘afundar’
11. Akore	‘beliscar’
12. Akpi	‘beber’
13. Akpili	‘oferecer bebida, molhar’
14. Akpinte	‘avermelhar’
15. Akpire	‘criar’
16. Akpong	‘desabrochar’
17. Akpumutke	‘quebrar em pedaços’
18. Akurike	‘lavar’
19. Aluku	‘desaparecer, desaparecer’
20. Alum	‘pular’
21. Am	‘empalhar, construir casa de palha’
22. Amaminpang	‘ocupar(-se)’
23. Amaminpang	‘trabalhar’
24. Amen	‘enterrar, aterrar, sujar com terra’
25. Ameng	‘enterrar’
26. Ami	‘picar’

27. Amnume	‘esquecer’
28. Amoke	‘bater, socar’
29. Ampuguptong	‘pendurar’
30. Ampuke	‘estourar’
31. Amteptong	‘pendurar, amarrar’
32. Anawire	‘flechar acidentalmente’
33. Ane	‘trazer’
34. Ange	‘cavar’
35. Angki	‘espirrar’
36. Angkore	‘bater nas costas’
37. Angku	‘amassar, esmagar’
38. Angkwaptong	‘forrar, proteger a mão’
39. angmige	‘atirar longe, jogar fora’
40. Angte	‘cair’
41. Angyung	‘torrar’
42. Anke	‘abrir a boca’
43. Anke	‘derramar’
44. Anku	‘amassar’
45. Anme	‘ferver’
46. Anmet	‘jogar, rolar, enviar, deslizar, empurrar’
47. Anmï	‘arrancar’
48. Anome	‘ajudar’
49. Anong	‘mandar embora, enxotar’
50. Anpige	‘acabar, gastar’
51. Anpige	‘acabar, gastar’
52. Anpu	‘rasgar’
53. Anta	‘andar, ir embora’
54. Antenum	‘ventar’
55. Anum	‘adotar, pegar, buscar, carregar’

56. Anumku	‘puxar, carregar, pegar, levantar’
57. Apige	‘arranhar’
58. Apkitxi	‘fechar’
59. Apkore	‘quebrar, rachar’
60. Apnop	‘moquear (peixe)’
61. Apoylum	‘trabalhar’
62. Aprekte	‘clarear, embranquecer’
63. Aprenke	‘limpar’
64. Aprep	‘abrir’
65. Apromnum	‘tremar’
66. Aramapkep	‘ter/sentir fome’
67. Aramare	‘crescer’
68. Arami	‘olhar’
69. Araypam	‘emagrecer’
70. Are	‘balançar’
71. Arep	‘chegar’
72. Arinke	‘arrancar, tirar, colher’
73. Arintong	‘cozinhar’
74. Atke	‘defecar’
75. Atkurinke	‘girar, virar’
76. Atpo	‘furar, estourar’
77. Atxato	‘chover’
78. Awemke	‘limpar’
79. Awĩ	‘bater’
80. Awĩ	‘começar’
81. Awige	‘arrotar’
82. Awm	‘voar, viajar, acampar’
83. Awu	‘pilar, socar’
84. Ayamke	‘catar, tirar piolho’

85. Ayngkupo	‘acender’
86. Aynku	‘pescar’
87. Aynku	‘tocar, encostar’
88. Ega	‘pensar’
89. Egak	‘encestar, pôr na cesta’
90. Egakte	‘sair’
91. Egeme	‘criar, desenhlar, fazer’
92. Egıngtare	‘estreitar, afinar’
93. Egomtximam	‘esfriar, sentir frio’
94. Egowı	‘desamolar’
95. Egrike	‘limpar, lavar’
96. Egure	‘derreter’
97. Egutpige	‘embelezar(-se)
98. Egwam	‘afundar’
99. Ekare	‘lixar, alisar’
100. Ekırıpang	‘envelhecer’
101. Ektume	‘sujar’
102. Elegutkure	‘empalidecer’
103. Em	‘torrar’
104. Emenum	‘roubar’
105. Emı	‘usar’
106. Emıpıgap	‘franzir a testa’
107. Emkawi	‘pentear’
108. Emoyrı	‘alegrar’
109. Empame	‘apagar’
110. Empan	‘saber, ensinar’
111. Empang	‘enfeitar’
112. Emreyumpang	‘casar (mulher)’
113. Emrı	‘amadurecer’

114.	Emutome	‘esconder’
115.	Enanke	‘deitar no chão ou na cama’
116.	Enanke	‘vomitar’
117.	Enap	‘engolir, comer (mingau, arroz, frutas cítricas)’
118.	Enare	‘entortar’
119.	Ene	‘azedar’
120.	Engeng	‘ver’
121.	Engenge	‘aparecer’
122.	Engke	‘acordar’
123.	Engki	‘dormir’
124.	Engkorore	‘pular no rio, mergulhar, atravessar o rio’
125.	Engkorowu	‘cegar (ficar cego)’
126.	Engkwam	‘levantar’
127.	Engmep	‘amanhecer’
128.	Engoyare	‘entardecer’
129.	Engpi	‘cobrir’
130.	Engri	‘beber’
131.	Engrote	‘germinar, renascer, brotar’
132.	Engru	‘boiar’
133.	Enguke	‘lembrar’
134.	Engutke	‘brigar’
135.	Engwam	‘dançar’
136.	Enikporong	‘tecer’
137.	Enkorore	‘nadar, atravessar’
138.	Enkpang	‘levantar’
139.	Enmaru	‘brincar’
140.	Enme	‘flechar’
141.	Enmep	‘clarear’
142.	Enminum	‘animar(-se)’

143.	Enpanget	‘vestir’
144.	Enpare	‘pintar’
145.	Epke	‘talhar, entalhar’
146.	Epkuytum	‘doer, arder’
147.	Epotxi	‘afinar (flcha)’
148.	Eprum	‘sorrir, gritar (de alegria)’
149.	Eptong	‘semear, plantar’
150.	Eputxikte	‘engrossar’
151.	Epyare	‘acabar’
152.	Eramkure	‘suar’
153.	Eran	‘assustar’
154.	Erang	‘assustar’
155.	Eremi	‘machucar(-se)’
156.	Eremkanum	‘cantar’
157.	Eremne	‘acalmar’
158.	Erengmi	‘golpear, acertar, bater’
159.	Erenmi	‘matar (com borduna)’
160.	Erenpang	‘ter/sentir ciúme’
161.	Eretke	‘nomear, dar nome’
162.	Eretpang	‘deitar na rede’
163.	Eriang	‘descansar, aliviar, saciar a vontade de’
164.	Ero	‘ir’
165.	Eru	‘dar’
166.	Erunke	‘ter/sentir sono’
167.	Etı	‘costurar’
168.	Etpang	‘parir, nascer’
169.	Etpore	‘morder, picar’
170.	Etpore	‘arrebentar’
171.	Etpu	‘rachar, lascar’

172.	Etxi	‘buscar’
173.	Etxi	‘respirar’
174.	Ewi	‘esticar’
175.	Ewiante	‘esfriar, tornar morno’
176.	Ewirike	‘escapular’
177.	Ewrokte	‘florescer’
178.	Ewunari	‘sufocar’
179.	Ewyangi	‘alcançar, aproximar-se’
180.	Īge	‘apagar’
181.	Igrake	‘espremer’
182.	Igrungke	‘esfriar (completamente)’
183.	Igune	‘esquentar’
184.	Īkap	‘tecer’
185.	Ikinte	‘morrer (vegetais)’
186.	Ikore	‘quebrar’
187.	Ilapne	‘desmaiar’
188.	Īm	‘bater timbó’
189.	Īmamire	‘trabalhar’
190.	Imangate	‘tornar-se mulher’
191.	Imate	‘queimar’
192.	Iminke	‘sangrar’
193.	Imomi	‘apertar, amarrar’
194.	Imomogu	‘esperar’
195.	Imrome	‘enrolar’
196.	Īmti	‘mergulhar’
197.	Imtong	‘sentar’
198.	Imukut	‘cheirar’
199.	Inaminke	‘despir’
200.	Ingi	‘matar afogado’

201.	Ingke	‘abaixar’
202.	Inpome	‘apagar’
203.	Ïp	‘banhar’
204.	Ipalupakte	‘aguar, pôr água em’
205.	Ipare	‘atrasar(-se)’
206.	Ipke	‘descascar, ralar’
207.	Ipkiret	‘desmaiar’
208.	Ipkonum	‘gemer’
209.	Ipru	‘assar’
210.	Iran	‘perguntar, compreender, ouvir’
211.	Iri	‘tocar (instrumento)’
212.	Ïrip	‘arder’
213.	Ïrip	‘doer’
214.	Irompo	‘morrer (pessoas e animais)’
215.	Itimam	‘anoitecer’
216.	Itontipore	‘enlouquecer’
217.	Iwge	‘gritar (de dor)’
218.	Kanun	‘dizer, contar’
219.	Kontxike	‘ter/sentir frio’
220.	Lakte	‘salivar, cuspir’
221.	Lapoytum	‘bocejar’
222.	Makpi	‘engasgar’
223.	Meptong	‘mirar, apontar’
224.	Mrere	‘engravadar’
225.	Mreyumke	‘separar, divorciar’
226.	Mtarum	‘falar’
227.	Mulukte	‘tossir’
228.	Muyenpang	‘casar (home)’
229.	Myampong	‘enjoar’

230.	Myangpop	‘ter preguiça’
231.	Nintin	‘piscar’
232.	No	‘abandonar’
233.	Npare	Passar, atravessar por
234.	Okpe	‘consertar, arrumar, aprontar(-se)’
235.	Omom	‘entrar’
236.	Ongyetom	‘sonhar’
237.	Onku	‘subir’
238.	Onmege	‘decidir’
239.	Opowge	‘enfeitar’
240.	Orempang	‘estudar, aprender’
241.	Paranke	‘esvaziar’
242.	Pawi	‘arranhar’
243.	Pkare	‘peidar’
244.	Poyngop	‘vestir’
245.	Prame	‘sujar’
246.	Pyepuge	‘tirar asobrnelha’
247.	Ramire	‘fumar’
248.	Tam	‘construir’
249.	Txiktek	‘urinar’
250.	Umne	‘secar’
251.	Umne	‘endurecer, endurecer’
252.	Umore	‘adoçar’
253.	Urukte	‘estragar’
254.	Uwi	‘procurar’
255.	Uwitke	‘caçar, procurar’
256.	Uwu	‘encolher’
257.	Watpo	‘furar (orelha)’
258.	Wimtxime	‘virar, emborcar’

259.	Wo	‘matar (com flecha ou revólver)’
260.	Wong	‘encontrar’
261.	Wopraper	‘ter/sentir saudade’
262.	Woprater	‘entristecer’
263.	Wumutke	‘matar, golpear’